

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA
SECÇÃO AUTÓNOMA DE ARQUITECTURA E URBANISMO

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Nuno José Almeida Magalhães

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Arquitectura

Orientador:

Professor Doutor Arquitecto Manuel Teixeira
Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Co-orientadora:

Mestre Doutora Paula André
Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Outubro, 2007

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Ao meu pai,
José Coelho de Magalhães (1929-2006)

AGRADECIMENTOS

O autor desta dissertação agradece ao Professor Doutor Arquitecto Manuel Teixeira, pela orientação que prestou, à Mestre Doutora Paula André, pelo sentido critico que acrescentou, à Sociedade Nacional de Belas Artes, ao Professor Doutor Dinar Camutim, director do Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do IST e, muito particularmente ao professor doutor arquitecto João Viera Caldas que se disponibilizou pessoalmente para abrir à investigação o espólio do arquitecto Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico.

Um último agradecimento à minha mulher, Susana, pela sua compreensão, e à restante família que ficou privada de assistência durante o longo período em que estive a desenvolver este trabalho.

I. INTRODUÇÃO E IMPORTÂNCIA DO TEMA.....	13
1. INTRODUÇÃO	
2. IMPORTÂNCIA DO TEMA	
 II. ENQUADRAMENTO DA OBRA DE ÁLVARO MACHADO NO CONTEXTO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA DA 1.ª METADE DO SÉCULO XX (1900-1944).....	23
1. ENQUADRAMENTO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE E DA IDENTIDADE PORTUGUESAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	25
1.1. Sociedade portuguesa	
1.2. Identidade nacional	
2. AS PRIMEIRAS OBRAS E O CONTEXTO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA DO INÍCIO DO SÉCULO XX (1900-1920)	34
2.1. O início do século e o desejo de inovação arquitectónica	
2.2. Álvaro Machado no contexto dos arquitectos autores	
2.3. A importância do neo-românico	
3. AS ÚLTIMAS PRODUÇÕES E O CONTEXTO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA DO SEGUNDO QUARTEL DO SÉCULO XX (1920-1944).....	45
 III. A OBRA DE ÁLVARO MACHADO.....	49
1. ESBOÇO DE UM PARTIDO ARQUITECTÓNICO.....	51
1.1. O curso na Academia Real de Belas Artes de Lisboa (1889-1997)	
1.2. O tirocínio e a carreira no Ministério das Obras Públicas (1895 -1917)	
2. AS OBRAS E OS PROJECTOS DA CARREIRA DO ARQUITECTO.....	57
2.1. OS PROJECTOS DATADOS	
2.1.1. O período de maior concretização (1900-1920)	
2.1.1.1. Tipo de habitação moderna, construção isolada para parque ou jardim (1900)	
2.1.1.2. Jazigo dos Viscondes de Valmor (1900)	

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

- 2.1.1.3. Casa para o Sr. General Oliveira Gomes (1901)
- 2.1.1.4. Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos, a construir em Benfica (1902)
- 2.1.1.5. Casa do Sr. Manuel d'Almeida, a construir na Rua Borges Carneiro (1902)
- 2.1.1.6. Igreja da Imaculada Conceição (1904)
- 2.1.1.7. Casa de Saúde Portugal-Brasil, Lisboa (1904)
- 2.1.1.8. Monumento a Eduardo Coelho (1903)
- 2.1.1.9. Colégio Ana Roussel (1904)
- 2.1.1.10. Casa da Sr.^a D.^a Olympia de Macedo Branco (1905), no gaveto da Avenida Ressano Garcia com Rua Visconde de Valmor, Lisboa
- 2.1.1.11. Mausoléu do Arquitecto Domingos Parente da Silva (1905)
- 2.1.1.12. Casa e atelier de artista (1906), a construir em Algés
- 2.1.1.13. Projecto para viaduto em Entrecampos (1906)
- 2.1.1.14. Projecto para a parte baixa da muralha do Carmo (1906)
- 2.1.1.15. Ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe Vilhena (1907), na Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa
- 2.1.1.16. Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d'Avellar (1909)
- 2.1.1.17. A casa do Sr. Dr. José Lacerda (1910)
- 2.1.1.18. Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José Lacerda, no Alto do Estoril (1910)
- 2.1.1.19. As casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril (1910)
- 2.1.1.20. Hotel de Saúde (1910)
- 2.1.1.21. Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes (1913)
- 2.1.1.22. Moradia no Campo Grande n.º 382 (1914)
- 2.1.1.23. Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana (1916)
- 2.1.1.24. Palacete Alfredo May de Oliveira (1919)
- 2.1.2. O período dos concursos e das encomendas não construídas (1920-1940).....195
- 2.1.2.1. Casa da Caridade da Freguesia de Folques (1926)
- 2.1.2.2. Pavilhão Toucador (1927)
- 2.1.2.3. Pavilhão para o Depósito de Louças (1928)

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

2.1.2.4. Termas do Hospital das Caldas da Rainha (1928)	
2.1.2.5. Pavilhão para a Exposição Ibero-Americana de 1929 (1928)	
2.1.2.6. Pavilhões Portugueses da Exposição Colonial e Internacional (1930)	
2.1.2.7. Palácio do Ministério da Agricultura (1930)	
2.1.2.8. Entrada do Parque Eduardo VII (1932)	
2.1.2.9. Jazigo de Família Mesnier Machado (1935)	
2.1.3. O derradeiro projecto (1944).....	229
2.2. OS PROJECTOS NÃO DATADOS.....	231
2.2.1. Salão Animatographico	
2.2.2. Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos	
2.2.3. Escola da Estrada da Cruz das Oliveiras	
2.2.4. Ampliação e remodelação de um palacete na estrada do Arco do Cego, N.º 54	
2.2.5. Túmulo – Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira	
2.2.6. Jazigo da família do Sr. Filipe de Vilhena	
2.2.7. Vila Cândida	
IV. SÍNTESE DA OBRA DE ÁLVARO MACHADO.....	255
1. O DESENVOLVIMENTO QUE ÁLVARO MACHADO CONFERIU À MATRIZ ROMÂNICA.....	257
1.1. A versão neo ou a «estilização românica modernizada»	
1.2. As variantes da matriz:	
1.2.1. A variante pré-moderna ou «modernizante»	
1.2.2. A variante casa portuguesa ou «estilo português tradicional»	
2. O DESENVOLVIMENTO QUE ÁLVARO MACHADO CONFERIU AO ESTILO ECLÉCTICO.....	278
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	283
V. BIOGRAFIA PROFISSIONAL.....	285
VI. FONTES.....	293
VII. ÍNDICE DE FIGURAS.....	302

ORIGEM DAS IMAGENS REPRODUZIDAS

Todas as fotografias e desenhos sem qualquer referência após a respectiva legenda foram executadas pelo autor desta dissertação.

As iniciais [MDCivil – IST] referem-se a desenhos que pertencem ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e foram fotografados pelo autor desta dissertação.

As fotografias cuja legenda é seguida das iniciais [DGEMN] foram extraídas do site da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – www.monumentos.pt.

As fotografias cuja legenda é seguida das iniciais [AFCML] foram extraídas do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

I. INTRODUÇÃO E IMPORTÂNCIA DO TEMA

1. INTRODUÇÃO

Álvaro Machado nasceu em Lisboa em 20 de Julho de 1874, na freguesia das Mercês, e faleceu a 28 de Julho de 1944. Era filho do cenógrafo Eduardo José Machado (1855-1907), que trabalhou com Giussepe Cinatti (1808-1879) e Achille Rambois (1810-1882) no Teatro de S. Carlos.

Em 1887 inscreveu-se no curso Industrial e Comercial de Lisboa como preparação para futuros estudos artísticos.

No ano de 1889 ingressa no Curso Geral de Desenho da Academia de Belas Artes de Lisboa e passados quatro anos, inicia o curso de especialidade de Architectura Civil que termina, em 1897, com distinção. Em 1895, ainda a frequentar o Curso de Architectura Civil, entra para o Ministério das Obras Públicas onde trabalhou até 1917, primeiro como desenhador e depois com architecto tirocinante¹, com Rosendo Carvalheira (1863-1919), Ventura Terra (1866-1919), Domingos Parente da Silva (1836-1901) e Leonel Gaia (1871-1941).

Na época que antecedeu a admissão no MOP, foi frequentador assíduo das tertúlias do Grupo do Leão e quando foi criada a Sociedade Nacional de Belas Artes², em 1900, participou activamente no seu funcionamento, integrou os quadros dirigentes e foi autor da nova sede.

Por outro lado, também não deixava de viver intensamente os problemas da vida profissional dos architectos, acabando por ser um dos fundadores da Sociedade dos Architectos Portugueses em 1903³.

Foi assim, em plena viragem do século, que Álvaro Machado iniciou a carreira de architecto, numa conjuntura de cultura architectónica eclética que se envolvia em

¹ Na fase final do Curso de Architectura Civil eram exigidos 2 anos de estágio profissionalizante (tirocínio) em obras públicas ou privadas.

² A Sociedade Nacional de Belas Artes, criada em 1900, resultou da fusão da Sociedade Promotora de Belas Artes fundada em 1821, com o Grémio Artístico Fundado em 1890, e sucessor do Grupo de Leão.

³ A Sociedade dos Architectos Portugueses, criada em 1903, resultou da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos Portuguezes, oficialmente criada em 1872, a qual já tinha derivado da primeira Associação dos Architectos Cívicos Portugueses fundada por Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), em 1863.

paralelo na busca ideológica da casa portuguesa, para responder à crise histórica dos anos 90.

No seio da cultura arquitectónica portuguesa do início do século XX, a «visão nacionalista»⁴ que se fazia sentir favorecia o advento do neoromânico que, segundo João Vieira Caldas⁵, acabou por ser introduzido em Lisboa com a construção do túmulo dos Viscondes de Valmor.

Esse revivalismo, sustentáculo estético desse projecto de Álvaro Machado, não se tratava de uma referência qualquer, era o «estilo mais português que tínhamos»⁶. De facto, no âmbito da cultura arquitectónica portuguesa da época, esse Estilo, inevitavelmente associado à fundação da nacionalidade e «...à organização do nosso território, quando ele necessitava...»⁷, possuía argumentos com capacidade para responder à crise de identidade instalada e, ao mesmo tempo, era aquele que, pela solidez, simplicidade e utilitarismo intrínsecos, estava mais próximo das características que definem, no essencial, a arquitectura que Álvaro Machado viria a desenvolver.

A corrente neo-românica é adoptada em quase todos os projectos que Álvaro Machado consegue realizar no período mais produtivo da sua carreira (1900-1944), isto é, aproximadamente entre 1900 (Jazigo dos Viscondes Valmor) e 1919 (Palacete Alfredo May de Oliveira).

Nesse mesmo período, apesar de ser um dos jovens arquitectos bem sucedidos em Lisboa, decide entrar para o ensino, acabando por ser nomeado em 1910, após concurso, professor da cadeira de Noções de Arquitectura e de Desenho no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa⁸.

⁴ Cf. FRANÇA, José-Augusto – **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura**. 4.^a Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. p. 81.

⁵ Cf. CALDAS, João Vieira – O arquitecto do neo-românico. In LAMAS, António Ressano Garcia, coord. – **Álvaro Machado – Primeiro professor de arquitectura do IST – Exposição do espólio doado**, 1.^a Edição. Lisboa: Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, Instituto Superior Técnico, 2002. p. 21.

⁶ Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.179.

⁷ Cf. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Estilo Românico. In ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – **História de Arte em Portugal – O Românico**. 1.^a Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2000. p. 55.

⁸ O Instituto Industrial e Comercial de Lisboa deu origem, com Alfredo Bensaúde na direcção, ao Instituto Superior Técnico, em 1911.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Em 1911, aquando da criação do Instituto Superior Técnico, é convidado para ensinar desenho a engenheiros. Nesse período que dedicou à docência no IST (1911-1934), assegurou a regência de várias cadeiras⁹ até ano de 1920 em que convidou Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) para seu assistente.

A carreira profissional de Álvaro Machado, até 1917, distribuiu-se por 3 vertentes: arquitecto do Ministério das Obras Públicas, profissional liberal e professor do Instituto Superior Técnico.

Durante o período em que esteve ao serviço do MOP (1895-1917), dedicou-se essencialmente a estudos de reconstrução, restauro e remodelação de edifícios estatais. Durante essa experiência teve oportunidade para contactar e para intervir em imóveis de características e estilos diversificados.

No âmbito da sua actividade liberal, ao longo das duas primeiras décadas do século XX, Álvaro Machado (um dos arquitectos mais significativos a operar em Lisboa), distingue-se pela independência, relativamente a gostos mais ecléticos e supostamente mais luxuosos, com que desenvolveu o neo-românico.

A base estilística que o autor começou por adoptar na máxima pureza foi, no decurso da sua carreira, adquirindo diversas cambiantes.

As variantes dessa matriz românica resultaram da influência da busca ideológica da casa portuguesa, do uso das inovações da época (ferro e vidro) e do ensaio de volumetrias puras que atribuiu, a algumas das suas obras, um carácter pré-moderno.

Os ensaios mais depurados, caracterizados por uma certa contenção decorativa e pela conjugação de blocos autónomos, resultam de uma postura ambígua que, por um lado, o aproximam do funcionalismo e da técnica, mas que por outro continua a ligá-lo à tradição pelo vínculo à matriz românica.

Essa posição paradoxal que o caracteriza foi provavelmente fruto das incertezas estilísticas da sua época e do caminho pessoal que adoptou para definir um modo e um sentido para a cultura arquitectónica portuguesa.

⁹ As 2 cadeiras de que Álvaro Machado era regente eram:

DESENHO/ DESENHO TÉCNICO (com 3 partes):

1.ª – Desenho de Construção Civil,

2.ª – Desenho de Máquinas,

3.ª – Desenho Arquitectónico

ARQUITECTURA/ NOÇÕES DE ARQUITECTURA

2. IMPORTÂNCIA DO TEMA

O estudo da obra de Álvaro Machado é um trabalho que ainda não havia sido realizado. As referências ao arquitecto, existentes em monografias de história de arte ou de arquitectura portuguesa, apesar de não aprofundarem as suas obras, enquadram-no sempre no contexto dos protagonistas mais importantes na Lisboa da 1ª e 2ª décadas do século XX.

O Túmulo Valmor, um dos primeiros projectos do autor, e também um dos mais referenciados, é citado por José-Augusto França como «o mais caracterizado, da moda românica...»¹⁰ que se fez sentir durante as duas primeiras décadas do século XX. No âmbito de uma cultura arquitectónica que, na época, estava muito inclinada para o neo-românico, José Augusto França salienta a importância das incursões de Álvaro Machado que, «...em curiosa atitude», articula as massas tipicamente românicas «com outras modernizantes»¹¹. Nesse contexto, José Augusto França reitera a importância das suas investidas proto-modernas, uma vez que as mesmas representam um considerável atrevimento no seio da arquitectura portuguesa da época, agarrada a «convenções de desenho de estrutura antiquizante»¹⁰.

De facto, a «...forma livre e depurada...»¹² com que o autor interpretou as referências românicas resultou num neo-românico mais experimental e, por consequência, mais moderno.

O «revivalismo de prolongamento finissecular» que Álvaro Machado ensaiou é caracterizado por Ana Tostões¹³ como «o mais português e moderno de todos»

¹⁰ Cf. FRANÇA, José-Augusto, Lisboa, 1900 – As «Avenidas Novas». In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.138.

¹¹ Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.183.

¹² Cf. FERNANDES, José Manuel – Sociedade Nacional de Belas Artes. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.ª Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994. p. 236.

¹³ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 508.

pela clareza volumétrica que as «...linhas secas e geometrizadas...» lhe conferem. Numa outra referência que elaborou, Ana Tostões enquadra a postura particular de Álvaro Machado numa «linha de reacção, culta e informada, à (...) corrente dominante»¹⁴, o eclectismo. Na sequência de uma apreciação ao Túmulo Valmor, Ana Tostões, aponta-o como um dos exemplos «paradigmáticos»¹⁴ do ano de 1900.

Numa curta biografia do arquitecto Álvaro Machado, incluída numa publicação de 1997, a sua obra é citada como uma das que participa «...na vontade de definir um sentido nacionalista na arquitectura portuguesa, sem ceder ao eclectismo e cosmopolitismo dominante no início do século»¹⁵.

Mais recentemente, em 2002, na sequência da aquisição pelo Instituto Superior Técnico do Espólio do Arquitecto, foi elaborada uma exposição do mesmo no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura. Dessa iniciativa restou a inventariação e um folheto.

A dissertação tem como objectivo principal elaborar um estudo exaustivo do espólio e da restante obra do autor com consequente enquadramento na cultura arquitectónica portuguesa da época.

No contexto da pesquisa salienta-se a importância central do espólio do autor, uma das principais fontes primárias do estudo, apesar do mau estado de conservação e das lacunas que alguns dos seus elementos apresentam. No âmbito das fontes primárias há que destacar ainda as obras que foram construídas. Estas, pela vasta informação que dispõem, foram imprescindíveis para a verificação de algumas dúvidas que decorreram da análise dos projectos.

Os dados que foram reunidos para o estudo da obra do autor correspondem à totalidade da informação que foi encontrada nas várias fontes primárias e secundárias.

¹⁴ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 508.

¹⁵ Cf. ALMEIDA, Rogério Vieira de; MILHEIRO, Ana Vaz; ROSENDO, Catarina – Biografias. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. p. 339.

No âmbito da obra de Álvaro Machado (a construída e a que ficou por construir), a investigação pretende analisar cada um dos projectos e perceber se existe um denominador comum entre eles.

Por outro lado, é propósito do estudo aferir em que medida os pressupostos da época, como a construção em ferro, «...os empréstimos eclécticos de estilos...»¹⁶ e a questão da casa portuguesa, se interligam com a problemática do neo-românico na obra do autor.

Para fechar o estudo, proceder-se-á à síntese da obra do autor. Nesse momento da tese procurar-se-á explicar a matriz projectual que adoptou e o esforço de modernização que introduziu nos seus projectos para tentar definir um sentido para a cultura arquitectónica da sua época.

No que diz respeito às fichas que foram elaboradas a partir da compilação dos dados da pesquisa, convém esclarecer que cada uma corresponde a um objecto arquitectónico, e que a concepção das mesmas procurou harmonizar os princípios que melhor definem a arquitectura, enquanto arte de projectar e de construir edifícios e espaços percorriéis e habitáveis, ou seja, parâmetros técnico-construtivos, funcionais e estéticos.

Já Vitruvius em *De Architectura* (Sec. I – a.C.) assinalava como essenciais valores arquitectónicos a *Firmitas* (a segurança no plano construtivo), a *Utilitas* (a precisão dos fins a que se destina) e a *Venustas* (beleza).

Sendo a obra de Álvaro Machado um conjunto de casos onde este tipo de valores arquitectónicos se concretiza facilmente, optou-se por estruturar a análise à luz de três parâmetros de cariz vitruviano: técnica construtiva/materiais (*Firmitas*), utilização/distribuição funcional (*Utilitas*) e estética (*Venustas*).

No que se refere à organização dos capítulos que compõem a dissertação de mestrado, cabe esclarecer que se optou por uma estrutura de sete capítulos.

O primeiro e o segundo capítulos – INTRODUÇÃO E IMPORTÂNCIA DO TEMA e ENQUADRAMENTO DA OBRA DE ÁLVARO MACHADO NO CONTEXTO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA DA 1.ª METADE DO SÉCULO XX (1900-1944) – servem para inserir e para enquadrar a obra de

¹⁶ Cf. FRANÇA, José-Augusto – **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura**. 4.ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. p. 80.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Álvaro Machado no contexto da cultura arquitectónica portuguesa do início do século XX.

O terceiro capítulo - A OBRA DE ÁLVARO MACHADO – composto por várias fichas de obra, serve para apresentar a análise que se efectuou a cada uma das obras do autor.

O quarto capítulo - SÍNTESE DA OBRA DE ÁLVARO MACHADO - corresponde a uma síntese que organiza, em vários grupos distintos, o conjunto de obras expostas no capítulo anterior. O final deste capítulo – CONSIDERAÇÕES FINAIS – concretiza o desfecho da síntese.

O sexto, o sétimo e o oitavo capítulos reúnem uma BIOGRAFIA PROFISSIONAL, as FONTES que foram utilizadas para esta dissertação e o ÍNDICE DE FIGURAS.

**II. ENQUADRAMENTO DA OBRA DE ÁLVARO MACHADO NO
CONTEXTO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA DA 1.ª METADE DO
SÉCULO XX (1900-1944)**

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

1. ENQUADRAMENTO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE E DA IDENTIDADE PORTUGUESAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

1.1. Sociedade Portuguesa

A sociedade portuguesa da viragem do século, na qual Álvaro Machado se inseriu, caracterizou-se pela permanência de profundas tensões sociais, que progressivamente vieram a agravar-se ao longo dos anos, tensões essas que opunham de um modo extremista uma classe operária emergente e os vários estratos da burguesia.

Num país pequeno e parcamente dotado de recursos naturais vão confrontar-se entre si uma grande burguesia (que controla os interesses agrários, industriais, comerciais e financeiros no continente e colónias) e com poderosa influência política e uma pequena burguesia ascendente prioritariamente comercial, com interesses potencialmente conflituais com a primeira, embora sua aliada no conluio que mantinham para controlar o proletariado urbano e rural, ambos trabalhando em condições duríssimas de sobreexploração.

De facto, as primeiras décadas do século XX são marcadas por ásperos conflitos e grande violência; por um lado, violência extrema das condições de vida impostas pelo patronato aos trabalhadores, seguida de uma violência destes como forma desesperada de luta que era já de simples sobrevivência e, na sequência dela, uma violência repressiva dos primeiros que agravava ainda mais o clima de exaltação e de inflexibilidade do conflito encetado.

Neste período, em torno dos centros urbanos, sobretudo nos pólos onde tinham sido implantadas as actividades industriais (Lisboa-Barreiro-Setúbal, Porto-Braga e Covilhã-Tortozendo), vai-se progressivamente acumular toda a massa operária indiferenciada, presa fácil para os interesses da indústria, gerando um excedente de mão-de-obra, sempre disponível, o que permitia levar ao máximo a exigência e reduzir ao mínimo os salários e as condições de trabalho.

Os que se fixavam na cidade vão constituir assim o grosso de um proletariado urbano que, no início do século, começa realmente a ter sentido de classe e a consciência cada vez mais clara da necessidade da sua organização para defesa dos seus próprios interesses, em face da agressividade económica e social dos vários estratos da burguesia.

Efectivamente, os operários sobreviviam em condições sob todos os pontos de vista humilhantes, com uma protecção legal reduzida ao mínimo, praticamente sem quaisquer direitos.

Os bairros operários que existiam na época (os pátios em Lisboa e as ilhas no Porto) eram espeluncas sem qualquer tipo de manutenção, insalubres, onde os inquilinos, amontoados em cubículos, pagavam pelo seu direito de residência um preço exorbitante.

O culminar destas situações deploráveis ocorreu no último ano do século XIX quando, no Porto, surgiu uma epidemia e obrigou à tomada de medidas sanitárias que isolaram a cidade.

No entanto, no fim do período que as duas primeiras décadas do século XX encerram, quase nada é concretizado pelo Estado e os primeiros bairros sociais a serem construídos, todos eles no Porto, devem-se à iniciativa privada (Bairro Operário da Fábrica de Areosa) ou às subscrições públicas (Bairro do Monte Pedral).



Figura 1 – Sidónio Pais.
[AFCML]

A situação só começou a ser encarada de forma efectiva a partir de 1917, com a construção do primeiro bairro social, o da Ajuda, e com a publicação, em 1918, de um decreto-lei, no qual Sidónio Pais define critérios e estabelece tipologias que reflectem uma análise mais cuidada da problemática da habitação social.

De qualquer das formas, e de um modo geral, não se pode deixar de constatar que o esforço para responder às dramáticas condições de habitação operária foi substancialmente menor do que o verificado no âmbito da habitação burguesa.

De facto, no início do século XX, a Avenida da Liberdade, que substituiu progressivamente o Passeio Público (de génese pombalina), passa a ser melhor aproveitada, e as Avenidas Novas que se organizam a nascente e a poente do eixo da Avenida da Liberdade vão, assim, poder albergar uma burguesia abastada, que aí vai fazer construir prédios de rendimento mas também, e sobretudo na Avenida Ressano Garcia (actual Avenida da República), moradias de algum aparato.

Por outro lado, a abertura da Avenida D. Amélia (actual Avenida Almirante Reis), que estabelece uma importante articulação entre a cidade e a periferia, vai organizar também uma área de fixação de população, embora de características mais modestas.

Paralelamente ao movimento centrífugo de expansão urbana que se verifica nas primeiras décadas do século XX, a abertura da linha do Estoril, a seguir à I Guerra Mundial, vai introduzir um novo vector de desenvolvimento, com progressiva ocupação das praias, sobretudo com habitação de veraneio, aí se desenvolvendo uma tipologia, o Chalet, própria dessa época e da classe social que começa a emergir, a pequena e média burguesia urbana.

1.2. Identidade Nacional

Em Portugal, a partir da segunda metade do século XIX, verificou-se uma certa acalmia social e política. Essa acalmia, mesmo que aparente, era sustentada por uma ideia de progresso que um futuro pré-industrial perspectivava.

No entanto, o optimismo que reinava era apenas um privilégio dos sectores da burguesia urbana, uma vez que na nova sociedade liberal o povo era vítima da exploração do marquês, do duque ou do grande industrial sem escrúpulos. Por outro lado, e como se isso não bastasse, a distorcida utilização do sistema parlamentar, «que casava a todos os níveis como o oportunismo mais desregrado, os abusos de poder e a generalizada corrupção põem perante os espíritos portugueses mais atentos e lúcidos da época o panorama melancólico de um país que melhora as suas estruturas materiais, sendo incapaz de associar a esse progresso idêntico avanço moral e social»¹⁷.

O sentimento humilhante que advém da consciência do estado de decadência moral e espiritual em que se envolvia a nação é algo que se vai instalar nas camadas intelectuais. Daí que alguns dos elementos que denunciaram a lamentável circunstância portuguesa, tenham procurado, sem alienar os contornos românticos em que inseriam, promover um reencontro de Portugal consigo mesmo através de uma recuperação de valores de identidade e de dignidade nacionais para contrariar os nefastos efeitos de um progresso unidireccional.



Figura 2 – Ilustração de Raphael Bordallo Pinheiro a propósito do Ultimatum Inglês.

Figura extraída de: Pontos nos ii – Semanário humorístico de Raphael Bordallo Pinheiro. **Lisboa:** Lithographia da Companhia Nacional Editora. N.º 238, Anno VI, (16 de Janeiro 1890), pag. 23.

¹⁷ Cf. ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 42.

Esse novo sentido da necessidade de uma salvaguarda activa dos valores de memória estruturantes de uma identidade e dignidade nacionais, do qual resulta um renovado olhar sobre as coisas portuguesas¹⁸, é reforçado pela repercussão de acontecimentos políticos externos que exaltam a ideia de nacionalidade, como a unificação de Itália, em 1861, ou a unificação da Alemanha, ocorrida dez anos mais tarde, bem como acontecimentos que de mais próximo nos tocavam e faziam sentir a incapacidade de defesa dos nossos interesses e da nossa razão, como o do caso da fragata *Charles et Georges*, que em 1858¹⁹ terminou com um ultimatum francês em termos verdadeiramente vexatórios para o orgulho nacional.

A inquietação e o interesse pelos valores nacionais que foram referidos vão deixar de constituir apenas preocupações das camadas intelectuais quando a Inglaterra, que já recusara a Portugal o apoio na questão da *Charles et Georges*, lança ela

¹⁸ *Esse renovado olhar sobre as coisas portuguesas*, está associado ao importante contributo dos trabalhos e estudos que foram elaborados neste período por:

- *Joaquim de Vasconcelos (1849 – 1936)*, que se dedicou ao estudo do Românico e que realizou, em 1908, no Museu Portuense, cinco conferências sobre arte românica arcaica e dos séculos XI e XII em Portugal. Nesse mesmo ano começou a publicar uma série de estudos sobre igrejas românicas do Norte, na revista “Arte”.
- *Sousa Viterbo (1845-1910)*, professor de História da Architectura na Escola de Belas-Artes de Lisboa, desde 1881, contribuiu com relevantes estudos no campo da História de Arte e com a produção dos dicionários de architectos (Sousa Viterbo, “Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou ao serviço de Portugal” - 1899, 1904, 1922 – 3 vol.)
- *Karl Albrecht Haupt (1852-1932)*, professor alemão do instituto Politécnico de Hanôver, e que viria a ter Raul Lino como aluno, debruçou-se sobre a architectura do renascimento em Portugal («Die Baukunst der Renaissance in Portugal», Francoforte, 1890-1895) e contribuiu imenso, com a sua tese, em 1895, para divulgação da architectura portuguesa desse período em alguns países da Europa.

¹⁹ «...Em 1858 (...), a brutalidade megalómana de Napoleão III, exigindo de Portugal, além de uma indemnização de 62 828\$000, a entrega do navio *Charles et Georges* que nas costas de Moçambique fora aprisionado por se encontrarem a bordo negros desta província, comprados como escravos para Madagáscar. A legislação, entre nós, para por termo à escravatura, vinha sendo publicada desde 1836, datando precisamente deste mesmo ano de 1858 o ultimo diploma que se lhe refere. Isto nos impedia de consentir no fornecimento dos escravos que aquela colónia francesa preferia, por lhe ficarem mais baratos, vir buscar a Moçambique, a importá-los da Índia. Na impossibilidade de resistir à intimativa do imperador dos franceses, a indignação colectiva explodiu pela boca eloquentíssima de José Estêvão, que pronunciou em cortes um dos seus mais impressionantes discursos. O orador, entre outros, não deixou de pôr em evidencia o alheamento em que a nossa velha aliada, que ainda em 1842 assinara connosco o pacto de pôr termo à escravatura, assistira a esta violência do governo francês».

Cf. CIDADE, Hernâni – Implantação do Regime Liberal – da revolução de 1820 à queda da monarquia. In SARAIVA, José Hermano, coord. – **HISTÓRIA DE PORTUGAL**, 1ª Edição. Matosinhos: QuidNovi, 2004. Volume VII. p. 61.

mesma o seu ultimatum em 1890²⁰, como forma de resolver a seu proveito o diferendo sobre territórios africanos.

A essa nova humilhação, respondeu a população com um inesperado fulgor, que não tinha evidenciado em 1858, vindo o acontecimento a ter reflexos políticos e culturais profundíssimos e mesmo definitivos, na medida em que ajudou imenso a cimentar nas camadas populares a necessidade de mudança de regime.



Figura 3 – Gravura que ilustra a manifestação do partido republicano português em 14 de Janeiro de 1890, no dia em que António Serpa Pimentel é nomeado para presidir ao governo, após o ultimatum britânico de 11 de Janeiro. [AFCML]

Por esta razão não podemos considerar fruto do acaso que, três anos após esse acontecimento, o general e etnógrafo Henrique das Neves, em *A cava de Viriato* (1893), tenha formulado, pela primeira vez, a questão da possível existência de

²⁰ «...um certo Buchanan fizera aceitar a soberania inglesa pelos macocolos, de região pouco antes reconhecida pelo ministro inglês Salisbury, em resposta aos missionários protestantes que se lhe queixavam dos portugueses, como estando fora do protectorado britânico. Pouco depois, uma expedição portuguesa, sob a chefia de Álvaro Pereira Forjaz (castelões), destinada a fazer o estudo de uma secção de caminho-de-ferro na região das Cataratas do Alto Chire, foi atacada por aquele povo a sul da foz do Ruu. O Major Serpa Pinto, ausente na ocasião, ao ter conhecimento desse facto e não ignorando que os outros sobas estavam em pé-de-guerra, resolveu castigá-lo, operação em que se distinguiu o então primeiro-tenente da Armada João de Azevedo Coutinho. Eis o motivo de uma longa troca de cartas entre o ministro Barros Gomes e o representante de Inglaterra entre nós, mr. Petre, troca que terminou pelo *Ultimatum*: o governo português devia retirar todas as forças portuguesas do país dos macocolos e machonas; “*Mr. Petre ver-se-á obrigado a deixar Lisboa com todos os membros da legação, se uma resposta satisfatória à precedente intimação não fosse por ele recebida essa tarde; e o novo navio S. M., Enchantress, está em Vigo esperando as suas ordens*”. O Estado português cedeu, pedindo o governo a demissão».

Cf. CIDADE, Hernâni – Implantação do Regime Liberal – da revolução de 1820 à queda da monarquia. In SARAIVA, José Hermano, coord. – **HISTÓRIA DE PORTUGAL**, 1ª Edição. Matosinhos: QuidNovi, 2004. Volume VII. p. 72.

um tipo português de casa de habitação, apoiando tal hipótese nos resultados das explorações realizadas por Paula Oliveira em Trás-os-Montes.

Na sequência do lançamento dessa questão, esses investigadores propuseram-se, simplesmente, a uma recolha sistemática de exemplos²¹, considerados de qualidade, de casas rurais portuguesas, sobretudo de Trás-os-Montes, sem prosseguirem para o que efectivamente seria importante no contexto dessa pesquisa, ou seja, a análise crítica desses mesmos exemplares.

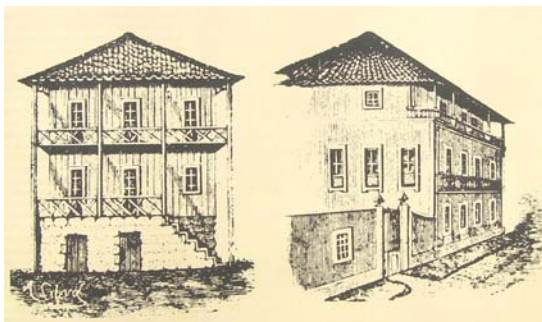


Figura 4 – Exemplos de casas portuguesas referidos por Henrique das Neves como material-base para a estruturação hipotética de uma arquitectura de carácter nacional. Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – *A Arquitectura Moderna*. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 35.

Para além da estratégia de investigação destes estudiosos não ter resultado nas respostas mais adequadas, o erro em que todos iriam insistir é que, na convicção da existência de um tipo nacional ou de tipos provinciais, no fundo todos achavam que a casa deveria ser tomada como um todo, e nenhum avançava para a análise dos seus elementos essenciais e estruturantes.

No contexto da desordem em que se ia paulatinamente cercando a discussão da casa portuguesa, a tentativa do engenheiro Ricardo Severo da Fonseca e Costa (1869 - 1940), embora elaborada em termos meramente sintácticos, acaba por surgir como um passo significativo na esclarecimento do problema, precisamente por não tentar a reconstituição de um tipo único²² ou vários tipos regionais de casa, mas pelo facto de proceder à junção de elementos tipológicos distintos, apontando aí para um caminho possível de caracterização da casa portuguesa.

²¹ «As casas com varandas apoiadas em saliência da parede do andar térreo, e com escadas exteriores, marcariam uma constante típica»
Cf. FRANÇA, José-Augusto, Raul Lino e a «Casa Portuguesa». In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.158.

²² «Casa portuguesa típica, com uma responsabilidade normativa, era coisa que não havia. A diversidade das províncias, com seus valores ecológicos, não permitia uma tipificação única, um modelo que só artificialmente se poderia reconstruir».
Cf. FRANÇA, José-Augusto, Raul Lino e a «Casa Portuguesa». In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.158.

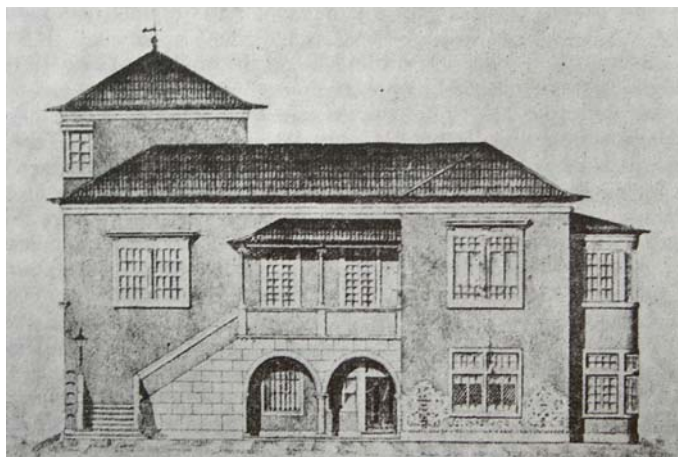


Figura 5 – Casa no Porto (1905) – Ricardo Severo.

Figura extraída de: FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. p.158.

A propósito da moradia que Ricardo Severo projectou e construiu no Porto, Rocha Peixoto (1867 - 1908), seu colega na direcção da revista de etnografia e arqueologia *Portugália* (1899-1903), e um dos primeiros etnólogos a constatar as variações das casas portuguesas ao longo do país, debruçou-se sobre problema numa série de artigos²³ que concluíam que essa mesma casa não reproduzia um único modelo, mas sim uma compilação dos vários tipos de habitações, observadas nas viagens que o engenheiro tinha efectuado pelo país. Daí que o resultado da experiência do engenheiro Ricardo Severo tivesse sido de uma fatal heterogeneidade.

Por outro lado, a existência, mesmo que hipotética, de um modelo único de casa portuguesa, perante a necessidade de equacionar a sua variante urbana, criava um paradoxo.

A impossibilidade de aplicar a inspiração rural ao viver citadino é um lado da questão que é analisado por Abel Acácio Botelho (1854 - 1917), em 1903²⁴, quando chama à atenção para a incompatibilidade estético e formal da casa transmontana com a grande cidade.

Apesar do momento que compreende os finais de oitocentos e nos primeiros anos do século seguinte ter sido dominado por uma entusiasta acção, de Receitas e Alvitres²⁵ e com vários protagonistas, que procurava contrariar o desenraizamento

²³ Artigos de Rocha Peixoto, a propósito da *Casa no Porto* de Ricardo Severo, in “Primeiro de Janeiro” de 10, 12 e 13 de Agosto de 1904.

²⁴ Abel Acácio Botelho, in “O Dia” de 11 de Março de 1903.

²⁵ «Agora, porém, o momento não parecia ser de saudade mas de acção, e a empresa programava-se, de moradia em moradia, de artigo em artigo».

provocado pelo glamour de modas de importação, o problema da casa portuguesa, como inquérito sobre a existência de um habitar português, acabou por esmorecer e diluir-se no decurso do século XX, apesar da boa vontade ideológica e da consistência proporcionada pelas propostas de Raul Lino (1879 - 1974).

Em todo o caso, a crise de identidade que acompanha o decurso da segunda metade do século XIX e prolonga as suas consequências pelo século XX, não pode resumir-se no campo da arquitectura à formalização do chamado problema da casa portuguesa.

De facto, no âmbito da arquitectura portuguesa do início do século XX, há que entender que as persistências revivalistas, manuelinas ou românicas, se inserem igualmente na mesma necessidade de afirmação de uma individualização arquitectónica, individualização que no caso do neo-manuelino foi superficialmente entendida, mas que no caso do neo-românico se articulava já com vectores estruturais.

Na realidade, o problema de identidade que se sentia nesta época só se poderia ultrapassar com a definição de caminhos que, sem contrariarem uma identidade ou cultura nacionais, servissem de base para serem trilhados por uma futura arquitectura portuguesa do século XX.

Cf. FRANÇA, José-Augusto, Raul Lino e a «Casa Portuguesa». In FRANÇA, José-Augusto, – **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.157.

2. AS PRIMEIRAS OBRAS E O CONTEXTO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA DO INÍCIO DO SÉCULO XX (1900-1920)

2.1. O início do século e o desejo de inovação arquitectónica

Um adequado enquadramento da postura arquitectónica de Álvaro Machado implica uma reflexão sobre a situação do final do século XIX. Nessa fase finissecular, a conjugação da questão oitocentista da invenção dos estilos com uma forte consciência do passado, foi responsável pela persistência de um espírito que dominou as produções arquitectónicas das primeiras décadas do novo século. A insistência num «...academismo decorativo...»²⁶ foi a resposta que a arquitectura encontrou perante uma suposta incompatibilidade com o funcionalismo operacional que decorria das novas técnicas de construção disponibilizadas pela indústria. Foi assim, perante uma oposição entre arte e técnica, que se materializou a separação do longo percurso que a arquitectura e a engenharia tinham em comum. A concretização dessa cisão, para além de ter resultado no isolamento do arquitecto como artista, separou-o dos restantes intervenientes da construção e abriu caminho para a classe emergente dos engenheiros, crente nas potencialidades da máquina para a construção moderna. Por esse motivo, a adesão à estética da máquina começou por surgir em edifícios de carácter funcional, assinalando assim, de modo ambíguo, a aceitação por parte dos arquitectos. Porém, a adopção da nova técnica, reservada ao interior funcional e ao esqueleto estrutural, era disfarçada debaixo da sumptuosidade dos estilos. Nesse âmbito da «questão da autonomia do ornamento em relação à construção»²⁷, é importante referir um equipamento que Ana Tostões considera paradigmático na Lisboa do final do século: a Estação do Rossio (1890). Nesse novo edifício, José Luís Monteiro (1849-1942), seu autor, utilizou coerentemente a arquitectura do ferro para cobrir o hangar da estação mas, contraditoriamente, negou o interior, mecânico e funcional, através de uma fachada que expressava um revivalismo manuelino romântico.

²⁶ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 507.

²⁷ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 510.



Figura 6 – Estação de Caminho de Ferro do Rossio, Lisboa – 1890, projecto da autoria do arquitecto José Luís Monteiro.

Segundo Ana Tostões, no contexto da arquitectura da época, «a indústria vai dividir a cultura entre progressistas, os que a abraçam com optimismo, e românticos, os que a rejeitavam pelo que representava de utilitarismo, de banalização em série, de economia sem alma»²⁸.

Perante tal dicotomia, as naturais incertezas estilísticas que caracterizavam a arquitectura desta época acabam por encontrar uma saída no ecletismo. Essa corrente estilística, para além de reflectir a ansiedade do pensamento académico, «preocupado com a transmissão de uma mensagem cultural e ideológica»²⁹ traduzia, paradoxalmente, a vontade de criar um estilo que representasse verdadeiramente a era da transformação e do maquinismo.

No contexto da arquitectura portuguesa, os primeiros anos do século XX, protagonizaram os principais indícios da «tomada de consciência de um novo tempo e da construção de um novo espaço»²⁹. A primeira dessas indicações foi a publicação, em 1900, da primeira revista exclusivamente dedicada à arquitectura, *A Construcção Moderna*. Essa publicação periódica, além dos excelentes artigos de teor técnico, divulgava os projectos e as realizações mais recentes.

Em 1902, como incentivo ao «embelezamento cosmopolita da cidade»²⁹ começou a atribuir-se o Prémio Valmor de Arquitectura, numa Lisboa da expansão

²⁸ Cf. TOSTÕES, Ana – *Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa*. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 507.

²⁹ Cf. TOSTÕES, Ana – *Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa*. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 508.

burguesa. A importância do prestigiado prémio (que concretizava uma disposição testamentária do Visconde de Valmor), que atribuía uma compensação, em partes iguais, ao arquitecto e ao proprietário da obra, estava na referência estética que o mesmo acarretaria para a cidade, numa fase em que iria contrastar com uma Lisboa opulenta onde continuava a vigorar uma mentalidade empírica dos mestres-de-obras que se limitavam a materializar o luxo individual dos palacetes ou o tipificado prédio de rendimento.

Por fim, no ano 1903, oficializando uma renovada consciência disciplinar da classe profissional dos arquitectos, é criada a Sociedade dos Arquitectos Portugueses. A nova congregação dos arquitectos, para além de efectivar a separação dos arqueólogos e do espírito romântico que personificavam, era a resposta e o reconhecimento da necessidade de luta pela afirmação social dos arquitectos ameaçados «...pelo prestígio crescente da operacionalidade do engenheiro»²⁹.

²⁹ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 508.

2.2. Álvaro Machado no contexto dos arquitectos autores

Na viragem do século, a corrente ecléctica que aparece traduziu-se num «surto de novas arquitecturas»³⁰ que uma nova geração de arquitectos desenvolve em Lisboa. As várias tendências que esses autores materializaram enquadravam-se sempre no âmbito de uma prática ecléctica que, na maior parte dos casos, era de carácter revivalista.

Desse conjunto de arquitectos, os mais cosmopolitas, e de formação parisiense, tentaram combinar a «estética gráfica e elegante da Arte Nova»³¹ com uma «abordagem pragmática e racionalista»³², como foi o caso de Ventura Terra, ou ensaiaram uma outra postura, mais pesada e exuberante, pela densidade volumétrica e decorativa, de que Norte Júnior é exemplo.



Figura 7 – Edifício na Avenida da Liberdade - 1915, projecto de Norte Júnior.

Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 34.

³⁰ Cf. FERNANDES, José Manuel – 1900/1914 – O início do Século e o desejo de inovação arquitectónica: os “Autores”, a “Arte Nova”, as “Vilas”. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.^a Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994. p. 177.

³¹ Cf. FERNANDES, José Manuel – 1900/1914 – O início do Século e o desejo de inovação arquitectónica: os “Autores”, a “Arte Nova”, as “Vilas”. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.^a Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994. p. 178.

³² Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 513.



Figura 8 – Edifício José Maria Marques – 1914, projecto de Norte Júnior.

Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 55.

Um outro grupo de autores desta época, apesar de vinculados a um romântico ruralismo (Raul Lino) ou a um eclético nacionalismo (Álvaro Machado), protagonizaram uma «linha de reacção, culta e informada, a esta corrente dominante»³³. Esses autores, para contraporem os gostos mais ecléticos e pretensamente luxuosos, aliaram-se à questão da casa portuguesa, como fonte de autenticidade, para tentarem definir um rumo para a arquitectura (sem atraiçoar a identidade intrínseca da cultura e alma portuguesas). No âmbito de uma expressão que oscilava entre um ecletismo beauxartiano e uma linguagem de referências historicistas (particularmente manuelinas), são ainda de salientar as diversas obras de carácter público que Adães Bermudes realizou no mesmo período.



Figura 9 – Edifício dos Paços do Concelho de Sintra, Adães Bermudes.
Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 52.



Figura 10 – Edifício do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, Adães Bermudes.
Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 51.

³³ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 508.

No conjunto dos vários projectos desenvolvidos pelos arquitectos referidos, cada um debruçou-se sobre um Estilo em particular. De qualquer modo, todos manipulavam habilmente as diversas expressões estilísticas cardápio de estilos que o métier lhes disponibilizava.

Porém, no contexto formal e estilístico da arquitectura portuguesa dessa época, alguns deles, pelo modo exemplar como sintetizam o debate do final do século, gerado no âmbito de um eclectismo mais historicista ou mais académico, foram responsáveis por obras que Ana Tostões classifica de «paradigmáticas»³³. Nesse conjunto obras, os projectos do concurso para o Pavilhão de Portugal, na Exposição Internacional de Paris, executados por Ventura Terra e Raul Lino, e o Túmulo Valmor³⁴, projectado por Álvaro Machado, acabaram por lançar as sementes da arquitectura portuguesa do novo século.



Figura 11 – Vista do Pavilhão de Portugal para a Exposição Internacional de Paris de 1900, projecto executado por Raul Lino.

Figura extraída de:
ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 22.

³³ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 508.

³⁴ «...obra apreciadíssima (...) É, em certa medida, uma obra normativa, um modelo estrutural...». Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.179.



Figura 12 – Alçado do Pavilhão de Portugal para a Exposição Internacional de Paris de 1900, projecto executado por Ventura Terra.

Figura extraída de: SOUTO, Maria Helena; MARTINS, João Paulo – Pavilhões Portugueses nas Exposições Universais do Sec. XIX. In PEREIRA, João Castelo-Branco – **Arquitectura Efémera em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 366.

No contexto do concurso do Pavilhão de Portugal, o duelo entre Ventura Terra e Raul Lino, para além de ter materializado o confronto entre o «...cosmopolitismo da arquitectura académica...» e «...a procura romântica de uma arquitectura enraizada nas tradições nacionais...»³⁵, decretou «o fim dos estilos em Portugal»³⁵. Nesse importante combate, o projecto de Ventura Terra, «...eclectico no controlo da escala e dos elementos clássicos...»³⁵, fez salientar uma aparente oposição relativamente à proposta vencida, de Raul Lino, que procurava recriar e agregar, romanticamente, elementos de uma arquitectura tradicional portuguesa. Nesse rumo mais vinculado aos valores da tradição nacional, Álvaro Machado, com o seu túmulo Valmor³⁶, ensaiou exemplarmente um estilo³⁷, que apesar de continuar a ser um revivalismo de prolongamento finissecular, era «...o mais português e “moderno” de todos...»³⁸.

³⁵ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 509.

³⁶ «...esta mole sólida e digna foi muito directamente inspirada por outras semelhantes, existentes em cemitérios italianos e largamente reproduzidas na revista de arquitectura «A Construção Moderna». Esta informação, que importa sublinhar, traduz, sem dúvida, um gosto orientado e orientador, e sendo efeito de certo número de preocupações, é também motor de uma criação. Álvaro Machado, com os seus colegas da revista, conhecia certamente tais obras, cuja reprodução é contemporânea da sua proposta».

Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.179.

³⁷ «...Álvaro Machado, campeão do neo-românico...».

Cf. FRANÇA, José-Augusto - **A Arte em Portugal no séc. XX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1991.p. 120.

³⁸ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 508.

No âmbito dos arquitectos que adoptaram uma matriz ligada à tradição e à cultura portuguesas, Álvaro Machado, depois de convenientemente informado, terá seleccionado a que para ele se aproximava mais da objectividade formal e do pragmatismo construtivo da construção moderna – a românica.



Figura 13 – Perspectiva do Jazigo dos Viscondes de Valmor.

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 1.

No caso de Álvaro Machado, a especial atenção que prestou aos aspectos construtivos da arquitectura e o esforço que fez para utilizar, sempre que possível, as tecnologias e os materiais mais modernos na época (como o ferro, o vidro e o cimento armado), materializou-se num racionalismo construtivo que teve, naturalmente, consequências formais particulares e que ultrapassavam, em alguns casos, o âmbito da matriz românica que

utilizou. No importante período que as duas primeiras décadas do século XX representaram para a arquitectura portuguesa, terá sido assim, sob os desígnios de uma postura eminentemente ecléctica que alguns dos arquitectos portugueses dessa época, nos quais Álvaro Machado se inclui, que começaram, timidamente, a construir-se as bases da arquitectura moderna, resultante do conflito de ideias contraditórias como vanguarda e nostalgia e da combinação de matrizes tradicionais com novas tecnologias.

2.3. A importância do neo-românico

Na conjuntura romântica do final do século uma nova mentalidade histórica surgia no âmbito dos revivalismos que a arquitectura portuguesa adoptava como referencias, ou seja, a «...um orientalismo de duvidosa continuação, a um gótico desaparecido e a um manuelino que se ia pondo de parte, opunha-se um novo gosto românico, tradicionalista e mais severo, que vinha do nível da reconstituição até ao nível do vocabulário adrede utilizado»³⁹.

Por outro lado, no seio da discussão sustentada pela «genuinidade nacional da casa portuguesa»⁴⁰, a concepção nacionalista da mesma facilitou o advento de um revivalismo românico, uma vez que nele também se poderia encontrar uma fonte de autenticidade para alimentar a busca ideológica que se fazia sentir no início do século.

De facto, a identidade nacional que se buscava na época foi muito legitimamente procurada no românico, porque o mesmo «...apareceu no tempo em que se forjou a nossa nacionalidade...» e «...porque representa o estilo e o gosto da sociedade correspondente ao período em que se estrutura o modo do nosso habitat com as freguesias e toda uma organização religiosa e vicinal de aldeamentos que chegou aos nossos dias e marca, ainda, muitas das nossas atitudes e classificações»⁴¹.

Para além dessas características, o facto de ser «...o mais telúrico e o mais ancorado de todos os nossos grandes estilos arquitectónicos»⁴¹, colocou-o numa

³⁹ Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.179.

⁴⁰ Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.174.

⁴¹ Cf. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Estilo Românico. In ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – **História de Arte em Portugal – O Românico**. 1.^a Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2001. p. 55.

posição que lhe permitia responder, com alguma consistência, à necessidade de adaptação regional que o debate da casa portuguesa ambicionava.

Perante o clima de crise de identidade que se sentia no seio da cultura arquitectónica nacional, a pertinência do neo-românico era tal que, em 1904, foi lançado um concurso para a construção de uma catedral (em homenagem à Virgem da Imaculada Conceição), que o impunha como estilo obrigatório, transformando o que parecia uma inevitável tendência estilística num estilo oficial português. Nessa competição, Álvaro Machado, que na época era reconhecido pelos desenvolvimentos que tinha dado à «estilização românica modernizada»⁴², apresentou um projecto mais original do que o de Evaristo Gomes (autor do projecto vencedor), mas perdeu o concurso.

A espontaneidade da volumetria, a fragmentação funcional e o depuramento que Álvaro Machado imprimiu ao neo-românico do projecto que apresentou a concurso e que ditaram a sua derrota assinalaram, na verdade, a falta de preparação para uma eventual modernização que ele, em tão importante ocasião, propunha para a arquitectura portuguesa.

Na sequência da referida oficialização do neo-românico a generalidade dos protagonistas da construção, arquitectos e mestres-de-obras, perante os argumentos que o estilo apresentava aceitaram-no de tal modo que o transformaram num fenómeno semelhante a uma moda⁴³. De facto, as diversas contribuições que os autores da época deram ao neo-românico, foram igualmente responsáveis pela sua persistência ao longo das duas primeiras décadas do Século XX.

⁴² Cf. FRANÇA, José-Augusto, Os arquitectos. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.335.

⁴³ «Já vimos os melhores arquitectos da época aceitarem a moda e para ela contribuírem: Ventura Terra, na sinagoga de Lisboa e na Igreja de Viana do Castelo, e Marques da Silva, na Sociedade Martins Sarmento em Guimarães. Se Raul Lino a admitiu com louvável discrição, o próprio José Luís Monteiro não lhe ficou à margem, e em 902 vemo-lo traçar a capela do Palácio Castro Guimarães, ao Torel, em boa imitação românica. Rosendo Carvalheira e Adães Bermudes, paladinos do manuelino, não lhe ficaram atrás e a capela do asilo da Ajuda (1903), do primeiro, e a igreja paroquial de Espinho (1908), do segundo, atestam o poder de adaptação que ambos tinham, dentro de menor ao maior ambição. Muito mais tarde, os Adventistas assim edificaram o seu templo central, na Rua Joaquim Bonifácio, num desenho excelente do futuro modernista Pardal Monteiro, em 1924».

Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.182.

No contexto da adopção colectiva deste estilo, é curioso observar como foi semelhante o fenómeno da sua aceitação (e da sua persistência), quando o mesmo facto é comparado como o que ocorreu no tempo em que surgiu a arquitectura românica em Portugal⁴⁴.

O fenómeno de aceitação e de persistência que anteriormente se referiu, além de estar associado às preferências de uma cultura arquitectónica que, na época, procurava encontrar referências nos estilos que contribuíram para forjar a sua identidade intrínseca, também pode estar relacionado com a apetência de uma cultura que, no seu todo, foi (e, provavelmente, continua ser) atraída naturalmente pela sua estética purista (ou moderna) e pela simplicidade das suas soluções construtivas.

Numa certa medida, as potencialidades modernizantes que a matriz românica detinha, atreladas à questão da casa portuguesa, e que Álvaro Machado procurou explorar, não foram devidamente desenvolvidas e a ponte que poderia ter estabelecido com a modernidade não se concretizou⁴⁵.

No entanto a sobriedade que pautava as suas abordagens e, que destoava dos luxos e dos adereços colocados nos edifícios de uma Lisboa glamourosa, terá estado, certamente, mais próxima do que outras no que se refere à objectividade construtiva e à depuração formal que caracterizam a arquitectura moderna.

⁴⁴ «Pelos tempos novos que simbolizava e pelos grandes vazios que preencheu, por ser um estilo ligado a aperfeiçoamentos técnicos e a novos padrões litúrgicos, o românico teve, então, uma enorme aceitação e, entre nós, uma perduração com longa resistência».
Cf. FERREIRA DE ALMEIDA, Carlos Alberto – **História de Arte em Portugal – O Românico**. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2001. p. 55.

⁴⁵ «com o neo-românico, ligado à ideia da casa portuguesa, num programa assaz dúbio, termina, e se prolonga, ou se articula timidamente ao seguinte, o século XIX, na arquitectura portuguesa».
Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.183.

3. AS ÚLTIMAS PRODUÇÕES E O CONTEXTO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA DO SEGUNDO QUARTEL DO SÉCULO XX (1920-1944)

Nas décadas de vinte e trinta, o arquitecto Álvaro Machado, que sempre construiu pouco, constrói ainda menos. Entre 1926 e 1932, verifica-se um ligeiro incremento do trabalho de projecto, com um enfoque na participação de concursos, por volta de 1930, mas raramente consegue edificar.

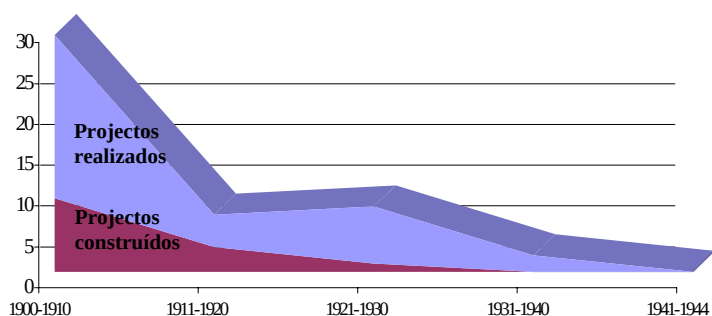


Figura 14 – Relação entre projectos realizados e projectos construídos, em cada período de 10 anos da carreira do arquitecto Álvaro Machado (1900-1944).

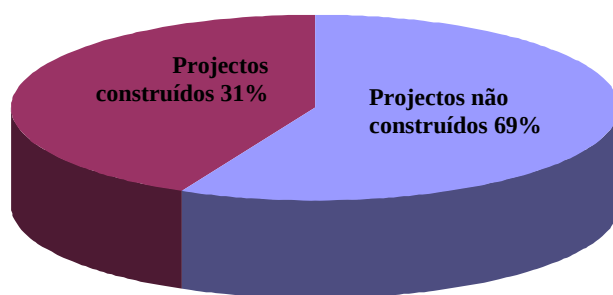


Figura 15 – Taxa de concretização dos projectos que foram elaborados ao longo da carreira do arquitecto Álvaro Machado (1900-1944).

Nesta segunda fase da carreira, a liberdade compositiva que tinha distinguido o autor nas suas primeiras obras, deu lugar a uma postura conservadora, vinculada às velhas tipologias beauxartianas e aos modelos de cariz tradicionalista. O resultado dessa atitude materializou-se em propostas sem fulgor, previsíveis e reveladoras de alguma decadência criativa.

Por outro lado, como não foi capaz de se adaptar ao novo espírito, (assim como a maior parte dos seus colegas de geração ainda vivos, à excepção de Norte Júnior), foi ultrapassado pelos jovens modernistas da geração seguinte⁴⁶.

De facto, no decurso dos anos 20 assiste-se em Portugal à combinação de três factores que serão determinantes para conformar a mudança: a utilização do betão armado (inicialmente requerido pelas obras de excepção e, depois, generalizado até aos programas habitacionais correntes); a formação de uma geração de arquitectos que troca o eclectismo da sua aprendizagem por uma concepção claramente modernista da arquitectura; a substituição de um regime republicano vigente por uma ditadura que se virá a apoiar nos novos arquitectos e patrocinar alguns dos mais significativos edifícios modernistas portugueses.

Esses novos arquitectos, contra todas as expectativas da sua formação revivalista e ecléctica e de gosto nacionalista e pitoresco que se prolongava no tempo, souberam explorar ainda na década de 20 as possibilidades do betão armado nos programas construtivos mais exigentes, dele retirando, imediatamente, as correspondentes ilações formais.

Num registo praticamente oposto ao supracitado encontrava-se o trabalho projectual que Álvaro Machado desenvolvia nessa mesma época. Os desenhos que o autor efectuou neste segundo período da sua carreira estão ainda imbuídos

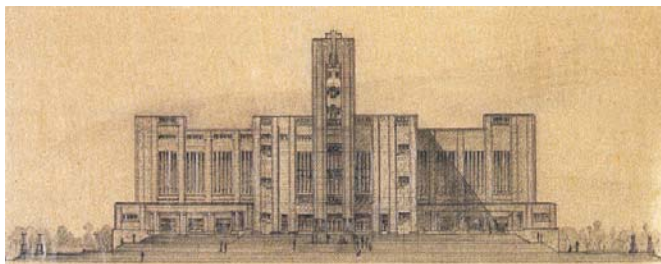


Figura 16 – Alçado principal do projecto para uma catedral, 1944. [MDCivil – IST]

de um espírito ecléctico, regrado, em grande parte dos casos, pela geometria de uma art deco nunca integralmente assumida. A não ser, talvez, no final da sua vida, já nos anos 40,

quando parece ter querido mostrar que também tinha capacidade para projectar

⁴⁶ «Arquitectura modernista que se desenvolve no país nos anos 20 e 30 não corresponde a um movimento organizado, mas tem uma expressão claramente geracional. A maior parte dos seus autores mais representativos, Cristino da Silva (1896-1976), Carlos Ramos (1897-1969), Pardal Monteiro (1897-1957), Cottinelli Telmo (1897-1948), Cassiano Branco (1897-1970), Jorge Segurado (1898-1983) e Rogério de Azevedo (1898-1983), nasceram com um intervalo máximo de dois anos e, à excepção do ultimo, frequentaram o curso de Arquitectura da EBAL, que concluíram entre 1919 e 1927».

Cf. CALDAS, João Vieira – Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX.** München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. p. 23.

uma igreja moderna (projecto para uma catedral, 1944) à semelhança da que tinha resultado do projecto do seu assistente no IST, Porfírio Pardal Monteiro (a igreja de Nossa Senhora de Fátima, concluída em 1938).



Figura 17 – Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Maquete.

Figura extraída de:
CALDAS, João Vieira –
**Porfírio Pardal Monteiro –
Arquitecto.** Lisboa: AAP –
Secção Regional do Sul, 1997.
p. 58.

Nesse ultimo projecto que efectuou, além das referências que retirou da igreja de Nossa Senhora de Fátima, terá também reproduzido alguns dos elementos que compõem a fachada principal do estudo inicial para o Cinema Éden, com data de 1931 e da autoria de Cassiano Branco. No entanto, este derradeiro e inacabado trabalho era puramente especulativo.

No âmbito geral da obra de Álvaro Machado o trabalho que foi efectuado nestas duas décadas (e o último de 1944) é, pelas razões já referidas, o menos conhecido e divulgado da carreira profissional do arquitecto. Todavia, a documentação que lhe diz respeito e a respectiva análise encontram-se num capítulo subsequente desta dissertação.

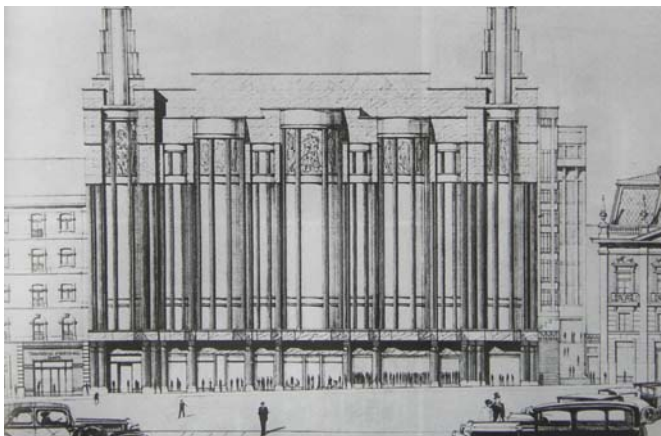


Figura 18 – Fachada principal do projecto inicial para o Cinema Éden, projecto executado por Cassiano Branco em 1931.

Figura extraída de:
L'architecture d'aujourd'hui.
Paris: Jean Michel Place. N.º
185, Mai/Juin (1976), p. 5.

III. A OBRA DE ÁLVARO MACHADO

1. ESBOÇO DE UM PARTIDO ARQUITECTÓNICO

1.1. O curso na Academia Real das Belas Artes de Lisboa (1889-1897)

A decisão de escolher um curso de carácter artístico deve-se certamente ao facto de, por razões familiares, ter convivido desde muito cedo com o meio artístico lisboeta. O seu pai, Eduardo José Machado, que cursara na Academia Real de Belas Artes e era cenógrafo, iniciou-o no desenho e na aguarela. Foi através desse encaminhamento que foi entrando no campo das artes até se decidir pela arquitectura. Assim sendo, para se preparar para os estudos artísticos vindouros, começou por se inscrever no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa em 1887. Com a conclusão dos dois anos de curso nesse Instituto, inscreveu-se na Academia Real de Belas Artes de Lisboa.



Figura 19 – Arquitecto José Luís Monteiro.

Figura extraída de:
ALMEIDA, Pedro Vieira de;
FERNANDES, José Manuel – A
Arquitectura Moderna. In **História
da Arte em Portugal**. Lisboa:
Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p.
26.

Em 1889, quando Álvaro Machado se inscreveu na Academia Real de Belas Artes de Lisboa, estava em vigor uma reforma pedagógica. A citada reestruturação, iniciada em 1881, teve a contribuição-chave de José Luís Monteiro (1848-1942) que a partir dessa data começou a coordenar a Cadeira de Arquitectura e transmitir os ensinamentos beauxartianos oriundos da sua formação parisiense⁴⁷. O referido curso, no qual Álvaro Machado se matriculou, tinha oito anos de duração e subdividia-se em duas etapas de quatro anos cada. A primeira, que constituía o alicerce do curso, era o Curso Geral de Desenho, e a segunda, que correspondia à especialização, era Arquitectura Civil.

⁴⁷ «...1873 embarca com destino a Paris, sendo nesse mesmo ano admitido na École des Beaux-Arts, onde após um curso a todos os títulos brilhante vem a ser, em 1878, o primeiro português a obter aí um diploma de arquitecto». Cf. ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 26.



Figura 20 – Edifício público – Exame de passagem do 3º Ano da Especialização em Arquitectura Civil na ARBAL, 1896 – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m.
[MDCivil – IST]

Durante o percurso académico Álvaro Machado obteve vários prémios. Com a finalização do primeiro ano do Curso Geral de Desenho arrecadou uma medalha de prata. Mais tarde, no final do 3º e do 4º ano da especialização em Arquitectura Civil, voltou obter a medalha de prata como galardão.



Figura 21 – Teatro – Exame de passagem do 3º Ano da Especialização em Arquitectura Civil na ARBAL, 1896 – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m.
[MDCivil – IST]

Quando finalizou o curso, para além de um diploma com distinção, ainda recebeu um prémio pecuniário pelo seu exame final⁴⁸.



Figura 22– Câmara Municipal – Fachada – Exame de passagem do 4º Ano da Especialização em Arquitectura Civil na ARBAL, 1897 – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m.
[MDCivil – IST]

Com a observação do seu trajecto de aluno, constata-se que este é assinalado pela qualidade dos seus trabalhos e pelo modo exemplar como os mesmos se enquadraram harmoniosamente nas tipologias beauxartianas ministradas na Cadeira de Arquitectura, coordenada por José Luís Monteiro.



Figura 23 – Estação terminus de caminhos-de-ferro – Projecto final de curso na ARBAL, 1897 – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,60m.
[MDCivil – IST]

⁴⁸ No ano seguinte, esse mesmo projecto, foi premiado na Exposição do Grémio Artístico.

1.3.O tirocínio e a carreira no Ministério das Obras Públicas (1895-1917)

Álvaro Machado iniciou a sua carreira no Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria⁴⁹, na Direcção de Serviços Públicos e Faróis. Entrou para o quadro na categoria de desenhador porque ainda frequentava o curso de arquitectura. Durante essa fase (1895-97), colaborou com Rosendo Carvalheira no âmbito do projecto de conclusão do Liceu Passos Manuel.

Com a conclusão do curso entrou em período de tirocínio (1898-99). O início desse ciclo ficou marcado pela colaboração prestada a Ventura Terra nas obras das Cortes (Palácio de São Bento) e na finalização do projecto do edifício do Museu Nacional (actual Museu Nacional de Arte Antiga), com a qual arrecadou um louvor pelo serviço prestado (1898).

A fase intermédia do estágio que realizou no MOP ficou particularmente marcada pela experiência que teve com o arquitecto Domingos Parente da Silva, que trabalhou na instituição entre 1885 e 1901. Álvaro Machado, sob a coordenação desse arquitecto, coadjuvou-o nos projectos do concurso para a conclusão do Museu e da Igreja dos Jerónimos (trabalhos que obtiveram o primeiro e segundo prémio, respectivamente) e num projecto para a resolução da ligação entre duas importantes salas do Palácio da Ajuda.

Em 1899, no último ano do tirocínio, foi enviado para Coimbra com o propósito de colaborar nas obras da Penitenciária (dirigidas pelo Eng.º Adolfo Loureiro).

A estadia acabou por durar quatro meses, uma vez que o Director Regional de Obras Públicas o encarregou de projectar, para as obras de restauro no Paço Episcopal (na parte ainda manuelina do edifício que se encontrava destruída), uma nova galeria manuelina e acessos entre os corpos dos edifícios. Com esta galeria, o arquitecto Álvaro Machado teve a oportunidade de experimentar, numa obra de

⁴⁹ O arquitecto Álvaro Machado iniciou a carreira no Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria numa fase em que o mesmo era encabeçado pelo ministro Artur Alberto de Campos Henriques (que ficou com a respectiva pasta de 1 de Setembro de 1894 a 7 de Fevereiro de 1897). O Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, construído com esse mesmo nome, em 1852, passa a chamar-se de Ministério do Fomento a partir de 1910, com a Proclamação da República Portuguesa e constituição do Governo Provisório. Esta última designação viria a manter-se até 1917.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

restauro, o neo-manuelino, quando na mesma época, a sua aplicação em obras novas começava a ser muito criticada. Esta galeria manuelina, no Paço Episcopal em Coimbra, que Álvaro Machado projectou em 1899, já não existe porque deu lugar ao Museu Machado de Castro em 1912.

Em 1900, após a conclusão do tirocínio, passa à categoria de arquitecto estagiário na Inspecção dos Serviços de Obras Públicas do Distrito de Lisboa (1ª Direcção de Obras Públicas – 4ª Zona) dirigida pelo Eng.º Falcão Rodrigues. Nos anos seguintes deste período (1900-1909), como estagiário, começou por trabalhar nas obras das Cortes (na secção do Eng.º Lino Rodrigues) e, mais tarde na secção onde trabalhava Rosendo Carvalheira e Leonel Gaia, foi encarregue das obras de conservação da Basílica de Mafra.



Figura 24 – Vista do portal de entrada da Igreja de Santo André, Mafra. [DGEMN]

Em 1906, em sequência do trabalho da Basílica, acabou por elaborar o projecto de reconstrução e restauro da Igreja de Santo André⁵⁰ (50), também em Mafra. Todavia, só em 1914 é que ocorreu a intervenção de restauro que, para além de não ter sido concluída, não seguiu o projecto de Álvaro Machado. Em 1909, com a sua promoção a arquitecto de 3.ª Classe, começou a trabalhar na secção de Leonel Gaia

na 3.ª Direcção de Obras Públicas.

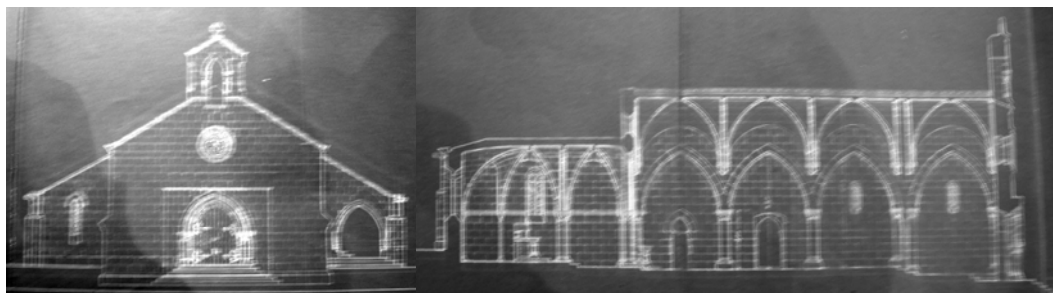


Figura 25 – Excerto do projecto da Igreja de Santo André - MOP – Cópia “Marion”, com dimensões aproximadas de 2,10x0,30m. [MDCivil – IST]

⁵⁰ De construção medieval, foi dedicada a Santo André em 1337. Trata-se de uma igreja gótica integrada na tendência verificada sensivelmente após a morte D. Dinis (1325) de regressar a esquemas planimétricos mais simples: igreja de 3 naves com cabeceira abobadada.

No ano de 1911, em 29 de Março, é encarregado da direcção das obras de restauro da Sé de Lisboa após a morte súbita do Engenheiro Augusto Fuschini (1843-1911), que as dirigia até à data. Apesar da importância desta incumbência,



Figura 26 – Engenheiro Augusto Fuschini.
[DGEMN]

passados cinco meses decidiu pedir a demissão da tarefa que justificou pela incapacidade de acumulação dos vários cargos que assumia naquele período.

De qualquer modo, no curto período em que assumiu a direcção daquela obra, adoptou critérios de restauro que privilegiaram as marcas românicas presentes no edifício. Quando abandonou a obra da Sé, em escritos

sobre a mesma, relata a execução de um trabalho que procurava evidenciar uma das marcas da época que elegeu como matriz.

Nos registos citados expôs que no «...curto período pouco mais me foi possível do que superficialmente estudar o edifício (...) Atraíram a minha sensibilidade de architecto as obras da Sé e não as deixei sem deixar marcado ou definido o meu critério de restauração do edifício. Mande desobstruir ou pôr à vista uma janela românica que fazia parte da antiga fachada lateral da Sé e, estava, e julgo que ainda estará, interceptada pela capela ogival denominada de Bartolomeu Joannes em devido tempo ali construída»⁵¹.

Todavia, nesse mesmo ano de 1911, o Ministro do Fomento encarrega-o do projecto para o novo edifício do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa a construir no antigo Convento das Francesinhas. Este edifício destinava-se às duas escolas que surgiram em substituição do citado instituto – o IST e o ISC.

No ano seguinte, 1912, como architecto do 2.º Bairro – Picoas, elaborou o projecto para o novo quartel de Bombeiros do Largo do Jardim do Regedor.

Em 1916, após quatro anos sem novos projectos, é nomeado chefe da secção de obras, na 2.ª Direcção de Obras Públicas de Lisboa. Com essa nomeação é encarregue, pelo Eng.º Severiano Monteiro, de elaborar um estudo sobre as obras

⁵¹ Extraído dos escritos existentes no espólio do architecto Álvaro Machado – depositado no Museu do Departamento de Civil do Instituto Superior Técnico.

de ampliação da Biblioteca Pública que até à data partilhava o convento de São Francisco com a Escola de Belas Artes e com o Conselho de Arte e Arqueologia. Na abordagem deste estudo, Álvaro Machado elabora uma proposta de carácter ambicioso mas que permitia uma expansão da biblioteca sem recorrer à anexação das áreas vizinhas.

Para tal, o arquitecto propunha obras para a utilização exclusiva do convento de São Francisco para Biblioteca Pública e a transferência das outras instituições para edifícios a construir em terrenos da parte superior do Parque Eduardo VII. Essas edificações ocupariam as áreas limítrofes do parque e formariam um conjunto que denominou de Universidade das Artes. Nesse complexo seriam instaladas: a Escola de Belas Artes (com um Museu de Arte Contemporânea em anexo), a Escola de Arte de Representar e a Escola de Letras (cada uma delas com o seu museu).

Em 1917, ano que se seguiu à apresentação desse estudo sem consequências, pede para passar à situação de destacado na qual se vai manter até 1935, quando lhe é concedida a aposentação voluntária do MOP.

2. AS OBRAS E OS PROJECTOS DA CARREIRA DO ARQUITECTO

2.1.OS PROJECTOS DATADOS

2.1.1. O período de maior concretização (1900-1920)

2.1.1.1. Tipo de habitação moderna, construção isolada para parque ou jardim

(1900)



Figura 27 – «Tipo de habitação moderna» - Perspectiva do projecto.
Figura extraída de:
MACHADO, Álvaro – Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2.

Situação do projecto: Não construído

Localização/Morada: Desconhecida/Desconhecida

O projecto Tipo de habitação moderna, publicado em 1900 na revista *A Construcção Moderna*, apresentava-se com o desenvolvimento equivalente ao de um estudo prévio⁵². O título que dispõe, Tipo de habitação moderna, reforça a ideia de composição livre ou de proposta para uma eventual tipologia de habitação (a construir isoladamente num parque ou jardim).

A principal intenção de Álvaro Machado neste estudo era conceber uma casa que, não sendo luxuosa, satisfizesse as necessidades de uma família de classe média/alta. Por outro lado, a construção, que deveria ser de boa qualidade, teria de ser a custos controlados. Este controle de custos, que Álvaro Machado calculou, garantia ao promotor o retorno do investimento, caso se optasse pelo arrendamento do imóvel⁵³.

⁵² «...servirá apenas para orientar a organização do projecto definitivo...»

Cf. MACHADO, Álvaro – Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 3.

⁵³ «...não exceda o seu custo além de 7000\$00, capital que deverá produzir um juro de 4%, verba que poderia custar o aluguer d'uma casa nas mesmas condições...»

Cf. MACHADO, Álvaro – Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 3.

Técnica Construtiva: O edifício seria construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria de pedra e tijolo (que envolveria toda a cintura do edifício da cave até ao início da cobertura).

Pela observação das peças desenhadas, deduz-se que as paredes interiores também possuiriam uma função estrutural.

Nas paredes interiores da cave, os vãos que se observam são formados por arcos de volta inteira em tijolo maciço (provavelmente para garantir um melhor comportamento estrutural).

As lajes dos pavimentos seriam constituídas por uma estrutura de barrotes de madeira, em pinho nórdico. O vigamento, para evitar custos em forras de tecto, ficaria visível mas seria decorado.

A estrutura da cobertura seria um sistema de asnas de madeira.

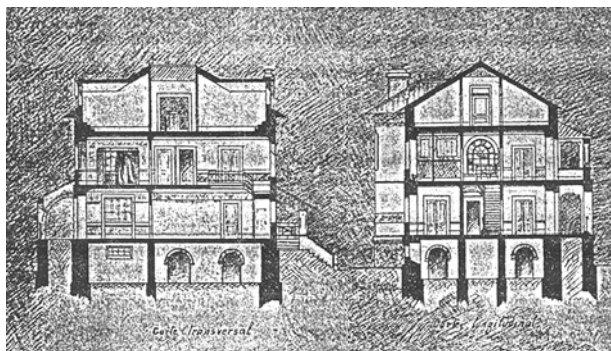


Figura 28 – «Tipo de habitação moderna» – Cortes transversal e longitudinal do projecto. Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2.

Materiais: As cantarias a utilizar no exterior (no revestimento do embasamento, nas travessas, ombreiras, peitoris, soleiras e ornatos de vãos) seriam em pedra calcária. Nos pavimentos interiores, à excepção da cozinha, seriam utilizadas madeiras em todos os compartimentos. Os compartimentos da cave, destinados a arrumos, seriam asfaltados.

No que se refere a peças de serralharia, apenas se podem referir os gradeamentos em ferro fundido das varandas e das escadarias exteriores.

A cobertura seria para revestir a telha de aba e canudo.

Utilização: Esta edificação destinava-se ao uso habitacional.

Distribuição funcional: O acesso principal à habitação, situado na fachada principal, é anunciado por uma escadaria integrada no embasamento. Na fachada lateral, onde sobressai um alpendre, existe uma outra escada, de acesso à cozinha e à copa.

Por sua vez, os núcleos funcionais da habitação, distribuídos por quatro pisos, articular-se-iam por intermédio de uma escada interior.

A cave, que funcionaria com caixa-de-ar do edifício, estava destinada a arrumos e dispensas. Esses espaços seriam servidos interiormente por uma escada existente na cozinha e exteriormente por uma larga porta que se destinava à entrada de objectos mais volumosos. A ventilação e iluminação da cave seriam garantidas por pequenos vãos abertos nas fachadas.

No rés-do-chão ou andar nobre, a porta de entrada daria acesso a um vestíbulo a partir do qual se sucediam: o salão, o escritório, a sala de jantar, a copa e a cozinha. O primeiro andar, composto por compartimentos mais privados, dispunha de quatro quartos, de uma sala de leitura (entre dois quartos) e de uma casa de banho. No espaço do primeiro piso existiria ainda uma pequena escada de acesso ao sótão. No desvão referido estava previsto espaço suficiente para acolher os dormitórios dos criados.

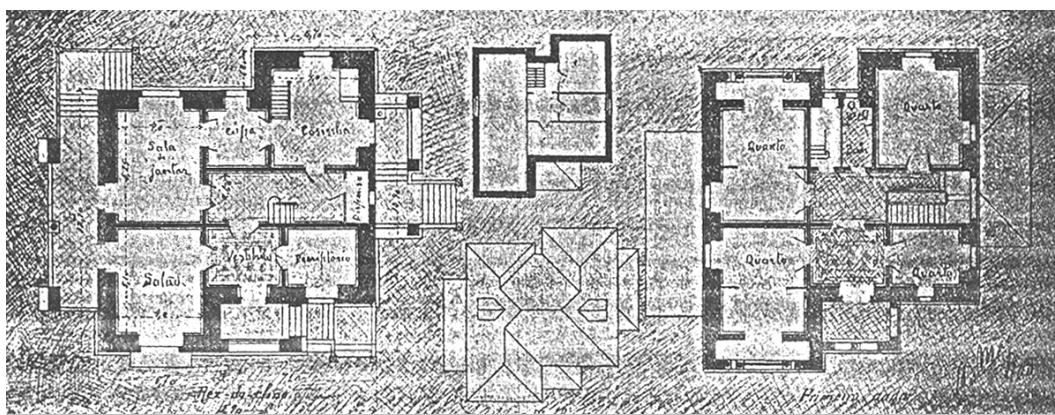


Figura 29 – «Tipo de habitação moderna» – Plantas do rés-do-chão, 1.º andar, sótão e cobertura do projecto.

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Tipo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2.

Forma/Conteúdo: No âmbito da configuração volumétrica, que não advém de um lote em particular, verifica-se a existência de um corpo principal e de outros mais pequenos, onde se localizam as varandas e aos alpendres. Na sequência da análise das peças desenhadas do projecto, depreende-se que a articulação dos espaços com os vários pisos é resultado de uma estrutura hierárquica. Esta organização acaba por se reflectir na configuração externa.

Quando se analisa essa ordenação pelo exterior, verifica-se que o volume de arranque (correspondente à cave) procura transmitir uma ideia de solidez e de

segurança. Este embasamento, revestido a pedra e com aberturas pequenas, agarra o edifício ao chão e garante-lhe uma boa implantação no terreno.

O piso do rés-do-chão, de cariz mais social, é menos pesado e abre-se ao exterior através de alpendres e varandas.

Nos compartimentos do primeiro andar a privacidade é garantida pela abertura indirecta dos vãos que, no caso dos dois quartos principais, desembocam em varandas salientes da fachada.

A cobertura desta habitação projecta-se em relação às empenas para acentuar o seu carácter protector.

Decoração: No exterior, apesar da nudez do embasamento, os elementos decorativos do conjunto constroem uma aparência acolhedora. Esses elementos não têm uma função exclusivamente decorativa, uma vez que são componentes construtivos em pedra como por exemplo colunas, travessas, ombreiras, peitoris, soleiras e consolas. Neste último caso, as consolas, transformadas numa sucessão de mísulas, servem de apoio às varandas salientes da fachada.

Dos restantes elementos decorativos exteriores, falta ainda referir os painéis de azulejo. Estes são utilizados para rematar o edifício superiormente e para enquadrar os parapeitos do rés-do-chão.

No interior, por se tratar de uma construção a custos controlados, a única referência que o autor faz a elementos decorativos, na memória descritiva publicada⁵⁴, diz respeito à decoração mais ou menos elaborada dos vigamentos do tecto (conforme o fim a que se destinam os compartimentos).

Pela observação dos desenhos do projecto constata-se que alguns dos compartimentos interiores apresentam lambris de azulejo nas paredes.

Estilo: A influência *Beauxartiana*, apreendida sob o magistério de José Luís Monteiro, poderá apontar-se-lhe (assim como da temática da casa portuguesa). De qualquer modo, a ornamentação que se verifica no tratamento dos seus componentes é bastante contida. No âmbito do desenvolvimento formal a exploração das massas é ainda muito subtil.

⁵⁴ Cf. MACHADO, Álvaro – Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2-3.

2.1.1.2. Jazigo dos Viscondes de Valmor (1900)



Figura 30 - Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa.
[AFCML]

Situação do imóvel/projecto: Não demolido/Não alterado
Localização/Morada: Cemitério do Alto de São João

O Visconde de Valmor, grande admirador das artes, sempre protegeu os que a cultivavam. Esse apoio aos artistas veio a materializar-se por intermédio do prémio pecuniário que instituiu, com o seu nome, para galardoar anualmente o arquitecto (e também o proprietário) do edifício mais notável construído na capital.

Após a sua morte (em 1900) o Grémio Artístico, dando corpo à ideia de edificar um jazigo no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa, para albergar os seus restos mortais (e

posteriormente os da Viscondessa sua mulher), abriu um concurso nacional. Álvaro Machado, que se tinha acabado de formar em 1898, ganhou o primeiro prémio deste concurso com um projecto cuja estética, na altura, se chama bizantina. A construção do jazigo, que demorou aproximadamente dois anos, foi da responsabilidade da firma António Moreira Rato & Filhos que por sua vez encarregou o mestre Eduardo para a direcção da oficina de cantaria. A incumbência da viscondessa neste processo foi o encargo financeiro com materiais e mão-de-obra⁵⁵, enquanto os artistas participantes, na sua maioria, ofereceram o contributo em homenagem ao Visconde. Dos artistas que contribuíram gratuitamente com o seu trabalho destacam-se Costa Mota sobrinho, que elaborou parte da cantaria decorativa, Vellozo Salgado, Carlos Reis, António Thomás da Conceição Silva e Condeixa, que executaram as pinturas internas, e também o dourador Manuel João. As quatro estátuas que se observam exteriormente nas bissectrizes dos ângulos do embasamento foram modeladas

⁵⁵ «A construção do Jazigo foi adjudicada por 24.900\$00 reis mas o custo final foi de 34.000\$00 sendo a maior parte da colaboração artística gratuita».

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo – Túmulo monumental do Visconde de Valmor (No Cemitério do Alto de São João) – Projecto do arquitecto Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 5, Anno I, (1908), p. 17.

pelos escultores José Moreira Rato, Fernandes de Sá, Thomás Costa e Costa Mota Tio, que à excepção dos outros fez o trabalho gratuitamente.

As peças de serralharia que formam a porta de entrada do jazigo foram executadas pelo Sr. Vicente Joaquim Esteves, mestre serralheiro, e o gradeamento que contorna o edifício foi executado pela firma Cardozo, Dargent & C.^a.

Técnica Construtiva: Para construção da maior parte do edifício foi utilizada pedra calcária (ligada por intermédio de argamassas à base de cal). A estereotomia dos aparelhos de pedra demonstra o enorme rigor e domínio da pormenorização por parte do autor⁵⁶.

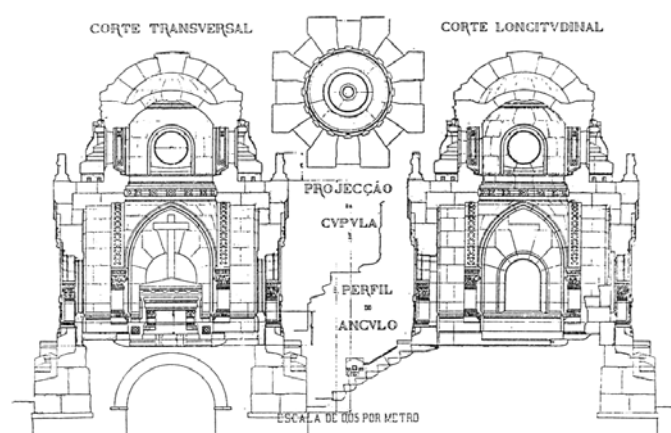


Figura 31 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa - Cortes transversal e longitudinal do projecto.

Figura extraída de:
MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 2.

Os entalhes e as juntas das várias peças de pedra foram concebidos de modo a produzir uma estereotomia que não se tornasse monótona nas grandes superfícies lisas. Esta disposição projectual foi trabalhada para que alguns dos elementos de pedra pudessem pertencer simultaneamente às duas faces do monumento (externa e interna). Os elementos da construção, visíveis no interior (arcos e colunas em pedra), e que são o apoio estrutural da cúpula do jazigo, acabam por se reproduzir no exterior mas com uma configuração diferente.

Materiais: As peças em cantaria utilizadas no exterior e os supedancos para assentamento das urnas no interior são em mármore lioz. No interior foram utilizados calcários coloridos para a execução de bases de colunas, fustes, capitéis e pavimento.

⁵⁶ «...a consciência meticulosa do detalhe, a observação lógica, precisa e estudada da sua estereotomia...»

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo – Túmulo monumental do Visconde de Valmor (No Cemitério do Alto de São João) – Projecto do architecto Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 5, Anno I, (1908), p. 17.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

No que se refere a peças de serralharia apenas se podem referir a porta de entrada, em bronze e vidro, e o gradeamento em torno do embasamento, executado em ferro fundido.

Utilização: Como já foi referido, esta edificação destinava-se a receber os restos mortais dos Viscondes de Valmor. Por outro lado, o túmulo era também um monumento de homenagem ao Visconde, por parte dos artistas portugueses impulsionadores da ideia (e da construção).

Distribuição funcional: O acesso ao jazigo é anunciado pela escadaria de oito degraus que sobressai do embasamento e que conduz à porta de entrada.

A planta é constituída por duas pequenas naves de igual comprimento que se interceptam em ângulo recto e dão ao conjunto uma disposição cruciforme (cruz grega). Os topos da referida cruz correspondem a quatro espaços no interior do jazigo: a entrada, o altar e os túmulos do casal de Viscondes.

Na nave principal, em frente ao topo de entrada, é visível um altar onde, sobrelevado do mesmo, surge a imagem do Crucificado. Nos dois topos da nave transversal existem dois supedancos para assentamento das urnas.

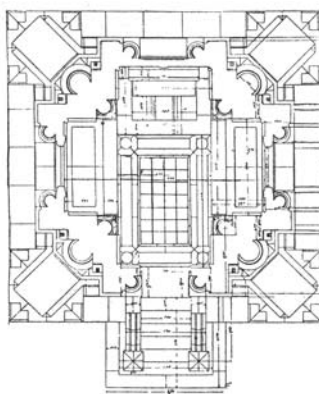


Figura 32 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Planta do projecto.

Figuras extraídas de: MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 2.

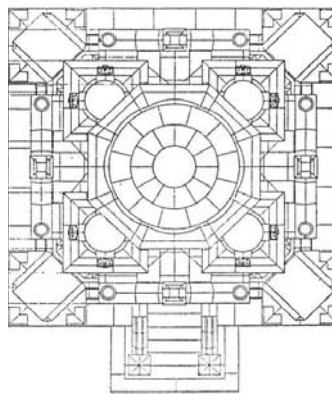


Figura 33 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Planta da cobertura do projecto.

Forma/Conteúdo: Com a análise das peças desenhadas do projecto depreende-se que a dupla simetria, segundo a qual se articulam os volumes, deu origem ao cruzamento das naves e à passagem da figura quadrada para a circular.

A cruz que nasce da conjugação geométrica serve de centro gerador de um prisma octogonal. Este volume, que simboliza a ascensão ao divino, conduz a luz para o

interior com auxílio das entradas de luz superiores. O fechamento desse corpo é garantido por uma forma sem arestas que confere ao tecto um carácter etéreo (a cúpula). No exterior, a mesma massa que irrompe do chão para reproduzir a importância do contexto interior, afirma a sua linguagem arquitectónica como um marco de autenticidade⁵⁷.

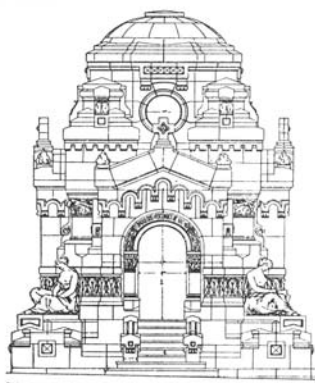


Figura 34 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alçado Principal do projecto.

Figura extraída de:
MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 2.

Decoração/Incorporação de artes plásticas: No interior, a cornija que gera o prisma octogonal apresenta, para além das molduras, pequenos motivos ornamentais constituídos por pontas de diamantes em mármore de cor. Os tímpanos estão preenchidos com pinturas a óleo que apresentam motivos de origem bizantina. Obedecendo à mesma unidade de estilo, a bizantina, as faces internas das naves igualmente estão decoradas com pinturas a óleo nas quais se representam alegorias relacionadas com os desígnios do jazigo.



Figura 35 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Pormenor da decoração interior. [AAP]

Figura extraída de:
CARVALHEIRA, Rosendo – Túmulo monumental do Visconde de Valmor (No Cemitério do Alto de São João) – Projecto do architecto Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 5, Anno I, (1908), Intercalar X.

⁵⁷ «...o sentido telúrico da estrutura que se ergue como emergindo do solo (...) deixando adivinhar profundas raízes...»

Cf. ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 18.

Do vocabulário da decoração exterior sobressaem as séries de arcaturas e de modilhões sob as cornijas, os pórticos de arcos e colunas que rematam os vãos, e as linhas de frontão coroadas por ornatos em forma de cruz.

São ainda de salientar, com elementos fundamentais da decoração exterior, as estátuas que repousam nas bissectrizes dos quatro ângulos do embasamento. A importância das mesmas deve-se ao facto de cada uma delas estar associada uma representação simbólica (a arquitectura, a pintura, a escultura, e a gravura).



Figura 37 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alegoria à arquitectura
[AFCML]



Figura 36 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alegoria à pintura
[AFCML]



Figura 39 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alegoria à escultura
[AFCML]



Figura 38 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alegoria à gravura
[AFCML]

Estilo: Inspirado em modelos italianos⁵⁸, como se lhe apontou, o túmulo apresenta muito maior interesse no lançamento da sua volumetria geral do que na particularização dos seus componentes. Esta perda de sobriedade é evidente no

⁵⁸ “...certamente inspirado nos modelos italianos, frequentemente reproduzidos em revistas nacionais da especialidade, particularmente em *A Construção Moderna*”. Cf. ANACLETO, Regina – Neoclassicismo e romantismo. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 10. p. 120.

tratamento das paredes frontais onde, lamentavelmente, se perde a contenção e a simplicidade que a volumetria geral assegura ao conjunto.

Por outro lado, a mesma manipulação de volumes observada no exterior também não apresenta continuidade na afirmação dos espaços interiores. Assim sendo pode-se até dizer que limitação deste Estilo (que veio a ser chamado de neo-românico) residia no facto de a sua volumetria ser manipulada de modo superficial. Em termos decorativos, a bizantinice que lhe foi colada, para além de ofuscar a clareza das massas, impediu-o de ser verdadeiramente pré-moderno.

De qualquer modo, quando se analisa este edifício, é essencial focar a relevância e a repercussão que teve na época como «...obra normativa, um modelo estrutural...»⁵⁹.

Este Estilo, inaugurado na cidade de Lisboa pelo Jazigo dos Viscondes de Valmor, não surgiu apenas como mais um revivalismo formal. A estrutura intrínseca que possuía exprimia-lhe uma força e uma autenticidade que nenhum outro neo poderia sequer tentar.

O neo-românico era dotado de uma força ética que não se construía a partir de valores exteriores à arquitectura mas, sim, pela exploração da linguagem arquitectónica em si mesma.

O vínculo a esses valores atribuía-lhe uma modernidade crítica evidente.

⁵⁹ Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p. 179.

2.1.1.3. Casa para o Sr. General Oliveira Gomes (1901)



Figura 40 – Casa para o Sr. General Oliveira Gomes – Fachada Principal e Lateral.

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N. ° 30, Anno II, (1901), p. 2.

Situação do imóvel/projecto: Desconhecida/ Desconhecida

Localização/Morada: Desconhecida/ Desconhecida

O orçamento⁶⁰ e o projecto para a construção desta casa foram requeridos pelo Sr. General Oliveira Gomes ao architecto Álvaro Machado. A moradia a construir, num terreno de uma zona rural, teria um orçamento limitado. O programa funcional desta casa de campo materializava as necessidades de uma família que, para este tipo de habitação, privilegiava espaços aconchegados.

Técnica Construtiva: O edifício seria construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria de pedra e tijolo (que envolveria toda a cintura do edifício dos alicerces até ao inicio da cobertura).

As lajes dos pavimentos seriam estruturas de barrotes de madeira. O vigeamento das lajes ficaria à vista para evitar custos com forros de tecto.

A cobertura teria, provavelmente, uma estrutura de asnas de madeira.

⁶⁰ «O orçamento aproximado d'esta construção é de 4.000\$00 reis»

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N. ° 30, Anno II, (1901), p. 3.

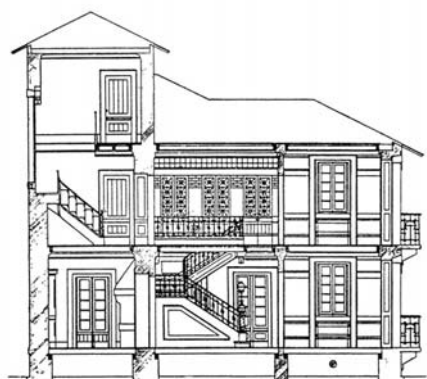


Figura 41 – Casa para o Sr. General Oliveira Gomes – Corte em AB.

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N. ° 30, Anno II, (1901), p. 2.

Materiais: As peças em cantaria a utilizar no exterior destinavam-se a travessas, peitoris, soleiras, mísulas e colunas.

Nos pavimentos interiores, o vestíbulo de entrada, as instalações sanitárias, a cozinha e a dispensa apresentavam ladrilhos.

Os pavimentos em madeira⁶¹ destinavam-se a todos os quartos, aos corredores do primeiro piso, à casa de jantar e à sala.

No que se refere a serralharias, apenas se podem citar os gradeamentos em ferro fundido que se observam nas varandas exteriores.

No âmbito das carpintarias exteriores, destacam-se as caixilharias das portas e das janelas. A instalação das janelas efectuar-se-ia nos enxalços das paredes e algumas iriam dispor de persianas móveis. No interior, para além dos pavimentos, a madeira é utilizada nas guardas de escadas.

A cobertura, de sistema marselhês, iria projectar-se das empenas através do prolongamento das varas e das ripas onde assentavam as telhas.

Utilização: Esta edificação destinava-se ao uso habitacional.

Distribuição funcional: O edifício iria dispor de três entradas. A mais importante iria encontrar-se sob um alpendre (visível na fachada principal) que permitiria o acesso directo à sala e à casa de jantar. Na fachada lateral, numa zona onde sobressai um varandim, iria existir uma entrada independente para um vestíbulo de distribuição, e ainda outra, resguardada por um arco de volta perfeita, que daria acesso à cozinha.

⁶¹ «Os solhos, à ingleza, encaveirados»

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N. ° 30, Anno II, (1901), p. 3.

Os dois núcleos funcionais que se podem encontrar nesta habitação, o social e o privado, estavam distribuídos por três pisos e articulavam-se através de duas escadas interiores.

No rés-do-chão, a porta de entrada lateral daria acesso a um vestíbulo que comunicava com a sala, a casa de jantar, a cozinha e a copa.

O primeiro andar, acessível através da escada do vestíbulo de distribuição, reunia os compartimentos mais privados, ou seja, dispunha de três quartos, de uma casa de banho e de um varandim cuja cobertura se apoiava em quatro colunelos. No espaço do primeiro piso existiria ainda uma pequena escada de acesso ao quarto existente no volume mais elevado desta habitação.

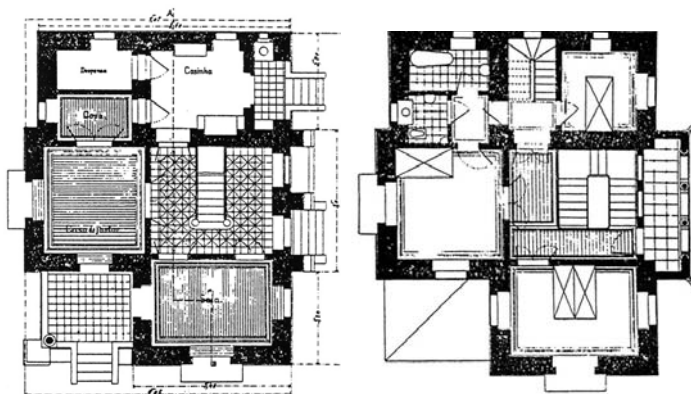


Figura 42 – Casa para o Sr. General Oliveira Gomes – Plantas do rés-do-chão e do primeiro andar.

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 30, Anno II, (1901), p. 2.

Forma/Conteúdo: No âmbito da volumetria constata-se a existência de um paralelepípedo principal que serve de base para a adição do volume do último piso e para a subtracção que gera o espaço do alpendre de entrada.

Com a análise da estrutura funcional do projecto depreende-se que a distribuição dos espaços pelos pisos é resultado de uma estrutura hierárquica. No entanto, a referida organização acaba por não se reflectir de modo evidente na aparência exterior. Na sequência da observação das fachadas pode constatar-se que os volumes da zona do rés-do-chão, de cariz mais social, se abrem ao exterior através de um alpendre e de algumas janelas de sacada que terminam em varandas.

Nas zonas da fachada que acomodam os quartos dos últimos pisos, onde se exige uma maior privacidade, observam-se praticamente o mesmo tipo de aberturas. De facto, nos pisos superiores, à excepção do varandim do primeiro piso, o autor limitou-se a repetir o mesmo tipo de vãos que utilizou no rés-do-chão.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

As coberturas desta habitação, pelo facto de se projectarem das empenas reforçam o seu sentido protector.

Decoração: No exterior a singeleza do embasamento é contrabalançada pelos elementos que constroem a restante composição exterior. Esses elementos, maioritariamente pétreos, não têm uma função puramente decorativa, ou seja, são elementos construtivos tais como colunas, travessas, peitoris, soleiras e consolas. Neste último caso, as consolas, transformadas em mísulas, servem de apoio às varandas que sobressaem da fachada.

Dos restantes elementos decorativos exteriores, falta ainda referir os painéis de azulejo e o tijolo maciço. Os primeiros são utilizados para rematar as sequências de beirais e para reforçar o enquadramento das janelas de peito. Os segundos aparecem a delimitar os painéis de azulejo, em capeamentos de muros, a assinalar a zona da laje nas fachadas e a estabelecer as estruturas de alvenaria dos arcos de volta perfeita e das chaminés.

No interior, por se tratar de uma construção de orçamento reduzido, o autor volta a recorrer ao azulejo e ao tijolo como motivo decorativo.



Figura 43 – Casa para o Sr. General Oliveira Gomes – Fachada lateral e posterior.

Figura extraída de:
CARVALHEIRA, Rosendo
– Casa para o sr. general
Oliveira Gomes, projecto do
architecto, sr. Álvaro
Machado. **A Construção
Moderna**. Lisboa. N.º 30,
Anno II, (1901), p. 2.

Estilo: O balanço que a cobertura deste edifício apresenta poderá lembrar os telhados de alguns *chalets* desenvolvidos por José Luís Monteiro. No entanto a repetição e a sobriedade que o autor imprimiu na composição das fachadas são conceitos que se aproximam mais da aparência prtoracionalista presente em alguns edifícios de construção económica elaborados pelo seu contemporâneo Ventura Terra.

No âmbito da volumetria não existe nenhuma situação particularmente relevante uma vez que a exploração das massas é ainda muito tímida.

2.1.1.4. Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos (1902)



Figura 44 – Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos – Fachada principal e lateral. Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. °81, Anno III, (1902), p. 170.

Situação do imóvel/projecto: Desconhecida/ Desconhecida

Localização/Morada: Lisboa/ terreno desconhecida em Bemfica

O projecto e o orçamento⁶² desta casa foram encomendados pelo Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos ao arquitecto Álvaro Machado. A moradia a construir, num terreno em Bemfica, seria uma habitação a custos controlados. O programa funcional desta casa procurava concretizar o modo de vida de uma família que privilegiava, em detrimento dos outros espaços, a grandiosidade da casa de jantar.

Técnica Construtiva: O edifício seria construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria de pedra e tijolo (que envolveria toda a cintura do edifício dos alicerces até ao início das coberturas). As lajes dos pavimentos seriam uma estrutura de barrotes de madeira. A estrutura da cobertura seria, como se pode comprovar pelo corte transversal, um sistema de asnas de madeira.

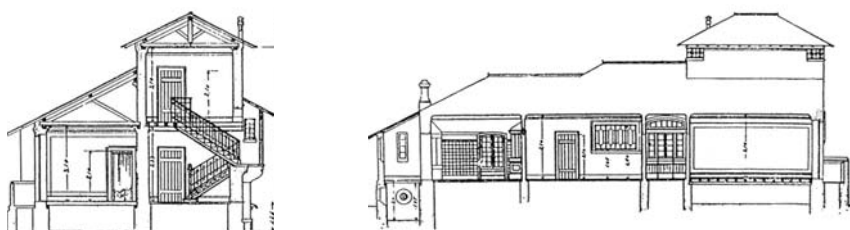


Figura 45 – Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos – Cortes em AB e em CD.

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. °81, Anno III, (1902), p. 170.

⁶² «...o preço aproximado d'esta construção é de 3:000\$000 reis»

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. °81, Anno III, (1902), p. 171.

Materiais: As cantarias seriam utilizadas somente em peitoris, soleiras e degraus de escadas. Nos pavimentos interiores, os vestíbulos de entrada, as instalações sanitárias, a cozinha e os corredores apresentavam ladrilhos. Os pavimentos em madeira destinavam-se apenas aos quartos, à casa de jantar e à sala. No interior, a madeira é ainda utilizada nas guardas de escadas. No âmbito das carpintarias exteriores, só se podem salientar as caixilharias das portas e das janelas. Nos tectos encontrar-se-iam estuques lisos, sem qualquer tipo de ornatos. O telhado, de sistema marselhês, projectava-se das empenas através do prolongamento das varas e das ripas onde assentavam as telhas.

Utilização: Esta edificação destinava-se ao uso habitacional.

Distribuição funcional: O edifício disporia de três entradas. A mais importante encontrar-se-ia na fachada principal. Esta iria comunicar com a sala de entrada através da mesma antecâmara que garantia um acesso autónomo à habitação do 1.º andar. Na fachada lateral, numa zona onde sobressai uma escadaria, existiria uma entrada independente para um vestíbulo de distribuição, e ainda outra, localizada no final do edifício, que daria acesso à cozinha. As áreas sociais e privadas que se encontravam na habitação principal, distribuíam-se num único piso. Nesse andar nobre, a porta de entrada lateral dava acesso a um vestíbulo a partir do qual se sucediam: o escritório, a sala, a casa de jantar, os três quartos, a cozinha, a casa dos engomados e o quarto da criadas. No primeiro andar encontrava-se o quarto de um hóspede, com instalação sanitária privativa, e seria acessível através da única escadaria interna que existia no edifício.

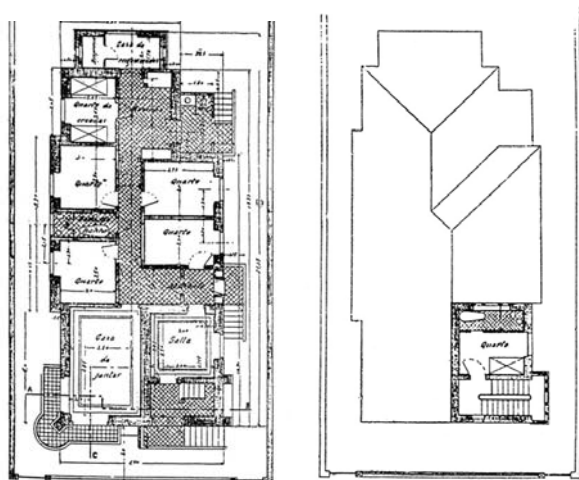


Figura 46 – Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos – Plantas do rés-do-chão e do 1.º andar.

Figura extraída de:
CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 81, Anno III, (1902), p. 170.

Forma/Conteúdo: No âmbito da volumetria existe um corpo base que é o sustentáculo das adições das escadarias e das varandas, do volume que alberga a

cozinha e do compartimento que se observa no último piso. Da análise do programa funcional do projecto depreende-se que a distribuição dos espaços pelos pisos é resultado de uma hierarquia. No entanto, a organização referida acaba por não ter uma expressão evidente na configuração exterior.

Na decorrência da observação das fachadas constata-se que os volumes adicionados na base do edifício (varandas e escadarias) servem para abrir a casa ao exterior. Nas zonas da fachada que acomodam os quartos, a sala e o escritório, observam-se, pragmaticamente, o mesmo tipo de aberturas. Contudo, as janelas da cozinha e casas de banho, as portas de entrada, e as sacadas da casa de jantar apresentam configurações específicas. As coberturas desta habitação, pelo facto de se projectarem das empenas, reforçam o seu sentido protector.

Decoração: A simplicidade geral da composição exterior é contrabalançada pela anexação de volumes ao corpo principal. Esses elementos (varandas, escadarias, consolas e contrafortes), construídos em alvenaria (para evitar a utilização de pedra), apesar da pertinência funcional e estrutural que têm, animam a composição volumétrica e acabam por adquirir uma importância decorativa. Dos restantes elementos decorativos exteriores, é necessário ainda referir os painéis de azulejo e alguns frisos. Os primeiros são utilizados para rematar os beirais do volume que alberga o quarto do hóspede. Os segundos aparecem a finalizar a zona superior dos vãos mais importantes. No interior, por se tratar de uma construção de orçamento reduzido, o autor recorre a um acabamento de estuque liso.

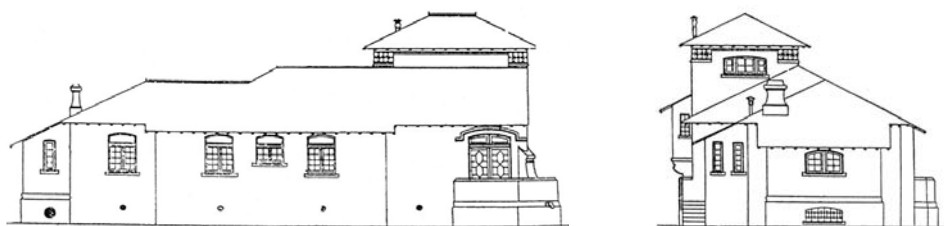


Figura 47 – Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos – Fachada lateral e posterior.

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. °81, Anno III, (1902), p. 170.

Estilo: O balanço que a cobertura desta casa apresenta, poderá, à semelhança do que acontece na casa para o Sr. General Oliveira Gomes, lembrar os telhados de alguns *chalets* elaborados por José Luís Monteiro. Por outro lado, a simplicidade que o autor concedeu às fachadas desta casa aproximam-na mais da estética moderna do que de um suposto modelo pitoresco⁶³.

⁶³ «A maior economia exigida pelo proprietário, levou o auctor do projecto a basear a sua composição em motivos unicamente pittorescos, procurando assim dar-lhe um aspecto de uma casa de campo, da maior simplicidade».

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. °81, Anno III, (1902), p. 171.

2.1.1.5. Casa do Sr. Manuel d'Almeida (1902)



Figura 48 – Casa do Sr. Manuel d'Almeida – Fachada principal e lateral.

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d'Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. °77, Anno III, (1902), p. 3.

Situação do imóvel/projecto: Desconhecida/ Desconhecida

Localização/Morada: Lisboa/ Rua Borges Carneiro, na Freguesia da Lapa

O projecto desta casa, a construir na Rua Borges Carneiro, na Freguesia da Lapa, foi encomendado pelo Sr. Manuel d'Almeida ao arquitecto Álvaro Machado. A intenção do encomendante deste projecto era construir uma casa de aluguer que, não sendo demasiado luxuosa, satisfizesse as exigências de duas famílias numerosas e abastadas. Na decorrência dum projecto desta complexidade o autor previu um custo bastante elevado para a construção do mesmo⁶⁴.

Técnica Construtiva: O edifício seria construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria de pedra e tijolo (que envolveria toda a cintura do edifício dos alicerces até ao início das coberturas). As lajes dos pavimentos seriam uma estrutura de barrotes de madeira. A estrutura da cobertura seria, como se pode comprovar pelos cortes, um sistema de asnas de madeira.

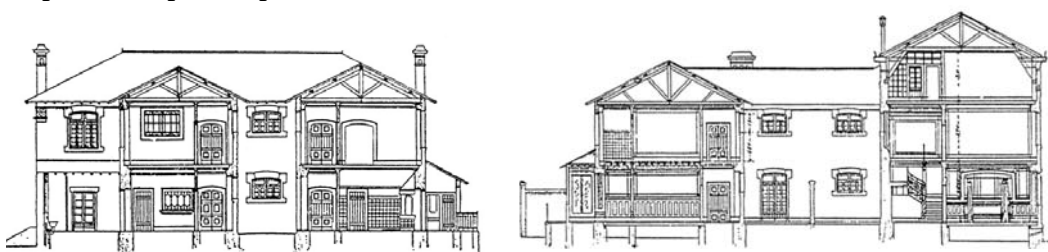


Figura 49 – Casa do Sr. Manuel d'Almeida – Corte transversal e longitudinal.

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d'Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. °77, Anno III, (1902), p. 3.

⁶⁴ «O custo de esta construção é approximadamente de 22 a 24 contos de reis».

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d'Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. °77, Anno III, (1902), p. 2.

Materiais: As peças de cantaria a utilizar no exterior destinavam-se a travessas, peitoris, soleiras, mísulas, colunas e ao revestimento do embasamento da fachada principal. Nos pavimentos interiores, o corredor de entrada, o vestíbulo de distribuição, o corredor do rés-do-chão, a cozinha, o jardim de Inverno e as instalações sanitárias (do 1.º andar) apresentavam ladrilhos. Os soalhos em madeira destinavam-se aos quartos, ao corredor do primeiro piso, à casa de jantar (e de bilhar), ao escritório, à saleta de entrada e à sala. No interior a madeira é ainda utilizada nas guardas de escadas. No que se refere a serralharias, apenas se podem referir os gradeamentos em ferro fundido que se observam nas varandas e nos muros que acompanham a fachada principal. No âmbito das carpintarias exteriores, salientam-se as caixilharias das portas e das janelas. A cobertura do corpo principal do edifício, revestida a telha Marselha, destaca-se pela presença do algeroz e dos respectivos elementos de fixação que pontuam as cimalhas. As coberturas dos restantes corpos da casa, também de sistema marselhês, distinguem-se pelo prolongamento da estrutura de assentamento das telhas.

Utilização: Esta edificação destinava-se ao uso habitacional.

Distribuição funcional: Cada uma das casas que o edifício iria albergar dispunha de quatro entradas. A mais importante estava sob o arco de volta perfeita que se observa na fachada principal. Essa entrada iria conduzir ao vestíbulo de distribuição principal. Nas duas fachadas laterais, numa zona onde sobressaem alpendres (que abrigavam as pias de lavagens e as retretes dos criados), iria existir uma entrada independente para a cozinha, e ainda outra, anunciada por uma pequena escadaria, que daria acesso à casa do criado. Na fachada posterior das casas existiriam ainda escadas de acesso ao jardim.

As duas habitações deste edifício ficariam isoladas por divisórias e por um pátio, localizado sensivelmente ao centro do edifício. Essa solução, apesar de não ser exemplar, garantia a entrada de luz natural nos corredores e assegurava a ventilação transversal dos compartimentos. As janelas e as portas desse pátio dispunham de um posicionamento que impedia a invasão da privacidade entre vizinhos. Em termos gerais, o programa funcional de cada uma das habitações albergava três núcleos funcionais: o primeiro centralizava as áreas sociais e de trabalho, o segundo reunia aos compartimentos mais íntimos e o terceiro correspondia às zonas de serviço doméstico. Os inúmeros compartimentos que se

observam em cada uma das habitações distribuíam-se por três pisos (rés-do-chão, primeiro andar e sótão, no corpo principal do edifício) e articulavam-se por intermédio de três escadas interiores.

No rés-do-chão (zona onde se concentravam os espaços de cariz social) a porta de entrada principal dava acesso às duas salas de recepção (saleta e sala) e a um vestíbulo de distribuição. A partir desse compartimento sucedia-se o escritório, a caixa da escada e o acesso ao corredor de distribuição. Com entrada nesse corredor sucediam-se a engomadoria (que abrangia dois pisos), a copa (ligada à cozinha) e a casa de jantar. A referida casa de jantar foi concebida para servir de zona de bilhar mas também para permitir a instalação, na parte posterior, de um jardim de Inverno (com acesso ao jardim exterior). O primeiro andar, acessível através da escada do vestíbulo de distribuição, reunia as divisões mais privadas, ou seja, dispunha de quatro quartos (equipados com *toilette*), de uma casa de banho, de uma dispensa de roupa engomada e de uma escada que permitia o acesso ao segundo andar do corpo principal do edifício. No espaço desse último piso existiriam dois quartos para criadas e instalações sanitárias.

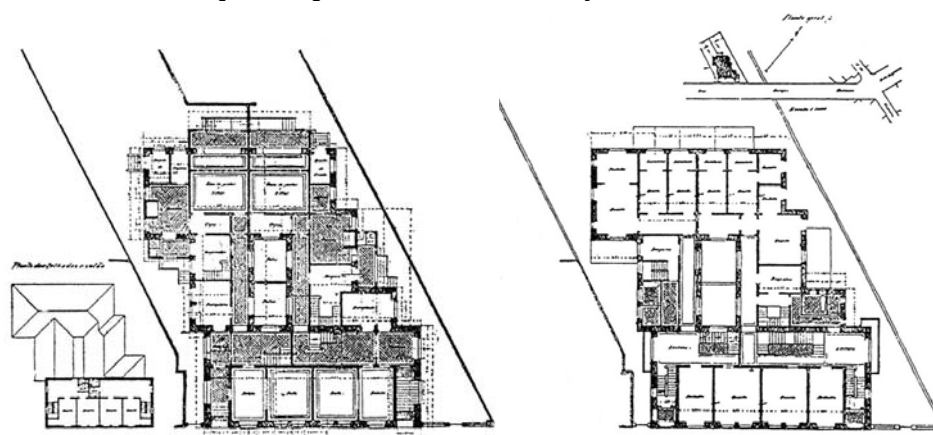


Figura 50 – Casa do Sr. Manuel d’Almeida – Plantas do rés-do-chão e do 1.º andar.
Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d’Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. 77, Anno III, (1902), p. 3.

Forma/Conteúdo: A irregularidade que a planta apresenta decorre da obliquidade do lote mas também da circunstância da casa que, sendo de aluguer, obriga a uma distribuição funcional independente.

No âmbito da volumetria constata-se que o corpo da fachada principal procura transmitir uma ideia de solidez e de segurança ao conjunto. Este volume, através do embasamento de pedra, agarra o edifício ao chão e garante-lhe uma boa

implantação no terreno. Os restantes volumes, mais baixos e menos pesados, agregam-se ao corpo principal e acompanham a obliquidade do muro sem nunca porem em causa a lógica de distribuição interna das casas.

Da análise da estrutura funcional do projecto depreende-se que a distribuição dos espaços pelos pisos é resultado de uma hierarquia. No entanto, a referida organização não se evidencia no exterior. Na sequência da observação das fachadas constata-se que as zonas do rés-do-chão, de cariz social, se abrem ao exterior através de alpendres laterais e do varandim posterior. Nas zonas da fachada que acomodam os quartos do primeiro andar observam-se praticamente o mesmo tipo de aberturas. De facto, no primeiro piso (exceptuando o varandim do corpo principal e as janelas das instalações sanitárias), assiste-se à repetição da tipologia de vãos que foi utilizada no rés-do-chão. No âmbito das coberturas o maior requinte que se observa na cimalha do corpo principal advém da maior sumptuosidade que se exige à fachada principal. As restantes coberturas do edifício projectam-se das empenas para reforçar o seu sentido protector.

Decoração: A simplicidade que caracteriza os corpos posteriores é contrabalançada pelo maior refinamento dos elementos decorativos que são colocados no corpo principal do edifício. Esses ornatos, maioritariamente pétreos, não têm uma função puramente decorativa, ou seja, são elementos construtivos tais como colunas, travessas, ombreiras, peitoris, soleiras e consolas. Neste último caso, as consolas, transformadas em mísulas, servem de apoio às varandas. Dos restantes elementos decorativos exteriores, salientam-se os painéis de azulejo e o aparelho de pedra que configura o embasamento. Os primeiros são utilizados para decorar o entablamento do corpo principal. Os segundos surgem para reforçar a solidez da frontaria do edifício. Pela observação dos cortes do projecto constata-se que algumas das paredes interiores apresentam lambris de azulejo e de madeira.



Figura 51 – Casa do Sr. Manuel d’Almeida – Fachada posterior e lateral Sul.

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d’Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. °77, Anno III, (1902), p. 3.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Estilo: As coberturas balançadas e o requinte que as fachadas do corpo principal apresentam, poderão aproximar-se de uma feição eclética, apreendida sob a docência de José Luis Monteiro. No entanto, a modelação e a simplicidade que se observa nas fachadas são conceitos que se aproximam mais de uma estética racionalista. No âmbito do desenvolvimento formal salienta-se a espontaneidade que caracteriza as várias adições de volumes presentes na composição.

2.1.1.6. Igreja-Monumento à Imaculada Conceição (1904)



Figura 52 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Perspectiva do Conjunto – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. [MDCivil – IST]

Situação do projecto: Não construído

Localização/Morada: Lisboa/ Picoas

No âmbito das comemorações do quinquagésimo aniversário da definição do respectivo dogma de fé⁶⁵, foi lançado pela comissão encarregue da celebração, em 23 de Julho de 1904, um concurso para o projecto de uma Igreja-Monumento dedicada à Virgem da Imaculada Conceição. O concurso, limitado a arquitectos portugueses, exigia um orçamento desenvolvido⁶⁶ e impunha a submissão do projecto ao gosto neo-românico. O edifício seria para erguer em Picoas no terreno onde actualmente existe a Maternidade Alfredo da Costa.

⁶⁵ «Conceição, Imaculada – Não se trata, como se crê muitas vezes, da concepção de Jesus no seio da Virgem, mas da Concepção da virgem no seio da sua mãe, Santa Ana, que por um favor especial de Deus, foi isenta da nódoa ou “mácula original”.

A festa da Imaculada Conceição da Santa Virgem, muito antiga no Oriente, generalizou-se no século XII; mas é somente em 1854 que o Papa fez desta crença um dogma de fé. A virgem da Imaculada Conceição é representada de cabelos longos, em pé, numa lua em crescente e subindo ao céu»

Cf. PAIS DA SILVA, Jorge Henrique; CALADO, Margarida – **Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura**. 1.ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2005. p. 106

⁶⁶ «A quantia destinada para a construção é calculada no máximo de cento e cinquenta contos de reis aproximadamente».

Cf. MONTEIRO, José Luís [et.al.]– Igreja-Monumento à Immaculada Conceição – Concurso Nacional. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX**. Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1904). p. 52.



Figura 53 – Cerimónia do lançamento e da bênção da 1ª pedra para a construção da Igreja-Monumento à Imaculada Conceição. [AFCML]

Entregues os projectos, o júri⁶⁷, a 22 de Novembro de 1904, atribuiu o primeiro prémio ao Arquitecto Evaristo Gomes. No conjunto de onze concorrentes Álvaro Machado ficou em segundo lugar. Todavia, apesar de ter sido lançada e benzida a primeira pedra, a construção nunca chegou a arrancar.

Técnica Construtiva: As várias combinações de arcos de volta perfeita com colunas dão origem aos módulos estruturais que configuram a maior parte dos espaços interiores. O espaço da nave principal é constituído por uma grande abobada de berço na qual se interceptam outras seis transversais (também de berço) concluídas por meias cúpulas. A zona do cruzeiro, remate da nave principal, é coberta por uma dupla cúpula que descarrega num pórtico (também formado por arcos e colunas). Por sua vez, os topos laterais desse espaço e a cabeceira são conformados por abobadas de berço encerradas por meias cúpulas. No exterior, o pórtico que sustenta a torre sineira é também uma associação de arcos de volta perfeita e colunas. Nas fachadas e nas absides laterais, as paredes são facetadas para permitir uma melhor inclusão de fenestrações. Na maioria das empenas as aberturas dos vãos de iluminação são conquistadas através de arcos de volta perfeita (por vezes apoiados em colunas).

Nos edifícios anexos à igreja, as coberturas são garantidas por sistemas de asnas de madeira. Na nave principal e nas capelas os vãos dos tectos são assegurados por abobadas de berço em alvenaria de pedra.

⁶⁷ «O júri compor-se-á de 4 arquitectos (...) sendo um nomeado pela Academia Real das Bellas Artes de Lisboa (José Luís Monteiro), outro pela Sociedade dos Architectos Portuguezes (Alfredo d'Ascensão Machado), outro pela Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes (Ventura Terra), e o quarto designado por esta Comissão (José Alexandre Soares), funcionando este júri sob a presidência de S. Eminência o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa...»

Cf. MONTEIRO, José Luís [et.al.]– Igreja-Monumento à Immaculada Conceição – Concurso Nacional. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX.** Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1904). p. 53.

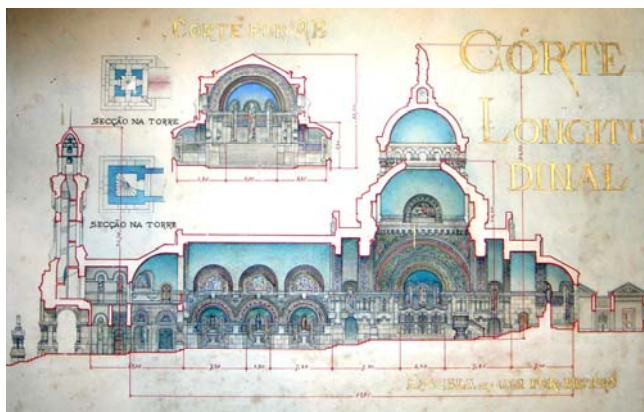


Figura 54 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Corte longitudinal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. [MDCivil – IST]

Materiais: As faces exteriores dos módulos estruturais do edifício seriam em pedra calcária. No intradorso seriam em alvenaria rebocada. No interior, para a execução de bases de colunas, fustes e capitéis, seriam utilizados calcários coloridos. No âmbito das peças de serralharia podem referir-se os gradeamentos dos muros exteriores e as protecções interiores dos altares das capelas transversais. O resguardo dos vãos das portas e janelas seria assegurado por sistemas de carpintaria em madeira envernizada. No que se refere a materiais translúcidos e transparentes seriam utilizados vidros incolores nos compartimentos dos anexos e vidros coloridos na composição dos vitrais da igreja. No conjunto das várias naves que se articulam entre si, os volumes com coberturas de duas ou mais águas seriam revestidos a telha.

Utilização: O conjunto a edificar teria de cumprir, acima de tudo, a função simbólica de homenagear a Virgem da Imaculada Conceição, padroeira do Reino de Portugal. No entanto, o complexo teria também de albergar duas sacristias, uma escola para cem alunos e uma sede para confrarias ou irmandades.

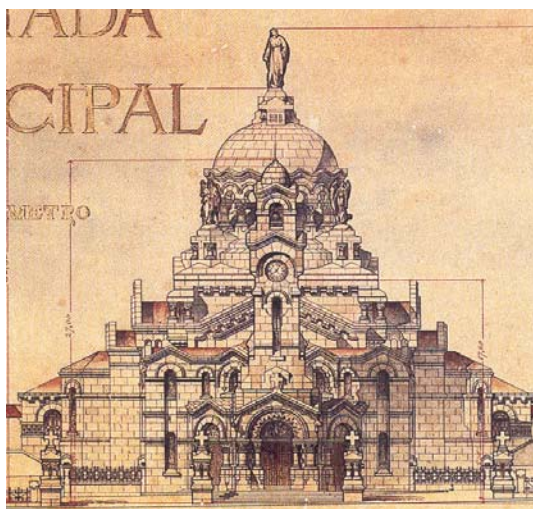


Figura 55 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Excerto da fachada principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,60x0,60m. [MDCivil – IST]

Distribuição funcional: No frontispício do complexo existe um elemento que sobressai do corpo da nave principal. Esse elemento de referência, a torre sineira, serve para assinalar a entrada da igreja. Na zona inferior da mesma existe um pórtico que funciona como antecâmara da porta principal. Efectuada a entrada na nave principal da igreja pode observa-se, num espaço mais elevado e adjacente à torre, o balcão do coro alto. O espaço de culto, de planta rectangular (com uma orientação longitudinal nascente/poente, como as igrejas românicas), é composto por uma nave principal grandiosa, onde se concentrariam os fiéis, e por outras seis naves laterais de menor dimensão. Em cada uma dessas naves que interceptam transversalmente a principal (no lado esquerdo e no lado direito), existe um altar dedicado a uma Virgem diferente⁶⁸.

No final da nave principal observa-se um cruzeiro onde assenta, à semelhança da torre lanterna das igrejas românicas, uma grande cúpula de iluminação zenital. Nos topos laterais desse espaço figuram duas capelas de dimensão assinalável. A que se apresenta do lado esquerdo do cruzeiro era dedicada ao Santíssimo Sacramento e a que surge no topo oposto à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Porém, é na cabeceira que surge o espaço de maior importância, a Capela-mor. Este coroamento e o respectivo altar, sobrelevado em relação aos restantes espaços, seriam evidentemente dedicados à Imaculada Conceição.

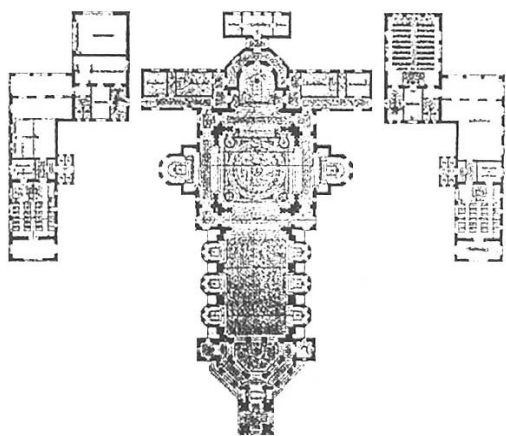


Figura 56 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Planta.

Figura extraída de: MONTEIRO, José Luís [et.al.]– Igreja-Monumento à Imaculada Conceição – Concurso Nacional. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX.** Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1904). p. 54.

Forma/Conteúdo: Com a observação da fachada lateral do complexo constata-se que a torre sineira é o único volume vertical que se evidencia para além da cúpula. Esse corpo vertical, solto da nave e do próprio chão (por intermédio do pórtico),

⁶⁸ Os altares das 6 naves laterais seriam dedicados à Nossa Senhora do Rosário, à Nossa Senhora das Dores, à Nossa Senhora das Vitórias, à Nossa Senhora do Carmo, à Nossa Senhora da Piedade e à Nossa Senhora do Bom Conselho.

marca o momento de entrada e estabelece a transição com o interior (semelhante a um nártex).

A nave principal é um volume de grandes dimensões ao qual são adicionados outros. Os corpos mais pequenos que lhe são anexados servem para modelar e para intensificar a envolvência do seu interior. No contexto desse interior intimista, é de salientar o auxílio dos vitrais existentes em empenas e naves laterais. No final da nave principal observa-se a moldura que o grande pórtico estabelece para enquadrar a luz proveniente da cúpula.

O cruzeiro, espaço imerso de luz zenital, funciona como uma atmosfera cortina que transforma os altares em espaços difusos e etéreos. Com a observação da planta onde se enquadra o cruzeiro, depreende-se que a geometria geradora da cúpula assenta na conjugação do quadrado e do círculo.

A cúpula, que no projecto de Álvaro Machado corresponde à intercepção de dois volumes esféricos, conduz a luz divina para o local da celebração. Porém, é na cabeceira que fica o espaço de maior importância, a capela-mor. Nesse compartimento, o altar-mor é enquadrado por um arco triunfal e implantado na cota mais elevada do espaço interior.

No âmbito da volumetria externa, o vigor que as massas verticais conferem ao corpo da igreja é atenuado pela horizontalidade e pela fragmentação que caracteriza os edifícios destinados aos apoios do complexo.

Decoração/Incorporação de artes plásticas: Como pontos essenciais da decoração exterior destacam-se as figuras existentes nos quatro ângulos do volume do cruzeiro e a colossal estátua da Virgem da Imaculada Conceição que remata a enorme cúpula (uma exigência de concurso mais bizantina que românica). Do léxico decorativo neo-românico salientam-se: as séries de arcaturas (sob as linhas de frontão) e de modilhões (sob as saliências das cornijas), os pórticos de arcos e colunas (a rematar vários tipos de vãos) e os ornatos em forma de cruz que coroam os topos de algumas linhas de frontão (como é visível no pórtico da torre sineira).

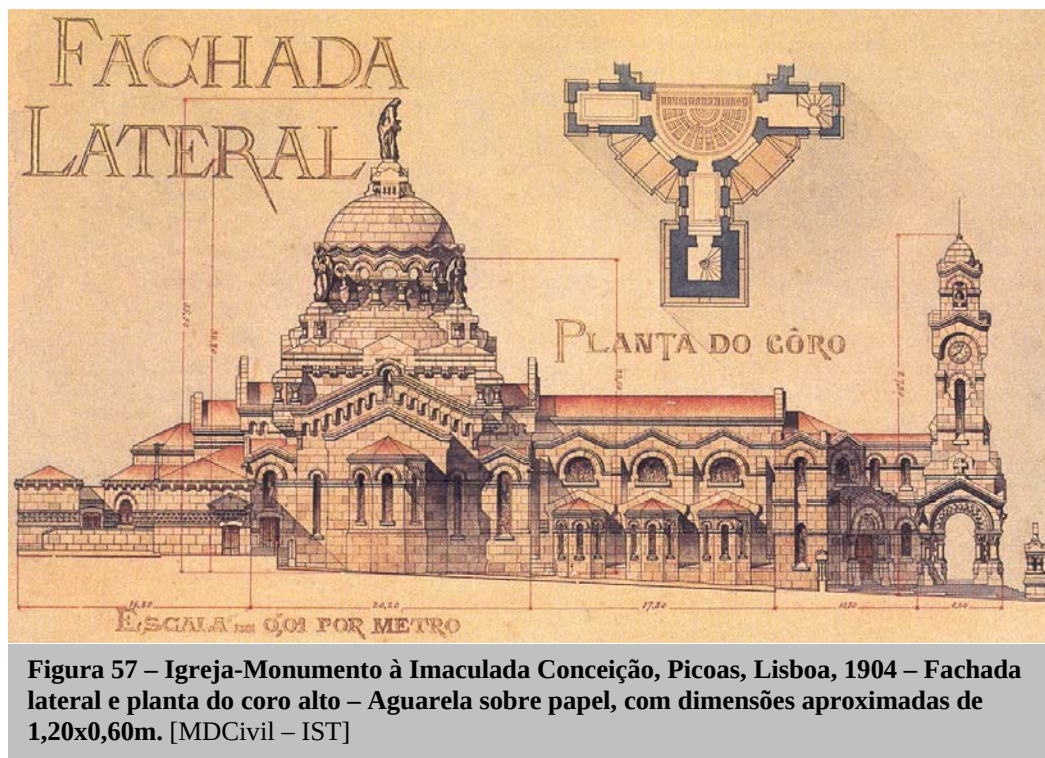


Figura 57 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Fachada lateral e planta do coro alto – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. [MDCivil – IST]

Do léxico decorativo do autor são de realçar ainda as sucessões de cornijas que sugerem frontões, normalmente quebradas por linhas horizontais, e os arcos abatidos que constituem algumas das travessas.

No interior da igreja, os elaborados aparelhos de pedra que revestem as paredes, desenvolvem-se até à cornija que marca o arranque da abobada do tecto. As faces internas que se seguem à referida cornija são pintadas a óleo, provavelmente sobre reboco ou estuque.

Os arcos de volta perfeita (assentes em colunas de capitéis decorados com motivos vegetalistas) que rematam as naves laterais e os pórticos apresentam pinturas a óleo e ornatos em pedra. As paredes que estabelecem o fundo das capelas e dos nichos integram vitrais decorativos.

No interior do cruzeiro, a circunferência que estabelece o limite da cúpula apresenta cornijas e modilhões em pedra.

Estilo: Como era expressamente exigido no programa de concurso, o estilo arquitectónico a seguir era o românico. Abertas as propostas, o júri atribuiu o primeiro prémio ao projecto do arquitecto Evaristo Gomes por corresponder à fórmula mais vantajosa para a realização do monumento. A proposta neo-românica de Álvaro Machado, «...o arquitecto mais intenso e original na prática

desse estilo (...)»⁶⁹, obteve um «estranho» segundo lugar. De facto, não era de esperar que o concurso que representava a «oficialização do neo-românico (...) enquanto estilo nacional»⁶⁹, estilo que tinha consagrado Álvaro Machado, tivesse sido vencido por outro arquitecto. No entanto, as razões que conduziram à «derrota» de Álvaro Machado não se devem à falta de singularidade da sua proposta⁷⁰ mas à «...liberdade de interpretação daquele estilo...»⁶⁹ e ao modo fragmentado como foram dispostos alguns dos espaços exigidos no programa funcional.

Por outro lado, a volumetria exterior que foi desenvolvida no contexto deste projecto apresenta uma maior continuidade na afirmação dos espaços interiores do que se verifica no primeiro projecto neo-românico do autor – o Túmulo Valmor. Na verdade, pode-se até dizer-se que limitação que o estilo apresentou no Jazigo, e que residia na superficialidade da volumetria, foi superada neste projecto com uma coerente exploração das massas. Porém, tal atitude terá prejudicado Álvaro Machado no concurso⁷¹. De qualquer modo, quando se confronta a proposta de Álvaro Machado com os restantes projectos que foram a concurso constata-se que o autor, perante a imposição de um estilo, surpreendeu com a modernidade da sua atitude crítica.

⁶⁹ Cf. TOUSSAINT, Michel – Os concursos de arquitectura como debate disciplinar (Os três primeiros quartos do século XX). In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. p.130.

⁷⁰ «(...) é o trabalho de mais originalidade e o mais individual que se apresentou ao concurso». Cf. MONTEIRO, José Luís [et.al.]– Igreja-Monumento à Immaculada Conceição – Concurso Nacional. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX**. Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1904). p. 57.

⁷¹ «(...) é menos feliz pelo grande desenvolvimento que (...) deu aos anexos, assim como ao corpo da igreja». Cf. MONTEIRO, José Luís [et.al.]– Igreja-Monumento à Immaculada Conceição – Concurso Nacional. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX**. Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1904). p. 57.

2.1.1.7. Casa de Saúde Portugal-Brasil, Lisboa (1904)



Figura 58 – Casa de Saúde Portugal-Brasil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Fachada principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m. [MDCivil – IST]

Situação do imóvel: Demolido

Localização/Morada: Lisboa/ Estrada de Benfica

O projecto da Casa de Saúde Portugal-Brasil surgiu de uma ideia de carácter empresarial. O edifício a construir seria uma espécie de hotel de saúde e procurava concorrer com as pensions estrangeiras⁷² que habitualmente recebiam os pacientes oriundos do Brasil e da África Portuguesa para se tratarem ou recuperarem. Para a materialização do conceito empresarial foi constituída uma sociedade anónima que visava a obtenção de capital através da venda de acções⁷³. Obtida a verba poderia passar-se à execução do edifício. Na eventualidade do negócio florescer, estava prevista em projecto, a possibilidade de ampliação. Para tal bastava prolongar os corpos laterais dos quartos uma vez que o núcleo central, onde se concentravam os apoios, estava dimensionado para mais do dobro dos utentes. No âmbito da estratégia empresarial, a pension portuguesa a construir procurava responder cabalmente ao público-alvo a que se propôs, ou seja, pacientes oriundos do Brasil e da África Portuguesa.

⁷² «Antecipadamente tínhamos visitado os primeiros estabelecimentos da França, Bélgica e Alemanha, onde colhemos as noções, concernentes a instalações desta natureza»
Cf. COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brasil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 143, Anno V, (1904), p. 180.

⁷³ «O capital social primitivamente de 50 contos divididos em mil acções de cinquenta mil reis cada uma, foi, em breve trecho, reconhecido insuficiente, decidindo-se elevá-lo a 200 contos»
Cf. COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brasil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 143, Anno V, (1904), p. 180.

Na óptica dos investidores deste projecto a existência de uma instituição deste género em Portugal, onde os ares e o panorama eram esplêndidos⁷⁴, para além de outras vantagens, permitia uma enorme diminuição dos custos de viagem e internamento⁷⁵. Por outro lado, é óbvio que os utentes prefeririam recuperar ou tratar-se num país onde se falasse a mesma língua, onde o clima ameno lhes era propício (atendendo ao facto de virem de países quentes o clima de Portugal não era tão chocante quanto o de países como a França, a Bélgica ou a Alemanha) e onde, inclusive, os costumes eram os mesmos.

Técnica Construtiva: O edifício seria construído através de um sistema de *paredes-mestras* em alvenaria de pedra e tijolo (que envolveria toda a cintura do edifício do rés-do-chão até ao início da cobertura).

Pela observação das peças desenhadas, deduz-se que algumas das paredes interiores também possuiriam uma função estrutural.

As lajes dos pavimentos seriam estruturas de barrotes de madeira. A estrutura da cobertura seria um sistema de asnas de madeira.

Materiais: As cantarias exteriores (travessas, ombreiras, colunas, peitoris, soleiras e ornatos) seriam em pedra calcária.

Nos pavimentos interiores, à excepção dos quartos, do gabinete de consultas e dos gabinetes de enfermagem, onde seriam aplicadas madeiras (pintadas a óleo), todos os outros compartimentos seriam pavimentados com pedra. No interior, a madeira é ainda utilizada em guardas de escadas e em lambris de alguns compartimentos.

⁷⁴ «(...)situado na estrada de Benfica (...)a situação do terreno parecia expressamente destinada a uma casa de saúde. Numa superfície de doze mil metros quadrados (...), com um declive bastante grande, o que torna a parte superior escolhida para a construção livre de humidade, de onde se desfruta um panorama esplêndido (...). O sítio tem o sugestivo nome de Santo António da Convalescença, nome que lhe vem dos tempos dos frades por nele terem construído um convento para convalescerem irmãos doentes, convento que está hoje transformado num palácio de propriedade particular. Isto prova a excelência dos ares, pois os frades sabiam, como ninguém escolher a situação dos seus conventos»

Cf. COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 143, Anno V, (1904), p. 180.

⁷⁵ «Referimo-nos aos nossos compatriotas do Brasil que vêm para a Europa tratar-se. Muitos conhecemos nós que não tendo nada em termos, e não querendo ir para o hospital, vão para o estrangeiro, onde gastam dez vezes mais do que gastariam se ficassem aqui»

Cf. COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 143, Anno V, (1904), p. 180.

No que se refere a serralharias exteriores, apenas se podem referir os gradeamentos das varandas e dos muros. No âmbito das carpintarias exteriores, salientam-se as caixilharias das portas e das janelas.

A cobertura, revestida a telha de aba e canudo, projectava-se ligeiramente das empenas e apresentava goteiras que expeliam as águas para proteger as paredes das infiltrações.

Utilização: Este edifício, tal como o nome indica, para além dos utentes portugueses (da metrópole e da África Portuguesa), destinava-se a receber os pacientes provenientes do Brasil que se deslocavam à Europa para se tratarem. Na prática, o destinatário deste espaço hospitalar era o utente de classe social abastada que procurava um tratamento de qualidade superior e que não gostava de se ver obrigado a ir para hospitais públicos misturar-se com «...aquele que está por caridade»⁷⁶. O tipo de patologias que podiam ser tratadas neste hospital eram várias, ou seja, o paciente entrava na unidade de saúde tanto por sofrer de alienação mental, como para se submeter a uma operação, ou para recuperar de uma doença qualquer.

Distribuição funcional: O edifício apresentava uma área de aproximadamente 2000 m² e seria constituído por três corpos. O núcleo central destinava-se a diversas funções (cozinhas refeitórios, salões de leitura, salões de bilhar, sala de operações, farmácia, sala de hidroterapia, sala de massagens, instalações eléctricas, etc.) e os corpos laterais alojam aos quartos das senhoras e os quartos dos homens (apenas a sala de operações é comum a ambos os sexos). A separação que iria existir entre sexos era extensível ao pessoal.

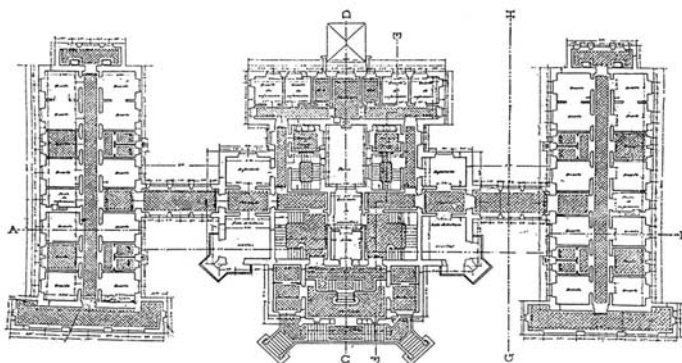


Figura 59 – Casa de Saúde Portugal-Brazil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Planta do 1º Andar. Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 143, Anno V, (1904), p. 178.

⁷⁶ Cf. COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 143, Anno V, (1904), p. 179.

A entrada principal do edifício, localizada no corpo central, fazer-se-ia por um grande vestíbulo no primeiro andar. À esquerda desse espaço de distribuição encontrava-se a portaria e à direita a secretaria. Ao fundo deste vestíbulo surgiam três entradas: as laterais, que conduziam às alas ocupadas por doentes, e a central, que facultava a entrada na sala de espera. A porta que surge em frente à sala de espera era o acesso ao gabinete de consultas. Este gabinete, contíguo ao pátio central, seria dotado de uma porta de acesso a cada ala de doentes. Percorrendo o eixo central até à zona subsequente ao consultório, encontrava-se a farmácia e os gabinetes dos enfermeiros.

No segundo andar deste corpo encontrava-se a sala de operações, com iluminação zenital, e o respectivo laboratório de apoio.

Neste corpo central as áreas que circundavam o pátio interior correspondiam às comunicações verticais, aos depósitos de louças, às copas, aos arrumos (despesas e arrecadações de frascos), e aos salões de leitura, de jantar e de jogos. No rés-do-chão deste núcleo funcional encontrava-se uma capela e uma cozinha (na zona posterior).

Os corpos laterais do edifício, ocupados por enfermarias, dispunham de um corredor central de 25 metros de comprimento. Essa circulação culminava numa ampla galeria de passeio no extremo sul e num átrio de ascensores de roupa na ala norte. Nas alas das enfermarias, cada conjunto de dez quartos dispunha de um posto de enfermeiro, de três retretes e de duas casas de banho (para além da instalação hidro-terapêutica do corpo central). No contexto particular dos quartos, a compartimentação modelar⁷⁷ que dispunham possibilitava a anexação entre eles. Essa flexibilidade funcional permitia responder às exigências de doentes que necessitassem de mais espaço.

⁷⁷ «Cada quarto mede 3,5 metros de comprido por 3 metros de largo, ou seja uma superfície de 10,5 m² e de altura 3,6 metros o que perfaz uma cubagem de 37,8 m³ para cada doente». Cf. COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 144, Anno V, (1904), p. 187.

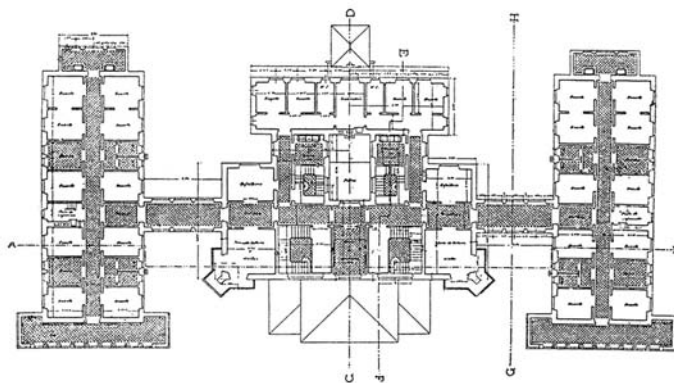


Figura 60 – Casa de Saúde Portugal-Brasil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Planta do 2º Andar. Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brasil, em Santo António da Convallescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 143, Anno V, (1904), p. 179.

No âmbito da distribuição dos doentes, verifica-se o seguinte ordenamento por piso: o 2.º andar (zona onde se encontrava a sala de operações) destinava-se a pacientes operados ou possuidores de doenças não contagiosas, o rés-do-chão e do 1.º andar estavam reservados aos doentes que careciam de isolamento (por sofrerem de epidemias contagiosas ou de alienação mental).

Na envolvente do edifício seriam instalados dois edifícios de apoio: a cocheira, para albergar a carruagem de transporte de doentes, e o estábulo para recolher as vacas que iriam fornecer o leite ao complexo.

Forma/Conteúdo: Para uma materialização racional das exigências do programa deste edifício o autor adoptou uma matriz funcionalista.

Essa matriz será a responsável pela planta em duplo “H” e pela articulação dos volumes dos vários corpos funcionais que se observam.

No conjunto desses corpos funcionais, o volume dos serviços, pela importância que possui na máquina do edifício, adopta uma posição central. Os dois volumes das enfermarias, pelo modo como se afastam do corpo da entrada, demonstram o isolamento a que os seus compartimentos têm de estar sujeitos.

Para possibilitar o funcionamento autónomo de cada piso e de cada ala de enfermarias, a ligação ao corpo central seria efectuada através dos corredores existentes nos volumes de comunicações horizontais.

Decorações: Com foi referido anteriormente, a distribuição dos espaços pelos pisos resultava de uma hierarquia. No entanto, essa ordenação só tem reflexos na configuração externa dos vãos da fachada principal.

No piso do rés-do-chão o tratamento decorativo das fachadas é praticamente nulo e os vãos revelam o seu carácter funcional.

No primeiro piso, os arcos de volta perfeita que se observam na fachada principal contrastam com a repetição monótona de vãos e com a pobreza decorativa dos restantes alçados.

No último piso, o requinte decorativo das galerias da fachada principal continua a divergir da sobriedade das outras faces do edifício.

De facto, no contexto geral da ornamentação exterior observa-se um certo desequilíbrio, ou seja, a nudez da maioria dos alçados contrasta com o maior desenvolvimento decorativo da fachada principal. Esses elementos, maioritariamente pétreos, não se limitam à função decorativa, isto é, são elementos da construção, tais como colunas, arcos, travessas, ombreiras, peitoris, soleiras e consolas. Nesse último caso, as consolas, transformadas em mísulas, servem de apoio às varandas salientes das fachadas.

Dos restantes elementos decorativos exteriores, são ainda de salientar os painéis de azulejo. Estes são utilizados no entablamento das fachadas mais requintadas e para emoldurar os arcos das galerias e da entrada principal.

Estilo: Numa tentativa de se distanciar da atitude culturalista que o movimento da Casa Portuguesa aconselhava, o autor esboça um estilo que busca um sentido para a Arquitectura Portuguesa sem ceder ao eclectismo dominante. Nessa procura de definição, o autor adopta uma postura progressista que se revela pelo racionalismo funcional e pela sobriedade das fachadas posteriores do edifício. No âmbito da volumetria a atitude proto-funcionalista que o autor ensaia materializa-se na eficácia com que os corpos funcionais asseguram a interligação dos diferentes espaços.



Figura 61 – Casa de Saúde Portugal-Brasil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Alçado tardoz.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brasil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 144, Anno V, (1904), p. 186.

2.1.1.8. Monumento a Eduardo Coelho (1903)



Figura 62 – Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 1904 – Perspectiva.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 50.

Situação do imóvel/projecto: Não demolido/ Não alterado

Localização/Morada: Lisboa/ Jardim de São Pedro de Alcântara

Eduardo Coelho, amigo de Eça de Queiroz, de Rafael Bordalo Pinheiro e de Pinheiro Chagas, foi um homem relevante no panorama do jornalismo e da escrita lisboeta. Em 1864, fundou o Diário de Notícias e foi director do mesmo até à sua morte em 1889, em Coimbra.

Alguns anos após a sua morte, um grupo de promotores liderado pelo Dr. Alfredo da Cunha, dando corpo à ideia de edificar um monumento em sua homenagem, encomendou o projecto a Álvaro Machado. O autor, que era um «...artista de reconhecido valor...»⁷⁸, apresentou um monumento muito simples a implantar no Jardim António Nobre da Alameda de São Pedro de Alcântara. Álvaro Machado, autor do projecto geral, fez parceria com Costa Motta, que se encarregou dos componentes escultóricos. Desses elementos, destacam-se o busto, a figura do «rapaz dos jornais» e os emblemas do homenageado, cuja fundição ficou ao cargo das oficinas da Fundição de Canhões. A construção do monumento foi da responsabilidade da firma António Moreira Rato & Filhos (empresa que construiu o Jazigo dos Viscondes de Valmor). A inauguração do monumento ocorreu no dia 29 de Dezembro de 1904, ou seja, mais de um ano depois do projecto ter sido publicado na revista *A Construção Moderna*, a 1 de Abril de 1903.

⁷⁸ Cf. COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 51.



Figura 63 – Cerimónia de inauguração do Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 29 de Dezembro de 1904. [AFCML]

Técnica Construtiva/Materiais: Este monumento é constituído por um pedestal que assenta sobre um embasamento⁷⁹. A parte superior do conjunto é concluída por um busto que representa Eduardo Coelho. Os elementos que estabelecem a maior parte do monumento, à excepção do busto e de alguns motivos alegóricos em bronze, são realizados em pedra lioz. As partes que constituem a essência do conjunto, embasamento e pedestal, são aparelhos de pedra maciça. Por sua vez estes, à semelhança de projectos anteriores, demonstram o enorme domínio da estereotomia por parte do autor.

Função: Para além de sustentar o busto, este objecto tinha a incumbência simbólica de homenagear Eduardo Coelho. Por outro lado, a verticalidade que impunha na antiga Alameda de São Pedro de Alcântara transformava-o, certamente, num elemento de referência urbana.

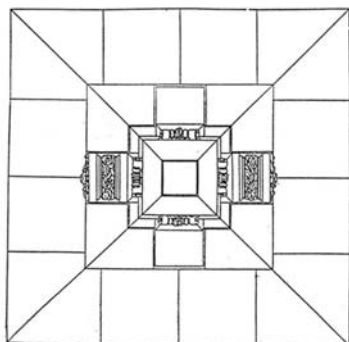


Figura 64 – Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 1904 – Planta.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 50.

Forma/Conteúdo: Após observação das peças desenhadas do projecto depreende-se que a figura quadrada é a base de todo o desenho.

A volumetria inicial do embasamento, de planta quadrangular, é uma massa rasteira que irrompe do chão e que se afirma como um sólido puro pelas quinas vivas que exhibe. O segundo nível do embasamento, também de planta

⁷⁹ «O pedestal e o embasamento medem 3,50 de altura e o busto 1,20, ficando por consequência, a altura total em 4,70».

Cf. COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 51.

quadrangular, é uma composição gerada pela associação de vários prismas quadrangulares. O pedestal, que também nasce da matriz quadrada, é um volume vertical. No entanto, as suas faces estão longe da depuração do embasamento e caracterizam-se pelo modo como servem de repositório dos ornamentos que glorificam o celebrado.

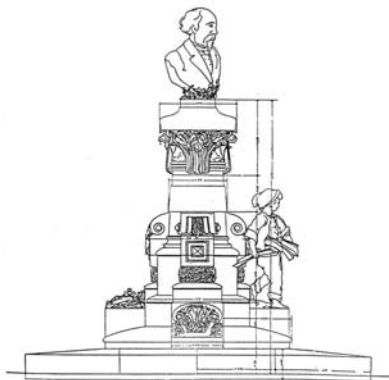


Figura 65 – Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 1904 – Alçado.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 50.

Decoração/Incorporação de artes plásticas: Na primeira metade do pedestal, para além das quatro volutas e das quatro pontas de diamante, observam-se quadro prismas em pedra. Desse conjunto, os que se localizam na face principal e na posterior, estão decorados com motivos relacionados com o jornalismo, ou seja, a figura do rapaz dos jornais e as insígnias do jornalista. Os cubos das faces laterais apresentam ornatos vegetalistas. O topo do pedestal é concluído por um conjunto de quatro ornamentos vegetalistas que se repetem nas quatro faces e criam a ilusão de capitel. A base, como foi referido, não apresenta ornamentos.

Estilo: Provavelmente inspirado em modelos ecléticos, o monumento manifesta muito mais interesse na volumetria do embasamento do que na individualização dos componentes onde se inserem os elementos decorativos⁸⁰. Esta perda de sobriedade é visível no tratamento das faces onde, lamentavelmente, se perde o desadorno e a simplicidade que se observa no embasamento.

Na verdade os enfeites que lhe foram colados ofuscam a clareza volumétrica e coíbem-no de ser verdadeiramente simples⁸¹.

⁸⁰ «...peanha de Álvaro Machado, espécie de mostruário-miniatura do vocabulário arquitectónico da época».

Cf. FRANÇA, José-Augusto, Os monumentos de Lisboa e do Porto. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p. 208.

⁸¹ «Gracioso de linhas, e de uma originalidade incontestável, o interessante e simples monumento...».

Cf. COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 51.

2.1.1.9. Colégio Anna Roussel (1904)



Figura 66 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904.
[AFCML]

Situação do imóvel/projecto: Não demolido/ Alterado

Localização/Morada: Lisboa/ Avenida da Republica, N.º 13

A ideia de construir este colégio em Lisboa partiu da senhora que viria a ser a directora do estabelecimento, a D. Anna Roussel. O edifício a construir iria albergar alunos maioritariamente internos e destinava-se a crianças do sexo feminino. A clientela deste colégio correspondia a famílias que procuravam um ensino de qualidade superior para as suas filhas e que não queriam colocá-las em escolas públicas. O projecto para o colégio Anna Roussel tem data de 1904, mas as suas fachadas foram alteradas em 1932 (num projecto de Álvaro Machado) com objectivo de adaptar o piso térreo a estabelecimentos comerciais (configuração que mantêm até hoje). Em 1905, aquando da atribuição do prémio Valmor, chegou a fazer parte dos projectos em análise.

No ano em que as suas fachadas foram alteradas, o edifício que começou por albergar o colégio Anna Roussel, depois o colégio Inglês e nos últimos tempos a escola Minerva, deu lugar ao Colégio Académico.

A fundação do Colégio Académico data de 1926 e a sua actividade teve início num edifício situado junto à Rua do Arco da Bandeira. Em 1928 foi transferido para as instalações do extinto Colégio Francês, na Rua Álvaro Coutinho n.º 14 aos Anjos. Quatro anos mais tarde, foi criada a secção feminina que se instalou no edifício da Av. da República n.º 13.

A secção masculina manteve-se no edifício dos Anjos até 1975. Com a cedência do edifício dos Anjos ao estado em 1975, o colégio da Avenida da República (que entretanto adoptara o nome de O Novo Académico) passou a ser misto. A partir de 1981 o colégio retomou a sua antiga designação de Colégio Académico.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Técnica Construtiva: O edifício foi construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria mista de pedra e tijolo.

As lajes dos pavimentos são estruturas de barrotes de madeira.

A estrutura da cobertura é um sistema de asnas de madeira.

Materiais: As cantarias exteriores (travessas, ombreiras, colunas, peitoris, soleiras e ornatos) são em pedra calcária. Os pavimentos interiores dos corredores, dos vestíbulos e das casas de banho são ladrilhos de pedra. Os soalhos em madeira destinavam-se às salas de aula e aos quartos. No interior, a madeira é ainda utilizada em guardas de escadas e em lambris de alguns compartimentos. As copas e a cozinha eram pavimentadas com ladrilhos de mosaico hidráulico.

No que se refere a serralharias exteriores, apenas se podem referir os gradeamentos das varandas e dos muros. No âmbito das carpintarias exteriores, só se observam as caixilharias das portas e das janelas. A cobertura, revestida a telha Marselha, destaca-se pela presença do algeroz e dos respectivos elementos de fixação, que marcam um extenso ritmo ao longo das cimalhas.

Utilização: Este edifício foi projectado para albergar um colégio com capacidade para cinquenta alunas internas.

Distribuição funcional: O edifício ocupa uma área de 666,60 m² e foi construído no gaveto que as Avenidas Duque D'Avila e Ressano Garcia (actual Avenida da República) formavam a norte/poente.

O edifício original era composto por três núcleos funcionais.

O primeiro, instalado no rés-do-chão, compreendia todos os serviços domésticos, como cozinha, depósito de roupas, casa de engomados, quartos de criados, arrecadações, lavandaria e recreio-abrigo.

O segundo, no primeiro piso, acolhia salas de aula, refeitório, copa, salas de recepção, gabinetes de estudo e retretes.

O terceiro, no último piso, destinava-se a dormitórios (das alunas, das professoras e da directora), lavatórios, retretes e salas de banho.

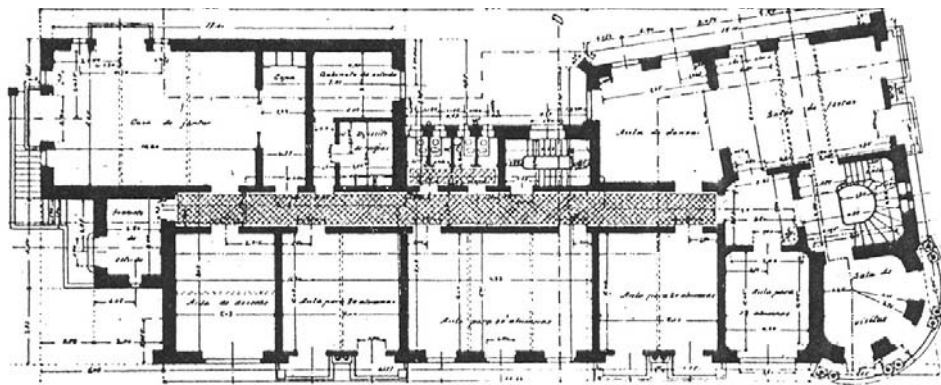


Figura 67 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904 – Planta do 1º andar.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa para colégio, da Exma. Sr.^a D. Anna Roussel – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 131, Anno V, (1904), p. 82.

A entrada do pátio pela Avenida Ressano Garcia, dava acesso directo aos compartimentos das tarefas domésticas. Para se chegar a esses espaços, instalados no rés-do-chão, tinha que se passar por um vestíbulo coberto. Nesse espaço de distribuição encontravam-se as retretes dos criados, as pias de despejos e duas entradas: uma para a cozinha e outra para o corredor de acesso aos quartos dos criados, arrecadações, casa de engomados e casa de banho dos empregados. Neste piso ainda existiam mais dois quartos de criados, com entrada independente, e um espaço de recreio-abrigo, aberto para o exterior.

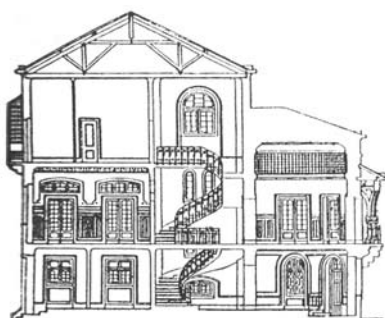


Figura 68 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904 – Corte Transversal. [ACM]

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa para colégio, da Exma. Sr.^a D. Anna Roussel – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 131, Anno V, (1904), p. 82.

A entrada principal do edifício, localizada no corpo cilíndrico, corresponde à bissectriz do ângulo formado pelas avenidas que dão origem ao gaveto. Esse corpo destinava-se ao acesso privativo das alunas externas e das visitas. No respectivo vestíbulo existiam duas portas, a do lado direito comunicava com o vestiário das alunas externas e a do lado esquerdo com a escada de acesso aos pisos superiores.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

No patamar do primeiro andar encontravam-se três portas. Essas correspondiam às entradas para sala de visitas, para o salão de festas e para o corredor de acesso às salas de aula. O salão de festas tinha a particularidade de se poder transformar num pequeno teatro porque a parede que o separava da sala de dança podia funcionar como uma frente de palco.

No que se refere às salas de aula deste piso é de salientar que a dimensão das mesmas, variava consoante o número de alunos por turma (12, 20 e 30 alunos). Por outro lado, também existiam salas e gabinetes para ocupações específicas com desenho, dança ou estudo de instrumentos musicais. A meio do corredor de acesso às salas de aula encontravam-se as retretes. Ao fundo do referido corredor surgia o refeitório. Este era apoiado por uma copa onde estavam instalados os elevadores que transportavam a comida e as louças da cozinha (instalada no rés-do-chão). No compartimento contíguo à copa existia uma dependência destinada a depósito de roupas. No âmbito do 1.º piso salienta-se ainda a escada exterior, adjacente ao topo do refeitório, que permitia o acesso ao jardim/recreio (na época possuía 540,60 m²).

No segundo andar a maior parte da área era ocupada pelos dormitórios das alunas. As zonas das camaratas caracterizavam-se por confinar com os quartos das professoras que as podiam controlar por uma janela de vigia. O acesso das alunas internas, das professoras e do pessoal à zona dos dormitórios, era garantido por escada independente que comunicava com o piso das aulas. No topo oposto à zona das camaratas encontravam-se os aposentos da directora e da família.

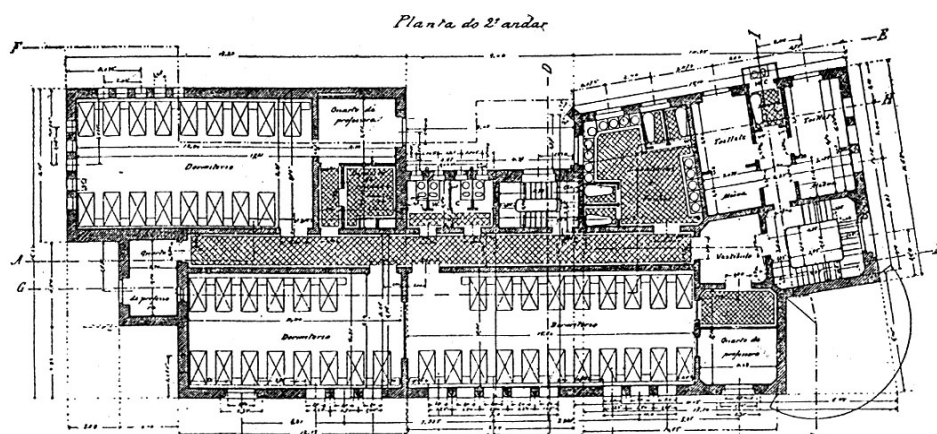


Figura 69 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904 – Planta do 2º Andar. Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa para colégio, da Exma. Sr.ª D. Anna Roussel – Architecto, Sr. Álvaro Machado. *A Construção Moderna*. Lisboa, N.º 131, Anno V, (1904), p. 82.

Forma/Conteúdo: A matriz que está na origem da volumetria geral, não fez corresponder os volumes a núcleos funcionais. De facto, quando se observa o corpo cilíndrico e os paralelepípedicos da composição, verifica-se que a manipulação dos volumes externos não tem repercussão no aproveitamento dos espaços interiores.

Assim sendo, como a forma não segue a função, as áreas funcionais acabam por se misturar pelos vários volumes. No entanto existe uma hierarquia funcional que atribui uma função atribuída a cada piso.

Decorações: Pela análise da distribuição funcional do edifício depreende-se que a distribuição dos espaços pelos pisos resulta de uma hierarquia. Por sua vez, essa ordenação reflecte-se na configuração dos vãos e no refinamento da decoração exterior.

No piso do rés-do-chão, apesar o tratamento decorativo não ser nulo, os vãos revelam o seu carácter funcional e o embasamento tem um carácter sólido e pesado.

No primeiro piso, os vãos de grandes dimensões são responsáveis pela iluminação natural das salas de aula e da sala de visita. As colunas, os arcos (de volta perfeita e abatidos) e mísulas que adornam os vãos do 1.º piso contrastam com a repetição monótona das aberturas do rés-do-chão e com a simplicidade decorativa do embasamento.

No piso dos dormitórios, a composição das janelas assenta na utilização, sucessiva ou pontual, de arcos apoiados em colunas, ou seja, elementos do léxico neo-românico.



Figura 70 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904 – Pormenor dos vãos superiores.
[AFCML]

No contexto geral da ornamentação, o maior desenvolvimento que se observa nas fachadas principais diverge da sobriedade das faces posteriores. Em qualquer dos casos, os ornatos nunca se limitam à função decorativa porque são sempre

elementos pétreos da construção (colunas, arcos, travessas, ombreiras, peitoris, soleiras e mísulas).

Dos restantes elementos decorativos exteriores, são ainda de salientar os painéis de azulejo. Esses são utilizados para rematar a extremidade do corpo cilíndrico e para delimitar as pedras do embasamento.

Com a observação dos cortes do projecto, constata-se que as paredes de alguns compartimentos possuíam lambris de azulejo ou de madeira.

Estilo: Uma ténue alusão à temática da Casa Portuguesa pode estar patente no colégio Anna Roussel⁸². Todavia, este edifício, à semelhança de obras anteriores, apresenta muito maior interesse no lançamento da sua volumetria geral do que na caracterização dos seus componentes. Nesse contexto, a excessiva utilização de elementos românicos no tratamento dos vãos é a principal responsável pela perda de sobriedade dos volumes.

No âmbito da volumetria o estilo neo-românico preconizado volta a mostrar a limitação que se detectou no Túmulo Valmor, ou seja, as massas são superficialmente manipuladas e não estabelecem uma relação directa com o funcionamento do edifício. Na prática, os volumes apenas se articulam para assegurar a composição formal.

No que se refere às fachadas, o autor, estabelece uma hierarquia que privilegia a ornamentação dos pisos superiores em detrimento do embasamento, mais simples e fechado. Essa concepção de fachada, já experimentada pelo autor, facilita a integração do edifício ao terreno.

⁸² Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p.513.

2.1.1.10. Casa da Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco (1905)



Figura 71 – Casa da Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no Gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905. [AFCML]

Situação do imóvel: Demolido

Localização/Morada: Lisboa/ Avenida da Republica, N.º 45

O orçamento⁸³ e o projecto para a construção desta casa foram encomendados pela Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco ao arquitecto Álvaro Machado. O edifício a construir, no gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, seria o domicílio da família da distinta senhora. O programa funcional, que incluía um vasto número de quartos, reflectia as exigências de uma família abastada.

Esta casa, que começou a ser construída em 1905, foi demolida em 1966.

Técnica Construtiva: O edifício foi construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria mista de pedra e tijolo (que envolve toda a cintura do edifício das caves até ao inicio das várias coberturas).

As lajes dos pavimentos eram uma estrutura de barrotes de madeira.

A estrutura da cobertura era composta por asnas de madeira.

Materiais: As cantarias exteriores (travessas, peitoris, soleiras, mísulas e revestimentos) eram em pedra calcária.

Nos pavimentos interiores, as instalações sanitárias, os corredores laterais do rés-do-chão, a cozinha e os respectivos apoios (copa, dispensa e arrumos) apresentavam ladrilhos de pedra.

Os pavimentos em madeira destinavam-se a todos os quartos e aos vários compartimentos do rés-do-chão, exceptuando a cozinha.

⁸³ «A obra está orçada em 13:000\$000 réis, aproximadamente»

Cf. COLLARES, E. Nunes – Projecto para a casa da Exm.^a Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no ângulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde de Valmor – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 171, Anno VI, (1905), p.114.

No que se refere a serralharias exteriores, apenas se podem referir os gradeamentos das varandas e dos muros.

No âmbito das carpintarias exteriores, salientam-se as caixilharias das portas e das janelas. No interior, para além dos pavimentos, a madeira era utilizada em guardas de escadas e em lambris de algumas divisões.

A cobertura era revestida a telha. A recolha das águas pluviais era assegurada pelo algeroz, marcante na cimalha, e pelos vários tubos de queda que se observam na fachada.

Utilização: Este edifício destinava-se ao uso habitacional.

Distribuição funcional: O edifício foi construído no gaveto que as Avenidas Ressano Garcia e Visconde Valmor configuravam.

A habitação, composta por três pisos, dispunha de vários núcleos funcionais que se articulavam por uma escada interior.



Figura 72 – Casa da Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco, no Gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905 – Plantas: da cave, do rés-do-chão e do 1.º andar. Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para a casa da Exm.ª Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco, no ângulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde de Valmor – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 171, Anno VI, (1905), p. 113.

O acesso principal à habitação é anunciado frontalmente pelo portão e mais à frente por uma escadaria integrada no embasamento. Essa entrada, situada num pátio de chegada, corresponde ao espaço livre que o edifício proporciona pela sua abordagem ao ângulo do gaveto.

A entrada no piso nobre, localizado no rés-do-chão, fazia-se por uma porta que abria para um vestíbulo, com pé direito duplo, onde estava inserida a escadaria de distribuição. Este piso, que albergava as dependências de apoio doméstico na ala direita, reservava o flanco esquerdo para os espaços mais recatados, destinados ao trabalho e à recepção de visitas (escritório, oratório, casa de costura, salão e saleta).

A entrada do pátio pela Avenida Visconde de Valmor dava acesso aos compartimentos das tarefas domésticas. Para chegar a esses espaços tinha que se passar por um corpo anexo. Nesse espaço encontravam-se as pias de despejo e a entrada para a cozinha. Pela cozinha, que comunicava directamente com a copa, acedia-se um corredor que dava serventia aos espaços de apoio (dispensa e arrecadação), à sala de jantar e à casa de bilhar.

O primeiro andar, composto por compartimentos mais privados, dispunha de cinco quartos, de várias arrecadações e de uma casa de banho. Os dois quartos de maior dimensão, desfrutavam de amplas varandas com vista para as avenidas, e os mais pequenos, possuíam janelas viradas para ao pátio das traseiras do lote.

A cave destinava-se a arrumos, a dispensas e provavelmente aos quartos dos criados. A ventilação e iluminação deste piso eram garantidas por respiradores e por pequenos vãos abertos nas fachadas posteriores.



Figura 73 – Casa da Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco, no Gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905 – Fachadas. Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para a casa da Exm.ª Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco, no ângulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde de Valmor – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 171, Anno VI, (1905), p. 113.

Forma/Conteúdo: Com a análise da volumetria externa do edifício, verifica-se que a origem da mesma advém da existência de um espaço, não construído, que funcionava com antecâmara da entrada na casa⁸⁴.



Figura 74 – Moradia da Viscondessa de Valmor, no Gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa – projecto da autoria do architecto Ventura Terra. [AFCML]

⁸⁴ Esta abordagem a um lote de gaveto é semelhante à que tinha sido adoptada por Ventura Terra na moradia da Viscondessa de Valmor e que ficava em frente à que viria a ser a casa da Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco.

Essa zona de espera era estabelecida por um volume em «L» que libertava o espaço de entrada no exterior. Dos outros volumes que formam o todo, existe mais um «L» que associado ao primeiro confere à planta uma disposição cruciforme. Esse segundo «L», à semelhança do que acontece com o principal, «abraça» o pátio das traseiras. Do conjunto dos restantes volumes destacam-se ainda os dois mais pequenos que concluem as fachadas laterais e que alojam os salões. Na sequência da decomposição da volumetria geral depreende-se que a articulação das massas é reflexo de uma hierarquia que não sendo de cariz estritamente funcional coloca em destaque alguns dos espaços. Porém, as áreas funcionais que os corpos principais encerram, misturam-se um pouco no interior dos mesmos. De qualquer modo existe uma hierarquia funcional que atribui uma utilização homogénea a cada piso.

Decoração: Com a percepção da estrutura funcional desta casa conclui-se que a distribuição dos espaços pelos pisos resulta de uma hierarquia. Essa ordenação, apesar de não ser tão evidente como noutros casos, repercute-se no requinte decorativo dos vãos exteriores.

Na zona que corresponde à cave o tratamento decorativo resumia-se ao revestimento do embasamento.

No rés-do-chão, os vãos, enquadrados por sucessões arcos de abatidos, são responsáveis pela iluminação natural dos salões e das salas. Esses vãos, contrariamente ao que acontece noutras obras do autor, não são adornados por colunas mas por uma monótona repetição de vergas.

No último piso, o maior requinte decorativo observava-se nas janelas de sacada. Nesses casos particulares, os componentes que enquadravam as varandas e o janelão central, (mísulas e vergas decorativas), não faziam parte de léxico neo-românico mas do vocabulário do autor.



Figura 75 – Casa da Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco, no Gaveto da Avenida Ressaio Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905. [AFCML]

No contexto geral da ornamentação da casa, o maior desenvolvimento das fachadas principais diverge um pouco da sobriedade das faces posteriores. Em qualquer dos casos referidos, os elementos decorativos acumulavam uma função construtiva.

No interior, pela observação dos cortes do projecto, constata-se que as paredes das divisões mais importantes dispunham de lambris de pedra e de madeira.

Estilo: Em termos estilísticos esta casa é uma espécie de mostruário das características que patenteiam a arquitectura de Álvaro Machado.

Neste edifício a volumetria geral volta a protagonizar maior interesse que o tratamento dos vãos e dos restantes elementos. Nesse contexto a substituição do léxico românico pelo vocabulário decorativo do autor traduz-se numa maior sobriedade dos volumes presentes. No entanto as massas continuam a não se relacionarem directamente com o funcionamento interno.

No âmbito da atitude geral que o autor adopta, é de realçar o pragmatismo com que assume alguns dos elementos da construção, como algerozes e tubos de queda, sem os esconder ou dissimular.

Para finalizar é de salientar ainda a preocupação que demonstra com a inserção do edifício no lote recorrendo para isso a um simples soco.

2.1.1.11. Mausoléu do Architecto Domingos Parente da Silva (1905)



Figura 76 – Mausoléu do Architecto Domingos Parente da Silva, no Cemitério da Ajuda, Lisboa, 1905

Situação do imóvel/projecto: Não demolido/ Não alterado
Localização/Morada: Lisboa/ Cemitério da Ajuda

Domingos Parente da Silva, amigo e colega de Álvaro Machado no Ministério das Obras Públicas, foi um autor relevante no panorama da arquitectura do final do século XIX. Do vasto currículo que dispunha destacam-se o edifício dos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa, o pórtico de entrada do Cemitério dos Prazeres, o restauro da igreja dos Jerónimos e vários outros projectos enquanto architecto do MOP. O architecto Domingos Parente da Silva (1836-1901), além do talento profissional que muitos lhe reconheciam, destacou-se pelas suas qualidades humanas⁸⁵. Essa feição especial do seu carácter foi a principal responsável pela homenagem que os seus amigos e admiradores lhe consagraram, através da construção do monumento fúnebre.

A iniciativa, que partiu de uma comissão presidida por Liberato Telles de Castro e Silva, teve um sucesso tal que o excedente da verba, angariada por subscrição⁸⁶,

⁸⁵ «Foi um grande artista e possuiu um belo e piedoso coração: - em face de uma desgraça de outrem, chegou por vezes a esquecer-se das próprias, dando dos seus parcos recursos a maior parte para sustentar alheias dores».

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo – Biografia – Domingos Parente da Silva. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX**. Lisboa: Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1905). p. 33.

⁸⁶ «...todos aqueles, que tinha privado com o extinto, contribuíram desde os amigos, colegas, e empregados até ao mais modesto dos operários de construção civil, que tinham trabalhado em obras dirigidas pelo estimado architecto».

Cf. CAMPOS, Alfredo da Costa – Transladação dos restos mortaes do architecto – Domingos Parente da Silva. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX**. Lisboa: Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1906). p. 13.

foi distribuído pelos pobres da Freguesia de Alcolena⁸⁷, onde Domingos Parente da Silva residira.

Com a garantia de que o fundo permitia a construção do monumento avançou-se para o projecto que Álvaro Machado, como grande amigo do homenageado, fez questão de oferecer. O projecto que Álvaro Machado lhe dedicou era simples mas «...de linhas sentidas...»⁸⁸. Neste caso particular Álvaro Machado concebeu a totalidade o projecto, ou seja, não houve qualquer parceria com um escultor para a elaboração dos elementos decorativos como era habitual neste tipo de obras. A construção do Mausoléu foi da responsabilidade da firma António Moreira Rato & Filhos, que já tinha construído o Jazigo Valmor e o monumento de homenagem a Eduardo Coelho. A inauguração do túmulo ocorreu às 12 horas do dia 30 de Maio de 1906 no Cemitério da Ajuda, ou seja, quase um ano depois do projecto ter sido publicado na revista *A Construção Moderna*. A cerimónia da transladação dos restos mortais do arquitecto materializou-se num grandioso cortejo. Nessa homenagem, além dos familiares e amigos, esteve presente a Sociedade dos Architectos Portuguezes⁸⁹, que se fez representar pelos seus corpos regentes e por um vasto número de associados.

Técnica Construtiva/Materiais: Esta obra é constituída por um conjunto de elementos que assenta num embasamento. Desses elementos, destacam-se o obelisco, sustentáculo das inscrições e dos ornamentos, as duas taças-lanternas, ostentando a chama eterna, e o depósito da urna. Os componentes que estabelecem a maior parte do mausoléu, à excepção das taças e de alguns ornamentos em bronze, são realizados em pedra lioz. Assim sendo, as partes que constituem a essência do conjunto (embasamento, obelisco e depósito da urna) são aparelhos de pedra maciça. Estes, tal como ficou demonstrado em casos anteriores, revelam um enorme domínio da estereotomia por parte do autor.

⁸⁷ Com a morte de Liberato Telles de Castro e Silva, durante o período de existência da comissão, sucedeu-lhe Rosendo Carvalheira. Depois de reunida a verba para a construção, foi Rosendo Carvalheira, como presidente da comissão, que decidiu doar aos pobres da Freguesia de Alcolena a quantia excedente. Essa resolução, de carácter simbólico, deveu-se ao facto de esses mesmos pobres terem sido, por diversas vezes, ajudados pelo Arq.º Domingos Parente da Silva.

⁸⁸ Cf. CAMPOS, Alfredo da Costa – Transladação dos restos mortais do architecto – Domingos Parente da Silva. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX**. Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1906). p. 13.

⁸⁹ A convite de Rosendo Carvalheira, presidente da comissão promotora da construção do mausoléu.

Utilização: Como foi referido, este mausoléu iria receber os restos mortais do Arquitecto Domingos Parente da Silva. No entanto, o túmulo não deixa de ser a materialização da homenagem que os amigos e os colegas da Sociedade dos Arquitectos Portugueses lhe prestaram.

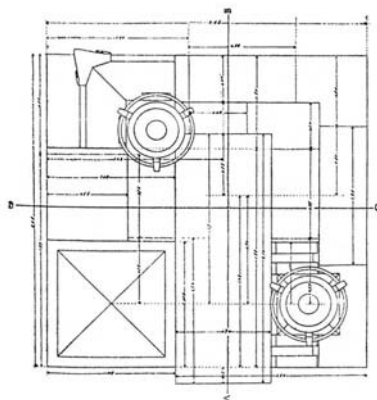


Figura 77 – Mausoléu do Arquitecto Domingos Parente da Silva, no Cemitério da Ajuda, Lisboa, 1905 – Planta.

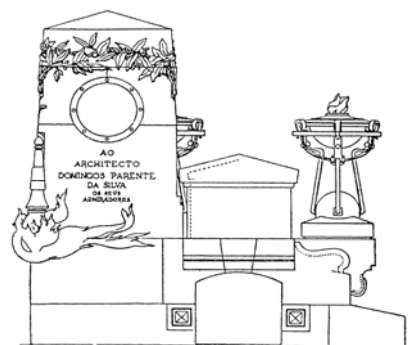
Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para o Túmulo do Architecto Domingos Parente da Silva – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 170, Anno VI, (1905), p. 105.

Forma/Conteúdo: Com a observação da planta do projecto verifica-se que a figura quadrada está presente em vários elementos do conjunto.

O embasamento, de planta quadrangular, possui uma estereotomia simples e de faces lisas. Por sua vez, à volumetria geral dessa base, adiciona-se uma massa vertical, também de base quadrada, e que, além de identificar o falecido, contrapõe o volume horizontal do depósito da urna. Esses dois volumes, pelo modo com se equilibram e pela «pureza» que apresentam, constituem a essência do conjunto. Os elementos que se destinavam a sublimar a importância do homenageado (ornatos incorporados na base, no depósito e no obelisco) impedem o conjunto de se impor pela sobriedade.

Figura 78 – Mausoléu do Arquitecto Domingos Parente da Silva, no Cemitério da Ajuda, Lisboa, 1905 – Face principal.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para o Túmulo do Architecto Domingos Parente da Silva – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 170, Anno VI, (1905), p. 105.

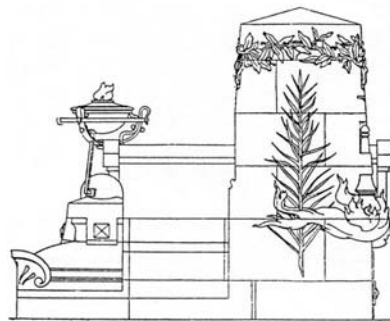


Decoração/Incorporação de artes plásticas: Os elementos decorativos existentes neste túmulo concentram-se no obelisco e no conjunto formado pelas taças. No obelisco, além da medalha e das inscrições referentes a Domingos Parente da Silva, observa-se, cravado na esquina do volume, um archote, voltado para baixo.

As chamadas desse archote acompanham as inscrições da face principal do obelisco e entrelaçam-se num grande ramo existente na face lateral. O topo do obelisco é adornado por uma folhagem que contorna as quatro faces. No âmbito das armações metálicas que suportam as taças-lanterna, verifica-se que ambas estão cravadas numa esfera que emerge de um prisma quadrangular. No entanto, o volume que as une à base é distinto. No caso da taça-lanterna que se observa ao alçado principal, o suporte é uma mísula ladeada por modilhões. A taça do ângulo oposto assenta num pedestal que exhibe pontas de diamante na zona superior, e um ornato tipo voluta na aresta inferior. As pontas de diamante voltam a marcar presença no alçado principal para rematar inferiormente a pequena mísula que coloca o depósito da urna num ligeiro balanço.

Figura 79 – Mausoléu do Arquitecto Domingos Parente da Silva, no Cemitério da Ajuda, Lisboa, 1905 – Face lateral.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para o Túmulo do Architecto Domingos Parente da Silva – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 170, Anno VI, (1905), p. 105.



Estilo: Esta obra corresponde a mais um exemplo onde referências ecléticas, visíveis na particularização de alguns componentes, ocultam o interesse que a volumetria geral manifesta. Na prática, os adereços que lhe foram colados ofuscam a clareza volumétrica que os volumes mais simples possuem.

2.1.1.12. Casa e Atelier de artista (1906)

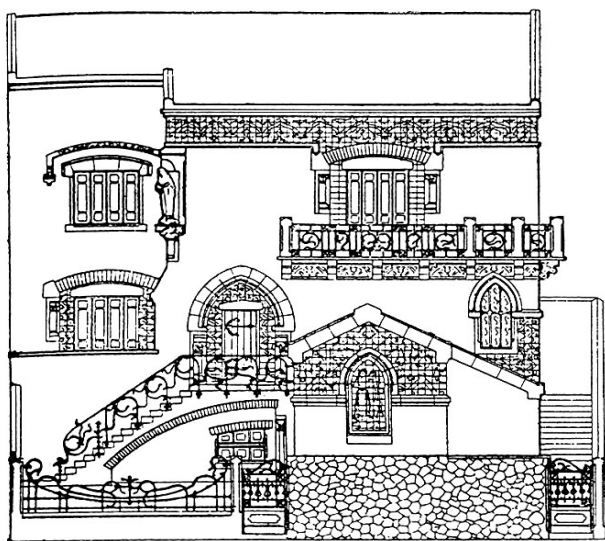


Figura 80 – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés, 1906 – Alçado Principal.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 201, Anno VII, (1906), p. 65.

Situação do imóvel/projecto: Desconhecida/ Desconhecida
Localização/Morada: Algés/ Desconhecida

Este projecto e o respectivo orçamento⁹⁰ foram encomendados por um escultor⁹¹ ao architecto Álvaro Machado. O edifício, a construir num terreno em Algés, seria o domicílio e o atelier do artista. O programa funcional da habitação, composto por uma quantidade razoável de dependências, espelhava as exigências de uma família de classe alta. A zona destinada ao atelier estava prevista construir somente quando houvesse necessidade da mesma, ou seja, o projecto contemplava a sua existência à partida mas a construção começaria pelo corpo da casa.

Técnica Construtiva: O edifício seria concretizado através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria mista de pedra e tijolo (constituíam a caixa mural do edifício, dos alicerces até às platibandas).

A estrutura do piso nobre da casa, localizada à cota mais alta do terreno, seria executada sobre o terreno e assentaria num complexo impermeabilizante de pedra

⁹⁰ «O orçamento aproximado é de 7:000\$000 réis».

Cf. COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 201, Anno VII, (1906), p. 66.

⁹¹ «Hoje inserimos o projecto para atelier e casa de habitação de um distinto escultor, que, modesto como são em geral os artistas de valor, quis também que se guarde incógnito, pelo menos até estar feita a obra».

Cf. COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 201, Anno VII, (1906), p. 66.

e asfalto. Na área do piso nobre, a única zona que não estava assente no referido complexo era a zona que ficaria por cima das arrecadações do atelier e que assentaria sobre abobadilhas de tijolo. A laje do primeiro andar seria uma estrutura de barrotes de madeira encastrados nas paredes. A estrutura das duas coberturas seria composta por traves de madeira, apoiadas nas paredes.

Materiais: As cantarias exteriores (travessas, colunas, peitoris, soleiras, mísulas e revestimentos) seriam em pedra calcária.

Os pavimentos dos quartos, da casa de jantar e da sala de visitas teriam soalhos em madeira. Os pavimentos dos restantes compartimentos (instalações sanitárias, corredores, vestíbulos, cozinha, copa, atelier, oficina e arrecadações) seriam em ladrilhos cerâmicos.

No que se refere a peças de serralharia, salientam-se os gradeamentos das varandas, das escadas e dos muros exteriores, assim como a caixilharia da clarabóia do atelier. No interior, são ainda de referir as serralharias das guardas das escadas. No âmbito das carpintarias exteriores, destacam-se as caixilharias das portas e das janelas.

A cobertura seria revestida a telha. O sistema de recolha das águas pluviais era assegurado por uma caleira integrada na platibanda.

Utilização: Este edifício possuiria duas utilizações: habitacional e laboral.

Distribuição funcional: O edifício era composto por duas zonas distintas. Uma destinava-se ao atelier, à oficina e à arrecadação (apenas acessível pelo exterior). A outra seria ocupada por uma habitação de dois pisos que comunicavam por uma escada interior.

No primeiro andar da habitação, ou piso nobre, seriam instaladas a sala de visitas, a casa de jantar, a copa, a cozinha, e o quarto da criada.

O segundo andar da residência iria albergar os quartos de dormir e as instalações sanitárias. O vão do sótão destinava-se às arrecadações.

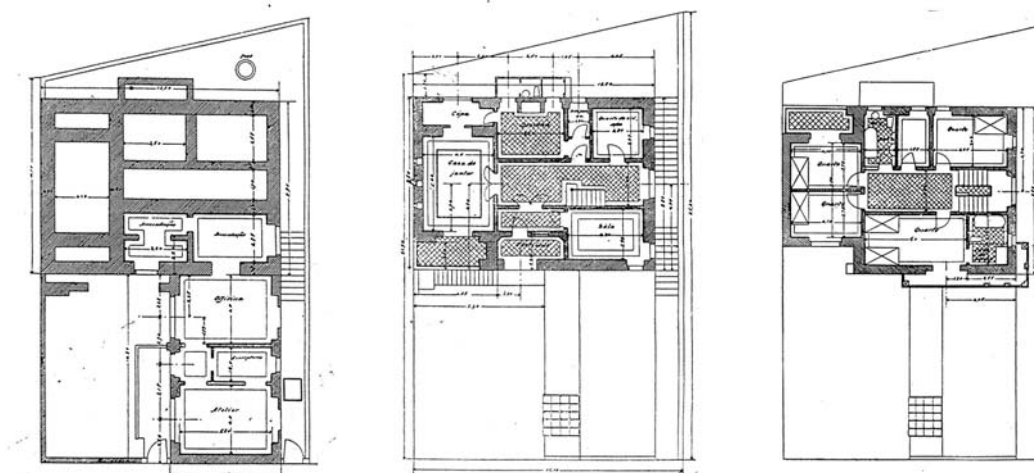


Figura 81 – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés, 1906 – Planta do atelier, do piso nobre e do 1º Andar.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 201, Anno VII, (1906), p. 65.

O acesso mais importante da casa era anunciado pela escadaria que se observa na fachada principal. Essa escadaria, situada num pátio de chegada, vinha na sequência dos portões do muro frontal. A entrada principal no piso nobre iria estabelecer-se por um vestíbulo exterior que comunicava com um pequeno corredor de distribuição. Na zona mais próxima da entrada principal encontravam-se os espaços de recepção de visitas (casa de jantar e sala de visitas). Na ala posterior desse piso iriam encontrar-se as divisões de apoio doméstico. A entrada mais à direita do muro principal daria acesso directo aos compartimentos das tarefas domésticas. Para chegar a esses espaços, instalados igualmente no piso nobre, teria que se utilizar a escadaria exterior, adjacente à fachada lateral. Nessa zona seriam instaladas as pias de despejo, a cozinha, a dispensa, o quarto da criada e a copa que comunicava directamente com a sala de jantar. O primeiro andar, destinado aos aposentos, seria composto por três quartos, uma suite, uma arrecadação e uma casa de banho. Nesse piso, salienta-se a suite, pela área e pela ampla varanda que apresentava. Os restantes quartos, à excepção do que tinha terraço, eram equivalentes.

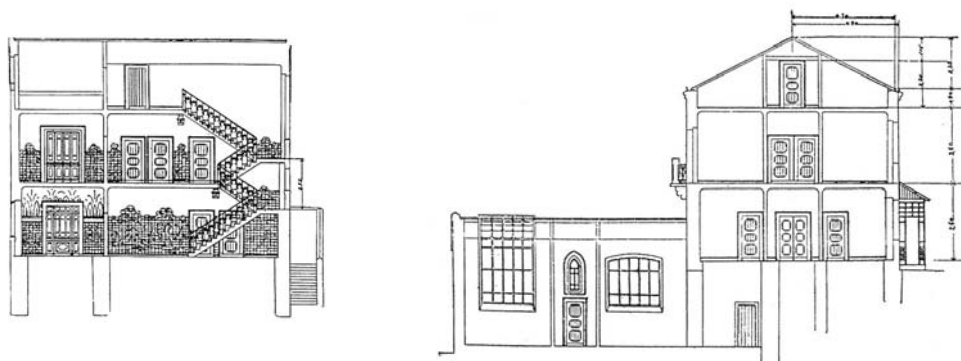


Figura 82 – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés, 1906 – Corte transversal e longitudinal. Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 201, Anno VII, (1906), p. 65.

O volume da cave, além de ser a caixa-de-ar do edifício, era a solução projectual que permitia a ligação à cota mais elevada do terreno. O espaço vazio que a cave configurava seria parcialmente aproveitado para as arrecadações do atelier. A ventilação e iluminação desses espaços seriam garantidas por pequenos vãos abertos nas fachadas. Os espaços de trabalho que eram independentes da casa encontravam-se no volume que avançava até ao muro principal. No interior do mesmo existiriam espaços com pé direito elevado e com boa iluminação natural para albergar adequadamente as actividades do escultor. Esses compartimentos correspondiam à oficina, ao escritório e ao atelier.

Forma/Conteúdo: Com a observação da volumetria do edifício, verifica-se que as características formais resultam da abordagem ao declive do terreno. Perante essa dificuldade, o autor optou pelo aterro para fazer coincidir a cota mais elevada do lote com o primeiro piso da habitação. A solução utilizada, além de colmatar a inclinação do terreno, elevava o corpo da casa e ampliava as vistas disponíveis no lote de Algés. No contexto geral da volumetria, o corpo da habitação, materializado pelo paralelepípedo ao alto, seria contrabalançado pela horizontalidade do atelier. Porém, o «L» que os referidos volumes formam, além de equilibrar o conjunto e de criar o pátio de chegada, não estabelece mais nenhuma relação funcional. Assim sendo, trata-se de mais um caso onde as massas celebram uma relação sem grande conteúdo. No entanto existe uma hierarquia funcional que atribui uma utilização homogénea a cada piso da habitação.

Decoração: Pela análise da estrutura funcional da casa depreende-se que a distribuição dos espaços pelos pisos resulta de uma hierarquia. Essa ordenação,

apesar de não se evidenciar como noutros projectos do autor, reflecte-se no desenvolvimento decorativo dos vãos exteriores.

No piso correspondente aos alicerces, a ornamentação resume-se ao tratamento dos vãos que nele existem. No rés-do-chão, os vãos, enquadrados por arcos abatidos ou quebrados, garantem a iluminação dos vários compartimentos. Esses vãos, apesar de adornados por colunas e por outros elementos pétreos, apresentam algumas vergas em tijolo maciço. No último piso o maior requinte decorativo está reservado aos vãos dos quartos principais. Nesses casos particulares, os elementos que adornam os vãos e a varanda de canto (colunas, mísulas e vergas decorativas), não fazem parte de um léxico neo-românico mas de um vocabulário impreciso que o autor ensaia nesta moradia.



Figura 83 – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés, 1906 – Alçados laterais e tardo. Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 201, Anno VII, (1906), p. 65.

No contexto geral da ornamentação, o requinte da frontaria diverge da modéstia que os vãos funcionais ou as frestas conferem às restantes fachadas. No conjunto dos vários dos elementos decorativos que se observam no edifício, a maior parte dispõe de uma função estritamente construtiva. Porém, salienta-se a excepção da estátua que repousa no cunhal da fachada principal. Dos restantes elementos decorativos realçam-se os painéis de azulejo que rematam a cimalha da frontaria. Com a observação dos cortes do projecto, verifica-se que as paredes das divisões mais importantes eram decoradas com lambris de azulejo.

Estilo: Na concepção estética desta casa, a articulação que o autor fez de elementos arquitectónicos de diferentes origens resulta numa composição confusa e ambígua. De facto, a mistura de vários tipos de arcos e o contraste decorativo que se verifica entre fachadas, não se concretizou num estilo ecléctico coerente. Por outro lado, esta abordagem continua a ser débil no relacionamento das massas com as áreas funcionais.

2.1.1.13. Projecto para viaduto em Entrecampos (1906)



Figura 84 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Perspectiva – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m. [MDCivil – IST]

Situação do imóvel: Não Construído

Localização/Morada: Lisboa/ Avenida da República

Em 1903, o Plano Geral de Melhoramentos da Capital materializava os projectos das Avenidas que tinham sido elaborados na Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa. O coordenador desses projectos, o Eng.º Frederico Ressano Garcia (1847-1909), definia uma estrutura urbana flexível, traçada a partir do centro representativo da cidade segundo os conceitos inglês e haussmanniano correntes na Europa. Na sequência desse plano surgem vários projectos da Câmara Municipal, para a expansão de Lisboa, que anunciavam a modernidade da Capital. Foi nesse âmbito que Álvaro Machado,



Figura 85 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Detalhe do Pilão.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia para Passagem dos Comboios da Linha de Sintra – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 195, Anno VII, (1906), p. 19.

auxiliado pelo Eng.º Raoul Mesnier du Ponsard⁹², contribuiu para a concretização desse espírito progressista em vigor.

Técnica Construtiva/Materiais: Este viaduto era constituído por dois elementos base: os pilões e o tabuleiro. Esses dois elementos, por questões de comportamento estrutural, eram construídos em materiais distintos. O tabuleiro, para poder resistir à flexão exercida pela passagem dos comboios, era constituído

⁹² Em 1905, Álvaro Machado casa com Alice Ferreira Pinto Basto Mesnier du Ponsard filha do Eng.º Raoul Mesnier du Ponsard. No ano seguinte (1906) elabora o projecto do Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia em conjunto com o sogro.

por perfis de ferro que eram mais robustos na zona de maior solicitação estrutural. Os pilões seriam construídos em pedra maciça para garantirem um apoio sólido ao tabuleiro. Essas massas de apoio, constituídas por rigorosos aparelhos de pedra, revelavam um grande domínio da estereotomia por parte do autor. No âmbito das serralharias salientam-se os candeeiros, em consola ou em coluna, e o gradeamento de protecção do tabuleiro.

Utilização: O viaduto iria completar a linha de caminho de ferro de cintura que ligava Lisboa a Sintra (onde actualmente se encontra a estação de Entrecampos).

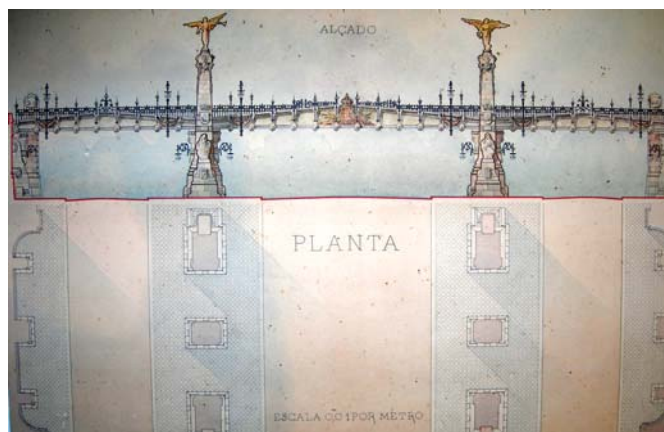


Figura 86 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Alçado e Planta – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: Os elementos base que formam o conjunto, pilões e tabuleiro, além da relação estrutural que estabelecem, não demonstram mais nenhuma afinidade formal. Portanto, trata-se de um caso onde as volumes celebram uma relação com pouco significado formal.

No âmbito dos 12 pilões que estabelecem o sistema de apoio do viaduto, é de realçar o desenvolvimento que demonstram verticalmente. Nesse contexto dos pilões é curioso observar como a robusta base quadrangular vai perdendo espessura até atingir a zona de assentamento do tabuleiro. Os pilões da zona central, semelhantes a obeliscos decorativos, impedem o conjunto de impor o seu cariz funcional. Os pilões interiores e os laterais, apesar de utilizarem na mesma estrutura formal dos restantes, interrompem o seu desenvolvimento vertical na zona onde assenta o tabuleiro.

No que diz respeito ao tabuleiro, a leveza que o volume parece ter é aparente. De facto, quando se compara a altura do tabuleiro com a dimensão dos restantes componentes descobre-se que o seu peso formal é dissimulado pelos elementos decorativos que lhe são adicionados.

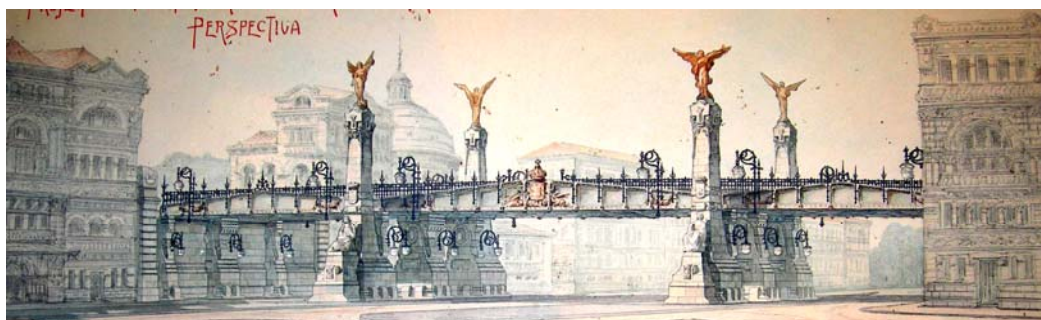
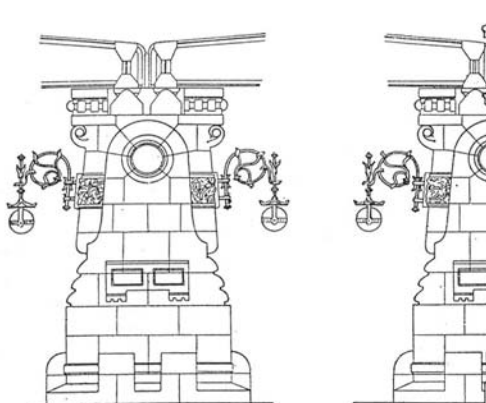


Figura 87 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Perspectiva – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m. [MDCivil – IST]

Decoração/Incorporação de artes plásticas: Os elementos decorativos existentes neste viaduto distribuem-se pelas várias secções metálicas do tabuleiro e pelos suportes em pedra. No âmbito dos pilões de pedra existem alguns cujo cariz decorativo é mais vincado. No caso dos 4 pilões que ladeiam o Brasão Real, o maior desenvolvimento vertical que apresentam serve para esconder as juntas de dilatação das diferentes secções do tabuleiro. Esse artifício, em forma de obelisco, é decorado por duas estátuas. A primeira é uma figura sentada que aparece na base. A segunda é uma mulher alada que surge no topo do obelisco, sobre um conjunto de ornamentos vegetalistas existentes nas quatro faces. A importância das estátuas que repousam na extremidade dos pilões centrais talvez esteja associada ao facto de enquadrarem o Brasão Real que se observa na face central do tabuleiro.

Figura 88 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Interior do Pilão e Pilão lateral.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia para Passagem dos Comboios da Linha de Sintra – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 195, Anno VII, (1906), p. 19.



No caso dos pilões interiores e laterais, o menor desenvolvimento vertical que apresentam deve-se ao facto de se limitarem à função de suporte. Estes pilões, pela função que possuem, são decorados com ornamentos de carácter estrutural como mísulas e modilhões. Dos vários elementos em ferro que compõem a ornamentação, sobressaem os requintados gradeamentos do tabuleiro e os suportes vegetalistas dos candeeiros visíveis nas faces laterais dos pilões.

Estilo: Com a observação dos dois elementos base que constituem este projecto depreende-se um certo contraste entre o peso dos pilões pétreos e a aparente esbelteza do tabuleiro metálico. Essa diferença, que pode equivaler à intervenção do arquitecto nos pilões e do engenheiro no tabuleiro, correspondia também à articulação do ecletismo académico com as inovações tecnológicas que surgiram na época no domínio da construção.

A aparência que este viaduto de dispunha correspondia em certa medida ao gosto com que Fialho de Almeida⁹³, no mesmo ano, idealizava na sua Lisboa Monumental nas páginas da *Ilustração Portuguesa*. No que se refere à linguagem adoptada observam-se algumas referências beauxartianas⁹⁴. No entanto, se os elementos pétreos forem observados isoladamente, subsistem as massas que Álvaro Machado tanto gostava de explorar.

⁹³ José Valentim Fialho de Almeida (1857 - 1911) publicou de 29 de Outubro a 19 de Novembro de 1906, na revista *Ilustração Portuguesa*, uma série de artigos que intitulados Lisboa Monumental.

⁹⁴ «...o estilo pomposo de “Segundo Império” que o arquitecto Álvaro Machado propusera, 1906, para um viaduto sobre a avenida axial das Avenidas Novas, em Entrecampos, com duas estátuas aladas, e bronze...».

Cf. FRANÇA, José-Augusto, Lisboa, 1900 – As «Avenidas Novas». In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.128.

2.1.1.14. Projecto para a parte baixa da muralha do Carmo (1906)

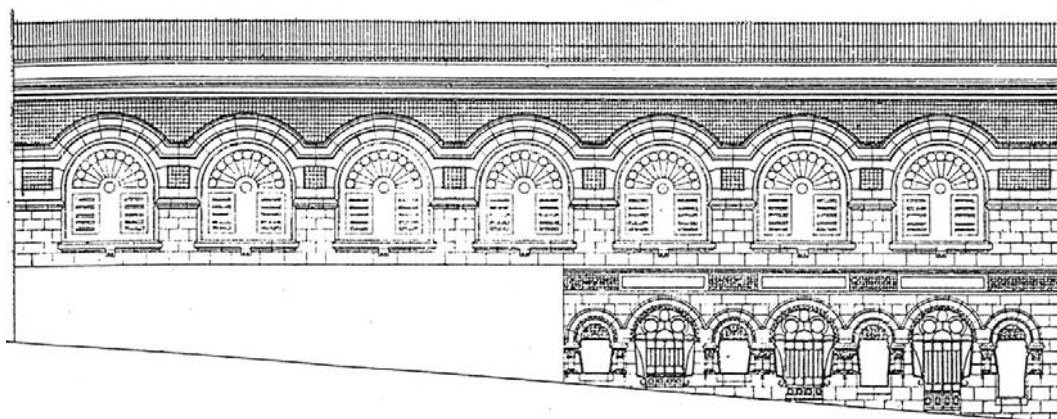


Figura 89 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Aspecto geral da fachada.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

Situação do imóvel: Não construído

Localização/Morada: Lisboa/ Rua do Carmo

Este projecto e o respectivo orçamento⁹⁵ foram encomendados por pela firma A. A. Reis & Sobrinhos ao architecto Álvaro Machado. A intervenção que o projecto do autor propunha consistia na introdução de espaços no intradorso da Muralha do Carmo. As três salas que constavam no programa funcional do projecto tanto permitiam a utilização independente de cada espaço como o usufruto total numa única loja. A ideia de realizar esta obra de melhoramento era algo que há muito reivindicavam alguns observadores atentos⁹⁶.

No entanto, por razões de ordem técnica e de concessão do espaço o projecto de Álvaro machado nunca chegou a arrancar. Em seu lugar construiu-se a proposta do architecto Leonel Gaia que subsiste até hoje.

⁹⁵ «O custo aproximado de esta importante obra, tudo completo, está computado em 17 ou 18 contos de reis».

Cf. COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 25.

⁹⁶ «Sempre que se tem efectuado festejos em Lisboa, para recepção de pessoas reais estrangeiras se têm preocupado os diversos organizadores com a ornamentação daquela parte do trajecto para encobrir aos olhos dos visitantes tamanho aleijão. Umas vezes tem-lhe posto sanefas, janelas fingidas com lonas pintadas, etc. Outras, e ainda assim talvez a melhor, tem-se coberto com heras e outras plantas».

Cf. COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 25.

Técnica Construtiva: O espaço interior das lojas seria concretizado por um sistema de abobadas de berço. Essa estrutura iria sustentar as aberturas efectuadas na muralha após uma perfuração de 6 metros. No entanto, o paredão, cuja espessura estava calculada em 5 metros, seria sujeito a sondagens prévias para aferir a metodologia construtiva mais adequada para o caso. A estrutura do pavimento das lojas seria provavelmente um massame impermeabilizado. As zonas da muralha que iriam corresponder às paredes das lojas seriam colmatadas por alvenarias de pedra e tijolo.

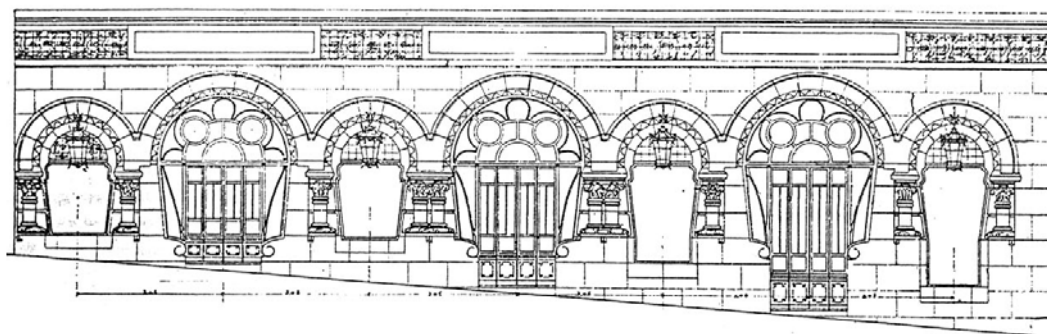


Figura 90 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Alçado das lojas.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

Materiais: As cantarias a utilizar no exterior (molduras, travessas, colunas, peitoris, soleiras, e revestimentos) seriam em pedra calcária.

No interior, o soalho das três salas apresentaria um parquet em madeira de carvalho e pinho nórdico e o corredor seria pavimentado com ladrilhos de pedra. A madeira de carvalho, além de surgir nos soalhos, seria aplicada nos adornos das armações de cada sala.

No que diz respeito às serralharias exteriores, salientam-se os candeeiros de iluminação das montras e os caixilhos das portas e das vitrinas.

No âmbito das carpintarias interiores, destacam-se as caixilharias das portas e o mobiliário de apoio.

Os tectos abobadados seriam revestidos a azulejo.

Utilização: Esta construção iria servir para a instalação de um ou de vários estabelecimentos comerciais.

Distribuição funcional: O espaço interior apresentava três salas iguais unidas por uma passagem. Essa concepção funcional possibilitava a utilização autónoma ou integral dos compartimentos.

As três portas que se observam no alçado eram totalmente envidraçadas porque correspondiam à única fonte de luz e de ventilação natural dos espaços. Caso se optasse por três lojas autónomas, estava prevista uma pequena instalação sanitária de apoio no espaço gerado pela parede que fechava o corredor de ligação.

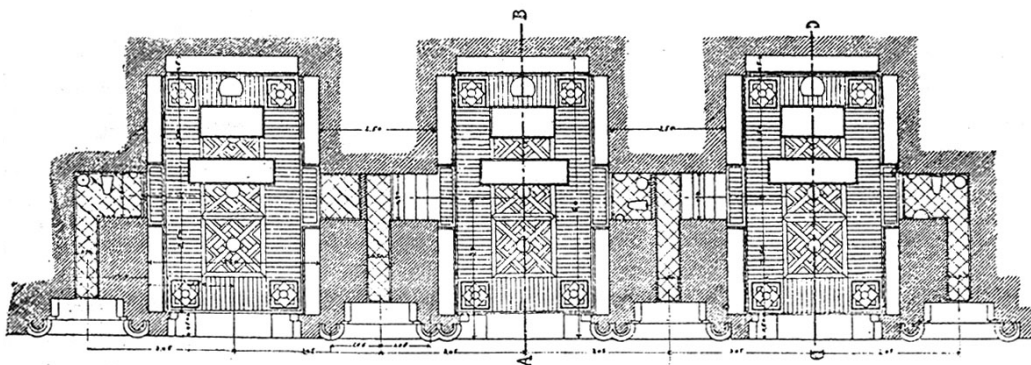


Figura 91 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Planta.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. *A Construção Moderna*. Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

Forma/Conteúdo: No âmbito da volumetria, os três espaços interiores que constituem a essência do projecto resultam da subtracção dos volumes que as abobadas de berço provocam na muralha. Por outro lado, os volumes que asseguram espaço interior acabam por se reproduzir nos arcos de volta perfeita que configuram dos vãos das portas.

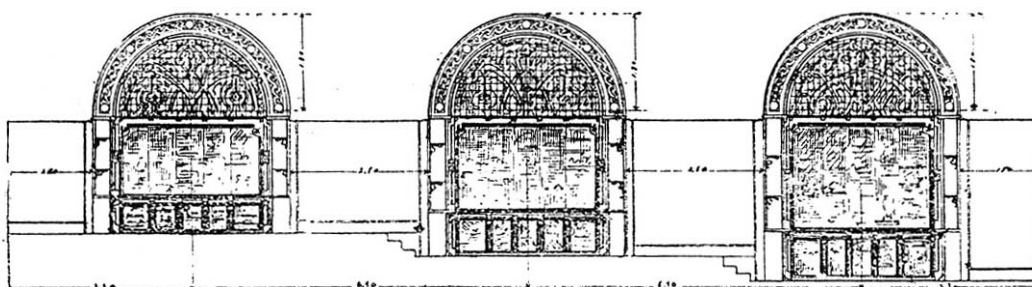


Figura 92 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Corte longitudinal.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. *A Construção Moderna*. Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

No interior dos três espaços principais a diferença de cota que se verifica ao nível dos pavimentos produz uma variação nos pés-direitos que altera as características espaciais das salas. No exterior, essa solução reproduz-se numa maior linearidade do alçado e numa melhor concordância das soleiras das lojas com o declive da Rua do Carmo.

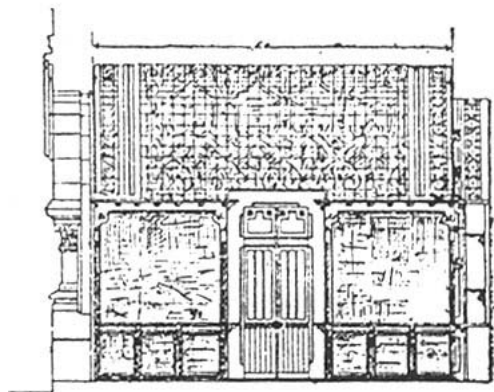


Figura 93 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Corte transversal.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 25.

Decoração: Pela análise do programa de intenções deste projecto depreende-se que a intervenção resultava essencialmente da compatibilização da solução construtiva com a nova coerência estética que se procurava atribuir à muralha. Essa gestão de factores acaba por se repercutir no desenvolvimento decorativo dos vãos exteriores das lojas.

Na zona de fachada que correspondente aos estabelecimentos o tratamento decorativo ocorre do enquadramento dos vãos que nela existem. Esse conjunto de vãos, composto por portas e por montras, é emoldurado por dois tipos de arcos de volta perfeita. Por sua vez, essa sequência de arcos descarrega numa sucessão de colunas da mesma altura que, excepcionalmente, se duplica no vão central.

No contexto geral da ornamentação, como a intervenção tinha o objectivo de conceder uma nova unidade à fachada da muralha, o projecto estendia-se à zona superior. Nessa zona de remate a muralha seria ornamentada em toda a extensão por sete vãos destinados a anúncios. Entre o citado remate e a zona das montras existiria um grande friso de azulejos que seria expressamente pintado para aquela localização.

No interior, pela observação dos desenhos do projecto, constata-se que as paredes e os tectos abobadados dos compartimentos seriam forrados por azulejos com motivos vegetalistas.

No caso dos pavimentos, o parquet iria apresentar uma composição baseada em motivos geométricos.

A organização interna das lojas previa ainda um conjunto de armários de arrumação e expositores integrados em nichos.

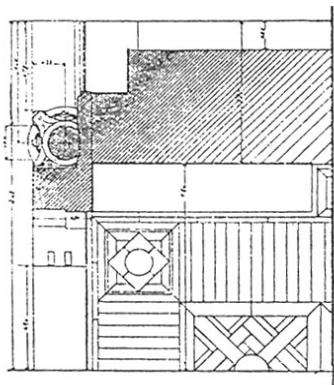


Figura 94 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Detalhe da Planta.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 25.

Estilo: Na concepção estética desta intervenção o autor articulou os arcos neo-românicos numa sucessão diferente do que era habitual. No entanto resultou num estilo eclético relativamente coerente. No âmbito da composição formal constata-se que os espaços interiores correspondem precisamente à projecção dos arcos de volta perfeita que configuram os vãos da fachada. Assim sendo, poderá dizer-se que o estilo preconizado apresenta alguma coerência na afirmação dos espaços interiores.

No que diz respeito à inserção da proposta na envolvente verifica-se uma certa continuidade entre o novo traçado e geometria da fachada preexistente.

2.1.1.15. Ampliação da casa do Sr. Dr. Filippe Vilhena (1907)

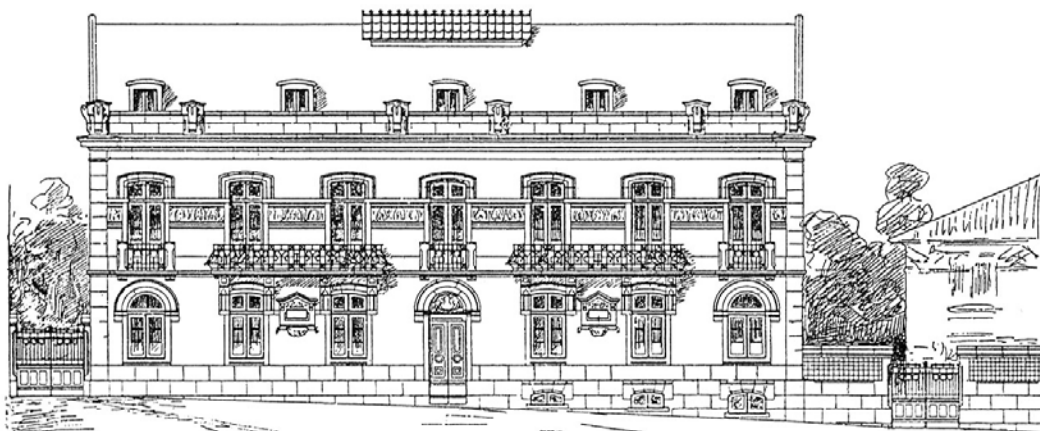


Figura 95 – Anteprojecto para a ampliação da casa do Sr. Dr. Filippe Vilhena, Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa, 1907 – Fachada principal.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filippe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 222, Anno VII, (1907), p. 233.

Situação do imóvel: Desconhecida

Localização/Morada: Lisboa/ Rua de S. João dos Bemcasados

O anteprojecto da ampliação desta casa, localizada na Rua de S. João dos Bemcasados, foi encomendado pelo Sr. Dr. Filippe Vilhena ao architecto Álvaro Machado. O edificio a ampliar era constituído por três pisos: rés-do-chão, primeiro andar e sótão. A ampliação consistia no prolongamento da ala Sul e no aproveitamento da cave.

O programa funcional desta ampliação contemplava a remodelação dos espaços existentes e a inclusão de novos compartimentos para salas de estudo e para quartos de professores e alunos. Essas novas dependências indicavam que o edificio seria transformado num colégio interno. No extenso programa funcional deste edificio ainda estava previsto um escritório para o proprietário.

Técnica Construtiva: O edificio seria construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria mista de pedra e tijolo. As paredes da cave, nas zonas de contacto com o terreno, seriam asfaltadas.

Os pavimentos do edifício, à excepção da nova cave⁹⁷, seriam construídos com perfis de ferro e abobadilhas de tijolo.

A estrutura da cobertura seria composta por traves de madeira encastradas nas paredes.

Materiais: A maior parte das cantarias estavam presentes em elementos exteriores como: travessas, peitoris, soleiras, e revestimentos.

Neste anteprojecto não existem dados que indiquem os materiais a aplicar nos pavimentos interiores. No âmbito das carpintarias salientam-se as caixilharias das portas e das janelas. No contexto das serralharias destacam-se os gradeamentos das varandas e dos muros exteriores.

A cobertura seria revestida a telha. O sistema de recolha das águas pluviais seria assegurado por uma caleira integrada na platibanda.

Utilização: O edifício seria convertido num colégio interno. No entanto continuava a albergar a habitação do proprietário.

Distribuição funcional: A nova configuração, composta por quatro pisos, dispunha de duas alas, funcionalmente independentes, que correspondiam à existente e à ampliação. A autonomia funcional das mesmas estava relacionada com a insuficiência que as comunicações verticais existentes apresentavam perante as novas exigências.

A ampliação consistiria na extensão do flanco sul, através de uma construção nova, e no aproveitamento da cave do edifício existente para arrumos, casa forte, fraqueira, três quartos, WC e escritório.

O rés-do-chão da casa existente seria remodelado para albergar o escritório, a cozinha, a copa, a dispensa e o refeitório dos criados. A zona do rés-do-chão a construir incluiria um novo vestíbulo de entrada, uma nova escada, uma sala de jantar e mais cinco compartimentos.

O primeiro andar do corpo existente iria acomodar três quartos de dormir, três instalações sanitárias, uma sala de estudo e outra de recreio. O primeiro andar do

⁹⁷ «...o da cave, que assentará sobre uma camada de pedra seca, revestida com massame cimentado e asfaltado, para garantir a sua impermeabilização».

Cf. COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N. ° 222, Anno VII, (1907), p. 234.

novo corpo iria dispor de mais um quarto, de mais uma instalação sanitária e de mais seis compartimentos.

A área do sótão existente destinava-se a quartos de professoras e de criadas. A porção de sótão equivalente à ampliação iria albergar mais dez compartimentos. Os quartos dos criados encontravam-se no primeiro andar do edifício⁹⁸ que acolhia a garagem e a cavalariça.



Figura 96 – Anteprojecto para a ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa, 1907 – Planta da cave, do rés-do-chão, do 1.º andar e do sótão.

Figura extraída de:
COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 222, Anno VII, (1907), p. 234.

O acesso principal efectuava-se pela única porta que se observa na frontaria. Essa porta era encimada por um arco de volta perfeita e localizava-se no eixo de simetria da fachada. A entrada no piso nobre, localizado no rés-do-chão, teria início num vestíbulo de distribuição. O referido átrio, posicionado no centro da planta, permitia optar pela ala direita, onde se encontravam as dependências de apoio doméstico e o escritório (com arrecadação na cave), ou pelo flanco esquerdo, onde estariam instalados os novos espaços.

Por intermédio do pátio que confinava com a fachada lateral do edifício alcançavam-se alguns dos compartimentos da cave. Para se aceder a esses espaços (quartos e apoios) utilizava-se a porta da fachada lateral ou a escada interior. A ventilação e a iluminação da cave eram garantidas por pequenos vãos abertos nas fachadas.

⁹⁸ Cf. COLLARES, E. Nunes – Anexo da propriedade do Sr. Dr. Filipe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 216, Anno VII, (1907), p. 185-186.

O primeiro andar, composto por compartimentos mais recatados, iria dispor de três suites, um quarto, uma casa de banho, uma sala de estudo e uma sala de recreio. O andar do sótão acolhia o mesmo tipo de compartimentos que o primeiro andar: uma suite, dois quartos, uma casa de banho, e vários outros compartimentos.

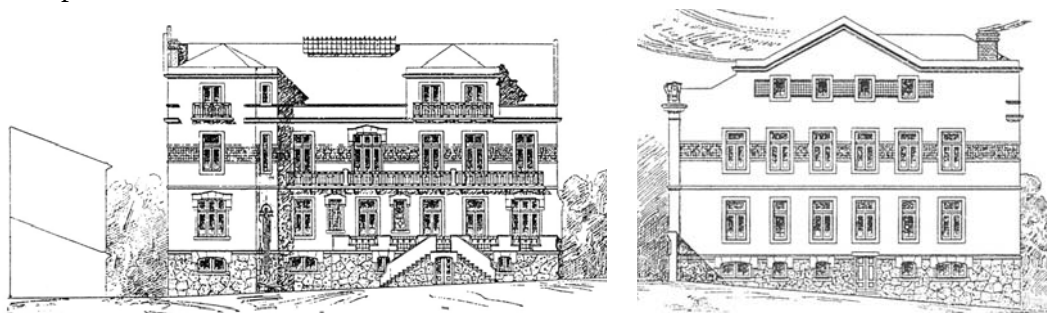


Figura 97 – Anteprojecto para a ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa, 1907 – Fachada posterior e lateral.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 222, Anno VII, (1907), p. 233.

Forma/Conteúdo: Perante uma preexistência que apresentava as características de um contentor pombalino, o autor limitou-se a prolongar das fachadas e a manter o ritmo dos vãos. No entanto, a colagem que se observa atribuiu maior equilíbrio ao conjunto

Na fachada posterior destaca-se a relação que o corpo vertical do edifício preexistente estabelece com o novo balcão do rés-do-chão e com as varandas que emergem do sótão. Na fachada lateral salienta-se o ritmo pombalino dos vãos dos dois primeiros pisos e o frontão que remata a empena. No âmbito da composição formal, o paralelepípedo contentor impõe a sua volumetria na generalidade dos espaços interiores. No entanto existe uma hierarquia que garante um funcionamento homogéneo em cada piso.

Decoração: No contexto geral da ornamentação do edifício, o maior desenvolvimento da fachada principal diverge um pouco da sobriedade das faces secundárias. No âmbito particular dos elementos decorativos constata-se que a maioria seriam cantarias aplicadas em revestimentos e em guarnições de vãos.

Na zona correspondente à cave o tratamento decorativo resume-se ao aparelho de pedra que reveste o embasamento.

Na faixa do rés-do-chão os vãos mais importantes são sobrepujados por arcos de volta perfeita. Os restantes vãos desse piso são guarnecidos por arcos abatidos ou por travessas simples.

Na fachada principal destacam-se as inúmeras varandas (simples e duplas) e os arcos abatidos que constituem as travessas dos vãos do primeiro piso. Na frontaria, destacam-se ainda as mansardas e as mísulas decorativas que se observam na zona do sótão. Nos restantes alçados salienta-se a varanda corrida que acompanha os vãos das traseiras do 1.º piso, o ritmo e a simplicidade das guarnições das janelas da fachada lateral e os varandins que sobressaem no último andar do alçado tardoz.

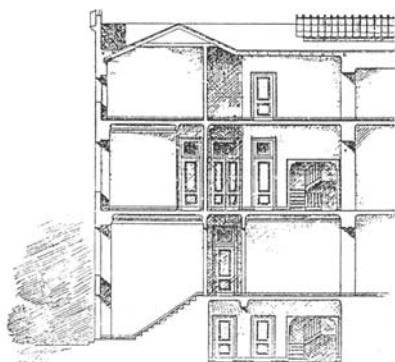


Figura 98 – Anteprojecto para a ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa, 1907 – Corte.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N. º 222, Anno VII, (1907), p. 233.

Dos restantes elementos decorativos exteriores, salientam-se os painéis de azulejo que rematam, a meia altura, os vãos do primeiro piso.

Pela observação dos desenhos deste anteprojecto, não é possível saber quais seriam os elementos e os materiais a utilizar na decoração interior.

Estilo: Neste projecto poderá dizer-se que o autor seguiu o estilo da situação preexistente. De facto, a ampliação ensaiada por Álvaro Machado limita-se à colagem de um volume irmão e à reprodução da linguagem pombalina do edifício original.

No entanto, a composição não se restringe à reprodução dos princípios da cartilha pombalina porque apresenta elementos do léxico decorativo do autor: os frisos de azulejo, os arcos de volta perfeita e o sólido embasamento. No âmbito da volumetria, a utilização do contentor pombalino, impôs limitações no que se refere à modelação dos espaços. Em termos globais a atitude que o autor adopta, resulta num estilo que combina os fundamentos da construção pombalina com alguns adereços do seu métier eclético.

2.1.1.16. Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso (1909)



Figura 99 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso – Fachada principal e posterior. Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 295, Anno IX, (1909), p. 241.

Situação do imóvel: Desconhecida

Localização/Morada: Lisboa/ Avenida António Maria d’Avellar

O projecto e o orçamento⁹⁹ desta casa, a construir na Avenida António Maria d’Avellar, foi encomendado pelo Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso ao arquitecto Álvaro Machado. A intenção do médico que encomendou este projecto era construir uma casa que satisfizesse as necessidades de sua família e que, ao mesmo tempo, albergasse o seu consultório.

Técnica Construtiva: O edifício seria construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria de pedra e tijolo (que envolveria toda a cintura do edifício dos alicerces até ao início das coberturas). As lajes dos pavimentos seriam uma estrutura de barrotes de madeira. A estrutura da cobertura seria, como se pode comprovar pelos cortes, um sistema de asnas de madeira.

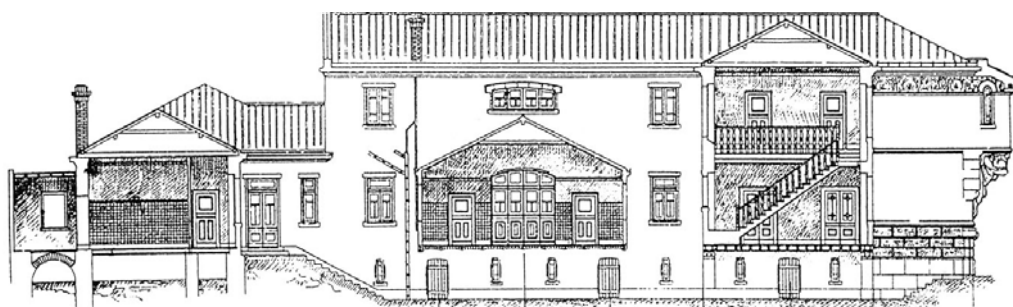


Figura 100 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso – Fachada lateral.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 295, Anno IX, (1909), p. 241.

⁹⁹ «O orçamento aproximado é de 13:000\$000 réis».

Cf. COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 295, Anno IX, (1909), p. 242.

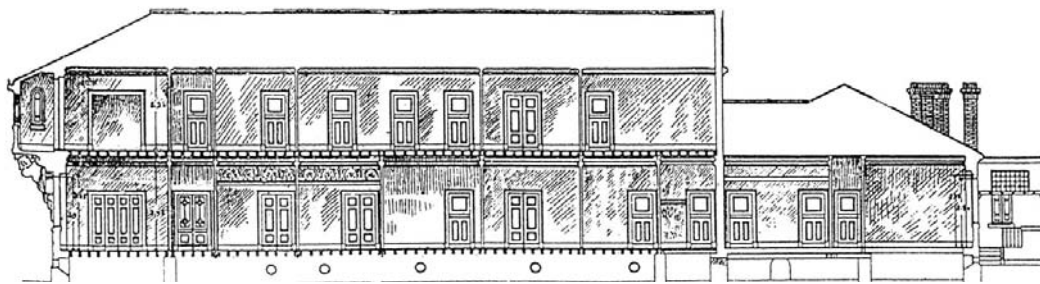


Figura 101 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso –Corte CD.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 295, Anno IX, (1909), p. 241.

Materiais: As cantarias exteriores destinavam-se a travessas, peitoris, soleiras, mísulas, colunas e ao revestimento do soco da frontaria.

Nos pavimentos interiores do vestíbulo principal, da cozinha e das instalações sanitárias existiriam ladrilhos. Os soalhos em madeira destinavam-se ao consultório, ao gabinete, à casa de espera, às salas de entrada (saleta e sala), aos quartos (do rés-do-chão e do 1.º andar), aos corredores e à casa de jantar. No interior, a madeira também seria utilizada nas guardas de escadas.

No que se refere a serralharias exteriores, apenas se destacam os portões que se observam na fachada principal.

No âmbito das carpintarias exteriores, salientam-se as caixilharias das portas e das janelas.

A cobertura, revestida a telha Marselha, destaca-se pela presença de um algeroz e dos respectivos elementos de fixação ao longo das cimalhas. No contexto das coberturas salienta-se ainda a presença pontual de chaminés em tijolo maciço.

Utilização: Esta edificação destinava-se ao uso habitacional e laboral.

Distribuição funcional: O edifício iria dispor de três entradas na zona frontal do lote. A entrada configurada pelo portão mais esquerda da frontaria permitia o acesso a um saguão. Esse espaço, confinado entre a empena esquerda da casa e a empena direita do vizinho, culminava numa escadaria de acesso à copa. O portão de entrada que se encontrava mais à direita do muro principal dava acesso a um pátio que findava numa varanda. Essa zona exterior tinha a particularidade de se enquadrar com a casa de jantar e de permitir o acesso a um quarto de recreio. A entrada mais importante da casa estava enquadrada na fachada principal. Na sequência da respectiva porta acedia-se a um pequeno vestíbulo. Esse espaço de transição, além de permitir a entrada no gabinete que antecedia o consultório,

possibilitava o acesso às várias salas de entrada (sala de espera, saleta e sala) e a um átrio de distribuição. Na sequência desse espaço de distribuição sucediam-se: três quartos, as instalações sanitárias, a casa de jantar, a copa (e respectiva dispensa), a cozinha (com acesso directo a um alpendre que albergava uma casa de banho e um tanque de despejos), a casa de engomar e um conjunto de três quartos (um deles seria um quarto de recreio). Por outro lado, o mesmo átrio que garantia a referida distribuição ao nível do rés-do-chão acolhia a escada de acesso ao primeiro andar da casa. Nesse primeiro piso encontrava-se uma suite, um quarto simples, três quartos para criadas, uma arrecadação, uma sala de estudo e uma instalação sanitária.

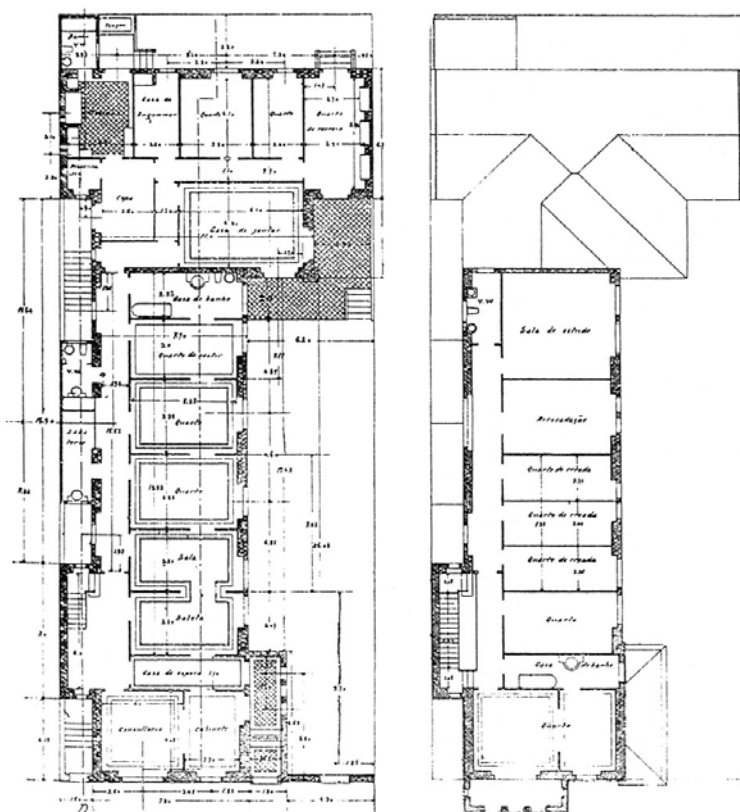


Figura 102 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso – Planta do rés-do-chão e do 1.º andar.

Figura extraída de:
COLLARES, E.
Nunes – Casa do sr.
dr. Avelino Lopes
Cardoso, na Avenida
António Maria
d'Avellar. Architecto,
Sr. Álvaro Machado.
**A Construção
Moderna.** Lisboa. N.º
295, Anno IX, (1909),
p. 241.

Forma/Conteúdo: No contexto da volumetria geral existe um corpo base que serve de suporte para a adição do volume que alberga as zonas de serviços domésticos. Com a análise da estrutura funcional do projecto depreende-se que a distribuição dos espaços pelos pisos é resultado de uma estrutura hierárquica. No entanto, a referida organização acaba por não se reflectir de modo evidente na aparência exterior. Na sequência da observação das fachadas, constata-se que as zonas de maior vocação social, existentes no rés-do-chão, se abrem para o pátio exterior através de janelas de sacada. Nas zonas da fachada que acomodam os

quartos dos últimos pisos observam-se praticamente o mesmo tipo de aberturas que marcam presença no rés-do-chão. No âmbito geral do conjunto, a sumptuosidade que caracteriza a fachada principal, e o seu requintado do varandim (decorado com colunelos, balaustradas e mísulas em forma de estátuas), contrasta com a simplicidade que o autor imprimiu nos restantes alçados.

No âmbito das coberturas o refinamento que se observa na cimalha da fachada principal advém do maior aparato que se exige à frontaria.

Decoração: O desadorno que caracteriza as empenas secundárias é contrabalançado por um incremento de elementos decorativos na frente do edifício. Esses ornatos, fabricados em pedra artificial, não estão destituídos das suas funções construtivas porque correspondem a colunas, colunelos, balaustradas, travessas, peitoris, soleiras e consolas. Nesse último caso, as consolas, de aparência figurativa, servem de apoio ao requintado varandim da fachada principal. Dos restantes elementos decorativos exteriores, salientam-se ainda os baixos-relevos presentes no entablamento da fachada principal e o aparelho de pedra que configura o embasamento frontal do edifício.

Pela observação dos cortes do projecto constata-se que algumas das paredes interiores apresentam lambris de azulejo e estuques decorativos.

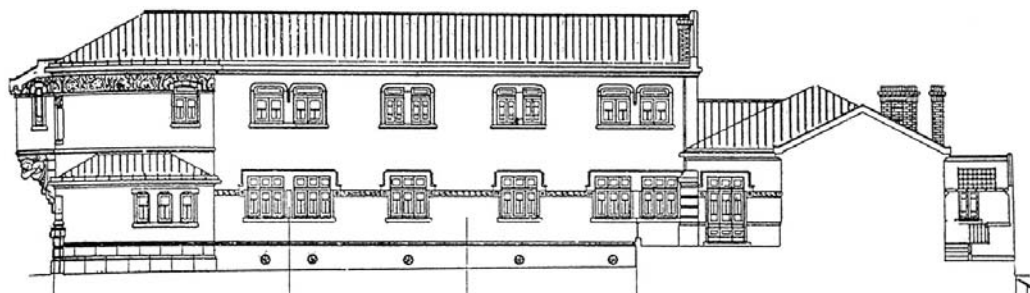


Figura 103 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso – Fachada lateral.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 295, Anno IX, (1909), p. 241.

Estilo: O detalhe que caracteriza as cimalhas das coberturas e o refinamento que as fachadas do corpo principal apresentam, poderão aproximar-se de um estilo eclético, apreendido sob o magistério de José Luís Monteiro. No entanto, a normalização e a simplicidade que estão patentes nas empenas secundárias correspondem a pressupostos de uma estética moderna. No âmbito do desenvolvimento formal a exploração das massas tem muito pouca expressão.

2.1.1.17. A casa do Sr. Dr. José Lacerda (1910)

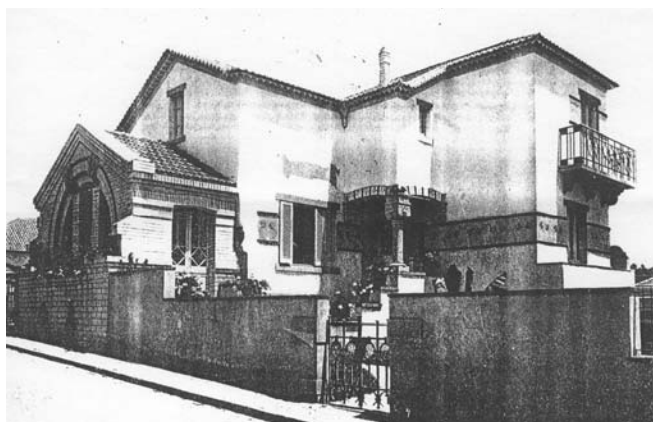


Figura 104 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Vista da fachada principal.

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Architecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa.** Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), Intercalar XI.

Situação do Imóvel/Projecto: Não demolido/Alterado
Localização/Morada: Cascais, Rua Guiomar Torrezão, N.º 8-A, tornejando com a Rua dos Miosporos.

O projecto para a construção desta casa foi encomendado pelo Sr. Dr. José de Lacerda ao arquitecto Álvaro Machado. O edifício a construir, num terreno no Estoril, seria o domicílio do distinto senhor e da sua família. O programa funcional, que incluía um número razoável de quartos, reflectia os requisitos de uma família que privilegiava espaços acolhedores e de fácil operatividade.

Técnica Construtiva: Para a construção desta casa foi adoptado um sistema de paredes-mestras (em alvenaria de pedra e tijolo) que utilizava reforços de pedra nas zonas sensíveis da estrutura.

As lajes dos pavimentos apresentam uma estrutura de barrotes de madeira. A estrutura da cobertura é um sistema de asnas de madeira.

Materiais: Nesta construção, as cantarias são colocadas em pontos fracos da construção como travessas, peitoris, soleiras, mísulas, e colunas. No entanto o tijolo maciço é também utilizado para a construção de alguns elementos estruturais com arcos e travessas.

No pavimento das instalações sanitárias, dos corredores do rés-do-chão, da cozinha e de um dos quartos da cave existia mosaico hidráulico.

Os soalhos em madeira destinavam-se aos quartos (excepto os da cave), ao escritório, ao atelier, à casa de jantar e à sala de recreio do 1.º andar. No interior, a madeira é ainda utilizada nas guardas de escadas.

No que diz respeito às serralharias exteriores, apenas se podem referir os gradeamentos das varandas e dos muros. No âmbito das carpintarias exteriores

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

salientam-se as caixilharias e as portadas das portas e das janelas. A cobertura, revestida a telha de aba e canudo, projecta-se das empenas através de um beirado com sub-beira.

Utilização: Este edifício destinava-se ao uso habitacional.

Distribuição funcional: Esta habitação, composta por três pisos, dispunha de vários núcleos funcionais que se articulavam por uma escada interior.

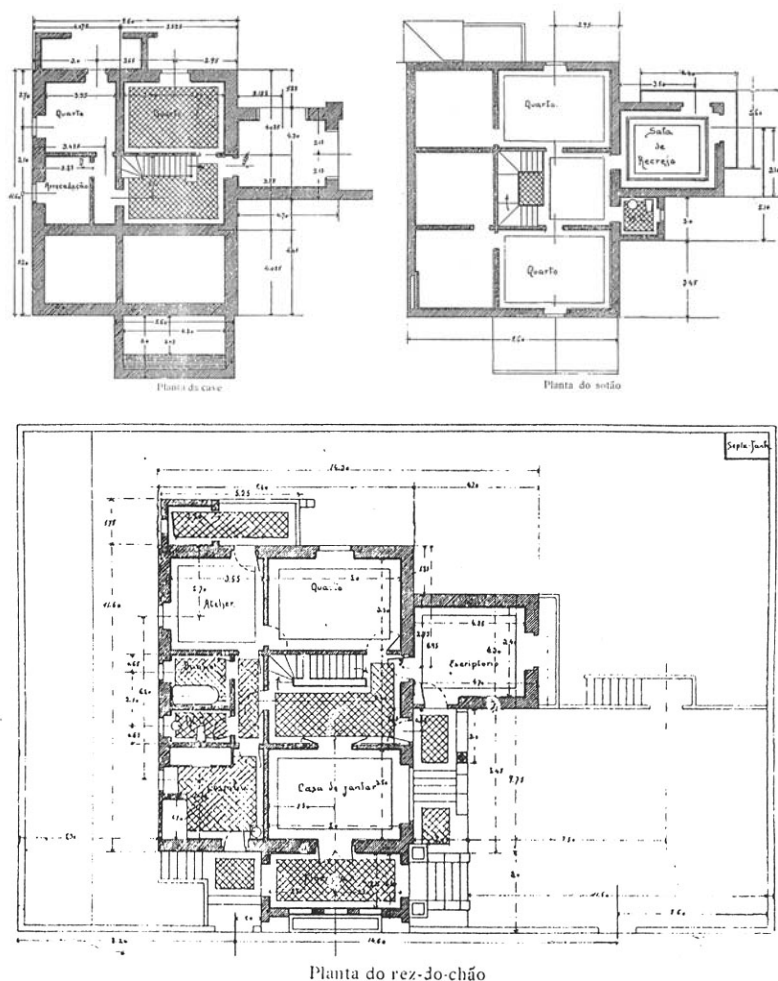


Figura 105 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta da cave, do sótão e do rés-do-chão.

Figura extraída de:
MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 22.

O acesso à casa é anunciado pelo pequeno volume que sobressai do recanto que as duas massas de maior dimensão proporcionam no átrio exterior de chegada. Para se alcançar a zona da porta, resguardada por um pequeno pórtico, sobe-se uma pequena escadaria. A entrada no piso nobre, localizado no rés-do-chão, realiza-se por uma porta que abre para o vestíbulo da escada de distribuição. Esse piso, que alberga as dependências de apoio doméstico (cozinha e instalação sanitária) no lado norte, reserva a ala sul para espaços destinados ao trabalho e à recepção de visitas (escritório e casa de jantar). No rés-do-chão a orientação nascente destinava-se ao atelier e ao quarto.

No rés-do-chão desta casa, além da entrada nobre, existe outra que comunica com a porta da cozinha. Na época em que a casa foi construída a zona da cozinha dispunha de uma pia de despejo, de uma dispensa e de uma área reservada à confecção da comida.

Para se chegar às dependências da cave bastava utilizar a escada interior ou os degraus existentes no exterior. Esse piso, além de colmatar as diferenças de cota do terreno e de funcionar com caixa-de-ar do edifício, albergava as dispensas e provavelmente os quartos dos criados.



Figura 106 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Corte Longitudinal.

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 23.

O primeiro andar, composto por compartimentos mais privados, dispunha de dois quartos, de uma sala de recreio, de uma casa de banho e de várias arrecadações (nas zonas de pé direito mais reduzido). Os dois quartos desse piso estavam colocados em orientações opostas, ou seja, um abria-se para nascente e o outro para poente. Por sua vez a sala de recreio desfrutava de uma ampla varanda virada para sul. Com a análise da planta desta casa conclui-se que o autor procurou utilizar estratégias que conduzissem a uma economia de meios. No sector das infra-estruturas, para diminuir gastos em tubagem concentrou as divisões que dispunham de canalizações. No âmbito da funcionalidade, articulou os compartimentos em torno de um único átrio central para facilitar a comunicação horizontal e vertical dos espaços



Figura 107 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas norte e poente.

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 22.

Forma/Conteúdo: Com a observação das características formais do edifício, verifica-se que a origem das mesmas não advém apenas da abordagem ao declive do terreno. De facto, a atitude que o autor adopta, também revela a preocupação que teve com a adaptação da forma à função. Para comprovar essa postura basta observar os volumes que utiliza para colocar em destaque alguns espaços. Desses volumes salientam-se a massa que se projecta para enquadrar a casa de jantar (até ao limite do muro), o pequeno volume que resguarda a porta de entrada (e acolhe a instalação sanitária do 1.º piso) e o paralelepípedo que emerge do chão para albergar o escritório e a sala de recreio. Dos restantes volumes do conjunto, realçam-se ainda os dois que sobressaem do telhado para formar as mansardas, e o corpo que desponta na fachada principal para configurar a chaminé da cozinha. O agenciamento volumétrico que se assiste é também responsável pelo recanto exterior que se forma junto à porta de entrada e que abraça o átrio de chegada (a zona exterior a sul - entre o muro e a casa).

No que diz respeito à disposição das aberturas, observam-se sóbrias sequências de vãos (como se pode observar na fachada norte) que acompanham a livre articulação de massas. Esses vãos, como não abrem demasiado os volumes, nunca lhes retiram nitidez. No entanto, a presença de elementos como os beirados impede que os volumes se exibiram na máxima pureza.

Decoração: Nesta habitação, o requinte que os arcos e as colunas atribuíam aos vãos exteriores é substituído por um acabamento mais homogéneo ao longo dos volumes.

Nesta moradia, o tratamento dos vãos resume-se às cantarias que reforçam a estrutura das aberturas, ou seja, à repetição de vergas e de peitoris que se observam nas fachadas.



Figura 108 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas sul e nascente.

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa.** Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), Intercalar XII.

De facto, a sobriedade e o equilíbrio que caracterizam a ornamentação exterior desta casa distanciam-se dos léxicos decorativos adoptados em projectos

anteriores. No âmbito particular dos elementos decorativos, as sequências de beirados impõem-se relativamente às colunas e às mísulas que se observam. Por sua vez os referidos beirados são acompanhados por uma série de pequenas arcaturas que formam as sub-beiras. Dos restantes elementos decorativos exteriores, são ainda de salientar os painéis de azulejo. Esses, através do remate que celebram a meia altura, estabelecem a continuidade entre os vãos.

No interior, constata-se a presença de lambris de azulejo em alguns compartimentos. No contexto da decoração dos interiores, salienta-se ainda o facto de o autor ter concebido o mobiliário da casa.

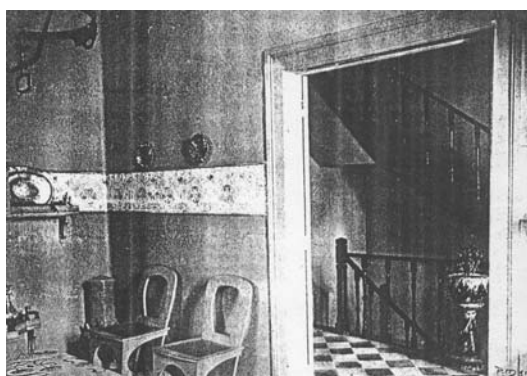


Figura 109 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Trecho da sala de jantar e da escada.

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 23.

Estilo: Este projecto foi utilizado para ilustrar a páginas de um artigo¹⁰⁰ que fazia a apologia de alguns conceitos que fundamentavam a discussão da casa portuguesa. Entre esses intentos figuravam valores associados à correcta integração no local e à necessidade da construção responder ao clima¹⁰¹.

Por outro lado, esse mesmo artigo vinculava o projecto de Álvaro Machado à simplicidade funcional e à coerência construtiva da modernidade¹⁰².

¹⁰⁰ Cf. MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 21-25.

¹⁰¹ « (...) o clima estabelece diferenças essenciais entre as casas (...)».
Cf. MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 22.

¹⁰² « (...) A arte moderna é lógica e simples (...)».
Cf. MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 22.

No contexto dessa aproximação à modernidade é ainda focada a preocupação de Alvaro Machado com adequação da forma à função que lhe é atribuída¹⁰³. Nesse âmbito é salientado também o modo como a casa se restringiu a espaços essenciais e de fácil operacionalidade.

No conjunto da obra do autor, esta casa protagoniza a substituição do métier românico por um vocabulário novo e híbrido, que se caracteriza por ensaiar o relacionamento de conceitos vernaculares com «os traços característicos da nova arte»¹⁰⁴.

No que diz respeito à volumetria, o novo estilo que o autor preconiza, utiliza as massas para valorizar alguns dos espaços interiores.

No contexto geral desta nova atitude adoptada pelo autor, realça-se ainda o pragmatismo construtivo¹⁰⁵ que se verifica na aplicação de elementos de pedra¹⁰⁶ com travessas, peitoris e capeamentos.

¹⁰³ « (...) a apropriação da forma à necessidade que ela exprime(...)»

Cf. MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 25.

¹⁰⁴ Cf. MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 21-25.

¹⁰⁵ «(...) um exemplar de construção lógica, dos poucos que conhecemos».

Cf. MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 23.

¹⁰⁶ « (...) a pedra não é prodigializada inutilmente; ela é colocada nos pontos fracos das construções, ali onde os materiais são mais expostos às intempéries (...)».

Cf. MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 23.

2.1.1.18. Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril (1910)



Figura 110 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas principais. Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa.** Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), Intercalar XIII.

Situação do Imóvel/ Projecto: Não demolido/Alterado
Localização/Morada: Cascais, Rua Maestro Lacerda, N.º 20.

A construção do Bairro das Roseiras visava o rendimento imobiliário do seu promotor, o Dr. José de Lacerda. No entanto, a morte prematura do seu proprietário e mentor, em 1911, obrigou a que a construção do complexo ficasse pelo primeiro dos três grupos de habitações. O conjunto de casas que foi construído, Grupo de casas – tipo 3, conservou a posição que tinha ficado prevista na planta geral. No plano inicial o bairro iria dispor de três grupos de habitações, como três tipologias de habitação diferentes. Atendendo a que as casas eram para rendimento do senhorio, Álvaro Machado criou tipologias que permitiam uma grande flexibilidade dos espaços. No contexto funcional das várias plantas, assiste-se a uma distribuição que visava a fácil operacionalidade entre compartimentos. O plano geral do bairro dispunha de casas cujos programas funcionais podiam responder às necessidades de famílias até seis pessoas.

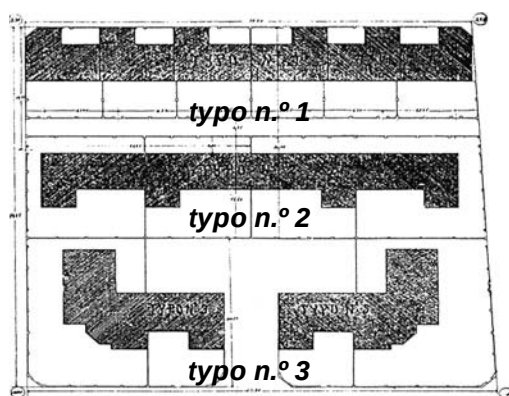


Figura 111 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta Geral do terreno.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto de grupos de casas que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 269, Anno IX, (1908), p. 34.

Técnica Construtiva: Para a construção deste conjunto de habitações foi adoptado um sistema de paredes-mestras (em alvenaria de pedra e tijolo) que utilizava reforços de pedra nas zonas mais frágeis da estrutura.

As lajes dos pavimentos e as asnas de apoio da cobertura apresentam estruturas em barrotes de madeira apoiadas nas paredes.

Materiais: Nestas construções, as cantarias foram reduzidas ao mínimo. As poucas que foram utilizadas surgem apenas em casos de reforço construtivo como: peitoris, soleiras e mísulas. Nos pavimentos interiores das várias habitações, as instalações sanitárias, a cozinha e a copa apresentavam mosaico hidráulico. Os soalhos em madeira destinavam-se aos quartos, escritórios, casas de jantar e salas de estar. No interior, para além dos pavimentos e das portas, a madeira é utilizada nas guardas de escadas. No que se refere às serralharias exteriores, apenas se podem referir os gradeamentos das varandas e os portões de acesso ao lote. No âmbito das carpintarias exteriores salientam-se as caixilharias das portas e das janelas. A cobertura, revestida a telha de aba e canudo, projecta-se das empenas através de um beirado simples.

Utilização: As construções destinavam-se ao uso habitacional e laboral (no caso das casas que possuíam escritório).

Distribuição funcional: O grupo de moradias que foi construído localiza-se num terreno no Estoril. As várias casas que compunham o Bairro das Roseiras eram, à excepção de uma das habitações do Grupo de casas tipo 3, compostas por dois pisos ligados por uma escada interior. O plano geral do bairro dispunha de tipologias que podiam responder às necessidades de famílias até seis pessoas.

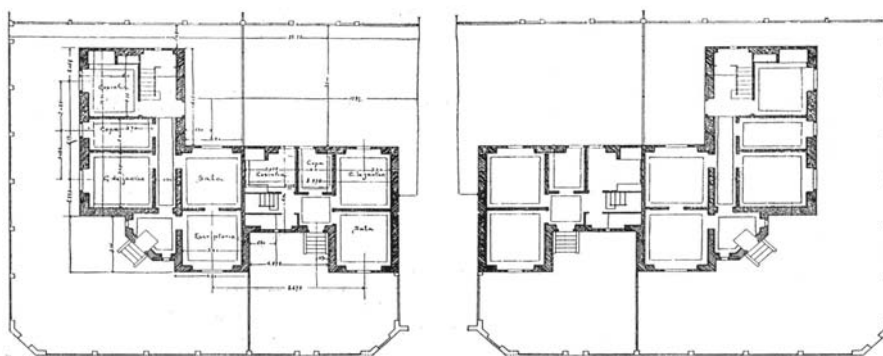


Figura 112 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do rés-do-chão do Grupo de casas tipo 3.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Grupo de casas, tipo 3, que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 271, Anno IX, (1908), p. 49.

O Grupo de casas tipo 3 é composto por quatro habitações.

Neste grupo de casas o acesso à habitação de esquina é declarado pelo volume que surge do recanto gerado pelas duas massas adjacentes. Para se alcançar a zona da porta, enquadrada no volume saliente, sobe-se por uma pequena escada.

A entrada no piso nobre, localizado no rés-do-chão, realizava-se por uma porta que abria para um vestíbulo. Esse espaço de distribuição, além de permitir o acesso a todas as dependências de apoio doméstico (cozinha, copa e instalação sanitária), por intermédio de um corredor, possibilitava a ligação à ala onde se encontravam os espaços destinados ao trabalho e à recepção de visitas (escritório e casa de jantar). Para se chegar aos compartimentos dos andares superiores bastava utilizar a escada que existia no final do corredor do rés-do-chão.

A zona mais privada da casa, o primeiro andar, dispunha de quatro quartos, de uma sala de estar, de uma casa de banho e de uma retrete. Os quatro quartos desse piso apresentam uma disposição que se limitava a seguir a distribuição funcional do piso inferior. Na parte útil do sótão existiam três quartos e uma retrete.

O acesso à habitação que se encontra adjacente à de esquina é declarado pelo recuo da fachada e pelo avanço dos dois volumes que a ladeiam. Para se alcançar a zona da porta, enquadrada no referido recuo, sobem-se alguns degraus. Depois de se entrar no interior piso nobre, situado no rés-do-chão, chega-se a um vestíbulo. Esse espaço de distribuição, para além de albergar a escada de acesso ao primeiro andar, permite o acesso às dependências de apoio doméstico (cozinha, copa e casa de jantar) e à sala de visitas. Para se alcançar os compartimentos dos andares superiores bastava utilizar a escada existente no vestíbulo. O primeiro andar, reservado aos aposentos, acolhe três quartos e uma casa de banho/retrrete. Os quartos deste piso, à semelhança do que acontece na casa confinante, apresentam uma disposição que segue a distribuição funcional do rés-do-chão.

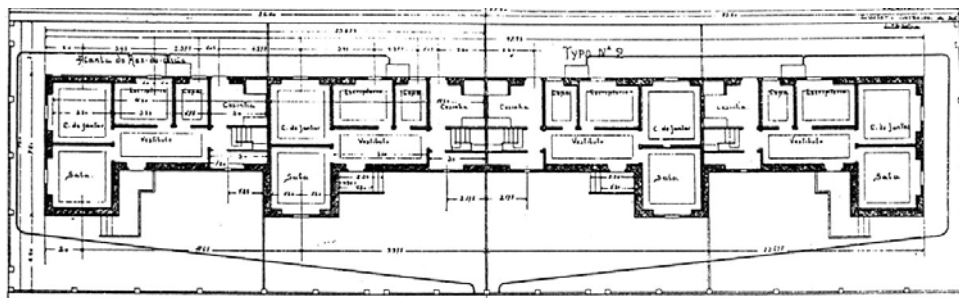


Figura 113 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do rés-do-chão do Grupo de casas tipo 2.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Grupo de casas, tipo 2, que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 270, Anno IX, (1908), p. 42.

O Grupo de casas tipo 2 é composto por quatro habitações.

Neste grupo de casas o acesso às habitações é declarado pelo retrocesso na fachada. Para se alcançar a zona da porta, sobe-se uma pequena escada. Depois de se entrar no piso nobre, localizado no rés-do-chão, chega-se a um vestíbulo. Esse espaço de distribuição, além de comunicar com a escada de acesso ao primeiro andar, permite o acesso às áreas de apoio doméstico (cozinha, copa e casa de jantar), à sala de visitas e ao escritório. Para se alcançar os aposentos dos andares superiores utilizava-se a escada adjacente ao vestíbulo.

O primeiro andar, reservado a compartimentos mais íntimos, acolhe quatro quartos e uma casa de banho/retrete.

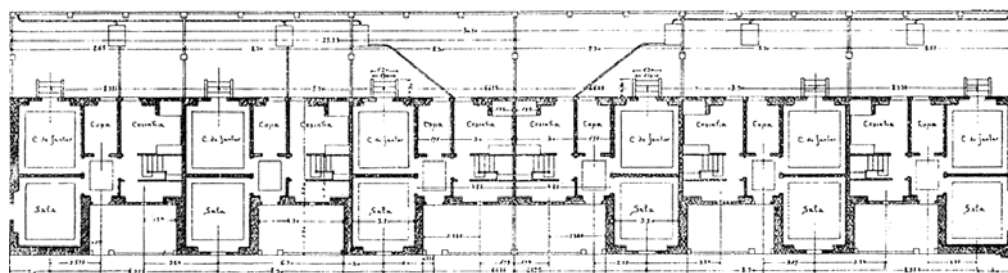


Figura 114 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do rés-do-chão do Grupo de casas tipo 1.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto de grupos de casas que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 269, Anno IX, (1908), p. 33.

O Grupo de casas tipo 1 é composto por seis habitações.

Neste grupo de casas a entrada nas habitações processa-se através do mesmo esquema que foi adoptado nos restantes grupos, ou seja, o acesso efectua-se pela zona mais recuada da fachada. Depois de se entrar no rés-do-chão, chega-se a um

pequeno átrio. Esse espaço de transição, além de comunicar com a escada de acesso ao primeiro andar, permite o acesso às zonas de apoio doméstico (cozinha, copa e casa de jantar) e à sala. O primeiro andar iria acolher três quartos e uma casa de banho/retrete. Os quartos desse piso, à semelhança do que acontece nas restantes casas, organizam-se na continuidade da distribuição funcional do piso antecedente.

Forma/Conteúdo: As características formais dos vários grupos de casas do Bairro das Roseiras resultam da repetição dos seus módulos. De facto, a sucessão de volumes que se observa nas fachadas (figura 110) decorre de uma modulação. No interior dos volumes que marcam esse ritmo transversal encontram-se os quartos e as salas de todas as casas. Os restantes espaços dos fogos (circulações e apoio doméstico) ocupam os corpos longitudinais. A separação de funções que se verifica na volumetria de cada uma das casas demonstra que as massas estão directamente relacionadas com o uso que encerram. Neste contexto formal é de salientar ainda (no caso do Grupo de casas tipo 3) o modo como o corpo do vestíbulo de entrada se projecta e se encaixa no canto configurado pelos dois paralelepípedos de maior dimensão.

No âmbito da composição das fachadas constata-se que os vãos se sucedem ao longo dos volumes. Esses vãos, à semelhança do que acontece na casa do Dr. Lacerda, realçam a articulação entre massas. Porém, a insistência na utilização de beirados impede os volumes de se manifestarem na forma mais pura.

Decoração: Nas diferentes habitações do complexo o autor substitui o requinte que costumava associar à decoração dos vãos exteriores pelo acabamento geral dos volumes. Assim sendo, os elementos decorativos mais importantes destes edifícios acabam por ser os beirados e os painéis de azulejo. As cinturas que esses azulejos celebram, além de rematarem a extremidade de alguns volumes, asseguram uma certa continuidade dos vãos.

Estilo: O Bairro das Roseiras, à semelhança do que aconteceu com a Casa do Dr. Lacerda, foi utilizado para ilustrar um artigo que criticava as «tentativas de estilyzação tradicionalista»¹⁰⁷ em voga na época. O referido artigo condenava as tentativas de aproximação à tipologia da casa portuguesa e acusava-as de falta da fundamentação teórica¹⁰⁸. Por outro lado, apelava ao bom senso e ao génio inventivo dos arquitectos portugueses para ultrapassar o momento de transição estilística em que se encontrava a arquitectura da época¹⁰⁹.

Na conclusão desse artigo, o carácter analizador, estudioso e inventivo da arquitectura de Álvaro Machado é citado como uma possível resposta estilística da arquitectura portuguesa às necessidades e ideias do novo século - o século XX. De facto, no campo estilístico, as casas em análise encenam um vocabulário que apesar de jovem e de utilizar conceitos contraditórios (tradição e contemporaneidade), consegue ser consistente. No que se refere à volumetria, o estilo preconizado utiliza as massas em função do uso que encerram.

No âmbito estritamente construtivo deste projecto, a objectividade com que a pedra é utilizada e a espontaneidade com que os tubos de queda são assumidos nas fachadas, confirmam o pragmatismo que caracteriza o autor. Para finalizar, é de referir que Álvaro Machado, contrariamente ao que é seu hábito (no sentido de estabelecer uma boa implantação do edifício), coloca a volumetria em contacto directo com o solo, sem estabelecer nenhuma transição prévia.

¹⁰⁷ «Temos visto não só nesta revista, como noutra congénere, uma tentativas de estilyzação tradicionalista, procurando achar o tipo da *casa portuguesa*, se é que tal tipo realmente existiu». Cf. MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), p. 26.

¹⁰⁸ «Neste caos, as tentativas de artistas de boa vontade nem sempre têm por onde sensatamente se orientarem, e o seu génio artístico tem de suprir a falta de elementos de fé». Cf. MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), p. 27.

¹⁰⁹ «Nada de desesperar, pois se não recriemos que morra a arquitectura. Ela actualmente, por vezes, tem andado às apalpadelas por admitir elementos estranhos que procura assimilar; todavia não está na decadência, ainda menos no aniquilamento, consideremos o estado actual como trabalho de uma época de transição, mas de transição estudiosa e fecunda». Cf. MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), p. 26.

2.1.1.19. As casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril (1910)



Figura 115 – As casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas principais. Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Architecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa.** Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), Intercalar XIV.

Situação do Imóvel/Projecto: Não demolido/Alterado

Localização/Morada: Cascais, Rua das Rosas, N.º 4 e N.º 6.

A construção destas moradias geminadas fazia parte de uma acção que visava o rendimento imobiliário do arquitecto Álvaro Machado.

Para responderem ao fim a que se destinavam estas casas dispunham de programas funcionais que, pela quantidade de divisões que possuíam, garantiam a instalação de famílias de seis pessoas.

Técnica Construtiva: Para a construção destas habitações foi adoptado um sistema de paredes-mestras (em alvenaria de pedra e tijolo) que utilizava reforços de pedra nas zonas mais frágeis da estrutura.

As lajes dos pavimentos e as asnas de apoio da cobertura apresentam estruturas em barrotes de madeira apoiados nas paredes.

Materiais: Nestas casas, as cantarias foram utilizadas apenas em casos de reforço construtivo como: peitoris, soleiras e mísulas. Nos pavimentos interiores destas habitações, as instalações sanitárias, a cozinha e a copa apresentavam mosaico hidráulico. Nas duas casas, os soalhos em madeira destinavam-se a todos os quartos, às casas de jantar e às salas de estar. No interior, para além dos pavimentos e das portas, a madeira é utilizada nas guardas de escadas.

No que se refere às serralharias, apenas se podem salientar os gradeamentos das varandas e os pequenos portões de acesso ao lote. No âmbito das carpintarias exteriores, salientam-se as caixilharias das portas e das janelas. A cobertura, revestida a telha de aba e canudo, projecta-se das empenas através de um beirado simples.

Utilização: As duas moradias destinavam-se ao uso habitacional.

Distribuição funcional: Estas casas foram construídas num terreno no Estoril. No caso particular deste projecto, o arquitecto Álvaro Machado não pôde disponibilizar desenhos rigorosos¹¹⁰. Porém, tratam-se de duas casas iguais, para dois inquilinos, compostas por rés-do-chão e primeiro andar (apesar de uma delas possuir três compartimentos em cave). O acesso às casas é declarado por um volume que avança na fachada principal. Esse corpo, além de agregar o pequeno pórtico de entrada, inclui os volumes das mansardas que emergem do telhado. Nessa composição da entrada salienta-se ainda a proeminente chaminé que remata lateralmente o conjunto. A entrada no piso nobre realiza-se por uma porta que abre para um vestíbulo. Esse espaço de distribuição, além de receptáculo da escada de acesso ao primeiro andar, comunica com: a casa de jantar, a sala, a saleta de visitas e a cozinha (com dispensa e a retrete para criadas).

No primeiro piso encontra-se um quarto para criadas, três quartos para o agregado familiar, uma casa de banho/retrate e um lavatório privativo para um dos quartos. Das duas casas aludidas todas dispõem de jardim e de uma arrecadação para os utensílios no exterior. No âmbito da concepção interna de cada módulo de habitação assiste-se a uma distribuição que visa a economia de infra-estruturas de águas e esgotos, ou seja, as dependências com canalizações são agrupadas de modo a convergirem para a mesma prumada.

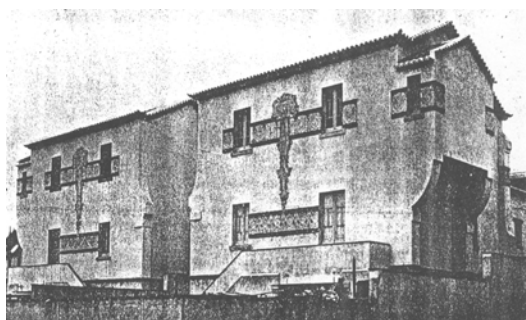


Figura 116 – As casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas posteriores.
Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. *A Architectura Portuguesa*. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), p. 27.

Forma/Conteúdo: No que diz respeito à concepção formal destas casas, verifica-se que as mesmas não foram pensadas para se agruparem em banda. De facto, quando se observa o conjunto, apenas se vislumbra a possibilidade de as mesmas se agruparem duas a duas. No âmbito da composição formal de cada módulo,

¹¹⁰ «...uma vez que para ele próprio ele entendeu que os esboços eram suficientes para levar a cabo a construção».

Cf. MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. *A Architectura Portuguesa*. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), p. 27.

apesar de alguns corpos que se destacarem do volume contendor, não se pode afirmar que os mesmos estejam relacionados com as funções que encerram. No contexto desses volumes emergentes salienta-se o corpo que enquadra a composição da entrada (vestíbulo, mansardas e chaminé) e a consola lateral que alberga as instalações sanitárias do primeiro andar. No que se refere às fachadas, constata-se que todas dispõem de sucessões de vãos a acompanhar a composição volumétrica. Esses vãos, à semelhança do que acontece noutros projectos do autor, acentuam a sobriedade das massas. No entanto, a presença de beirados destrói a limpidez dos volumes e afasta-os da pureza moderna.

Decoração: Nestas casas o autor privilegia o tratamento geral dos volumes em detrimento de uma decoração mais refinada dos vãos exteriores. Sendo essa a prioridade, os elementos decorativos mais importantes destes edifícios acabam por ser os beirados e os painéis de azulejo. Esses últimos estabelecem a continuidade entre os vãos e rematam a extremidade de alguns corpos. No contexto geral da ornamentação destas casas, salienta-se a simplicidade e a harmonia dos elementos que se observam ao longo das diferentes fachadas.

Estilo: As casas de Álvaro Machado ilustraram, em conjunto com o Bairro das Roseiras, um artigo da revista *A Architectura Portuguesa* que apelava à razoabilidade e à inovação dos arquitectos portugueses para ultrapassar o momento de transição estilística em que se encontrava a produção arquitectónica nacional. No final desse artigo, a pesquisa e a criatividade de Álvaro Machado são citadas como possíveis saídas para a crise estilística em que se encontrava a arquitectura portuguesa do início do século XX. De facto, em termos estilísticos, as casas em análise apresentam um vocabulário que se fundamenta, com alguma antecipação, em conceitos (como tradição e contemporaneidade) que voltarão a ser empregues na arquitectura portuguesa contemporânea. No contexto geral do estilo preconizado, volta a assistir-se a um considerável sentido prático no que diz respeito à resolução problemas estruturais e de drenagem de águas pluviais (as alvenarias são reforçadas pontualmente por elementos de pedra e os tubos de queda são assumidos nas fachadas). Para finalizar é de referir que Álvaro Machado, à semelhança do que acontece no Bairro das Roseiras, coloca os volumes em contacto directo com o solo, sem utilizar nenhum elemento de transição.

2.1.1.20. Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril (1910)

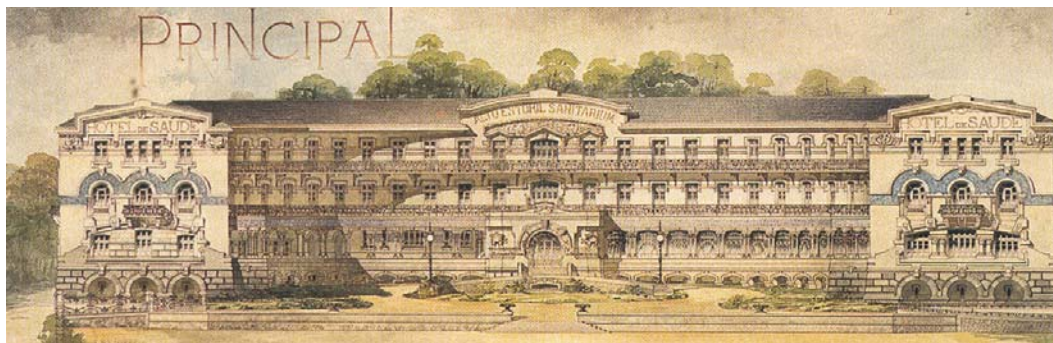


Figura 117 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x0,60m. [MDCivil – IST]

Situação do Imóvel: Não Construído

Localização/Morada: Cascais, Estoril

O Hotel de Saúde foi um conceito idealizado por três médicos¹¹¹: o Dr. Francisco Gentil, o Dr. João Bello de Moraes e o Dr. José de Lacerda. Para corresponder à estratégia empresarial planeada, o edifício a construir teria que possuir um carácter híbrido, ou seja, teria de propiciar o requinte e o conforto de um hotel a quem se instalasse para recuperar ou para se tratar de doenças ortopédicas. A construção estava prevista para um terreno no Estoril, de declive ligeiro, onde a quietude e o panorama eram excepcionais. Para a materialização do conceito os promotores chamaram Álvaro Machado que na época contava com a experiência do projecto da Casa de Saúde Portugal-Brazil.

Técnica Construtiva: Os edifícios que formavam o complexo seriam construídos através de um sistema de paredes-mestras (dos caboucos até à platibanda) em alvenaria de pedra e tijolo.

As lajes dos pavimentos seriam uma estrutura de barrotes de madeira.

A estrutura das coberturas seria composta por asnas de madeira.

Materiais: As cantarias exteriores (travessas, ombreiras, colunas, peitoris, soleiras e ornatos) seriam em pedra calcária. No que se refere às serralharias exteriores,

¹¹¹ “O Alto do Estoril está chamado a ser uma das mais importantes, senão a mais importante povoação dos arredores de Lisboa, especialmente depois da erecção do sumptuoso sanatório que ali se vai construir, e de que são iniciadores os Srs. Drs. Bello de Moraes, José de Lacerda e outro cavalheiro que ignoramos o nome”

Cf. MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), p. 28.

apenas se podem citar os gradeamentos das varandas e dos muros. No âmbito das carpintarias exteriores, salientam-se as caixilharias das portas e das janelas. A cobertura, revestida a telha Marselha, apresentava caleiras integradas nas platibandas.

Utilização: Este edifício, tal como o nome indica, procurava proporcionar uma estadia de hotel aos utentes que se iam tratar ou recuperar. Na prática, os destinatários deste espaço hospitalar seriam utentes que procuravam um tratamento ortopédico que estivesse à altura da sua de classe social. Os pacientes dessa unidade de saúde tanto poderiam receber tratamentos de recuperação como submeter-se a cirurgias.

Distribuição funcional: O conjunto a construir seria constituído por três edifícios: a casa mortuária, a habitação do director e do gerente do hotel (nas traseiras do copo do hotel) e o complexo do hotel.

A casa mortuária, a instalar numa zona afastada do hotel, seria um edifício de um só piso, com dois compartimentos interiores.

O edifício que iria servir de domicílio às famílias do director e do gerente do hotel era composto por duas habitações simétricas. No rés-do-chão de cada uma delas existiria um vestíbulo, um escritório, uma sala, uma casa de jantar, dois quartos, um WC, uma copa e uma cozinha com pia de despejo. Por sua vez, o primeiro andar iria albergar três quartos e uma arrecadação. O acesso a este edifício, além de se poder realizar pelas escadarias que integrava na sua frontaria, também se podia efectuar pelo hotel através da ponte de ligação que unia os dois edifícios.

O hotel propriamente dito iria dispor de três alas funcionais que se articulavam pelos três pisos de um corpo de planta semicircular.

Em termos de ocupação esta unidade hospitalar iria acomodar 5 suites (duas no 1º andar, duas no 2º andar e uma no rés-do-chão) e 65 quartos nos três pisos (28 no 1º andar, 28 no 2º andar e 9 no rés-do-chão).

No que diz respeito à distribuição dos doentes por piso, os 11 quartos do rés-do-chão (zona que albergaria a sala de operações e as salas de terapia) destinavam-se a pacientes operados ou possuidores de patologias complexas. Os quartos do 1.º e 2.º andares estavam reservados aos doentes que se encontravam a recuperar ou a fazer tratamentos ligeiros. Por seu turno, cada um desses pisos, iria albergar um posto de enfermeiro, quatro retretes e quatro casas de banho.



Figura 118 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do rés-do-chão – Agualarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x1,80m. [MDCivil – IST]

A entrada principal do hotel, localizada na ala central do rés-do-chão¹¹², efectuava-se por um grande vestíbulo. À esquerda desse átrio encontrava-se a secretaria, à direita a portaria e ao fundo a escada de acesso aos pisos superiores. Nas paredes laterais da referida escada existiam duas entradas. A do lado poente conduzia à sala do barbeiro, ao sector hospitalar e à zona dos quartos. A do lado nascente comunicava com a sala do telégrafo e com a secção onde se encontravam as várias comodidades do hotel.

Percorrendo o longo corredor da ala poente deste corpo, na zona subsequente ao átrio do elevador, surge a sala de operações, com iluminação zenital, o laboratório de apoio e uma instalação hidro-terapêutica. No final deste sector hospitalar encontrava-se o gabinete do director, a sala de electroterapia e a sala de radioterapia. Depois de se passar a porta que isolava o referido sector encontrava-se a zona dos quartos, que por sua vez terminava numa espaçosa suite. Relativamente ao conjunto de quartos referido salienta-se ainda a longa galeria exterior que os acompanhava em toda a extensão.

Quando se transita para o corredor da ala nascente passa-se para a zona do hotel onde estariam instalados os compartimentos de uso comum. Depois de se entrar

¹¹² COMPARTIMENTOS DO RÉ-DO-CHÃO:

Ala Central

Vestíbulo, escritório/secretaria, portaria, átrio, barbeiro, sala do telégrafo e escadaria de acesso.

Ala Lateral Esquerda (Poente)

Quartos (nove), suite, instalação sanitária, escadaria de acesso, quarto para fiscal, rouparia, sala de radiologia, sala de hidroterapia, sala de operações, laboratório, sala de aplicações eléctricas, gabinete do director e átrio do elevador.

Ala Lateral Direita (Nascente)

Átrio do elevador, toilette de homens e senhoras, sala de visitas, sala de bilhar e fumo, sala de leitura, salão comum, copa, gabinete de jantar, sala de jantar e restaurante.

no corredor, a primeira divisão a surgir é a sala de visitas. A referida dependência estava unida a uma sala de bilhar e de fumo que antecedia um salão comum, uma sala de jantar (agregada a uma copa e a um gabinete de jantar) e um restaurante (no topo da ala). Todos os compartimentos desta ala estavam associados a uma sala de leitura e aos respectivos toilettes para homens e senhoras.

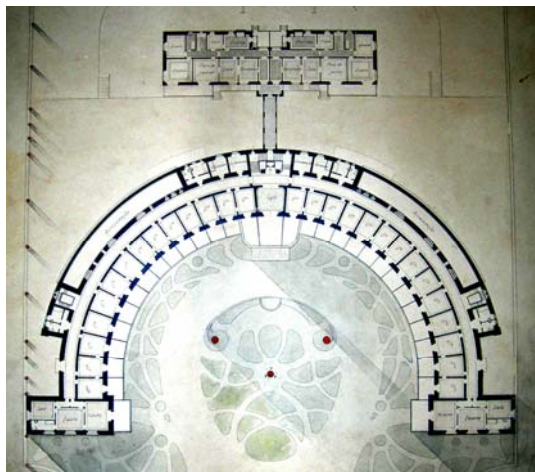


Figura 119 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do 1.º Andar – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x1,80m. [MDCivil – IST]

Quando se subia ao 1.º andar¹¹³ pelas escadas da ala central, atingia-se um pequeno corredor. Este espaço de distribuição permitia o acesso às duas alas de quartos e a uma sala central que comunicava com um varandim. Por sua vez, cada uma das referidas alas de quartos dispunha de uma sequência de 14 quartos que culminava numa ampla suite. Para além dos aposentos, cada ala era apoiada por várias instalações sanitárias, por diversos núcleos de comunicações verticais (escadas e elevadores), por amplas arrecadações e por uma enfermaria.

¹¹³ COMPARTIMENTOS DO 1.º ANDAR:

Ala Central

Escadaria de acesso, enfermaria, arrecadação e sala central.

Ala Lateral Esquerda (poente)

Quartos (14), suite, 2 instalações sanitárias, escadaria de acesso, arrecadação de grandes dimensões e átrio do elevador.

Ala Lateral Direita (nascente)

Quartos (14), suite, instalações sanitárias (2), escadaria de acesso, arrecadação de grandes dimensões e átrio do elevador.

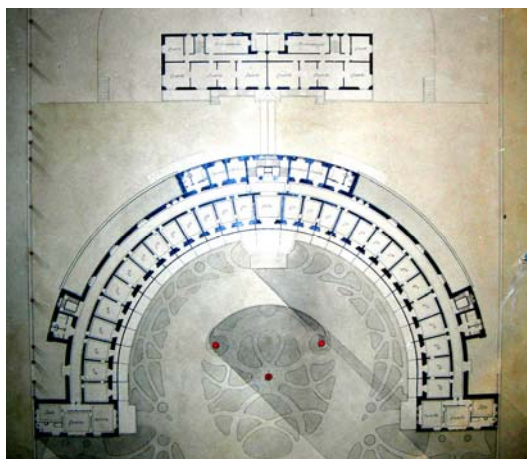


Figura 120 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do 2.º Andar – Aquarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x1,80m. [MDCivil – IST]

Na distribuição funcional do 2.º andar¹¹⁴ a ala central possui exactamente os mesmos compartimentos que o piso antecedente. No entanto, as alas laterais, apesar de continuarem a dispor de 14 quartos e de uma suite cada, já não possuem as duas espaçosas arrecadações que se observam no 1.º piso andar.

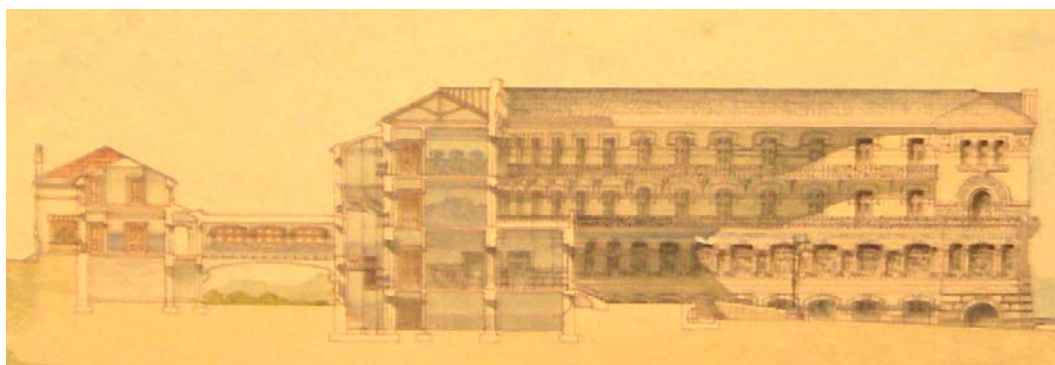


Figura 121 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Corte/Alçado transversal – Aquarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x0,60m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: A disposição dos quartos numa planta semicircular corresponde à melhor forma dos mesmos aproveitarem as vistas e a insolação. No entanto, a utilização deste semicírculo como volume contendor dos vários núcleos funcionais não permite uma grande autonomia dos mesmos e resulta numa deficiente articulação dos espaços interiores.

¹¹⁴ COMPARTIMENTOS DO 2.º ANDAR:

Ala Central

Escadaria de acesso, enfermaria, arrecadação e sala central.

Ala Lateral Esquerda (poente)

Quartos (14), suite, instalações sanitárias (2), escadaria de acesso e átrio do elevador.

Ala Lateral Direita (nascente)

Quartos (14), suite, instalações sanitárias (2), escadaria de acesso e átrio do elevador.

No âmbito particular das alas dos quartos, verifica-se que as mesmas, pelo modo como se agrupam ao longo dos pisos, não se podem isolar eficazmente caso necessitem.

No entanto, existem alguns corpos que se separam funcionalmente como os volumes que integram as instalações sanitárias e as comunicações verticais (ver planta do 2.º andar e fachada lateral).



Decorações: Com a análise da estrutura funcional do edifício depreende-se que a distribuição dos espaços pelos pisos resulta de uma hierarquia. Por sua vez, essa ordenação reflecte-se na configuração dos vãos exteriores e no requinte dos elementos decorativos das fachadas.

Na zona correspondente à cave, o pesado aparelho de pedra é pontuado pelos vãos de ventilação que percorrem as fachadas. Nos alçados do referido embasamento destacam-se os arcos de volta perfeita que emolduram os vãos dos topos a Sul e os arcos abatidos que configuram as demais aberturas.

No rés-do-chão, a sumptuosidade dos arcos abatidos que se observam na varanda e nos topos da fachada principal contrasta com a depuração dos vãos dos restantes alçados.

No primeiro e no segundo pisos, apesar do contraste referido se manter, salienta-se a diferença de Estilo que os vãos dos topos a Sul apresentam.

Nos restantes edifícios que formam o conjunto (a casa mortuária e a casa do director e do gerente do hotel) assiste-se a uma maior contenção decorativa.

No âmbito geral da ornamentação observa-se uma certa desigualdade, ou seja, a simplicidade dos alçados secundários contrasta um pouco com a grandiosidade da

fachada principal. No contexto particular dos elementos decorativos verifica-se que os mesmos não se limitam à função ornamental, ou seja, são elementos estruturais em pedra como colunas, arcos, travessas, ombreiras, peitoris, soleiras e consolas. Nesse último caso as consolas, transformadas em mísulas, servem de apoio a todo o tipo de varandas.

Dos restantes elementos decorativos exteriores são de salientar ainda os painéis de azulejo. Estes são utilizados para estabelecer a continuidade entre alguns dos vãos, para rematar superiormente as arcadas do rés-do-chão e para emoldurar os arcos de volta perfeita que se observam na entrada e nos topos da fachada principal.

No interior, pela análise dos desenhos do projecto, constata-se que as paredes de alguns compartimentos apresentam lambris de azulejo.

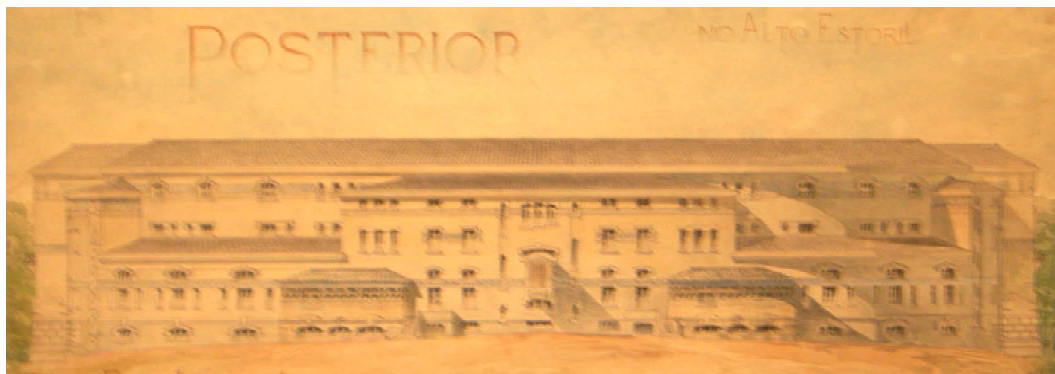


Figura 123 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Alçado Posterior – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x0,60m. [MDCivil – IST]

Estilo: Neste projecto o autor adopta a estética neo-românica mas numa feição formalmente imponente. De facto, o estilo neo-românico preconizado limita-se à manipulação formal das massas que, além de insuficientes para assegurar a independência dos núcleos funcionais, são absorvidas pela grandiosidade do volume semicircular.

No âmbito do vocabulário românico utilizado verifica-se que o tratamento de alguns elementos onde se inserem as aberturas retira sobriedade aos volumes do conjunto.

No que se refere às fachadas, o autor estabelece uma hierarquia que privilegia a ornamentação dos pisos superiores em detrimento do embasamento, mais simples e fechado. Essa concepção de fachada, já experimentada pelo autor, facilita a integração do edifício no terreno e no local.

2.1.1.21. Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes (1913)



Figura 124 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Excerto da fachada principal.

Situação do Imóvel/Projecto: Não demolido/Não alterado
Localização/Morada: Lisboa, Rua Barata Salgueiro, N.º 36.

Em Março de 1901, com a reorganização do antigo Grémio Artístico, foi fundada a Sociedade Nacional de Belas Artes. A finalidade da mesma era (e ainda é) promover a cultura das artes plásticas em todas as suas manifestações e defender os interesses da arte portuguesa. Assim sendo, a Sociedade, para poder contribuir para divulgação e promoção artística nacional, efectuava uma importante exposição anual. Porém, como a sua sede não possuía um salão apropriado para exposições, tinham as mesmas que ocorrer no antigo edifício da Academia Real de Belas Artes. Foi então que nos primeiros anos do século XX, o anseio dos artistas e amadores da arte desde a Promotora ao Grémio Artístico, começava a dar sinais de concretização. Aos esforços e às influências dos que obtiveram da Câmara Municipal de Lisboa a concessão do terreno na Rua Barata Salgueiro¹¹⁵, juntou-se o dinamismo e extraordinário labor de Álvaro Machado que cedeu o projecto do edifício¹¹⁶ e toda a acção de acompanhamento durante a construção.

¹¹⁵ «...apesar do edifício vir a ser construído num dos locais mais centrais de Lisboa, o terreno nada custará ao estado, pois foi cedido pela câmara». Cf. GARCIA, Penha – Sociedade Nacional de Bellas Artes– Sede social – Salão de exposições. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX.** Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1906). p. 25.

¹¹⁶ «...O projecto deste edifício, elaborado pelo nosso consórcio Sr. Álvaro Machado, foi escolhido como o 1.º de entre os que se apresentaram no concurso que para esse fim foi aberto pela Sociedade Nacional de Belas Artes». Cf. GARCIA, Penha – Sociedade Nacional de Bellas Artes– Sede social – Salão de exposições. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX.** Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1906). p. 27.

Depois de apresentado em 1906, o projecto foi finalmente aprovado em 1908 pela Câmara Municipal e pela Câmara dos Pares (Figura 125).

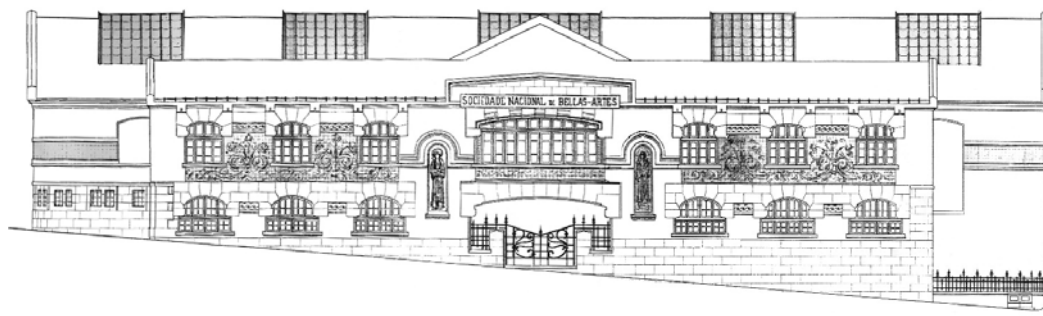


Figura 125 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Alçado Principal do Projecto de Licenciamento Municipal.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906), p. 49.

A construção, à semelhança do projecto, também ocorreu com grandes adversidades. Depois de uma série de incidentes relacionados com o custo da obra conseguiu-se, por fim, encontrar uma solução tendo as obras sido iniciadas a 15 de Novembro de 1910. A empreitada ficou assinalada pelo auxílio dos sócios da S.N.B.A., que se distinguiram pelas contribuições de trabalho e de materiais de construção¹¹⁷ e, por algumas alterações ao projecto inicial que se constata pela confrontação da versão construída com o projecto licenciado (Figura 126).

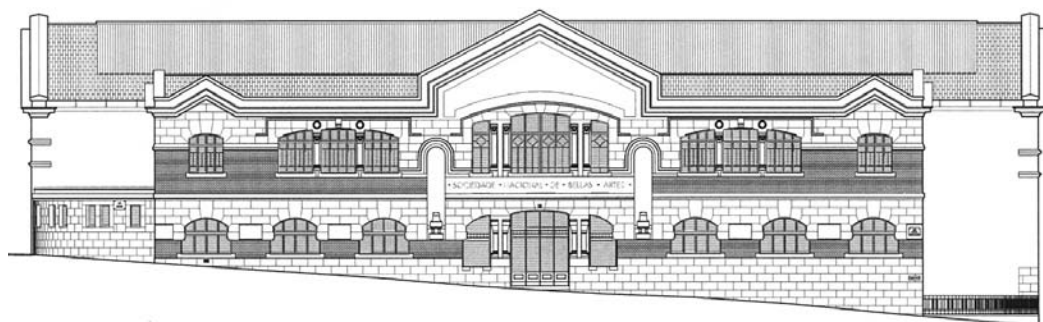


Figura 126 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Alçado Principal – versão construída.

Depois de a Sociedade Nacional de Belas Artes ter contratado um empreiteiro que lhe construiu a sede em dois anos e que aceitou o pagamento da empreitada ao

¹¹⁷ “Nenhuma despesa (...) haverá que fazer com os planos architectónicos, fiscalização e trabalhos decorativos; generosamente houve artistas que disso se encarregaram”
Cf. GARCIA, Penha – Sociedade Nacional de Bellas Artes– Sede social – Salão de exposições. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX.** Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1906). p. 25.

longo de dez, a inauguração oficial concretizou-se finalmente a 15 de Maio de 1913 (Figura 127) com a presença do então Presidente da República Manuel de Arriaga.



Figura 127 – Inauguração da S.N.B.A. a 15 de Maio de 1913 – 10.^a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes – Inauguração do palácio de exposições.

Figura extraída: CHAVES, José Joubert, ed. Lit. – 10.^a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes – Inauguração do palácio de exposições. **Ilustração Portuguesa**. Lisboa. N.º 379 (1913), p. 667.



Figura 128 – Direcção da S.N.B.A. que em 1913 presidiu à inauguração do Novo edifício. Era constituída por: Veloso Salgado, Ressano Garcia, Alves Cardoso, Álvaro Machado, Benvindo Ceia, Costa Mota e Rosendo Carvalheira (conforme ordem da fotografia) – 10.^a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes – Inauguração do palácio de exposições.

Figura extraída: CHAVES, José Joubert, ed. Lit. – 10.^a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes – Inauguração do palácio de exposições. **Ilustração Portuguesa**. Lisboa. N.º 379 (1913), p. 658.

Técnica Construtiva: Os corpos que formam o edifício apresentam uma estrutura de paredes-mestras de alvenaria de pedra (dos caboucos até à platibanda) que variam entre os 75 e os 80cm de espessura. Com a análise das paredes interiores, verifica-se que parte delas, pela variação de espessura que apresentam, também possui uma função estrutural. As lajes do edifício são constituídas por uma estrutura mista. A parte visível dessa estrutura apresenta perfis metálicos e elementos de madeira. Dos elementos em ferro destacam-se as extensas vigas metálicas, onde se apoiam as várias lajes de pavimento.

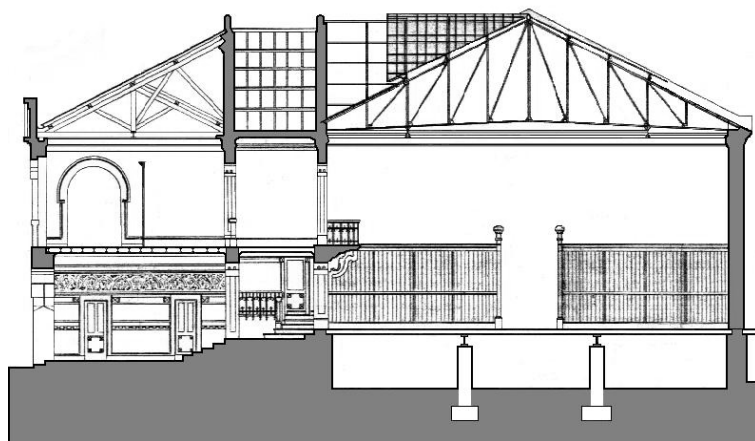


Figura 129 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Corte transversal do Projecto de Licenciamento Municipal.

No caso particular do salão nobre, a estrutura da cobertura é composta por um esbelto sistema de asnas metálicas que vence um vão de aproximadamente 15m. O recurso a finas cantoneiras de ferro, além de ter reduzido o peso, aumentou a permeabilidade da estrutura à luz e facilitou a difusão da mesma pelo tecto translúcido do Salão Nobre.

No que se refere à estrutura de cobertura dos restantes corpos do edifício, verifica-se que a mesma é garantida por asnas de madeira.

No âmbito dos aspectos construtivos deste edifício é ainda importante salientar o moderno sistema de aquecimento que foi idealizado para a climatizar do salão nobre. Nesse sistema, a difusão do calor (produzido por uma caldeira a gásóleo) era garantida por uma tubagem de cobre que fazia circular água quente por baixo do soalho. Por seu turno, o ar quente que «pavimento radiante» produzia era retirado por uma enorme ventoinha de extracção. As grelhas de extracção do ar aquecido estavam (e estão) perfeitamente integradas no tecto do salão.

Materiais: As cantarias que se observam no exterior (travessas, ombreiras, colunas, peitoris, soleiras e revestimentos) são todas em lioz. No entanto, por questões relacionadas com a derrapagem orçamental que ocorreu durante a empreitada, existem alguns peitoris que foram executados em betão (pré-fabricados no estaleiro da obra). No contexto dos materiais que formam aplicados no exterior salienta-se ainda a presença do tijolo maciço nos revestimentos de algumas empenas. Nos pavimentos interiores todos os compartimentos apresentam soalho em madeira, à excepção dos átrios e dos corredores, onde existe lioz de várias cores.

Figura 130 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Detalhe da estereotomia do pavimento do átrio de entrada pela Rua Barata Salgueiro.



No que diz respeito às serralharias exteriores, salientam-se a porta principal, o gradeamento do muro do jardim e os portões do saguão.

No âmbito das carpintarias exteriores, realçam-se as caixilharias das portas e das janelas. A cobertura é revestida a telha Marselha. O sistema de recolha das águas pluviais é assegurado por algerozes de zinco, marcantes na cimalha, e por tubos de queda que se observam nas fachadas secundárias.

Utilização: No início da sua actividade, este edifício acolhia a Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes e a Sede da Sociedade dos Architectos Portuguezes. Em termos de utilização, apesar de as duas sedes terem partilhado alguns espaços, a área administrativa e de serviços da Sociedade Nacional de Belas Artes era mais extensa. Actualmente, apesar de este edifício já não albergar a «casa dos arquitectos», continua a manter, desde a data de inauguração, as funções para as quais foi projectado, ou seja, assegura todas as actividades de divulgação, promoção e formação artística que fazem parte dos estatutos da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Distribuição funcional: O projecto inicial estava dividido em três núcleos funcionais: Salas de exposições, Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes e Sede da Sociedade dos Architectos Portuguezes.

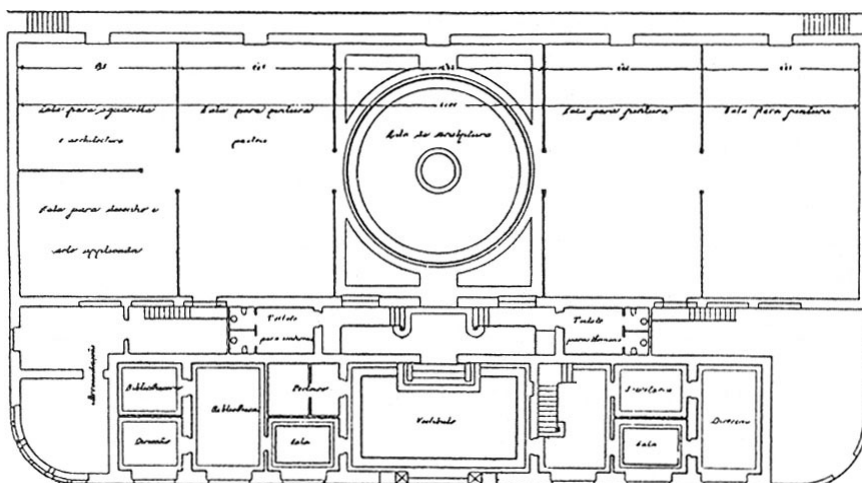


Figura 131 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta do rés-do-chão do Projecto de Licenciamento Municipal.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906), p. 49.

O núcleo das salas de exposições era composto por duas alas. A primeira, destinada a exibir obras de arte antiga, era o vestíbulo semi-exterior com estrada pela rua Barata Salgueiro. Ao fundo desse vestíbulo, percorrendo o eixo central desse corpo, encontrava-se a escadaria de acesso salão nobre. O grande salão de exposições estava dividido em 3 secções: exposições de escultura na zona central, exposições de pintura no flanco direito e trabalhos em pastel, desenhos, projectos de arquitectura e arte aplicada no lado esquerdo. A referida subdivisão do salão estabelecia-se através de tabiques de madeira (com 3,20m de altura) facilmente desmontáveis. Esta escolha de divisórias amovíveis estava relacionada com a polivalência que o salão¹¹⁸ teria de garantir para a realização de concertos (que ocupariam a totalidade da área) ou para a utilização sectorial no âmbito das aulas que iria acolher (desenho, aguarela, modelação, etc.). Na zona que a porta do salão e o átrio de entrada estabeleciam iria ficar instalada a escada de acesso aos espaços de apoio às exposições. Esses espaços, a instalar no primeiro andar, iriam corresponder à galeria de descanso e ao bufete.

¹¹⁸ «As salas de exposições ficarão à disposição do governo e da câmara municipal de Lisboa para exposições de arte ou industriais e para festas ou serviços de interesse público, que de qualquer forma se relacionem com o fim para que o edifício é construído».

Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX. Lisboa : Sociedade dos Architectos Portugueses. (1906). p. 27.

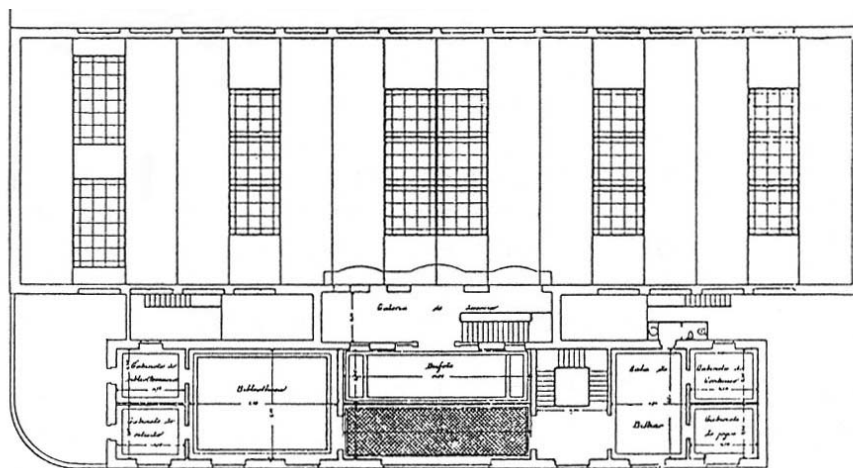


Figura 132 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta do 1.º Andar do Projecto de Licenciamento Municipal.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906), p. 49.

O segundo núcleo funcional do edifício, a Sede Social da Sociedade Nacional de Belas Artes, iria dispor da sua entrada à direita do vestíbulo do rés-do-chão. Do conjunto de dependências que esse piso iria comportar constavam uma sala de visitas, uma secretaria e um gabinete de direcção. Por sua vez o primeiro andar desta Sede iria albergar: uma sala de bilhar (com WC), um gabinete de jogos, um gabinete para o contínuo, uma galeria para leitura de jornais, uma biblioteca, um gabinete para o bibliotecário e um gabinete para a direcção. Dos restantes espaços que estavam previstos ocupar pela S.N.B.A. constavam uma zona de arrecadação e um depósito que iria instalar-se na parte inferior do salão.

O terceiro núcleo funcional do edifício, a Sede da Sociedade dos Architectos Portuguezes, iria apresentar-se à esquerda do vestíbulo da entrada principal. Dos compartimentos que lhe tinham ficado reservados no projecto de licenciamento constavam uma sala, uma biblioteca um gabinete para o bibliotecário e um gabinete para a direcção. Na mesma ala que acomodava esta sede existia ainda um compartimento para o porteiro com acesso apenas pelo exterior.

No caso da versão construída deste edifício, além das diferenças nas fachadas, observa-se uma maior optimização funcional dos corpos que compõem o conjunto. A Sede da S.N.B.A. que foi edificada apresenta dois corpos funcionais principais que se articulam por intermédio de um terceiro, axial e perpendicular

aos outros. Esse núcleo central, para além de albergar os átrios, as comunicações verticais e as horizontais, concentra todas as instalações sanitárias.

No rés-do-chão do corpo frontal encontra-se a secção administrativa. Na cave desse corpo existem arrecadações e uma sala de aula.

No volume que se observa na zona posterior, além do salão nobre que ocupa o nível do rés-do-chão, existem três salas de aula na cave.

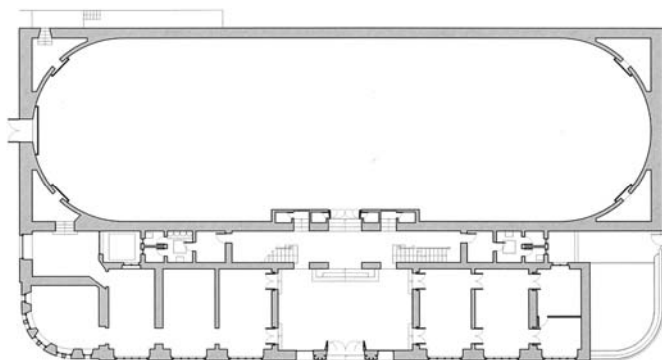


Figura 133 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta do rés-do-chão da versão construída.

A entrada principal do edifício, ao nível da rua Barata Salgueiro, é enquadrada pelo mesmo vestíbulo que no projecto inicial era um espaço semi-exterior. À direita deste átrio encontram-se os gabinetes dos serviços administrativos e à esquerda uma sucessão de salas de exposição. Ao fundo deste vestíbulo encontram-se três entradas: as laterais, que conduzem às instalações sanitárias e aos restantes pisos, e a central, que faculta a entrada na salão nobre. Este enorme salão (de aproximadamente 15x50m), iluminado zenitalmente, é o espaço de exposição por excelência. Este espaço, que na versão de licenciamento era um espaço ortogonal, passou a apresentar uma configuração semi-circular nos topos que rematam com as extremidades do tecto.

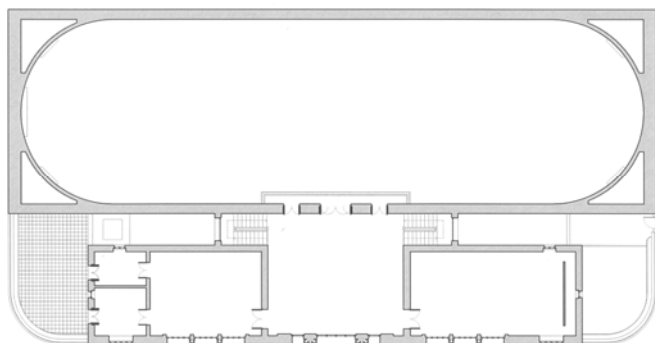


Figura 134 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta do 1.º Andar da versão construída.

Percorrendo a escadas instaladas no corpo das circulações, no sentido do primeiro andar, surge mais um espaço com características de átrio. Esse espaço de

transição, Iluminado pela janela da fachada principal e por um lanternim, conduz à biblioteca, aos gabinetes da direcção e a um auditório. Esse átrio do primeiro andar tem ainda a particularidade de permitir o acesso a um varandim com vista sobre o salão nobre. Este varandim, além da referida panorâmica, era o local onde se sentava a orquestra quando o salão era utilizado para concertos.

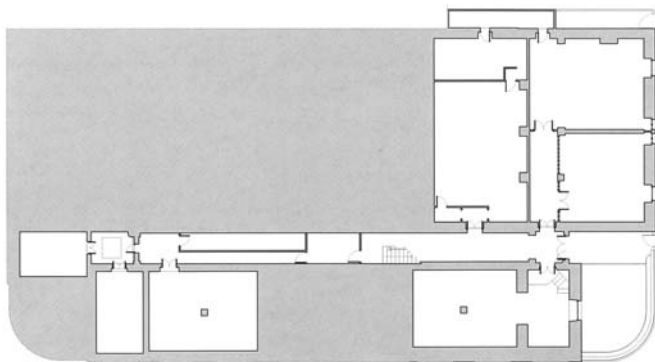


Figura 135 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta da cave da versão construída.

No âmbito dos compartimentos instalados na cave, para além dos arrumos que ocupam a ala esquerda, existem quatro salas de aula.

Forma/Conteúdo: Quando se compara a distribuição funcional do projecto de licenciamento com a que realmente se concretizou depreende-se que o autor, provavelmente pelo agravamento da situação económica durante a obra, optou por uma organização mais racional dos volumes funcionais. De facto, a versão construída não apresenta a desarticulação que no projecto inicial se verifica entre as circulações e as áreas de serviços. Na planta do rés-do-chão que foi construído, salienta-se o desaparecimento do átrio semi-exterior.

No contexto das particularidades formais do conjunto, a livre articulação de volumes que se observa advem da matriz projectual românica.

No âmbito da estrutura funcional, o racionalismo da organização estabelece que cada nucleo de funções corresponda a um volume. Na sequência dessa lógica cada volume acaba por se afirmar individualmente no conjunto. O volume dos átrios e das circulações, pela importância que detém na estrutura funcional, adopta uma posição central. Os volumes dos serviços e do salão, pela diferença funcional que possuem¹¹⁹, afastam-se um do outro.

¹¹⁹ «Do exterior, a função enuncia-se em dois corpos de alongados pavilhões». Cf. SILVA, Raquel Henriques da – Sociedade Nacional de Belas-Artes – Álvaro Machado. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. p. 150.

Decorações: Pela comparação da versão licenciada com o resultado da construção, constata-se que o aperto orçamental referido acabou por se reflectir na configuração externa dos vãos e na simplificação dos elementos decorativos das fachadas. Na fachada principal, os vãos da versão final são mais amplos e adaptados às funções do que as janelas que se observam no projecto de licenciamento.

No âmbito dos elementos decorativos, a sumptuosidade dos painéis de azulejo que o projecto inicial apresentava no alçado principal é substituída por um soco exterior em tijolo de burro que no primeiro piso sobe lateralmente aos vãos. No caso dos alçados do corpo do salão os painéis de azulejo foram simplesmente substituídos por um grafismo de frisos. Esse grafismo do desenho arquitectónico é também responsável pelo jogo de frontões quebrados que compõe as cimalkhas da frontaria. No exterior, apesar de a sobriedade do pavilhão de exposições contrastar o maior desenvolvimento decorativo da fachada principal, não se verifica um desequilíbrio decorativo entre os dois corpos principais. Os elementos pétreos que se observam na fachada da entrada, não se limitam à função decorativa, ou seja, estabelecem elementos estruturais como: colunas, arcos, travessas, ombreiras, peitoris, e soleiras e consolas.

As cantarias exteriores são todas em lioz e revelam as particularidades do desenho do autor. Esses pormenores revelam-se nos motivos vegetalistas dos capitéis e na estereotomia dos elementos que envolvem os vãos.



Figura 136 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Detalhe dos vãos da fachada principal.

Quando se ingressa no edifício pelo átrio principal observa-se um sóbrio desenho de pavimento que os calcários de várias cores enriquecem.

Depois de se ultrapassar o átrio referido atinge-se a porta do salão de exposições. No interior do referido salão nobre encontra-se com um dos momentos fortes da decoração interior do edifício, o tecto do salão de exposições. Apesar de se

encontrar relativamente degradado e de a sua luminosidade não ser a de outrora, a sua presença continua viva e marca a identidade deste espaço interior. A sua complexa estrutura, suportada pelas asnas da cobertura, é constituída por perfis metálicos e revestida com painéis de madeira e vidro.

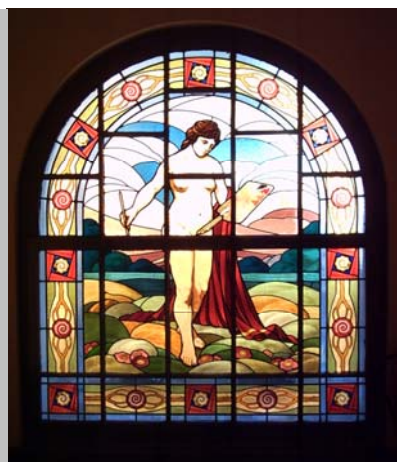


Figura 137 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Detalhe do tecto do Salão Nobre. [AFCML]

No interior, apesar de terem sido colocados anos após a construção do edifício, são ainda de salientar os vitrais que o pintor Fernando dos Santos desenhou e que foram executados pela Casa Ricardo Leone em 1928. Estes, pelo facto de evocarem a pintura e a escultura, assumem um carácter simbólico no edifício.



Figura 138 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Detalhe dos vitrais da escadaria para o 1. Andar.



Estilo: Este edifício é um daqueles exemplos onde a escassez orçamental trouxe enormes benefícios no final da obra. Esse condicionalismo, para além de ter exigido um maior pragmatismo funcional ao autor do projecto (e director da obra), obrigou-o a reduzir os ornatos e a concentrar-se no desenho do conjunto¹²⁰.

¹²⁰ «De qualquer modo, a obra ganhou com esta redução de recursos, tornando-se mais abstracta e fluida, concentrada na exploração de todas as potencialidades do desenho arquitectónico». Cf. SILVA, Raquel Henriques da – Sociedade Nacional de Belas-Artes – Álvaro Machado. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. p. 150.

Em termos estilísticos o suporte que o autor utilizou como matriz projectual foi, no decurso da construção deste edifício, adquirindo outras cambiantes¹²¹. No contexto da contenção orçamental em que ocorreu a obra, a exploração das potencialidades das volumetrias puras e a utilização das tecnologias High-Tech da época (ferro, vidro e caldeira de aquecimento a vapor) atribuem a esta obra um carácter progressista ou pré-moderno. De qualquer modo, a depuração que este edifício apresenta, pela contenção decorativa e pela conjugação de blocos autónomos, resulta de uma postura hesitante que, por um lado, se aproxima do funcionalismo e da técnica, mas por outro, continua a comprometer-se com a tradição pelo vínculo à matriz românica.

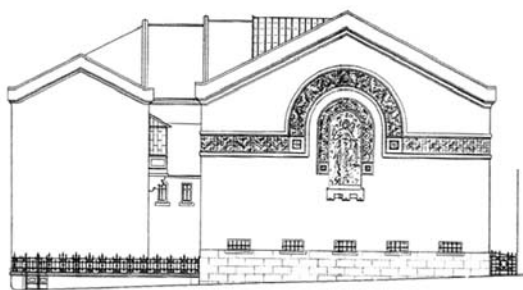


Figura 139 - Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Alçado lateral direito do Projecto de Licenciamento Municipal.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906), p. 49.

No que se refere às marcas que caracterizam o autor continua a observar-se um embasamento sólido e fechado que reforça a implantação do edifício no terreno.

¹²¹ «De composição muito simples, segue o estilo neo-românico de uma forma livre e depurada». Cf. FERNANDES, José Manuel – Sociedade Nacional de Belas Artes. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.ª Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994. p. 236.

2.1.1.22. Moradia no Campo Grande n.º 382 (1914)



Figura 140 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Fachada principal. [AFCML]

Situação do Imóvel/Projecto: Não demolido/Alterado
Localização/Morada: Lisboa, Campo Grande, N.º 382.

O projecto para a construção desta moradia foi encomendado em 1913 pelo poeta e panfletário republicano Artur Santa Cruz Magalhães. A casa iria erguer-se no final da rua oriental do Campo Grande e seria, numa fase inicial, o domicílio do referido cavalheiro. O programa funcional que o promotor da obra mandou delinear a Álvaro Machado teria de garantir a adaptação do rés-do-chão a salas de aulas e a transformação do primeiro andar em museu¹²². Esse museu, que teria o nome de Rafael Bordalo Pinheiro, acolheria os trabalhos do artista que Artur Santa Cruz Magalhães estava a organizar na época. O proprietário do edifício determinou ainda que o imóvel seria doado ao Município de Lisboa após a sua morte. Em 1914, ano em que terminou a construção¹²³, foi atribuída uma Menção Honrosa do Prémio Valmor a esta moradia¹²⁴. Em 1916 o museu, ainda confinado

¹²² «A disposição interna da edificação, é, pois, feita de acordo com o destino que no futuro deve ter (...), sendo a habitação da professora que reger a escola nas divisões posteriores do primeiro andar, do qual a parte da frente é que é destinada ao Museu Bordalo Pinheiro...».

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande – Arquitecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 430, Anno XIV, (1914), p. 170.

¹²³ «A construção é do Sr. Frederico Ribeiro, o que basta para se poder ajuizar de quanto ela será cuidadosamente executada».

Cf. CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande – Arquitecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 430, Anno XIV, (1914), p. 170.

¹²⁴ O júri do prémio Valmor de 1914 era constituído pelo Arq.º António Manuel Rato (C.M.L.), pelo Arq.º Miguel Ventura Terra (C.A.A.) e pelo Arq.º Adolfo António Marques da Silva (S.A.P.).

Cf. PEREIRA DA SILVA, António; TORRES, Carlos Pietra; BARROS, Mafalda Magalhães; ARRIAGA, Teresa; REIS, Teresa Costa – **Lisboa – Prémio Valmor**. 1.ª Edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro de Licenciamento Urbanístico e Reabilitação Urbana, 2004. p. 60.

ao primeiro andar, abriu pela primeira vez ao público. Em 1922, após as obras que geraram as novas salas de exposição, era já significativo o número de iniciativas que a instituição promovia para a divulgação da obra de Rafael Bordalo Pinheiro. Entre essas acções constavam exposições temáticas, conferências, a criação do Grupo de Amigos Defensores do Museu e as diligências para legar o museu ao Município de Lisboa (ideia que o fundador do museu acautelou desde a sua criação mas que só se concretizou em 1924).

Em 1926, já na posse da Câmara de Lisboa, reabre com a remodelação e ampliação do rés-do-chão, oferecendo ao público, além da obra gráfica e de uma importante colecção de cerâmica, uma biblioteca.

A morte de Artur Santa Cruz Magalhães em 1928, além ter legado a direcção da instituição a Julieta Ferrão e o papel de promoção da obra bordaliana ao Grupo de Amigos Defensores, concedeu definitivamente a tutela do Museu ao Município de Lisboa.

Mais recentemente, em 1992, foi construído o edifício anexo que se encontra nas traseiras do lote. Essa construção, além de ter possibilitado a realização de exposições temporárias, libertou a moradia para acolher uma exposição biográfica permanente. No entanto, essa nova galeria de exposições temporárias altera significativamente o preexistente.

No âmbito funcional, a nova configuração permitiu ainda abrir uma loja, integrar o serviço de museografia e criar um espaço para actividades pedagógicas dedicado às crianças. A indispensável ligação física entre museu e galeria, a par da requalificação da envolvente conseguiram harmonizar a convivência, aparentemente difícil, entre dois edifícios com características distintas.

Em 1999, o museu sofreu graves problemas estruturais, originados pela obra no lote contíguo, tendo de encerrar para obras de consolidação.

Em 2005, após reabilitação e valorização do conjunto edificado, reabriu ao público com um novo programa museológico. A intervenção de reabilitação da moradia que instala o Museu desde a sua origem concretizou-se no respeito integral pelo conjunto. As transformações operadas na mesma, apesar de não terem resultado num ganho significativo de espaços, vieram dotar o museu de melhores condições de conservação, de exposição e de acessibilidade.

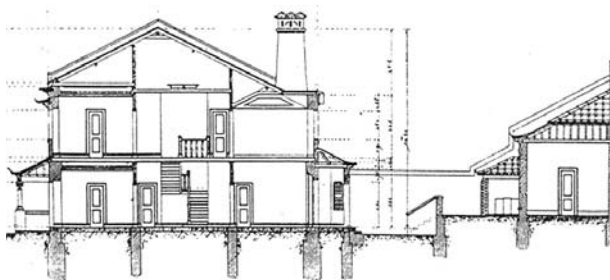


Figura 141 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Corte longitudinal. Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa: Mário Collares. N.º 430, Anno XIV, (1914), p. 169.

Técnica Construtiva: A moradia foi construída através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria de pedra e tijolo. As lajes dos pisos são uma estrutura de barrotes de madeira. A estrutura da cobertura é um sistema de asnas de madeira.

Materiais: As cantarias exteriores (travessas, peitoris, soleiras, mísulas, colunas e revestimentos) são em pedra calcária. Nos pavimentos interiores da moradia original, as instalações sanitárias, a cozinha e os respectivos apoios (copa, dispensa e arrumos) apresentavam ladrilhos de pedra. Os soalhos de madeira existiam em todas as divisões da casa original, excepto na cozinha e nas duas instalações sanitárias. No interior, além dos pavimentos, a madeira foi utilizada nas guardas das escadas de acesso ao primeiro andar. No âmbito das carpintarias exteriores, destacam-se as caixilharias das portas e das janelas. No que diz respeito às serralharias exteriores, salientam-se: o gradeamento do muro, o portão de entrada e os suportes para vasos que acompanham a janelas.

A cobertura é revestida com telha de aba e canudo e projecta-se das empenas através de um beirado duplo com sub-beira. Nas extremidades dos vértices que resultam do encontro das águas do telhado existem telhas de remate em forma de lança. No âmbito da aplicação da telha realçam-se ainda as linhas de frontão, constituídas por beirais, que encimam algumas janelas.

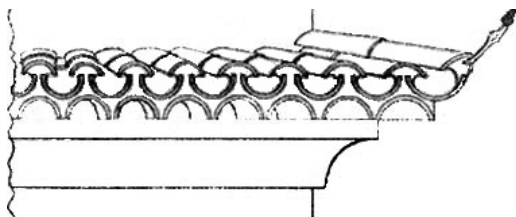


Figura 142 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Detalhe do beirado. Excerto do projecto [MDCivil – IST]

Utilização: Este edifício foi projectado para permitir uma utilização habitacional e museológica.

Distribuição funcional: A casa original, composta por dois pisos, dispunha de vários núcleos funcionais que se articulavam por uma escada interior.

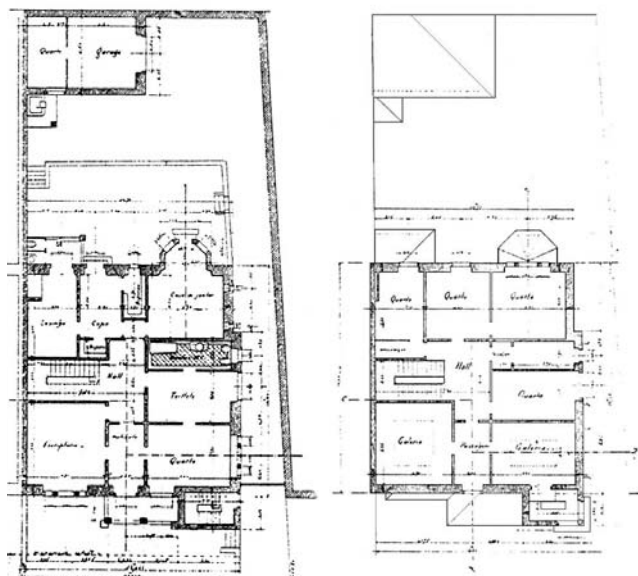


Figura 143 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Planta do rés-do-chão e do primeiro andar.

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa: Mário Collares. N.º 430, Anno XIV, (1914), p. 170.

O acesso principal à habitação começava por se estabelecer pelo portão do muro e depois, pela porta que o alpendre frontal resguardava. Esse recinto de entrada, situado num pequeno átrio exterior, corresponde à zona que se observa entre o edifício e o muro.

Com a entrada no rés-do-chão, encontrava-se um pequeno vestíbulo. À esquerda desse espaço de distribuição observava-se um escritório e à direita, um quarto apoiado por um toilette e por uma instalação sanitária. Ao fundo do vestíbulo referido estava a porta do hall que acolhia a escada de acesso ao primeiro andar. No final desse hall estava a cozinha, com os respectivos apoios, e a sala de jantar. Nesta casa, além da entrada principal, existia ainda a que comunicava com os compartimentos das tarefas domésticas pela zona posterior. Para se chegar a esses espaços entrava-se por uma zona alpendrada, onde estavam as pias de despejo, ou pela porta de acesso à copa.

O primeiro andar, composto por compartimentos mais privados, dispunha de quatro quartos, de uma arrecadação, de uma instalação sanitária e de duas galerias separadas por um vestíbulo. Essas galerias eram iluminadas naturalmente pelos lanternins dos tectos. Os quatro quartos que existiam neste piso dispunham, à excepção de um deles, de janelas para o pátio das traseiras do lote. O acesso às galerias do primeiro andar tinha (e ainda tem) a particularidade de se poder efectuar de modo independente. Para isso, bastava utilizar a escada existente no

volume que sobressai da fachada e que integra a janela de canto. Na composição original existia ainda um corpo anexo, no final do lote, que alojava uma garagem e um quarto para um criado.

No contexto actual, as principais diferenças que se observam no interior da moradia são fruto das várias alterações que a mesma sofreu e dos respectivos reajustamentos funcionais produzidos pela libertação de paredes. No âmbito da restante área do lote, salienta-se a presença do edifício que substituiu o anexo – a nova galeria de exposições temporárias.

Forma/Conteúdo: Com a observação das características formais do edifício, verifica-se que o conjunto é essencialmente composto por dois corpos. O principal e maior alberga todos os compartimentos da casa. Nesse volume, a frieza da empena cega que decorre da implantação no limite esquerdo do lote é compensada pela animação que os elementos adicionados¹²⁵ atribuem às restantes fachadas. No contexto da volumetria geral, existe ainda outro corpo que se pode salientar. Esse segundo volume, além do equilíbrio que atribui ao conjunto, acolhe o acesso ao museu do primeiro andar e configura o pátio de entrada exterior.

Com a análise da relação que a volumetria estabelece com o funcionamento da moradia, depreende-se que a articulação entre os dois volumes presentes, advém da necessidade de separar o museu da zona habitacional. Todavia, a autonomia funcional que caracteriza o corpo das escadas não significa que a forma siga a função, porque as restantes áreas funcionais do edifício misturam-se no interior do volume principal. No âmbito da utilização dos espaços salienta-se ainda a hierarquia funcional que atribui um uso homogéneo a cada piso.

Decoração: No caso particular desta moradia, o autor fez acompanhar as aberturas, pela primeira vez, de elementos estritamente decorativos, sem qualquer função estrutural ou construtiva. Neste edifício, apesar do requinte das colunas e das mísulas em pedra, os elementos decorativos principais são os alpendres, os beirais, as sub-beiras, as cornijas e os suportes para vasos de flores. Os referidos beirados, além das arcaturas que constituem a sub-beira (também utilizada noutros projectos), apresentam uma configuração dupla que reforça a sua importância. No âmbito dos elementos decorativos exteriores, são de realçar os

¹²⁵ Dos elementos adicionados referidos destacam-se a abside facetada que enquadra a sala de jantar (na fachada posterior), os vários alpendres, os beirais, as sub-beiras, as cornijas e os suportes para vasos de flores.

dois painéis de azulejos azuis e brancos. O maior representa o poeta Camões (reproduzido do óleo de Malhoa). O mais pequeno retrata o cão de Artur Santa Cruz Magalhães. Esses painéis referidos limitam-se a preencher os nichos que se observam nas fachadas em vez de estabelecerem a continuidade entre os vãos, como é visível em projectos anteriores. No capítulo da ornamentação estão espelhadas ainda algumas influências da Arte Nova nos apontamentos em ferro forjado que se observam no portão de acesso à casa.



Figura 144 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Fachada posterior. [AFCML]

Estilo: No campo da estética, esta casa poderá servir para ilustrar uma resposta menos reflectida à questão da casa portuguesa¹²⁶. No contexto dessa problemática esta moradia distancia-se das anteriores incursões porque não dispõe da espontaneidade volumétrica e do pragmatismo construtivo habituais no autor. De facto, em obras anteriores (como a casa do Dr. Lacerda e a Casa de Saúde Portugal-Brasil), que também materializam uma reflexão sobre a questão enunciada, o autor não se deixou influenciar pelo decorativismo pitoresco de um suposto arquétipo. Neste caso particular, além de Álvaro Machado não ter investido no desenvolvimento volumétrico, substituiu o seu léxico pessoal, mais abrangente, por um vocabulário provinciano¹²⁷ vinculado a detalhes de ornamentação.

¹²⁶ «Arquitectónicamente é uma obra simples, característica do chama “estilo português tradicional” que era corrente no 1º quartel do Século XX: volumes recortados, com beiral e “pombinha”, alpendre, floreiras, painéis de azulejos»
Cf. FERNANDES, José Manuel – Museu Rafael Bordalo Pinheiro. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAIN Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.ª Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994. p. 244.

¹²⁷ «Exteriormente (...), tem a aparência de muitas das casas antigas que ainda se vêem nas nossas províncias, com janelas e portas alpendradas, suportes para vasos de flores, ladeando as janelas, etc».
Cf. CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande – Arquitecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 430, Anno XIV, (1914), p. 170.

2.1.1.23. Pavilhão de isolamento do Sanatório de Santana (1916)



Situação do Imóvel: Não construído
Localização/Morada: Cascais, Parede

Figura 145 – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede, 1916 – Fachada principal.

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Arquitecto-Professor, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 467 (1916), p. 81.

O Sanatório de Sant'Ana deve-se à meritória iniciativa do casal Amélia e Frederico Biester. Porém, a história da sua construção começou por ser algo conturbada. A questão dos sanatórios encontrava-se na ordem do dia e o local escolhido preenchia os requisitos necessários para tais instituições. O primeiro projecto do sanatório foi concebido por José António Gaspar. Todavia, a morte dos promotores impôs-lhe o abandono do projecto. Na sequência da referida interrupção a herdeira de D. Amélia, Cláudina de Freitas Chamiço¹²⁸, retomou a ideia. O arquitecto então chamado para a coordenação do projecto foi Rozendo Carvalheira. No entanto contou com a colaboração de Norte Júnior, António do Couto, Marques da Silva e Álvaro Machado. A construção iniciou-se a 7 de Agosto de 1901, com o lançamento da primeira pedra. O primeiro bloco foi inaugurado a 31 de Julho de 1904 mas o complexo só ficou concluído em 1912. Na época em que o sanatório estava a funcionar em pleno, os tratamentos prestados a idosos inválidos e a crianças doentes eram grátis, sendo condição única de admissão a exibição de atestado de pobreza.

¹²⁸ «... foi a falecida senhora D. Amélia Biester, que teve a ideia da fundação do Sanatório de Sant'Ana e não podendo pô-la em execução durante a sua vida, legou essa caridosa missão à Sr.^a D. Cláudina Chamiço, a qual não descorou, nem descansou durante a sua vida, no cumprimento desse piedoso encargo, desenvolvendo a primeira ideia e cedendo-lhes maiores rendimentos para seu custeio».

Cf. LACERDA, E. Correia de – Pavilhão de Enfermaria, para doenças contagiosas no Sanatório de Sant'Ana, em Parede – Anteprojecto e Projecto Definitivo do Arquitecto-professor, Sr. Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 3, Anno IX, (1916), p. 11.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Neste hospital¹²⁹ existiam três secções: uma para crianças, uma para homens e outra para senhoras. A ala das crianças dispunha de uma feição temporária porque o tempo de recuperação das mesmas era curto. No entanto, as secções dos adultos apresentavam um carácter de asilo permanente. Com a morte da herdeira da fundadora o sanatório foi doado à Misericórdia de Lisboa. No entanto a administração ficou a cargo de uma comissão¹³⁰. Essa comissão, atendendo à necessidade de ampliação do sanatório, chamou Álvaro Machado, colaborador de Rozendo Carvalheira no projecto inicial, para a execução do projecto de um novo pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas.



Figura 146 – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede, 1916 – Fachada posterior. Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Arquitecto-Professor, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa: Mário Collares. N.º 467 (1916), p. 81.

Técnica Construtiva: Este pavilhão seria construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria de pedra e tijolo. As lajes dos pavimentos e as asnas da cobertura seriam estruturas de barrotes de madeira apoiadas nas paredes.

¹²⁹ «O Sanatório de Sant'Ana (...) divide-se em três secções: 1.ª Secção de crianças: recebe para tratamento sessenta crianças do sexo feminino, dos 4 aos 14 anos, anémicas, linfáticas, raquíticas, ou com tuberculosas cirúrgicas (ósseas, articulares, dos gânglios ou da pele), 2.ª Secção de mulheres: tem vinte camas, para mulheres, de grande idade, com tumores malignos; 3.ª Secção de homens: Admite vinte homens, cardíacos ou com lesões nos grossos vasos».

Cf. LACERDA, E. Correia de – Pavilhão de Enfermaria, para doenças contagiosas no Sanatório de Sant'Ana, em Parede – Anteprojecto e Projecto Definitivo do Arquitecto-professor, Sr. Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa.** Lisboa. N.º 3, Anno IX, (1916), p. 11.

¹³⁰ «Dirige hoje a parte administrativa do Sanatório de Sant'Ana, uma ilustre Comissão administrativa composta por Sua Eminência, o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, como Presidente, e os Ex.mos Srs. Drs. Pinto Coelho, Lino Netto, António de Azevedo, Conselheiro Pereira de Miranda e Fernando de Souza e António José de Carvalho, sobrinho de D. Cláudia Chamiço e seu representante. Director do Sanatório é o Ex.mo Sr. Dr. Almeida Ribeiro...».

Cf. LACERDA, E. Correia de – Pavilhão de Enfermaria, para doenças contagiosas no Sanatório de Sant'Ana, em Parede – Anteprojecto e Projecto Definitivo do Arquitecto-professor, Sr. Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa.** Lisboa. N.º 3, Anno IX, (1916), p. 10.

Materiais: As cantarias iriam reforçar as zonas mais frágeis da estrutura (travessas, peitoris, soleiras e pilares). No entanto o tijolo maciço também seria utilizado para configurar algumas travessas.

Nos pavimentos interiores, todos os compartimentos apresentariam mosaicos cerâmicos, à excepção dos quartos de dormir e da camarata, que teriam soalho em pinho nórdico. Os estuques das paredes e dos tectos seriam pintados com tinta de esmalte. As paredes das divisões que exigiam um reforço das condições de higiene teriam lambris em azulejo.

No que diz respeito às serralharias exteriores, salientam-se os gradeamentos das varandas e dos muretes. No âmbito das carpintarias exteriores, destacam-se as caixilharias das portas e das janelas.

A cobertura, revestida a telha Marselha, projectava-se ligeiramente das empenas onde existiriam os algerozes.

Utilização: O pavilhão destinava-se a receber crianças que padeciam de doenças contagiosas e que, por essa razão, não podiam contactar com as que se encontravam no edifício principal. Porém, não foi só por essa razão que se decidiu construir a nova unidade de internamento. De facto, o pensamento altruísta da comissão administradora teve maior alcance e mandou incluir, em anexo, um consultório médico para as consultas externas. Esse espaço de consultas destinava-se aos pobres das imediações e albergava uma sala de espera, uma sala de observações e um laboratório.

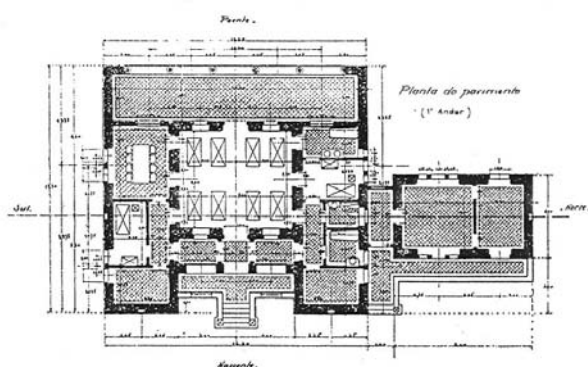


Figura 147 – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede, 1916 – Planta do 1.º andar.

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Arquitecto-Professor, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 467 (1916), p. 81.

Distribuição funcional: O edifício apresentava uma composição de dois corpos que se distribuíam por dois pisos. A entrada no pavilhão de isolamento, localizada no corpo principal, efectuava-se por uma escadaria que conduzia a um vestíbulo. Nesse átrio do piso principal encontravam-se três entradas: as laterais, que

conduziam às alas dos serviços de apoio, e a central, ocupada por uma camarata de 42m² (com capacidade para receber oito crianças). Nas proximidades do dormitório, no quadrante sul, existiria um refeitório. A norte, encontrava-se uma casa de banho e um quarto para a enfermeira. A poente observava-se uma galeria coberta para onde as crianças acamadas podiam ser levadas. Na ala sul do edifício, junto do refeitório, ficava o quarto da criada e a rouparia. No lado oposto encontrava-se o vestiário, as instalações sanitárias e as dependências onde as crianças em isolamento eram preparadas para dar entrada na camarata. No rés-do-chão, além da zona de recreio coberto, existiria um refeitório onde seriam distribuídas refeições às crianças pobres da localidade. A entrada para o consultório, localizado no corpo anexo, também se iria efectuar por uma escadaria que terminava num átrio. Na sequência desse espaço de transição existiria uma sala de espera. No final desse compartimento encontravam-se duas entradas: uma para a sala de observações e outra para o laboratório.

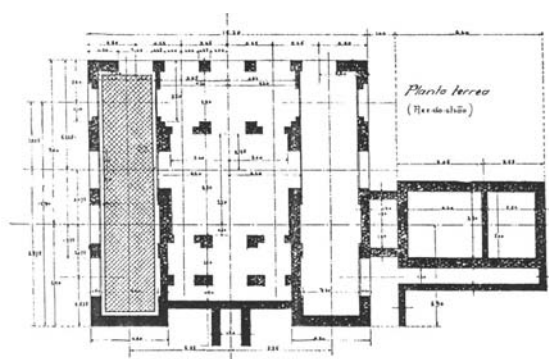


Figura 148 – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede, 1916 – Planta do rés-do-chão.

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Arquitecto-Professor, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 467 (1916), p. 81.

Forma/Conteúdo: No caso particular deste pavilhão de isolamento verifica-se que os requisitos técnicos que lhe estavam inerentes imperaram no acto de concepção da volumetria. De facto, quando se observa o edifício principal, o volume que mais se destaca é aquele que emerge da zona central para auxiliar na ventilação dos espaços. Das restantes massas que compõem o conjunto, salientam-se ainda as que albergam as alas de serviços (adjacentes à camarata) por estabelecerem a configuração da reentrância da entrada principal.

No contexto da organização funcional, verifica-se que as exigências técnicas que originaram a volumetria geral, também são responsáveis pela articulação dos núcleos funcionais na planta quadrangular. No conjunto das várias zonas funcionais, o núcleo da camarata, pela importância que possui no sistema de

extracção do ar (por convecção), adopta uma posição central. Por sua vez, as alas de serviços, para poderem usufruir do canal de extracção que a camarata constitui, circundam o referido núcleo. No caso do volume que alberga o consultório, a alheta que o corpo do átrio lhe configura descola-o do pavilhão e reforça-lhe o carácter autónomo.

Decorações: Com a análise da distribuição funcional deste pavilhão depreende-se que a importância de alguns espaços se reflecte no refinamento dos respectivos vãos. Na zona do rés-do-chão destacar-se a sequência de cinco arcos de volta perfeita que enquadra a entrada para o recreio coberto. No piso principal, os arcos abatidos que configuram o átrio, os arcos de volta perfeita das frestas que ladeiam a entrada e a sucessão de arcos e colunas que se observa na galeria a poente, divergem da sobriedade e da monotonia dos vãos dos outros alçados. A simplicidade das janelas que se observam no volume que emerge da zona das camaratas prende-se à função de arejamento que possuem. No corpo do consultório, o tratamento decorativo é praticamente nulo e os vãos revelam o seu carácter funcional.

Estilo: Para facilitar a integração do pavilhão no conjunto¹³¹ o autor adoptou o mesmo tipo de cobertura que Rozendo Carvalheira utilizou no edifício principal. No âmbito das particularidades do autor salienta-se a arcaria neo-românica da fachada poente, a sobriedade concedida pelo pragmatismo construtivo e a solidez conferida pelo embasamento do edifício. No contexto geral deste projecto, a importância que o autor dedicou aos requisitos da enfermaria, acabou por se reflectir numa volumetria racional que se limitou a seguir e a assegurar as exigências técnicas e funcionais.

¹³¹ “Não quis o distinto arquitecto afastar-se das normas seguidas na construção do edifício principal, fazendo um projecto que dele por completo destoasse, e, a nosso ver, muito bem andou, tanto mais que o seu trabalho também contribuiu, e muito para a erecção do dito edifício”

Cf. LACERDA, E. Correia de – Pavilhão de Enfermaria, para doenças contagiosas no Sanatório de Sant'Ana, em Parede – Anteprojecto e Projecto Definitivo do Arquitecto-professor, Sr. Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 3, Anno IX, (1916), p. 11.

2.1.1.24. Palacete Alfredo May de Oliveira (1919)



Figura 149 – Palacete do Sr. Dr. Alfredo May de Oliveira, no Gaveto da Avenida Duque de Loulé, nº 47, com a Rua Bernardo Lima, Lisboa, 1919.
[AFCML]

Situação do Imóvel/Projecto: Demolido/Alterado

Localização/Morada: Lisboa, Avenida Duque de Loulé, nº 47, com a Rua Bernardo Lima.

Numa data que não se consegue precisar, o Sr. Dr. Alfredo May de Oliveira teve a ideia de construir um palacete no terreno que possuía na Av. Duque de Loulé, nº 47. Para materializar as suas intenções mandou chamar o arquitecto Álvaro Machado. O edifício a construir, no gaveto da Avenida Duque de Loulé com a Rua Bernardo Lima, seria o domicílio da família do distinto senhor. O programa funcional, distribuído por três pisos, incluía um vasto número de quartos e de salas de trabalho. Após a sua concretização, o sóbrio palacete foi distinguido com o Prémio Valmor em 1919¹³². O projecto deste edifício, cuja data se deve enquadrar na 2.^a década do século XX, viu as suas fachadas alteradas para adaptação do piso térreo a estabelecimentos comerciais. Essa configuração manteve-se até 1961, ano em que foi demolido para dar lugar a um edifício com sete andares e lojas.

Técnica Construtiva: O edifício foi construído através de um sistema de paredes-mestras em alvenaria mista de pedra e tijolo (que envolvia toda a cintura do edifício das caves até ao início das várias coberturas). As lajes dos pavimentos eram uma estrutura de barrotes de madeira. A estrutura da cobertura era composta por asnas de madeira.

¹³² O júri do prémio Valmor de 1919 era constituído por:

- Arq.º Alfredo de Ascensão Machado (C.M.L.)
- Arq.º João António Piloto (C.A.A.)
- Arq.º Francisco Carlos Parente (S.A.P.)

Cf. BAIRRADA, Eduardo Martins – **Prémio Valmor (1902-1952)**. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1988. p. 65.

Materiais: As cantarias que foram utilizadas no exterior (travessas, peitoris, soleiras, colunas e revestimentos) eram em lioz.

Nos pavimentos interiores, as escadarias de entrada, o vestíbulo, as instalações sanitárias, a cozinha e os respectivos apoios apresentavam ladrilhos de pedra. À excepção dos compartimentos que foram referidos, todos os outros eram em soalho de madeira. No que se refere às serralharias exteriores, salientam-se os gradeamentos em ferro forjado que guarneciam algumas varandas.

No âmbito das carpintarias exteriores, destacam-se as caixilharias das portas e das janelas. No interior, para além dos pavimentos e das portas, a madeira é utilizada nas guardas das escadas. A cobertura era revestida a telha tipo Marselha. O sistema de recolha das águas pluviais era assegurado por algerozes, marcantes na cimalha, e por alguns tubos de queda visíveis na fachada.

Utilização: Este edifício destinava-se a uso habitacional.

Distribuição funcional: O edifício foi construído no gaveto configurado pela Avenida Duque de Loulé e pela Rua Bernardo Lima. As várias zonas funcionais que este palacete albergava articulavam-se em três pisos.



Figura 150 – Palacete do Sr. Dr. Alfredo May de Oliveira, no Gaveto da Avenida Duque de Loulé, nº 47, com a Rua Bernardo Lima, Lisboa, 1919 – Planta das caves, do rés-do-chão e do sótão – Cópia do projecto com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

No caso deste edifício, a complexa variação altimétrica do terreno pode ter sido a razão da não utilização da esquina do gaveto para colocação da porta principal.

De facto, a porta da entrada nobre, em vez de se apresentar a eixo, como nos outros projectos que o autor tinha elaborado para gavetos¹³³, foi inserida na

¹³³ Os projectos que até à data Álvaro Machado tinha efectuado em lotes de gaveto eram:

1904 – Colégio Anna Roussel, em Lisboa;

1905 – Casa da Sr.^a D.^a Olympia de Macedo Branco, no gaveto da Avenida Ressano Garcia com Rua Visconde de Valmor, Lisboa;

1910 – Bairro das Roseiras, do Dr. José Lacerda, no Alto do Estoril.

fachada lateral da Avenida Duque de Loulé. A referida entrada, localizada um pouco acima da cota das caves, abria para uma escadaria que finalizava num vestíbulo ao nível do piso nobre. Esse piso, que albergava as dependências de apoio doméstico e as saletas de recepção na ala esquerda, reservava o flanco direito para o escritório e para os quartos, e a zona central para a sala de recepção de visitas e para a sala de jantar. Por sua vez, o portão de acesso à garagem, em consonância com a composição da outra fachada, inscrevia-se na frontaria lateral da Rua Bernardo Lima. Essa segunda porta, para além de ser a entrada da garagem, dava acesso ao logradouro do edifício e aos compartimentos da cave. Essa zona semi-enterrada, apesar de ser a caixa-de-ar do edifício, destinava-se a arrumos, a dispensas e provavelmente aos quartos dos criados. A ventilação e iluminação deste piso eram garantidas pelas janelas tipo fresta abertas nas fachadas. Os referidos espaços da cave e do saguão, embora tivessem acesso pela porta da garagem, também se podiam alcançar pelas escadas adjacentes ao vestíbulo de entrada, ou pelas escadas que confinavam exteriormente com a sala de jantar. No âmbito dessas escadas exteriores existia um lance que desembocava na área de despejo da cozinha. Nesse espaço encontravam-se as pias de despejo e a entrada para a cozinha (com copa e arrecadação). Porém, era igualmente pela cozinha que se chegava ao corredor de acesso às salas que comunicavam com o vestíbulo de entrada (sala, saleta e sala de estar).

O primeiro andar, composto por compartimentos mais íntimos, dispunha de três quartos, de duas casas de banho, de uma sala de costura e de uma sala de leitura. Os dois quartos instalados no final do corredor desfrutavam de vista para a Rua Bernardo Lima. A sala de leitura, pela posição central que ocupava em planta, gozava da vista que a esquina do gaveto oferecia. As divisões mais próximas da escada, sala de costura e quarto, tinham as janelas viradas para a Avenida Duque de Loulé.

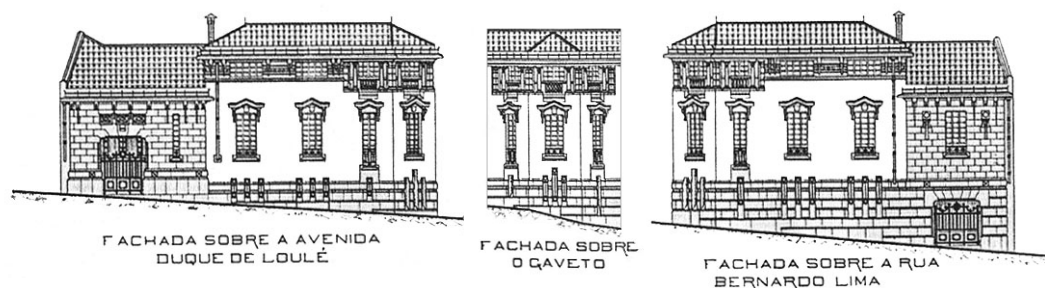


Figura 151 – Palacete do Sr. Dr. Alfredo May de Oliveira, no Gaveto da Avenida Duque de Loulé, nº 47, com a Rua Bernardo Lima, Lisboa, 1919 – Fachadas sobre: a Avenida Duque de Loulé, o gaveto e a Rua Bernardo Lima – Cópia do projecto com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: No que se refere às características formais do edifício, verifica-se que a origem das mesmas deriva da abordagem a um gaveto com uma variação altimétrica apreciável. A distribuição que foi adoptada para as entradas, apesar de relacionada com uma estratégia altimétrica, conjuga os dois volumes que as enquadram lateralmente com um volume que abraça o gaveto. Esse volume, ao qual se adicionam os outros dois, sobressai em altura e encabeça o conjunto. Esses três volumes que compunham o todo formavam uma espécie de «L» que configurava o pátio das traseiras do lote.

Com a observação da volumetria do conjunto, depreende-se que o modo como as massas se articulavam resultava de uma hierarquia que não sendo de cariz estritamente funcional, realçava alguns dos espaços. De qualquer modo, como os referidos volumes não possuíam uma atribuição funcional específica, as áreas funcionais acabavam por se misturar um pouco pelos vários corpos.

Decoração: No âmbito da concepção decorativa das fachadas, os diferentes tratamentos que se verificavam em cada piso eram reflexo de uma hierarquia de composição dos alçados. Essa ordenação, apesar de se manifestar de um modo subtil, repercutiu-se no requinte decorativo dos vãos exteriores. A solidez que se observava na zona correspondente ao piso da cave resultava da conjugação de estreitas aberturas com um pesado embasamento de pedra (também observável no colégio Anna Roussel). A sucessão das referidas janelas, tipo fresta, apresentava-se em conjuntos de três e seguia o alinhamento dos vãos do piso superior. No piso nobre, os vãos eram amplos e esbeltos para proporcionar uma boa iluminação natural aos salões e às salas. Esses vãos, contrariamente ao que acontece noutras obras do autor, não são adornados por arcos mas por frisos de frontões quebrados

em prolongamento horizontal. No piso do sótão, o maior requinte decorativo era visível nos vãos que se observavam no ângulo do gaveto.

No âmbito das fachadas, o conjunto de elementos que adornava os vãos dos dois últimos pisos não pertence ao léxico neo-românico mas a um vocabulário subtilmente ecléctico que o autor desenvolveu para este edifício.

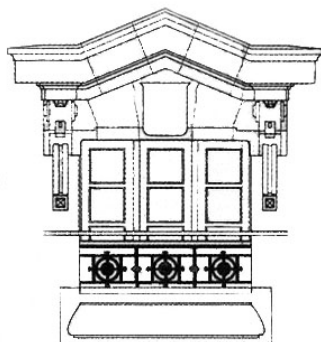


Figura 152 – Palacete do Sr. Dr. Alfredo May de Oliveira, no Gaveto da Avenida Duque de Loulé, nº 47, com a Rua Bernardo Lima, Lisboa, 1919 – Detalhe de um vão de janela – Cópia do projecto com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

No contexto geral da ornamentação da casa, o maior desenvolvimento das fachadas principais diverge um pouco da sobriedade das faces posteriores. Em qualquer dos alçados os elementos decorativos visíveis, maioritariamente pétreos, desempenham cumulativamente uma função construtiva e ornamental.

No interior, pela observação dos cortes do projecto, constata-se que as paredes de alguns compartimentos da cave eram revestidas com aparelhos de pedra.

Estilo: Neste palacete o autor ensaiou um estilo cuja decoração, cosmopolita e ecléctica, foi subtilmente integrada numa composição de grande sobriedade e de particular solidez. No âmbito da génese projectual, a matriz românica, apesar de não ter sido a referência para os ornatos dos vãos, estava patente no modo como as diferentes massas se articulavam e na hierarquia que as fachadas apresentavam. Essa hierarquia, recorrente nos projectos do autor, acentuava a solidez da base através da desmaterialização que os vãos provocavam ao longo das fachadas. A referida estratégia de concepção, para além de orientar a composição dos alçados, contribuía para uma melhor inserção do edifício no lote. No contexto da volumetria, o estilo que o autor preconizou, apesar de não ter atribuído funções específicas aos vários corpos do conjunto, explorou as massas de um modo menos superficial que em casos anteriores.

No que se refere à atitude que o autor adopta, é de realçar ainda o pragmatismo com que assume alguns dos elementos da construção, com algerozes e tubos de queda, sem os esconder ou dissimular.

2.1.2. O período dos concursos e das encomendas não construídas (1920-1940)

2.1.2.1. Casa da Caridade da Freguesia de Folques (1926)

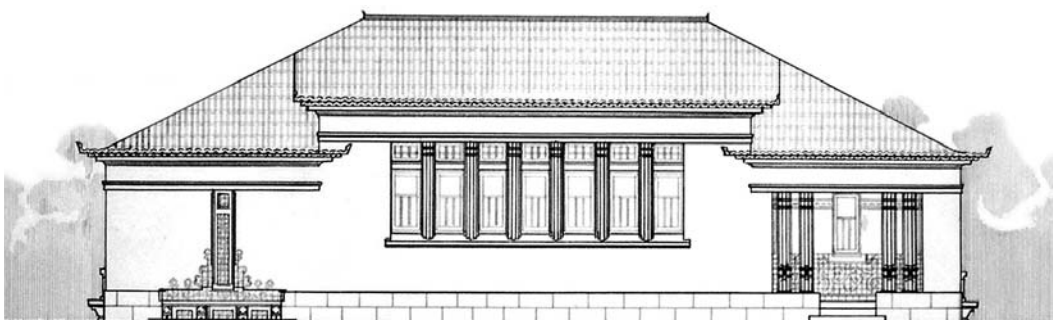
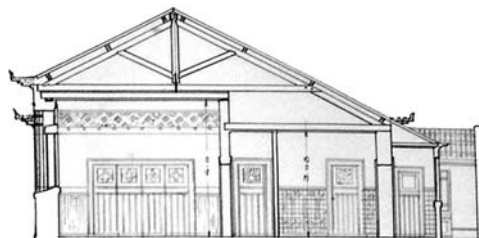


Figura 153 – Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Imóvel/Projecto: Desconhecida/Desconhecida
Localização/Morada: Arganil, Folques.

Os escassos elementos que este projecto de 1926 reúne, não permitem saber de onde partiu a encomenda do mesmo. No entanto sabe-se que o edifício em análise, intitulado Casa de Caridade, localizar-se-ia na Freguesia de Folques, Conselho de Arganil, Distrito de Coimbra.

Figura 154 – Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Corte transversal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]



Técnica Construtiva: Para a construção deste edifício seria adoptado um sistema de paredes-mestras (a envolver a cintura do edifício dos caboucos até aos beirais). O pavimento do piso térreo seria, provavelmente, um massame de pedra e asfalto. Pela observação dos cortes do projecto verifica-se que a estrutura da cobertura seriam asnas de madeira.

Materiais: As cantarias que se observam nos alçados correspondem a travessas, a peitoris, a soleiras, a colunas e ao revestimento do soco.

Nos pavimentos interiores da casa de banho, das retretes, da cozinha, dos corredores e dos vestíbulos existiriam ladrilhos de pedra. Os restantes compartimentos teriam soalhos em madeira. No âmbito das carpintarias exteriores salientam-se as caixilharias das portas e das janelas. No que se refere às

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

serralharias exteriores, salienta-se o portão de ferro forjado que se observa na entrada lateral.

A cobertura seria revestida com telha de aba e canudo e projectar-se-ia das empenas através de uma cornija. Nos vértices dos telhados existiriam telhas de remate em forma de lança.

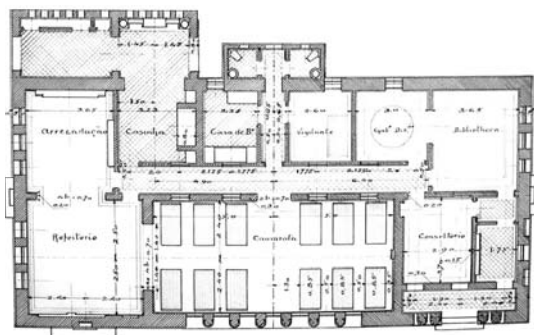


Figura 155 – Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Planta – Excerto de desenho a tinta-da- -china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Utilização: Pela análise da planta do projecto supõe-se que as dependências que o programa funcional contemplava estavam relacionadas com a prestação de cuidados básicos de saúde e de alimentação a pessoas carenciadas.

Distribuição funcional: O edifício a construir iria dispor, num só piso, de vários núcleos funcionais que se articulavam através de um corredor principal. O acesso principal iria estabelecer-se, frontalmente, através do vestíbulo que se observa na extremidade direita do alçado. Esse espaço de entrada, situado numa zona semi-interior, confinava com o compartimento do consultório médico. Na zona posterior do edifício, como alternativa à entrada principal, existia um acesso secundário que comunicava com os compartimentos de apoio à cozinha.

Com o ingresso no edifício pela entrada principal, encontrava-se um segundo vestíbulo, bastante pequeno, através do qual se entrava no consultório. Ao fundo deste átrio encontrar-se-ia o acesso a uma pequena biblioteca onde a comunidade teria a possibilidade de desenvolver actividades de âmbito cultural. A referida biblioteca, além de adjacente ao gabinete da direcção, comunicava como o mesmo através de uma porta. O gabinete do médico seria o local onde se faria, provavelmente, uma triagem dos casos que davam entrada na casa de caridade. Os utentes que o médico considerasse susceptíveis de internamento entravam pela porta que dava acesso ao corredor de distribuição principal. A meio do citado corredor, iluminada por amplos vãos e ligada ao refeitório, encontrava-se uma camarata. Na ala oposta ao dormitório estavam concentradas as instalações

sanitárias (casa de banho e retretes) e o gabinete do vigilante. No final do referido corredor principal iria surgir a cozinha e uma arrecadação que comunicava com o refeitório.

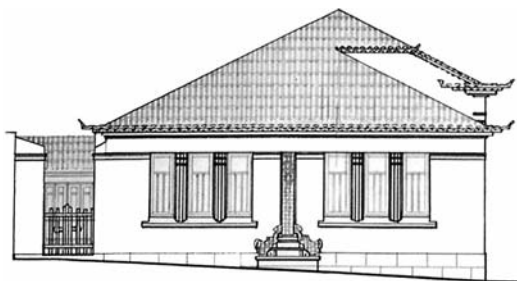


Figura 156– Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Fachada lateral – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: No âmbito geral da forma, verifica-se que a monotonia do volume base é contrabalançada pela configuração da cobertura. Porém, o beiral que se eleva para guarnecer a janela da camarata acaba por retirar alguma sobriedade ao volume mais alto.

Com a análise da relação que a volumetria estabelece com o funcionamento do edifício, depreende-se que a articulação entre a cobertura e o corpo contentor de espaços, resulta da vontade de colocar em destaque a zona da camarata.

Decoração: Neste edifício, apesar de os principais elementos decorativos serem beirais, cornijas e painéis de azulejo, existem outros, com funções estruturais, como as colunas, que marcam o ritmo das janelas mais amplas. No contexto geral da ornamentação, os diversos componentes presentes constroem uma composição de carácter relativamente sóbrio.

Estilo: No contexto estilístico deste edifício, o autor voltou a preterir da manipulação volumétrica, para se vincular a uma composição pitoresca que invoca o paradigma da casa portuguesa, ou seja, prescindiu da visão abrangente e ecléctica que caracteriza outras obras, para se render a um romântico ruralismo. Porém, no âmbito da atitude adoptada, convém realçar a sóbria modelação de prumos que enquadra a grande janela da camarata e as fenestraçãoes das fachadas laterais. No âmbito da inserção do edifício, o soco que se observa assegura uma integração subtil no terreno.

2.1.2.2. Pavilhão Toucador (1927)

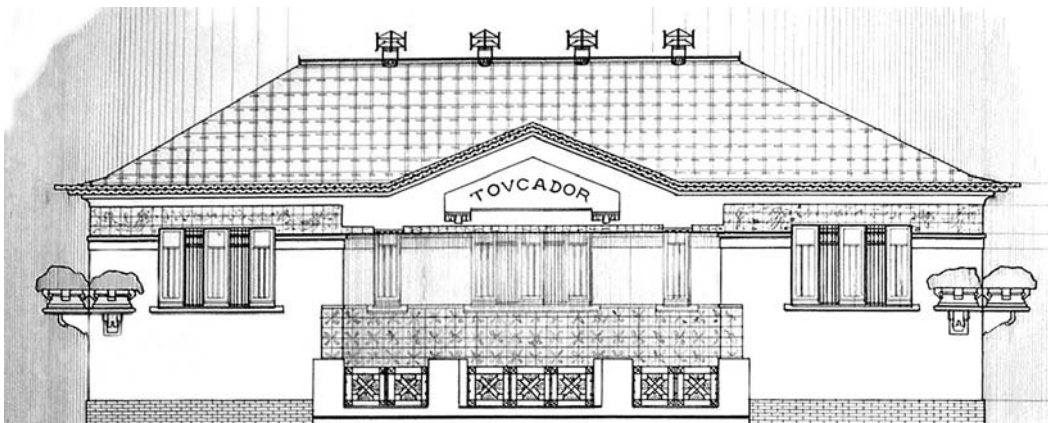


Figura 157 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído

Localização/Morada: Caldas da Rainha, Parque do Hospital D. Leonor.

O edifício em análise, chamado de pavilhão-toucador, seria construído no Parque do Hospital D. Leonor nas Caldas da Rainha. À semelhança do que acontece com outros projectos existentes no espólio do autor, o presente caso, com data de 1927, também não apresenta elementos que permitam saber de onde partiu a encomenda do mesmo.

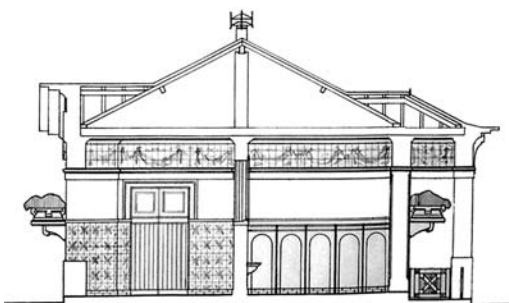


Figura 158 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Corte transversal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Técnica Construtiva: Para a construção deste edifício seria adoptado um sistema de paredes-mestras (a envolver a cintura do edifício dos caboucos até aos beirais). A estrutura do pavimento seria, provavelmente, um massame de pedra e asfalto. Pela observação dos cortes do projecto constata-se que a estrutura da cobertura seria composta por barrotes de madeira apoiados nas paredes. No âmbito da ventilação, o edifício iria dispor de um sistema de extracção, composto por várias chaminés, instaladas na cobertura, que retirariam o ar viciado do interior das instalações sanitárias.

Materiais: Do conjunto das cantarias que se observam nos alçados do projecto salientam-se os peitoris, as soleiras, as colunas e as mísulas para suporte de vasos de flores. Pela observação da planta do projecto não é possível saber que materiais seriam aplicados nos pavimentos interiores. No contexto das fachadas salienta-se ainda o soco em tijolo maciço. No que se refere às serralharias, salientam-se os gradeamentos de ferro forjado visíveis nas entradas principal e posterior. No âmbito das carpintarias exteriores destacam-se as caixilharias em madeira que constituem as portas e as janelas. A cobertura seria revestida com telha de aba e canudo e iria projectar-se das empenas através de um beiral que se apoiava numa sub-beira e numa cornija.

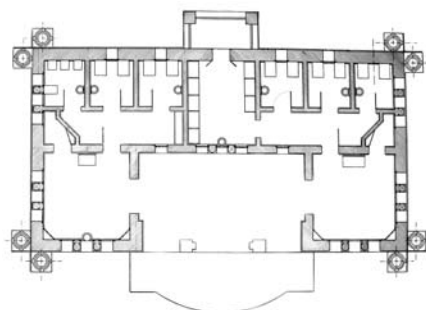


Figura 159 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Planta – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Utilização: No âmbito do funcionamento, presume-se que os dois grupos de cabines que se observam na planta garantiriam o apoio sanitário aos visitantes e aos utentes do Parque do Hospital D. Leonor.

Distribuição funcional: O edifício a construir iria dispor de duas alas, uma para senhoras e outra para cavalheiros. O acesso iria estabelecer-se através de um átrio semi-exterior que também faria a separação das duas zonas. Esse espaço, situado no eixo da planta, iria confinar com as portas de acesso aos dois flancos. Depois de se entrar em qualquer um dos lados, encontrar-se-ia num segundo vestíbulo, iluminado por duas sequências de janelas, onde os utilizadores poderiam pentear-se ou verificar a sua aparência. Ao fundo desse átrio existiria uma porta de acesso às cabines (iluminadas e ventiladas naturalmente) e uma área de urinóis, na zona dos cavalheiros. Através desse espaço da ala masculina acedia-se ao exterior.

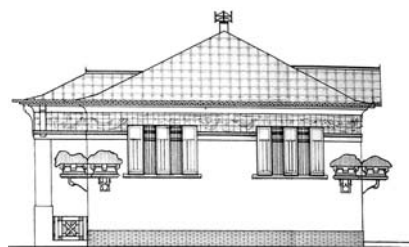


Figura 160 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada lateral – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: Com a observação das características formais do edifício verifica-se que a singeleza do volume base, é contrabalançada pela linha de frontão que integra o telhado mais pequeno. Esse volume, saliente do telhado principal, enquadra a entrada principal e o alpendre do acesso posterior. No entanto, o beiral que acompanha o frontão da entrada principal e que contorna a cobertura acaba por retirar alguma sobriedade aos volumes que remata. Com a análise da relação que a volumetria estabelece com o programa funcional, depreende-se que a articulação formal entre a cobertura e o corpo contentor de espaços advém da vontade de assinalar as entradas.

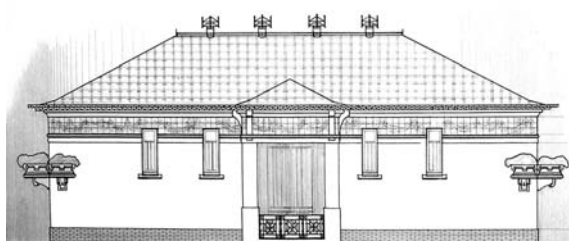


Figura 161 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada posterior – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Decoração: Neste pavilhão, apesar de os principais elementos decorativos serem beirais, cornijas, mísulas (para suporte de vasos) e painéis de azulejo, convém destacar o papel estrutural das colunas, existentes nas sequências de janelas. No contexto geral da ornamentação, a dissemelhança que caracteriza alguns dos elementos não foi suficiente para pôr em causa o equilíbrio da composição.

Estilo: Neste edifício o autor voltou a apostar numa composição pitoresca ligada a um romântico ruralismo. Porém, no âmbito da sua postura pessoal, é importante realçar o sóbrio ritmo de prumos que agrupa as janelas dos átrios interiores. Na extensão do alçado posterior é de salientar ainda o pragmatismo funcional com que são inseridas as esbeltas janelas. No contexto particular dessas janelas, a pureza do desenho que apresentam atenua a rusticidade dos restantes elementos que compõem o pitoresco conjunto.

A integração do edifício no terreno seria garantida pela incorporação de um discreto soco em tijolo maciço.

2.1.2.3. Pavilhão para o Depósito de Louças (1928)

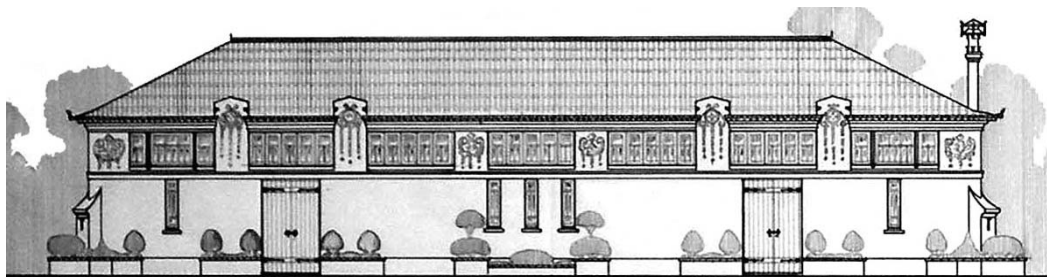


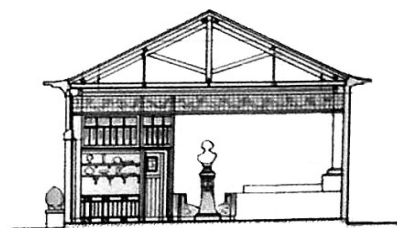
Figura 162 – Pavilhão para o Depósito de Louças, Caldas da Rainha, 1928 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído

Localização/Morada: Caldas da Rainha, Parque do Hospital D. Leonor.

Este edifício, denominado Pavilhão para o depósito de louças, localizar-se-ia no Concelho das Caldas da Rainha, Distrito de Leiria. O conjunto de elementos que constitui este projecto, com data de 1928, não permite saber qual foi a origem da encomenda.

Figura 163 – Pavilhão para o Depósito de Louças, Caldas da Rainha, 1928 – Corte transversal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]



Técnica Construtiva: Para a construção deste pavilhão seria adoptado um sistema de paredes-mestras. Os cunhais da caixa mural que as paredes constituíam seriam reforçados por contrafortes. O piso térreo seria, provavelmente, um massame de pedra e asfalto. Pela análise dos cortes do projecto verifica-se que a estrutura da cobertura seriam asnas.

Materiais: As cantarias deste edifício correspondiam a travessas, a peitoris e aos medalhões dos nembos. Pela observação da planta verifica-se que o pavimento da instalação sanitária apresentava ladrilhos. Nas restantes divisões não é possível saber qual seria o material do pavimento. No âmbito das carpintarias salientam-se todas as caixilharias em madeira que constituem as portas e as janelas. A cobertura seria revestida com telha de aba e canudo e projectar-se-ia das empenas através de uma cornija. Nos vértices dos telhados existiriam telhas de remate.

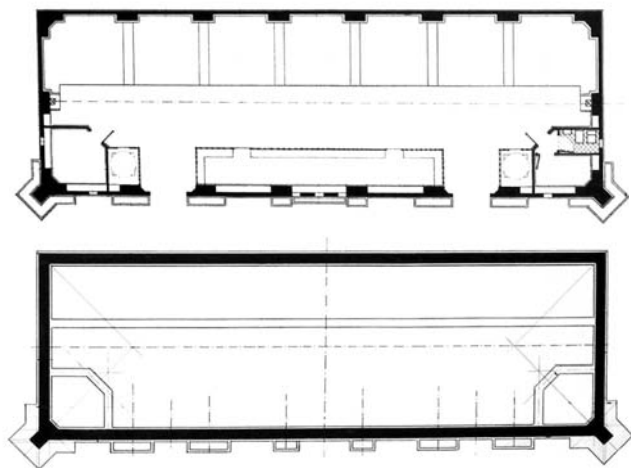


Figura 164 – Pavilhão para o Depósito de Louças, Caldas da Rainha, 1928 – Plantas do interior (cota inferior e superior) – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Utilização: O conjunto de divisões que se observa na planta iria acautelar actividades que se relacionam com o armazenamento de louças.

Distribuição funcional: O edifício a construir iria dispor de zonas para recepção e registo das peças, de cabines de depósito e de arquivos. O acesso ao edifício iria estabelecer-se pelas duas portas da frontaria. Com a entrada no edifício encontravam-se duas zonas de recepção de louças. Ao lado desses dois espaços de admissão de peças existiriam duas salas de arquivo de processos e, num dos lados, uma instalação sanitária de apoio. No âmbito dos espaços de depósito, salienta-se a dependência que é ladeada pelas duas portas de entrada, receptáculo das peças de tamanho reduzido, e a ala do fundo, constituída por várias boxes, onde se guardariam os objectos maiores. O acesso interno aos vários espaços de depósito iria estabelecer-se por um único corredor, coincidente com o eixo longitudinal do edifício. O interior seria iluminado pela sequência de vãos que remata da fachada principal. No entanto, o armazém das peças mais pequenas, os arquivos e a instalação sanitária iriam receber luz natural através das frestas que se observam na fachada principal e nas fachadas laterais.

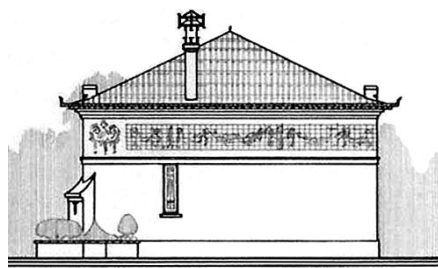


Figura 165 – Pavilhão para o Depósito de Louças, Caldas da Rainha, 1928 – Fachada lateral – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: A frieza do volume de base é compensada pelos medalhões que balizam as entradas e que quebram a continuidade estabelecida pelo beiral nas fachadas principal e posterior. Porém, os elementos decorativos acabam por

extrair alguma da sobriedade que existe no volume referido. Com a análise das características funcionais e volumétricas do edifício, não se verifica nenhuma relação que se possa salientar entre o corpo contentor e os espaços interiores.

Decoração: Neste edifício os principais elementos decorativos são beirais, cornijas, painéis de azulejo, frisos, contrafortes e floreiras.

Estilo: A estética do edifício é volumetricamente pobre e volta a invocar o paradigma da casa portuguesa. No entanto, realça-se a elegante sequência de vãos que remata a fachada principal e o modo coerente como os diversos elementos decorativos estabelecem o equilíbrio geral da pitoresca composição. No âmbito da inserção do edifício, as floreiras que se observam asseguram habilmente a integração no terreno.

2.1.2.4. Hospital Termal das Caldas da Rainha (1928)



Figura 166 - Hospital Termal das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, 1928 – Alçados principais das duas versões do projecto de remodelação – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m.
[MDCivil – IST]

Situação do Imóvel/Projecto: Não demolido/Alterado

Localização/Morada: Caldas da Rainha, Largo do Hospital Termal.

A cidade das Caldas da Rainha nasceu e cresceu em torno deste edifício, o primeiro hospital termal do mundo. A sua história remonta a 1485, ano em que D. Leonor, mulher dedicada às artes e à assistência aos necessitados, deliberou a sua edificação. Tal iniciativa terá sido tomada depois de, ao passar na zona, a rainha ter observado gente humilde a banhar-se em água enlameada para acalmar dores e sarar feridas. Como padecia de uma úlcera no peito, resolveu seguir o exemplo e ficou rapidamente curada. Chamou-lhe Hospital de Nossa Senhora do Pópulo pois era ao povo que se destinava.



Figura 167 - Aspecto da frontaria do edifício principal do complexo do Hospital Termal, no século XIX, tal como ficou após a intervenção mecenática do Rei D. João V.
Figura extraída do site : www.cm-caldas-rainha.pt.

Três anos após a data em que foi decidida a construção da unidade hospitalar chegavam os primeiros doentes para serem tratados com as águas minero-medicinais que estiveram na sua origem. Por volta de 1747, o trabalho desenvolvido pela rainha foi continuado por D. João V (assíduo utente das termas) que

incumbiu Manuel da Maia da responsabilidade das obras e Eugénio dos Santos do desenho do edifício. Pela ocasião foram construídas as piscinas, a buvette e os dois pisos do edifício principal. A fachada, cujo aspecto ainda se mantém, foi também alterada na altura.



Figura 168 - Aspecto actual das fachadas principais dos edifícios do complexo do Hospital Termal.

O aspecto actual da fachada principal do Hospital Termal, da Casa da Convalescença e dos espaços envolventes, resultou da intervenção arquitectónica e urbanística levada a efeito entre 1888 e 1896, por Rodrigo Berquó, arquitecto e urbanista, director

do Hospital Termal e Presidente da Câmara. Nessa intervenção destaca-se a introdução de mais um piso na estrutura do edifício principal.

Em 1927, depois de o Governo ter autorizado a Direcção do Hospital Termal a contrair um empréstimo de dois mil contos para melhoramentos no edifício, foi encomendado um projecto para a remodelação de um dos edifícios do complexo – a Casa da Convalescença.

Em 1928, Álvaro Machado apresentou um plano de remodelação que introduzia mais espaços de tratamento para os utentes. Porém, à semelhança dos restantes projectos do espólio do autor, o presente caso, constituído por duas versões, também não dispõe de informação que permita saber os pressupostos da encomenda.

Técnica Construtiva: Para a concretização desta remodelação foi adoptado o sistema construtivo preexistente (paredes-mestras em alvenaria mista). No âmbito da ventilação, o edifício iria dispor de um sumptuoso sistema de extracção. O referido sistema, composto por várias chaminés, seria instalado na zona posterior do edifício (nas duas versões do projecto) e faria a extracção do «vapor de ar» gerado no interior das galerias de duches e nos inalatórios.

Materiais: Do conjunto das cantarias que se observam nos alçados das duas versões do projecto salientam-se as linhas de frontão das travessas dos vãos, as requintadas ombreiras, os frisos, as cornijas e o capeamento das fachadas. Pela observação das plantas do projecto não é possível saber que materiais seriam aplicados nos pavimentos interiores. No âmbito das carpintarias são salientam-se todas as caixilharias em madeira que iriam constituir as portas e as janelas. A cobertura seria revestida com telha Marselha e a recolha das águas iria estabelecer-se através de caleiras integradas nas platibandas.

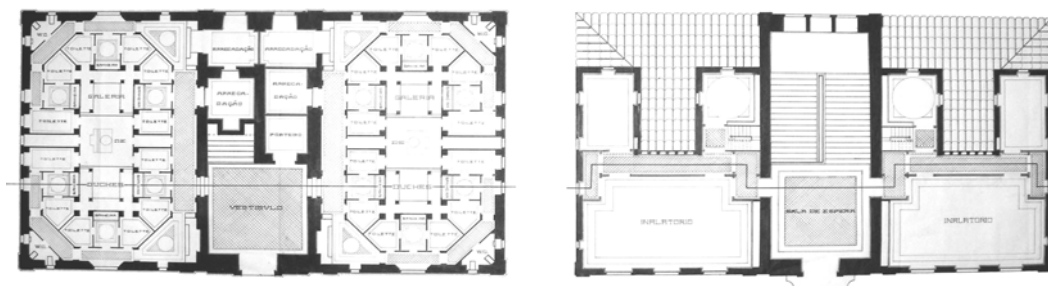


Figura 169 - Hospital Termal das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, 1928 – Planta do rés-do-chão e do 1.º andar de uma das versões do projecto de remodelação – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Utilização: As galerias de duches e os inalatórios seriam novas zonas de tratamento que este edifício, como parte do complexo do hospital termal, iria albergar.

Distribuição funcional: A nova configuração funcional iria dispor de duas alas (uma para senhoras e outra para cavalheiros) distribuídas por dois pisos. O acesso aos vários espaços do edifício iria estabelecer-se através de um vestíbulo no rés-do-chão. O referido espaço, situado no eixo da planta, separava as duas alas do piso térreo, albergava a escada de acesso ao primeiro piso e antecedia as portas das galerias de duches. Com o ingresso em qualquer uma das alas do rés-do-chão, encontrar-se-ia o corredor dos toilettes onde os utentes se aprontariam para a utilização das cabines de duche. Nos recantos de cada uma das alas existiriam duas instalações sanitárias de apoio. Depois de se percorrer a escadaria que permitia o acesso ao primeiro andar encontrava-se uma sala de espera. Esse espaço antecedia as entradas das alas dos inalatórios. Antes de se entrar nas zonas de inalação iria surgir um pequeno corredor que conduzia a uma área de arrumos e a um espaço onde os utentes trocariam de roupa. Ao meio do referido corredor arrancariam as chaminés de saída dos vapores gerados no interior.

Forma/Conteúdo: Com a observação das características formais do edifício verifica-se que a simplicidade do volume contendor é contrabalançada pelas imponentes chaminés de extracção e pelos volumes que albergam os novos espaços da zona posterior (em ambas as versões do projecto). O carácter que as adições atribuem à nova composição advém da vontade de assinalar a presença das novas valências do edifício. No entanto, a linha de frontão da fachada preexistente retira alguma sobriedade à nova composição.



Figura 170 - Hospital Termal das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, 1928 – Alçados posteriores das duas versões do projecto de remodelação – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m.

[MDCivil – IST]

Decoração: Neste edifício, apesar dos principais elementos decorativos serem as travessas, as ombreiras, os frisos e as cornijas de origem joanina, salientam-se igualmente os novos elementos pétreos de remate que cozem o novo ao preexistente.

Estilo: A composição que o autor concebeu seguiu a matriz do desenho de Eugénio dos Santos. Porém, é importante realçar a espontaneidade com que articulou os novos espaços nos volumes que se observam na fachada tardoz. No alçado posterior é de salientar ainda o pragmatismo com que são inseridas as aberturas e as vigorosas chaminés. No contexto particular das janelas e dos restantes vãos, a simplicidade do desenho preconizado facilitou a integração no hermético conjunto preexistente.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

2.1.2.5. Pavilhão para a Exposição Ibero-Americana de 1929 (1928)



Figura 171 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído

Localização/Morada: Sevilha, Recinto da Exposição Ibero-Americana.

Esta foi a proposta que Álvaro Machado entregou em 1928 para o concurso do projecto do pavilhão português a construir no recinto da Exposição Ibero-Americana de Sevilha, a ocorrer em 1929. Para a referida competição, que perdeu, apresentou um edifício monumental composto por quatro sub-pavilhões. Esses quatro espaços, destinados à representação portuguesa, iriam corresponder a quatro temas: Belas-Artes, Colonial, Agricultura, e Comércio e Indústria. A construção do edifício iria ocorrer no Parque Maria Luísa.

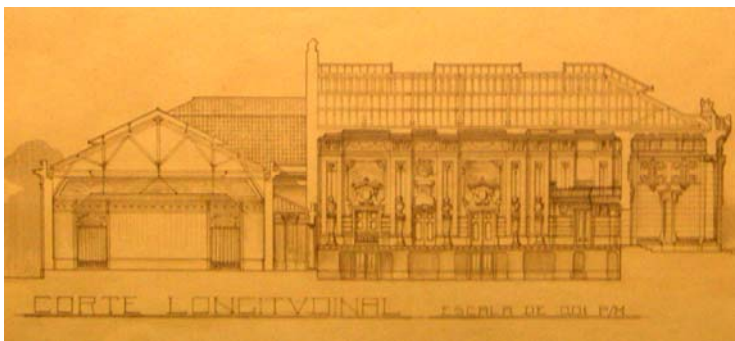


Figura 172 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Corte – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]

Técnica Construtiva: A julgar pela informação que os desenhos do projecto disponibilizam, presume-se que construção deste edifício fosse recorrer a paredes autoportantes. Essas estruturas de alvenaria seriam o apoio das asnas que estabelecem o vão livre no interior dos sub-pavilhões temáticos. A iluminação das zonas de exposição seria garantida por um sistema zenital que conduzia a luz natural. O referido sistema, composto por três lanternins em cada sub-pavilhão, seria instalado nas cumeeiras.

Materiais: A informação que existe no projecto não permite saber que materiais seriam utilizados para a execução dos elementos decorativos que contribuem para a aparência beauxartiana do conjunto.

Pela análise dos desenhos do projecto, admite-se que as estruturas de sustentação dos vidros dos lanternins fossem peças de serralharia.

A cobertura seria revestida a telha e a recolha das águas iria estabelecer-se através de caleiras integradas nas platibandas.

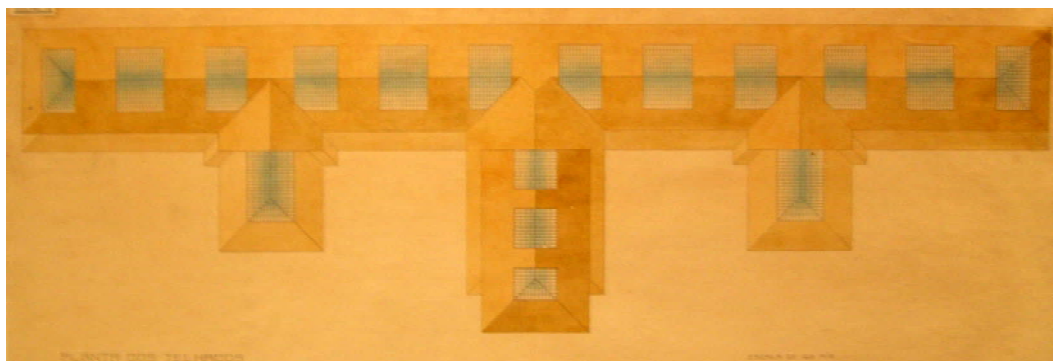


Figura 173 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Planta de cobertura – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]

Utilização: A grande e longa nave que os quatro sub-pavilhões temáticos configuravam seria a zona de exposição propriamente dita. Os três corpos perpendiculares a essa nave iriam estabelecer as áreas de recepção nobres e a ligação aos corredores que uniam os sub-pavilhões. Das referidas naves de recepção, a central, de maior dimensão e sumptuosidade, seria provavelmente a que se destinava às admissões de maior importância. As outras duas, apesar de serem mais pequenas, eram igualmente grandiosas e exuberantes.

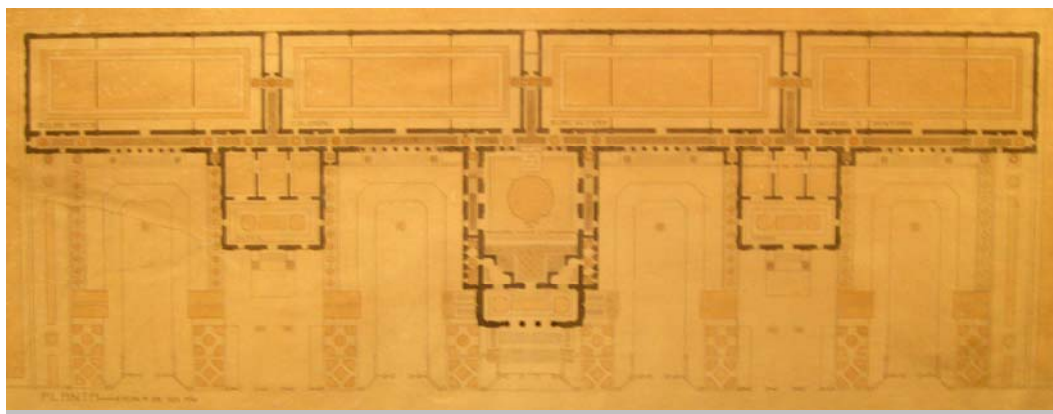


Figura 174 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Planta – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]

Distribuição funcional: O edifício a construir iria dispor de quatro zonas de exposição individualizadas por tema (Belas-Artes, Colonial, Agricultura e Comércio e Indústria). O acesso às zonas de exposição do edifício, além de se poder efectuar pelas colunatas dos átrios que se observam a meio de cada um dos salões temáticos, também se podia estabelecer, de modo mais indirecto, pelos três grandiosos vestíbulos que se apresentam nos eixos de separação dos quatro sub-pavilhões. No caso do vestíbulo principal, situado no eixo da planta, supõe-se que a grande sala que se observa no mesmo servisse para acolher as recepções de carácter institucional. O referido espaço era antecedido por um átrio semi-exterior e ladeado pelos corredores de acesso às zonas de exposição. No que se refere aos outros dois vestíbulos que ladeiam a entrada central, as primeiras salas que se observam em cada um deles seriam provavelmente antecâmaras de acesso no recinto de exposição. As referidas salas eram precedidas por três divisões mais pequenas onde se faria provavelmente o controlo de entrada. Com a passagem pelas zonas de controlo de entrada acedia-se ao um longíssimo corredor que estabelecia a ligação entre pavilhões. A referida circulação articulava-se com mais três corredores. Essas três zonas, perpendiculares ao corredor principal, garantiam uma outra ligação aos salões. Os pavilhões temáticos, dotados de seis entradas cada um, estavam divididos em três zonas. A compartimentação de cada pavilhão seria estabelecida por divisórias e a iluminação zenital seria difundida por um tecto suspenso.

Forma/Conteúdo: No âmbito da composição formal, a enorme massa do recinto de exposições é contrabalançada pelos três volumes que albergam as zonas de recepção na frontaria do edifício. Os referidos volumes, além de aliviarem o peso e a monotonia do corpo longitudinal, enriquecem a composição geral. Com a análise da relação que os volumes estabelecem com o programa funcional, depreende-se que a adição entre os corpos de recepção e o corpo das exposições, advém da vontade de assinalar as entradas principais.

Decoração: Neste edifício, apesar de os principais ornatos serem frisos, cornijas, cunhais, colunas e outros componentes de origem beauxartiana salientam-se as linhas de frontão do vocabulário do autor, que rematam as platibandas do alçado principal. No âmbito geral da decoração, a sumptuosidade que caracteriza os ornamentos, agregada à escala monumental do edifício, constrói uma composição

de grande impacto. No contexto da relação que a decoração estabelece com a volumetria constata-se que o uso excessivo de linhas de frontão e de elementos de origem clássica retirou alguma sobriedade ao conjunto.

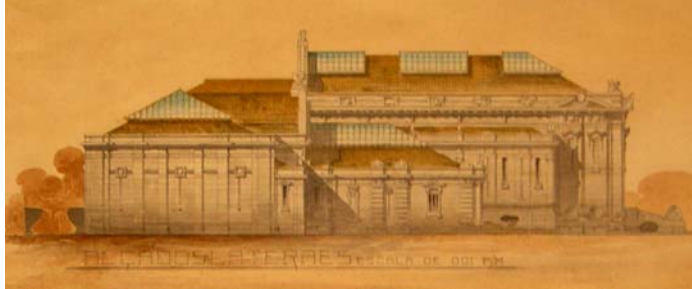


Figura 175 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Alçado lateral – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]

Estilo: Neste projecto o autor apostou numa composição de cariz beauxartiano. Contudo, no âmbito da sua postura pessoal, é de realçar o modo como articulou os elementos beauxartianos aos do seu vocabulário próprio. Nas fachadas que compõem a colossal volumetria deste edifício salienta-se a monumentalidade classizante que se observa em todas elas.

2.1.2.6. Pavilhões Portugueses da Exposição Internacional e Colonial (1930)



Situação do Projecto: Não construído.

Localização/Morada: Paris, Recinto da Exposição Internacional e Colonial.

Esta foi a proposta que Álvaro Machado desenvolveu no âmbito do concurso que foi lançado para a elaboração do projecto dos pavilhões portugueses a construir em Paris no recinto da Exposição Internacional e Colonial, a realizar em 1931. Para a referida competição apresentou uma proposta que não foi seleccionada. Os edifícios que a configuravam iriam corresponder a três secções: Etnográfica, Histórica e Metropolitana e Comercial.

Técnica Construtiva: Para a construção destes edifícios iria recorrer-se, provavelmente, a paredes de alvenaria e a estruturas de madeira.

Materiais: A informação que existe no projecto não permite saber que materiais seriam utilizados para a execução dos elementos decorativos que contribuem para a aparência neo-manuelina do edifício da secção histórica. No âmbito dos edifícios da secção etnográfica e da secção Metropolitana e Comercial também não é possível saber. Pela análise dos desenhos do projecto, admite-se que as caixilharias fossem serralharias. A cobertura dos edifícios da secção etnográfica e da secção Metropolitana e Comercial seria revestida a telha e a recolha das águas iria estabelecer-se através de caleiras integradas nas palas. A cobertura do edifício da secção histórica seria em terraço.

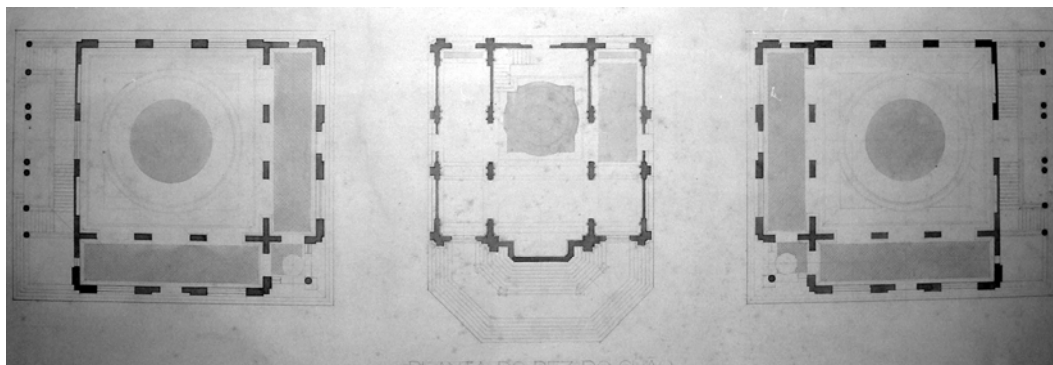


Figura 177 – Pavilhões Portugueses a construir no recinto da Exposição Colonial e Internacional em Paris, 1930 – Plantas do rés-do-chão – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. [MDCivil – IST]

Utilização: O pavilhão central acolhia a exposição da secção histórica. Os pavilhões gémeos albergavam as exposições das outras duas secções: a Etnográfica e a Metropolitana e Comercial.

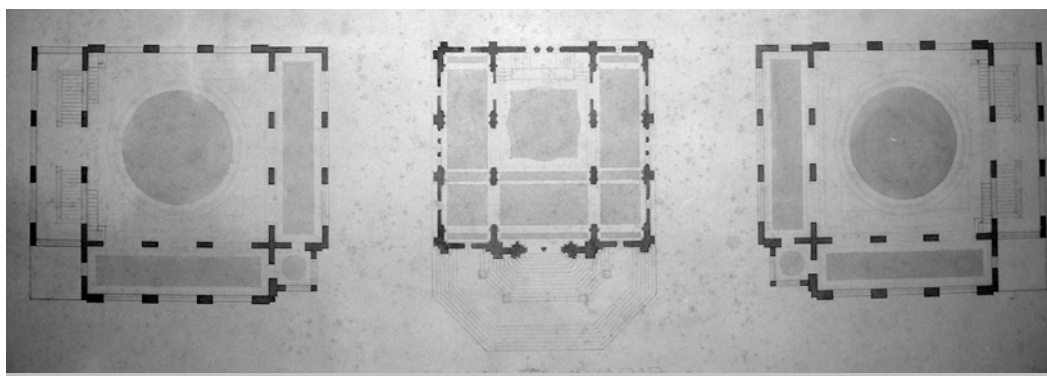


Figura 178 – Pavilhões Portugueses a construir no recinto da Exposição Colonial e Internacional em Paris, 1930 – Plantas do 1.º andar – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. [MDCivil – IST]

Distribuição funcional: A compartimentação interna dos três pavilhões temáticos era composta por espaços amplos e versáteis. O pavilhão da Secção Histórica apresentava três andares. Os outros dois (Secção Etnográfica e Secção Metropolitana e Comercial) dispunham de dois pisos. Para se aceder às salas de exposição existentes em todos eles tinha de se passar, em qualquer dos casos, por um átrio de entrada. No caso do pavilhão da Secção Histórica, uma sumptuosa escada exterior conduzia até ao mesmo. Com a entrada no referido átrio desembocava-se na área expositiva. Na área de exposição que se descreve, presume-se que o espaço central, de pé direito mais elevado, seria a zona principal de exposição. De qualquer modo, o átrio de entrada e as alas que ladeiam a referida sala também poderiam servir para acolher parte da exposição. No rés-do-chão deste pavilhão existiria uma zona que acolhia espaços de apoio às

exposições. No segundo andar deste edifício existia apenas uma galeria de acesso aos dois terraços do piso. A galeria do terceiro andar possibilitava apenas uma aproximação às janelas da fachada. O acesso aos vários pisos seria garantido pela escada que se observa na zona posterior do edifício (junto à porta de entrada no rés-do-chão). No contexto dos outros dois pavilhões gémeos (Secção Etnográfica e Secção Metropolitana e Comercial) a entrada iria estabelecer-se através de um pequeno vestíbulo que nascia da intercepção dos dois corredores de distribuição. Na planta destes dois pavilhões, a área central teria, à semelhança do pavilhão da Secção Histórica, uma vocação expositiva. Os espaços de circulação e de recepção que marginavam a referida sala não tinham a mesma aptidão expositiva das alas do pavilhão da Secção Histórica. No segundo andar destes dois edifícios existiria uma galeria por onde se poderia circular e simultaneamente observar a sala de exposição central. O acesso aos pisos superiores iria estabelecer-se através de uma longa escadaria. As referidas comunicações verticais encontravam-se resguardadas por uma galeria semi-exterior que a colunata do alçado lateral configurava.



Figura 179 – Pavilhões Portugueses a construir no recinto da Exposição Colonial e Internacional em Paris, 1930 – Planta do 2.º andar (Secção Histórica), da galeria do 2.º andar (Secção Etnográfica e Secção Metropolitana e Comercial), e do 3.º andar (Secção Histórica) – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: No pavilhão da Secção Histórica a composição é formada por dois volumes paralelepípedicos. A base dessa composição, receptáculo das zonas de exposição e de apoio, é um paralelepípedo ao baixo. Sobre a referida massa assentaria outra semelhante, disposta ao alto, para proporcionar um pé direito mais alto à sala de exposição central. A disposição do segundo volume seria ainda responsável pelos terraços que se observam sobre as alas laterais do edifício.

No contexto dos pavilhões da Secção Etnográfica e da Secção Metropolitana e Comercial, a composição que se observa é mais complexa, ou seja, consiste na

adição do corpo central, onde estão as salas de exposição, com os três volumes que albergam os corredores e as escadarias. No âmbito da volumetria, a correspondência que os vários copos estabelecem com os diferentes tipos de utilização, resulta num conjunto bastante funcional.

Decoração: No edifício central, os ornatos são todos de origem manuelina. No âmbito da decoração, a sumptuosidade que caracteriza os seus ornamentos e a extrema parecença com a Torre de Belém constroem uma composição caricata. Nos outros dois edifícios a simplicidade dos frisos, das colunas e dos medalhões dos nembos contrasta com os rebuscados adereços do pavilhão central.

Estilo: O conjunto dos três pavilhões apresentava no centro da composição o edifício que transportava consigo a maior responsabilidade, ou seja, acolher a importante Secção Histórica Portuguesa. A ladear esse clone da Torre de Belém, surgem simetricamente dois pavilhões gémeos, de espírito mais progressista, cuja incumbência seria a de albergarem a Secção Etnográfica e a Secção Metropolitana e Comercial. O estilo que estes dois edifícios apresentam, além de se aproximar muito do que foi desenvolvido pela primeira geração modernista portuguesa, incorpora elementos semelhantes aos pilotis corbusianos e às coberturas balançadas que se encontram nas casas da pradaria projectadas por Frank Lloyd Wright no início do século XX. Numa época em que o neo-manuelino tinha sido posto de lado há muito tempo o autor volta a insistir nesse revivalismo. O propósito dessa aplicação talvez esteja associado à vontade de acentuar o contraste entre o velho manuelino e um novo estilo moderno português. De qualquer modo é sempre curioso observar a facilidade com que o autor dominava diferentes tipos de linguagens e estilos arquitectónicos.



2.1.2.7. Palácio do Ministério da Agricultura (1930)



Figura 181 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Alçado principal - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído

Localização/Morada: Lisboa/Desconhecida.

Esta foi a proposta que Álvaro Machado entregou para o concurso que foi aberto para o projecto do Palácio do Ministério da Agricultura, em 1930 (a divisa Abegão identificava o projecto). Para a referida ocasião apresentou um edifício de dois corpos que ocupavam uma área de 5.840m². O corpo principal, de três andares, era apoiado por outro de dois. O edifício proposto iria acomodar os onze grupos funcionais que eram exigidos no programa do concurso. Esses onze grupos, destinados aos vários serviços e secções do ministério, ocupavam 15.733 m² e estavam distribuídos pelos dois corpos e pelos vários andares.

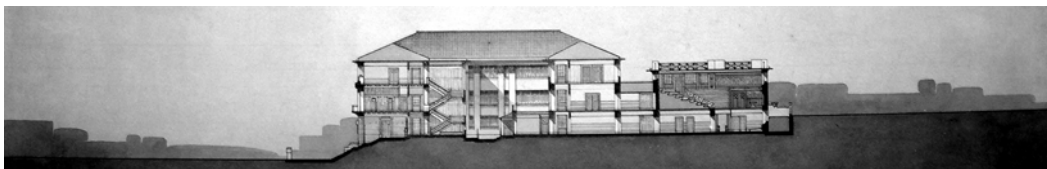


Figura 182 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Corte transversal - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]

Técnica Construtiva: Para a concretização deste edifício iria recorrer-se, provavelmente, a paredes de alvenaria e a estruturas de madeira.

Materiais: Do conjunto das cantarias que se observam nos alçados do projecto salientam-se as infindáveis molduras que estabelecem o ritmo dos vãos, as duplas colunas que configuram os nembos do ultimo piso, os medalhões que sobressaem na platibanda, as cornijas e o capeamento geral que reveste as fachadas. Pela análise do projecto, admite-se que a cobertura fosse revestida a telha, com a recolha das águas a efectuar-se por caleiras integradas nas platibandas.

Utilização: O corpo principal do edifício iria acolher as direcções gerais, o arquivo geral, o museu agrícola, os serviços de apoio ao ministro e as restantes secções do quadro orgânico do Ministério. O corpo que se observa no tardo do

conjunto iria acomodar as garagens, os armazéns, a casa da guarda, duas salas de exposições, gabinetes para comissões e uma sala para conferências e projecções. Os dois corpos iriam ficar ligados pelo rés-do-chão e pelo primeiro andar.

Distribuição funcional: A configuração da planta era semelhante a um triplo H que se acoplava a um extenso rectângulo. As duas longas alas que formavam o triplo H estavam ligadas por quatro corredores. Essas comunicações horizontais acabavam por estabelecer também a separação dos espaços da zona central entre as alas principal e posterior. Nos serviços que o núcleo central acomodava, a ventilação e a iluminação natural seriam asseguradas por três logradouros. O funcionamento geral deste edifício iria estabelecer-se através de uma volumetria de três pisos no corpo principal e de dois no posterior. Por sua vez, cada piso iria albergar um conjunto de grupos funcionais¹³⁴.

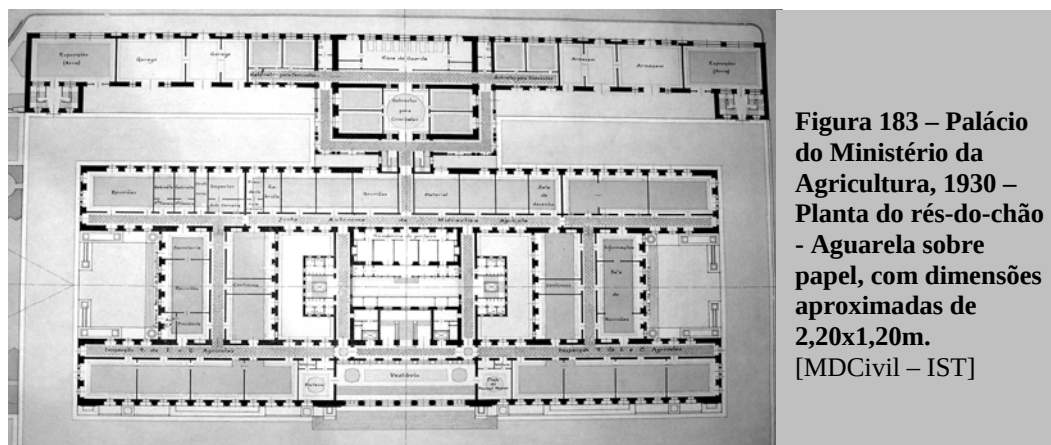


Figura 183 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Planta do rés-do-chão - Agualela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x1,20m. [MDCivil – IST]

No rés-do-chão do corpo principal do edifício, o acesso à Câmara Nacional da Agricultura, à Casa da Lavoura e à Inspeção Técnica da Indústria e Comércio Agrícolas podia efectuar-se directamente porque existiam entradas independentes

¹³⁴ PROGRAMA FUNCIONAL:

Piso do rés-do-chão (área do piso 5840 m²):

- 7.º Grupo - Inspeção Técnica da Indústria e Comércio Agrícolas.
- 8.º Grupo - Junta Autónoma da Hidráulica Agrícola.
- 9.º Grupo - Câmara Nacional da Agricultura e Casa da Lavoura e Gabinetes para comissões.
- 11.º Grupo - Gabinetes do chefe do Pessoal Menor, Cabines telefónicas, Residência do porteiro, Casa do guarda, Gabinete do porteiro, Armazéns e Garagens.

Piso do 1.º Andar (área do piso 5840 m²):

- 1.º Grupo - Gabinete do Ministro, Sala do Conselho Superior de Agricultura e Salão Nobre.
- 2.º Grupo - Secretaria-geral, Biblioteca, Arquivo Geral, Museu Agrícola e Serviço de Publicidade Agrícola.
- 3.º Grupo - Inspeção-geral e Repartição de Contabilidade.
- 10.º Grupo - Salas de Exposições e Sala de Conferências e Projecções.

Piso do 2.º Andar (área do piso 4053 m²):

- 4.º Grupo - Direcção-geral do Fomento Agrícola.
- 5.º Grupo - Direcção-geral dos Serviços Florestais e Agrícolas.
- 6.º Grupo - Direcção-geral dos Serviços Pecuários.

para esses serviços. Para se aceder às dependências da Junta Autónoma da Hidráulica Agrícola, localizadas na zona posterior do corpo principal, teria de se utilizar o mesmo acesso da Inspeção Técnica da Indústria e Comercio Agrícolas, ou seja, o vestíbulo de principal. Para se atingirem os gabinetes para comissões e a casa da guarda, instalados no corpo posterior, tinham de se percorrer os corredores do corpo central. A entrada no átrio da sala de exposições, nas garagens e nos armazéns só se podia efectuar pelas portas exteriores. A residência do porteiro ocupava uma parte do logradouro central e o acesso à mesma iria efectuar-se pelos corredores que ligavam as duas alas do corpo principal. A outra porção do logradouro ficaria abrangida pela escadaria nobre e pelos dois elevadores. Os outros dois logradouros seriam ocupados por núcleos de instalações sanitárias e por escadas.

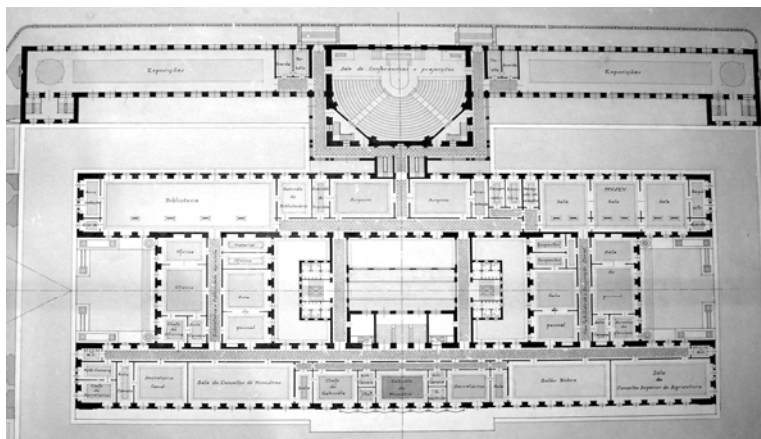


Figura 184 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Planta do 1.º andar - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x1,20m. [MDCivil – IST]

No 1.º piso do corpo principal, a inexistência de entradas independentes, obrigava a que o acesso aos vários serviços se efectuasse pela escadaria nobre ou pelas caixas de escadas que se observam nos saguões laterais. O acesso que permitia chegar mais rapidamente ao gabinete do ministro e aos serviços que lhe prestavam apoio (Sala do Conselho Superior de Agricultura, Salão Nobre, Secretaria Geral e Sala do Conselho de Ministros) era a escadaria nobre do átrio principal.

Os serviços que ocupavam a zona central (Serviço de Publicidade Agrícola e a Repartição de Contabilidade e Inspeção-geral) e os compartimentos da ala posterior do corpo principal (biblioteca, arquivo e museu) teriam um acesso mais directo se fossem utilizadas as caixas de escadas dos saguões laterais. Para se alcançar a sala de exposições e a sala de conferências e projecções, instaladas no corpo posterior, tinham de se percorrer todos os corredores do corpo central.

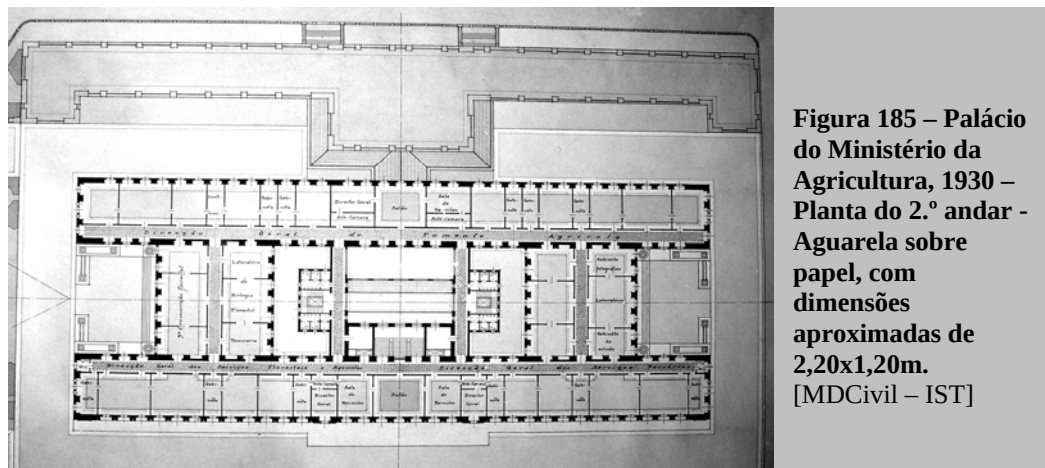


Figura 185 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Planta do 2.º andar - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x1,20m. [MDCivil – IST]

À semelhança do que acontece no 1.º piso do corpo principal, o acesso aos vários serviços do 2.º piso teria de se fazer pela escadaria nobre ou pelos núcleos de comunicações verticais. A entrada mais directa para a Direcção-geral dos Serviços Florestais e Agrícolas e para a Direcção-geral dos Serviços Pecuários era a escadaria do átrio principal. Os compartimentos que abrangiam o núcleo central e os serviços que ocupavam na ala posterior do corpo principal (Direcção-geral do Fomento Agrícola) teriam a acessibilidade facilitada se fossem utilizados os núcleos de comunicações verticais dos saguões laterais.

Forma/Conteúdo: No âmbito da composição formal, a enorme massa do corpo principal é equilibrada pelo longo volume que alberga os espaços de exposições e a sala de conferências e projecções na zona posterior do conjunto. Com a análise da relação que a forma estabelece com o programa funcional, verifica-se que as alas (principal, central e posterior) que acolhem os grupos funcionais foram sujeitas a uma simples adição volumétrica. Essa opção, de carácter funcionalista, converteu o extenso programa numa síntese praticável.

Decoração: Neste edifício, os principais ornatos são frisos, cornijas, cunhais, colunas e o imponente frontão que assinala a entrada principal. No âmbito geral da decoração, o carácter clássico dos ornamentos contribui para a redução do impacto gerado pelas enormes massas do edifício.

Estilo: Neste projecto o autor voltou a apostar numa composição de cariz classizante. No âmbito da composição das fachadas, é de realçar ainda o modo como se deixou subjugar à matriz beauxartiana em detrimento da sobriedade que caracterizava o seu vocabulário próprio. No entanto, a utilização deste tipo de estilo também poderá estar associada às exigências do programa de concurso.

2.1.2.8. Entrada Monumental para o Parque Eduardo VII (1932)

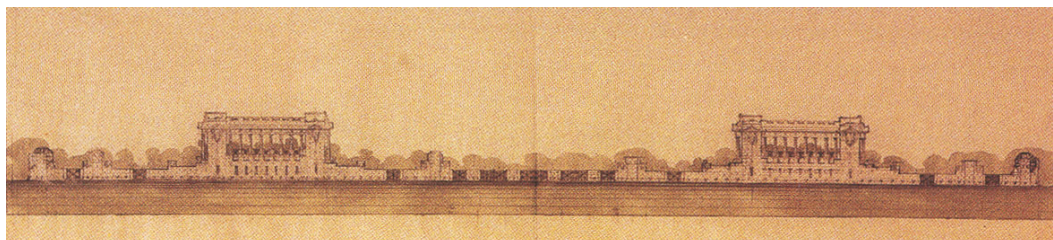


Figura 186 - Entrada Monumental do Parque Eduardo VII, Lisboa, 1932 – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído

Localização/Morada: Lisboa, Parque Eduardo VII.

Esta foi a proposta que Álvaro Machado entregou em 1932 para o concurso do projecto para a Entrada Monumental do Parque Eduardo VII (a divisa Arnez identificava o projecto). O edifício seria construído em frente à rotunda que iria a receber a estátua do Marquês de Pombal. Para a referida competição, de promoção camarária, Álvaro Machado apresentou uma composição formada por dois pórticos monumentais que ladeavam uma entrada axial de cinco portões. Porém, o maior interesse deste concurso está associado à polémica que o mesmo gerou no seio da Sociedade dos Arquitectos Portugueses. A referida controvérsia prendeu-se com o facto do programa de concurso impor que a construção fosse efectuada sob a direcção de um engenheiro civil. Na sequência da referida exigência de concurso, a Sociedade dos Arquitectos Portugueses decidiu em assembleia-geral que os seus membros não participariam porque não tinham sido alteradas as cláusulas que a direcção associativa considerava atentatórias da dignidade profissional dos arquitectos. No entanto a tomada de posição votada colectivamente não foi acatada por Álvaro Machado que enviou o seu projecto para a Câmara Municipal de Lisboa, «...faltando assim às leis da camaradagem que devem presidir aos actos dos arquitectos portugueses, associados ou não»¹³⁵. Passados quatro anos da abertura do concurso, e como se não bastasse o sucedido, Álvaro Machado ainda escreveu uma carta à direcção associativa solicitando que a mesma «interferisse junto da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, para que lhe fosse concedido o primeiro prémio

¹³⁵ RIBEIRO, Ana Isabel de Melo – **Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953**. Porto : Faculdade de Arquitectura do Porto, 2000. p.397.

daquele concurso, a que se julgava com direito, por ser o único concorrente»¹³⁶. Em resposta ao pedido de Álvaro Machado, e para acabar definitivamente com o caso, a direcção associativa limitou-se a dizer que «...não se pode ocupar do assunto, visto se ter desinteressado deste (...), na devida altura, aquando do concurso»¹³⁶.

Técnica Construtiva: Para a concretização deste projecto iria utilizar-se, provavelmente, um sistema construtivo de alvenarias resistentes em combinação com elementos maciços em pedra.

Materiais: Os alçados do projecto levam a supor que a maior parte dos elementos presentes seriam cantarias (as colunas dos pórticos, os ornatos e o capeamento das paredes e muros). Pela observação dos detalhes dos desenhos, poderá admitir-se que os portões fossem serralharias.

Utilização: Os dois pórticos que se observam, além de conferirem uma escala monumental ao conjunto, suportavam os terraços que dispunham para o Parque Eduardo VII e para a Avenida da Liberdade.

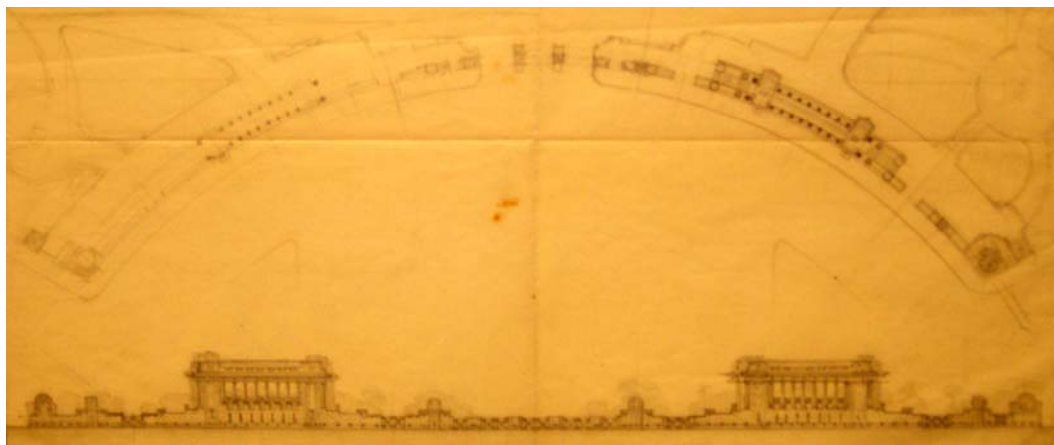


Figura 187 - Entrada Monumental do Parque Eduardo VII, Lisboa, 1932 – Planta e alçado – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x1,00m.
[MDCivil – IST]

Distribuição funcional: O projecto a construir era composto por dois edifícios e por um conjunto de muros. Estes últimos iriam enquadrar as três entradas centrais e as oito laterais. Os três portões que se encontravam no eixo do conjunto estabeleciam a entrada na zona central do parque. As outras oito entradas facultavam o acesso aos dois edifícios da composição. Esses edifícios dispunham

¹³⁶ RIBEIRO, Ana Isabel de Melo – **Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953**. Porto : Faculdade de Arquitectura do Porto, 2000. p.397.

de dois andares ao ar livre e de um coberto. O primeiro dos espaços ao ar livre, situado no primeiro andar, alcançava-se pelas escadas que ladeavam o edifício. Esse terraço constituía a parte inferior do enquadramento que era produzido pelas duas torres laterais e pelo volume horizontal que o ultimava.

O outro dos espaços ao ar livre já não era coberto e correspondia ao terraço que a colunata suportava. A referida zona, situada na cota mais elevada, iria dispor de um maior alcance visual. Para se chegar aos terraços mais altos utilizavam-se as caixas de escadas que existiriam no interior das torres onde se apoiava o fechamento superior do pórtico.

No rés-do-chão destes monumentais edifícios existia uma enorme área coberta sem utilização definida.

Forma/Conteúdo: No âmbito da composição formal, as massas dos edifícios são contrabalançados pela horizontalidade dos muros onde se encaixam os portões de entrada. Os referidos edifícios, além de serem os principais elementos da composição monumental, acolhem espaços que enriquecem a proposta. Por outro lado, esses edifícios funcionam com uma espécie de molduras monumentais para o parque porque dispõem de uma zona central (ocupada pelas colunatas) semi-permeável à vista. Os volumes que estabelecem o limite da referida moldura são os embasamentos, as torres laterais e o corpo horizontal de encabeçamento. No contexto geral da volumetria verifica-se que a mesma está mais relacionada com aspectos estéticos e cenográficos do que com questões funcionais.

Decoração: Apesar de a indefinição do projecto não permitir uma compreensão detalhada dos ornatos, presume-se que os mesmos fossem de origem beauxartiana.

Estilo: No âmbito da referida aparência beauxartiana realça-se a importância da escala dos elementos clássicos que utilizou para construir a monumental volumetria do conjunto.

2.1.2.9. Jazigo de Família Mesnier Machado (1935)

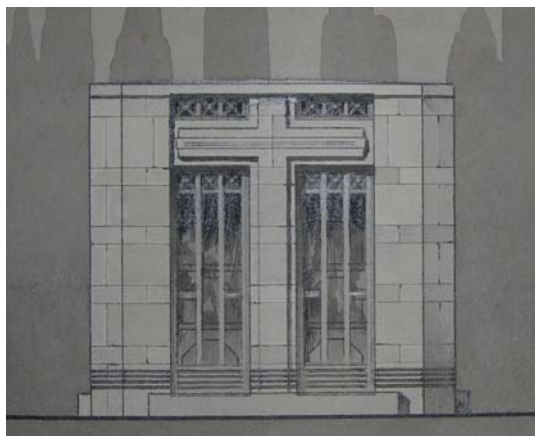


Figura 188 – Jazigo da Família Mesnier Machado, a construir no cemitério do Lumiar, Lisboa, 1935 – Alçado – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,20x0,15m.

[MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído

Localização/Morada: Lisboa, Cemitério do Lumiar.

No ano em que se reformou do Instituto Superior Técnico e do Ministério das Obras Públicas, Álvaro Machado desenvolveu um projecto para um jazigo de família a construir no Cemitério do Lumiar.

Técnica Construtiva: Para a construção das alvenarias resistentes deste jazigo seriam utilizados aparelhos de pedra. Pela observação dos alçados constata-se o controle que o autor tinha sobre a estereotomia dos mesmos. A cobertura plana seria, provavelmente, uma laje de betão.

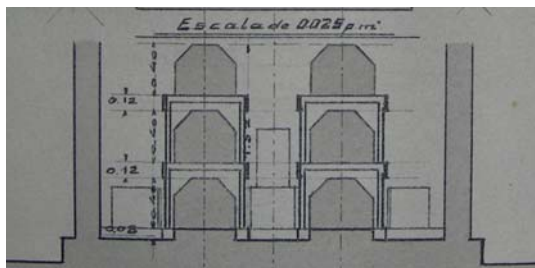


Figura 189 – Jazigo da Família Mesnier Machado, a construir no cemitério do Lumiar, Lisboa, 1935 – Corte – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,20x0,15m.

[MDCivil – IST]

Materiais: Nos escassos elementos que constituem projecto não é referido o tipo de pedra que seria utilizada. Pela observação dos detalhes dos desenhos, poderá admitir-se que as portas fossem serralharias.

Utilização: Esta edificação destinava-se a receber os restos mortais de Álvaro Machado, da sua mulher e dos seus quatro filhos.

Distribuição funcional: O acesso às portas por onde entrariam as urnas era assinalado pelo único degrau que sobressai na frontaria. A planta era um quadrado com as duas esquinas da fachada principal chanfradas. Em cada um dos alçados laterais do edifício existiria uma porta de acesso. A fachada posterior seria cega.

O interior acolheria dois conjuntos de três urnas sobrepostas. Entre os dois conjuntos de urnas existiam três pequenos corredores que garantiam a circulação em torno das mesmas. Na parede cega do espaço interior não existiria decoração. No entanto a luz que entraria no espaço faria surgir a imagem de uma cruz.

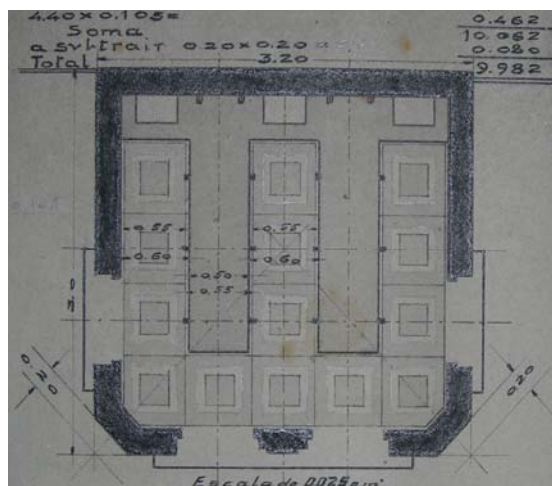


Figura 190 – Jazigo da Família Mesnier Machado, a construir no cemitério do Lumiar, Lisboa, 1935 – Planta – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,20x0,15m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: Com a análise das peças desenhadas do projecto depreende-se que a forma é um sólido puro. As aberturas que a cruz confere na fachada principal estabelecem uma entrada directa e funcional às urnas. Por outro lado as fenestranças referidas irão conduzir a luz para o interior e delinear a marca de uma cruz. No exterior o autor impôs uma relação telúrica à volumetria moderna do jazigo.

Decoração: A julgar pela informação que as peças desenhadas disponibilizam não existe qualquer decoração nas paredes interiores. O material que seria aplicado nos pavimentos apresentava motivos geométricos simples. No exterior salientam-se as séries de sulcos que rematam a zona inferior das fachadas, a cruz que emoldura as aberturas da fachada principal e as sóbrias serralharias.

Estilo: O maior interesse deste projecto está no facto de o autor se ter atrevido, por conta própria, a mais uma modernice. No âmbito da volumetria geral, a pureza do cubo só não é total porque o tratamento da parede frontal, onde aparece a cruz, faz com que se perca a contenção e a simplicidade que a massa cúbica assegurava ao conjunto. No entanto, a simplicidade que este projecto apresenta comprova a apetência que o autor tinha demonstrado ao longo da sua carreira pelos valores da modernidade.

2.1.3. O derradeiro projecto (1944)

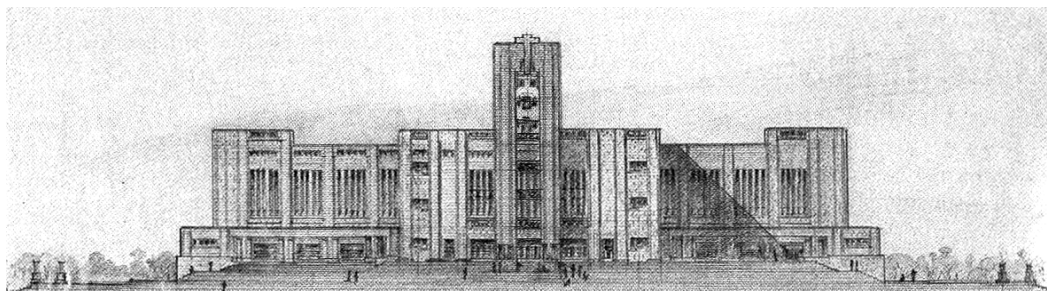


Figura 191 – Catedral, 1944 – Alçado principal (projecto especulativo). Carvão sobre vegetal, com dimensões aproximadas de 0,20x0,05m. [MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído

Localização/Morada: Desconhecida, Desconhecida.

Esta catedral foi o último projecto que Álvaro Machado desenvolveu. Com uma data que coincide com o ano em que faleceu é um projecto inacabado e emblemático, com muito poucos elementos gráficos e sem dados que indiquem se o mesmo se tratou de uma encomenda, de um projecto para concurso ou de uma simples experiência do autor. Independentemente do motivo, estes derradeiros desenhos revestem-se de uma importância simbólica no âmbito do seu percurso profissional.

Técnica Construtiva: A fraca definição dos desenhos e a inexistência de elementos complementares não permite concluir se o sistema construtivo derivava de alvenarias resistentes ou de estruturas de betão.

No caso particular da grande nave (zona dos fiéis e cabeceira), a estrutura da cobertura parece ser um sistema de terças metálicas. O recurso a este tipo de sistema, além de garantir um vão de grandes dimensões, aumenta a permeabilidade da cobertura e permite a chegada de luz natural ao recinto. Na torre sineira e nos torreões dos cunhais da composição as coberturas deveriam ser lajes planas.

Materiais: A informação que os alçados disponibilizam não permite concluir se os seus componentes eram executados em reboco ou se eram cantarias.

Utilização: O edifício deveria destinar-se ao culto. No entanto, salienta-se a função simbólica que teria de cumprir, ou seja, de homenagear a divindade (não identificada) que se observa no final da nave.

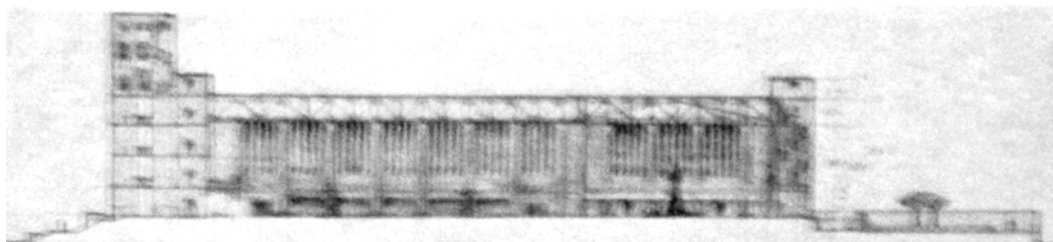


Figura 192 – Catedral, 1944 – Corte longitudinal (projecto especulativo). Carvão sobre vegetal, com dimensões aproximadas de 0,20x0,05m. [MDCivil – IST]

Distribuição funcional: No frontispício do complexo existe um corpo vertical que sobressai na fachada principal. Essa torre de referência serve para enquadrar o sino e para assinalar a entrada. Na sequência da referida torre encostar-se-ia o corpo que albergava a antecâmara da porta principal. Com a entrada na nave podia observa-se, junto da parede de fundo, a figura da divindade à qual era dedicada a igreja. O espaço de culto, de planta quadrada, era composto por uma nave única, de pé-direito elevado. Os fiéis iriam concentrar-se, provavelmente, em torno do espaço onde se observava a divindade referida. No interior o espaço teria uma planta livre. As únicas circulações que existiriam encontravam-se na galeria que contorna o edifício e que sobressai na base do volume principal.

Forma/Conteúdo: Na fachada principal, além da torre sineira, sobressaem os volumes que rematam os cunhais e o corpo que avança para constituir a antecâmara da entrada principal. Esse corpo, em conjunto com o elemento vertical da torre sineira, marca o momento de entrada e estabelece a transição para interior. No contexto geral, a monumentalidade que patenteia esta proposta deve-se à escala e à pureza dos volumes que estabelecem a composição. O peso que o volume principal apresenta é atenuado pela adição dos restantes corpos, pelo ritmo das fenestrações e pela modelação estrutural que se observa no exterior.

Decoração: Neste edifício, o único ornato que se vislumbra é o crucifixo que se encontra no topo da torre sineira. Os restantes elementos que se observam não têm um carácter decorativo porque são de cariz funcional ou construtivo.

Estilo: O interesse estilístico que este projecto possui está associado ao facto de apresentar uma aparência vinculada ao modernismo que os jovens arquitectos da época, como Pardal Monteiro ou Cassiano Branco, desenvolviam. No contexto arquitectónico referido, este projecto, além de poder ter sido uma espécie de prova de vitalidade, confirma a apetência do autor para a modernidade e para exploração dos seus valores intrínsecos.

2.2. OS PROJECTOS NÃO DATADOS

2.2.1. Salão Animatográfico

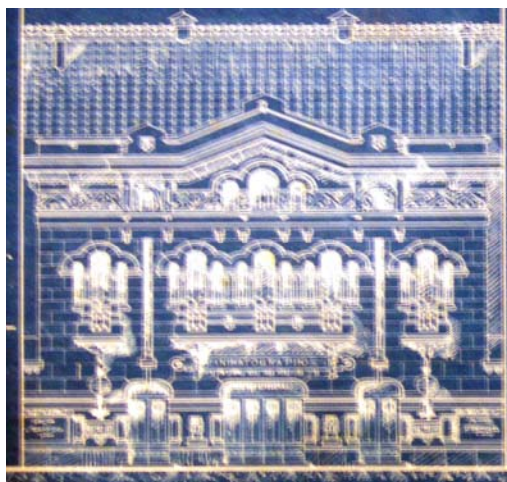


Figura 193 – Salão animatográfico, Rua Eugénio dos Santos (actual Rua das Portas de Santo Antão), Lisboa, Sem data – Fachada principal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído.

Localização/Morada: Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão, N.º 87 a 91.

O Sr. Carlos Francisco Ribeiro Ferreira foi o promotor deste Salão Animatographico com 509 lugares. O projecto, a erigir num lote da antiga Rua Eugénio dos Santos, foi encomendado a Álvaro Machado mas nunca se chegou a concretizar. No lote onde estava prevista a construção do Salão Animatographico (actual N.º 87 a 91 da Rua das Portas de Santo Antão) foi construída a Associação Comercial de Lisboa (actual Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa), cujo projecto data de 1915.

Técnica Construtiva: O edifício seria construído através de paredes de alvenaria resistente. A estrutura das lajes dos pavimentos seria em barrotes de madeira. No caso particular da estrutura da cobertura observa-se um esbelto sistema de asnas metálicas. O referido sistema estrutural, composto por finas cantoneiras de ferro, além de suportar a cobertura, sustentava o tecto acústico do auditório.

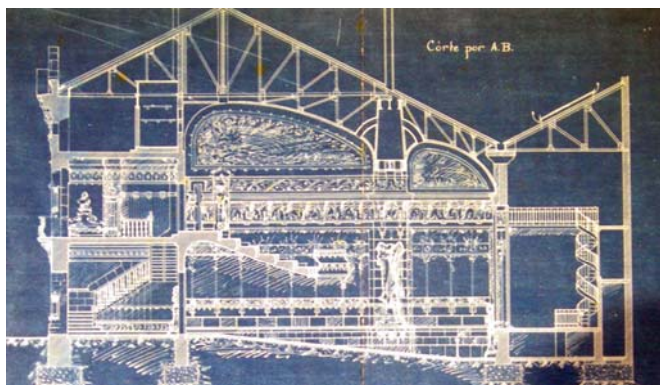
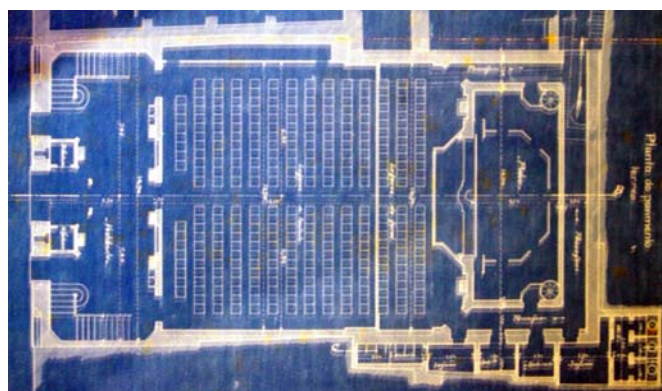


Figura 194 – Salão animatográfico, Rua Eugénio dos Santos (actual Rua das Portas de Santo Antão), Lisboa, Sem data – Corte longitudinal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Materiais: Com a observação da frontaria poderá supor-se que a maioria dos elementos presentes seriam cantarias (arcos, peitoris, soleiras, colunas, mísulas, frisos e revestimentos). Pela análise de alguns detalhes do projecto, conclui-se que as caixilharias das portas e das janelas seriam carpintarias. No âmbito dos pavimentos interiores, não existe informação que esclareça qual seria o material a aplicar. No que diz respeito às serralharias, apenas se podem referir os gradeamentos em ferro forjado que guarneciam algumas varandas. A cobertura seria revestida a telha. A recolha das águas pluviais estaria assegurada por algerozes, integrados na platibanda e na asna da cobertura.

Utilização: A estrutura funcional deste edifício servia para projecções de filmes ou para pequenas peças de teatro.



**Figura 195 – Salão
animatográfico, Rua Eugénio
dos Santos (actual Rua das
Portas de Santo Antão),
Lisboa, Sem data – Planta do
rés-do-chão. Cópia Marion,
com dimensões aproximadas
de 1,60x0,30m.
[MDCivil – IST]**

Distribuição funcional: O edifício seria construído num lote (com cerca de 15x40m) que estava inserido na malha urbana da Rua Eugénio dos Santos. Para se proceder à entrada no animatógrafo tinha de se adquirir os respectivos ingressos nas bilheteiras que confinavam com as três portas de entrada. As referidas portas abriam-se para o mesmo vestíbulo do rés-do-chão mas tinham destinos diferentes. A porta central correspondia aos lugares da plateia e as outras duas facultavam o acesso às escadas laterais que conduziam aos lugares do balcão do primeiro andar. Como já foi referido, o rés-do-chão acolhia a zona das bilheteiras e o vestíbulo que antecedia as três portas de entrada na plateia. O espaço da plateia era composto por 354 lugares, por um palco e por uma zona, no saguão, destinada a arrumos e a instalações sanitárias. No primeiro andar encontrava-se um vestíbulo chamado de sala de fumo. O referido átrio albergava uma instalação sanitária, uma escada de acesso à sala de projecção (instalada no sótão) e as portas de entrada para o balcão de 155 lugares.

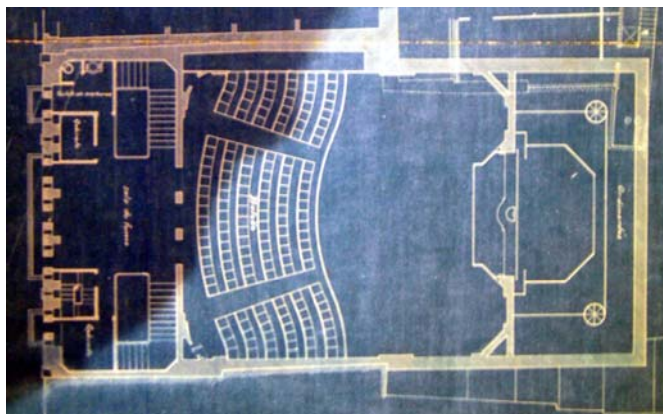


Figura 196 – Salão animatográfico, Rua Eugénio dos Santos (actual Rua das Portas de Santo Antão), Lisboa, Sem data – Planta do 1.º andar. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: O lote de matriz pombalina impunha uma abordagem em conformidade com as características do quarteirão. Assim sendo o autor teve de utilizar um contentor pombalino para alberar os espaços que o salão animatográfico necessitava. No âmbito geral da volumetria, o paralelepípedo contentor não assegurava, por si só, a configuração dos espaços interiores.

Decoração: Na zona do rés-do-chão, a composição da fachada apresentava colunas embebidas nas ombreiras e frisos que serviam para embelezar os vãos das bilheteiras e das portas de entrada. No primeiro andar salientam-se as janelas tripartidas das varandas, enquadradas por arcos de volta perfeita de origem neo-românica, e os ornatos que constroem as requintadas varandas de cariz beuxartiano. No piso do sótão realçam-se os painéis de azulejo que rematam a fachada e a linha de frontão quebrada, em prolongamento horizontal, que enquadra os vãos tripartidos do sótão. No interior, pela observação do corte do projecto, presume-se que fossem utilizados revestimentos em pedra e em estuque. No contexto da fachada principal, o conjunto de elementos que se observa nos vãos dos dois últimos pisos não pertence ao léxico pombalino, mas a um vocabulário eclético que mistura elementos de origem neo-românica e beuxartiana.

Estilo: Neste projecto poderá dizer-se que o autor seguiu a matriz volumétrica da situação preexistente para estabelecer a continuidade do quarteirão. Porém, a adopção do contentor pombalino, repercutiu-se no empobrecimento formal dos espaços. No âmbito geral da estética poderá dizer-se que houve uma matriz para a concepção da volumetria e outra para a elaboração da ornamentação, ou seja, o estilo protagonizado combina os fundamentos da volumetria pombalina com os adereços do cardápio eclético do autor.

2.2.2. Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos

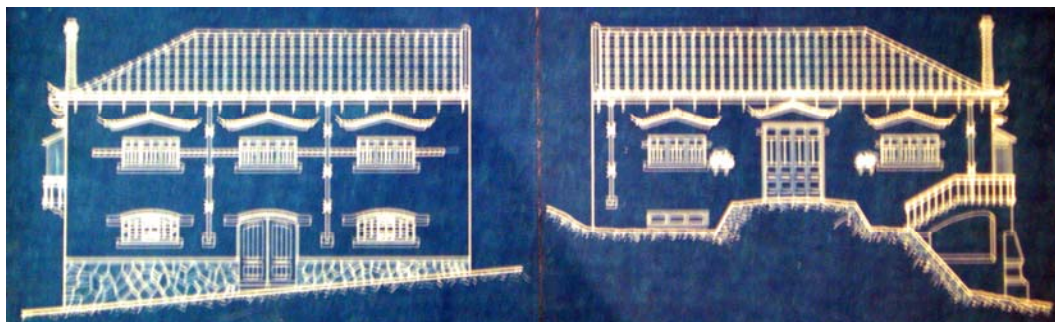


Figura 197 - Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos, Rua do Arco do Chafariz das Terras, Lisboa, Sem data – Alçado principal e posterior. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Imóvel/Projecto: Desconhecida/Desconhecida.

Localização/Morada: Lisboa, Rua do Arco do Chafariz das Terras.

Este projecto foi encomendado pelo Sr. Carlos Luís Arhens. O edifício seria construído num lote da Rua do Arco do Chafariz das Terras.

Técnica Construtiva: O edifício seria construído através de um sistema de alvenaria resistente. A laje da garagem seria uma estrutura de barrotes de madeira. O pavimento da cavalaria presume-se que fosse um massame de pedra impermeabilizada. A estrutura da cobertura seria um sistema de asnas com esticadores metálicos.

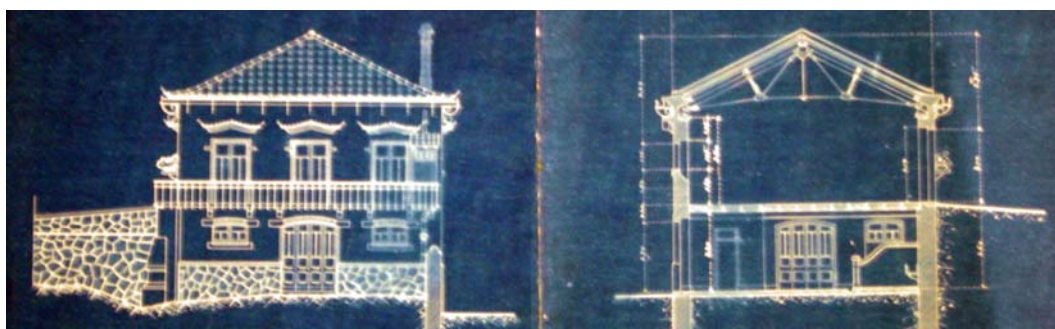


Figura 198 - Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos, Rua do Arco do Chafariz das Terras, Lisboa, Sem data – Alçado lateral e corte transversal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Materiais: As cantarias que se observam nos alçados correspondem aos peitoris, às soleiras, aos cachorros e ao revestimento do soco. Nos alçados salienta-se ainda o tijolo maciço que configurava os arcos abatidos de algumas travessas. Pela análise dos detalhes dos desenhos, conclui-se que as portas e as janelas seriam carpintarias. No contexto das serralharias destacam-se as guardas da varanda

lateral. A cobertura seria revestida com telha de aba e canudo e projecta-se-ia das empenas através de uma cornija. A recolha das águas pluviais seria assegurada por algerozes, apoiados em suportes que se fixavam às fachadas. Nos vértices dos telhados existiriam telhas de remate em forma de lança. No âmbito da aplicação da telha realçam-se ainda as linhas de frontão, constituídas por beirais, que encabeçavam as janelas do primeiro piso.

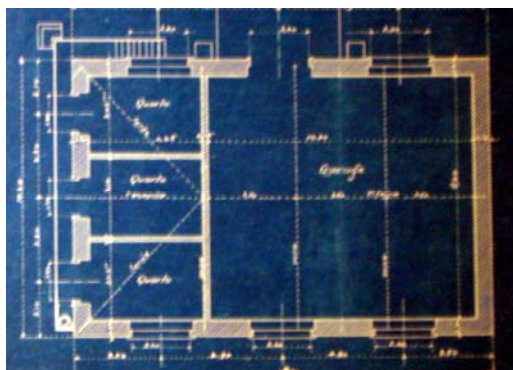


Figura 199 – Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos, Rua do Arco do Chafariz das Terras, Lisboa, Sem data – Planta da garagem. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Utilização: Este edifício seria utilizado para a criação de cavalos.

Distribuição funcional: Para se entrar na garagem utilizava-se a porta larga que existia na fachada posterior. A referida porta abria-se para um espaço amplo, com iluminação natural mas isolado dos outros compartimentos. No mesmo piso da garagem encontravam-se três quartos para os tratadores dos animais. Para se alcançarem os referidos aposentos tinham de se utilizar as escadas exteriores que ligavam à varanda da fachada lateral. Essa varanda acolhia o compartimento da pia de despejos. Na semi-cave do piso inferior encontravam-se os compartimentos da cavalaria: cinco boxes para cavalos, um paddock, e duas arrecadações. O acesso a esses espaços era facultado pela porta da fachada principal ou pela porta da fachada lateral.

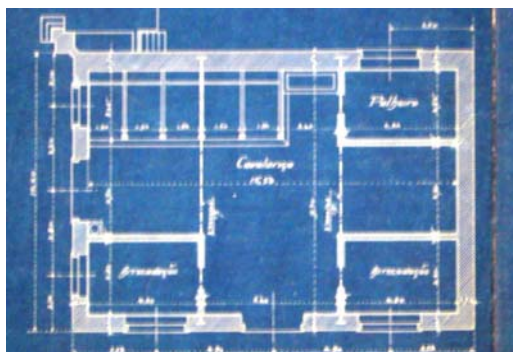


Figura 200 – Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos, Rua do Arco do Chafariz das Terras, Lisboa, Sem data – Planta da cavalaria. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: O edifício possuía uma volumetria básica que resultava, provavelmente, de um uso sem grandes exigências formais.

Decoração: Neste edifício os elementos decorativos que se podem salientar são as cornijas dos telhados, as linhas de frontão em telha (que rematam as janelas do piso superior) e o aparelho de pedra que configura o soco.

Estilo: Poder-se-á apontar-lhe uma ligeira aproximação à temática da casa portuguesa. Porém, no contexto da composição das fachadas realça-se a extrema simplicidade que se observa e que estará, provavelmente, relacionada com uma utilização que dispensava primores ornamentais. No âmbito da inserção do edifício, o soco que se observa assegura uma integração subtil no terreno.

2.2.3. Escola da Estrada da Cruz das Oliveiras



Figura 201 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Fachada principal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Imóvel/Projecto: Desconhecida/Desconhecida.
Localização/Morada: Lisboa, Estrada da Cruz das Oliveiras.

Esta escola incluía duas habitações e seria edificada na Estrada da Cruz das Oliveiras. Este projecto foi efectuado numa data desconhecida.

Técnica Construtiva: As paredes autoportantes que iriam constituir o sistema construtivo do edifício eram reforçadas por contrafortes nos cunhais da frontaria. O pavimento do rés-do-chão seria provavelmente um massame de pedra impermeabilizada. O pavimento do primeiro andar seria uma estrutura de barrotes de madeira. A estrutura da cobertura seria em asnas de madeira.



Figura 202 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Fachada posterior. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Materiais: Do conjunto das cantarias que se observam nas fachadas salientam-se os peitoris, as soleiras, os cachorros, a travessa da porta principal, o revestimento do soco e a placa ornamentada (com pontas de diamante) que suporta a identificação da escola. Pela análise dos detalhes dos desenhos, conclui-se que as portas e as janelas seriam carpintarias. No âmbito das serralharias salientam-se as guardas das varandas posteriores. A cobertura seria revestida com telha de aba e canudo e projectar-se-ia das empenas através de uma cornija. A recolha das águas pluviais seria assegurada por um sistema de algerozes e de tubos de queda, visíveis nas fachadas. Nos vértices dos telhados existiriam telhas de remate em forma de lança.

Utilização: Este edifício seria utilizado como estabelecimento de ensino, para crianças de ambos os sexos, e como domicílio do professor e do contínuo.

Distribuição funcional: Para se entrar no edifício tinha de se subir uma escadaria e passar pela porta larga que existia na fachada principal.

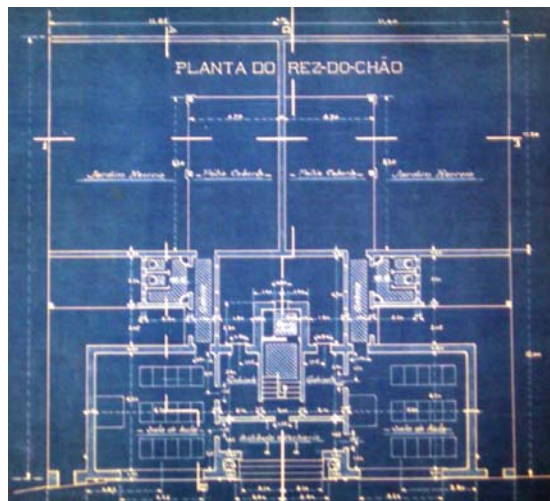


Figura 203 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m.

[MDCivil – IST]

O rés-do-chão do edifício iria dispor de duas alas separadas, uma para as aulas de meninas e outra para aulas de meninos. O acesso iria estabelecer-se através de um átrio semi-exterior que também faria a separação das duas zonas. Esse espaço, situado no eixo da planta, iria confinar com as portas de acesso às salas de aula. Depois de se entrar em qualquer uma das salas, podia-se aceder aos gabinetes dos professores e ao corredor que conduzia ao anexo das instalações sanitárias, ao pátio coberto e ao jardim recreio exterior. Nas salas de aulas, a iluminação natural provinha de duas janelas que rasgavam a fachada principal. No primeiro andar encontrava-se a casa do professor, a casa do contínuo e uma sala para a direcção. As habitações referidas apresentavam tipologias diferentes. A casa do professor era a maior e possuía uma cozinha, uma instalação sanitária e quatro quartos. A habitação do contínuo dispunha de uma cozinha e de dois quartos. Para se chegar os referidos aposentos utilizavam-se as escadas interiores que se podiam alcançar pelos gabinetes do rés-do-chão ou pela porta central do átrio de entrada.

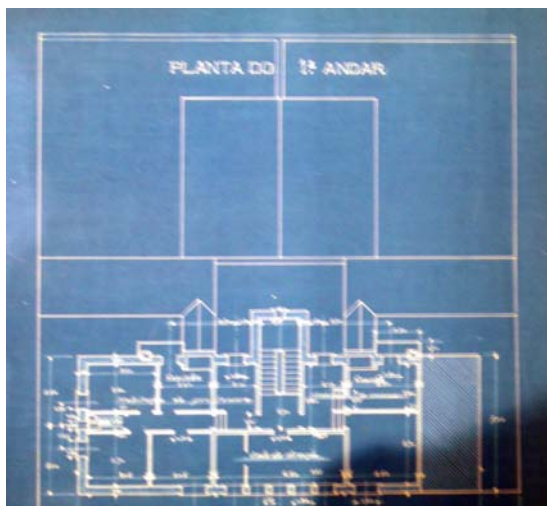


Figura 204 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Planta do primeiro andar. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: Ao volume base que se observa vão-se adicionar os corpos da caixa de escada e das chaminés das habitações.

No contexto geral da forma, os beirais que rematam o volume contentor de espaços acabam por lhe retirar alguma sobriedade.

No âmbito estrito da configuração das aberturas, salientam-se os vãos que rasgam a fachada principal para levarem luz natural às salas de aula. Os referidos vãos, longos e elegantes, atribuem uma aparência moderna à fachada principal. Na fachada posterior a tipologia de janelas relaciona-se mais com o contexto da casa portuguesa. Com a análise da volumetria, não se verifica nenhuma relação que se possa salientar entre o corpo contentor e os espaços que o mesmo encerra. No entanto realça-se a operacionalidade entre os vários compartimentos.



Figura 205 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Detalhe da cornija e aljerós. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Decoração: Neste edifício os poucos elementos decorativos que existem são contrafortes, cornijas e beirais. Dos restantes elementos decorativos exteriores salientam-se os painéis de azulejo. Esses, através do remate que celebram a meia altura, estabelecem a continuidade entre os vãos das salas de aula. No contexto geral da ornamentação, assiste-se a uma composição sóbria. Porém, verifica-se

algum desequilíbrio ornamental uma vez que a fachada posterior é despojada de elementos decorativos.

Estilo: No que diz respeito à estética poder-se-á apontar-lhe uma ligeira aproximação à temática da casa portuguesa. No entanto, o despojamento da fachada posterior e a sobriedade da fachada principal concedem-lhe alguma modernidade. No âmbito da inserção do edifício, o delicado soco que se observa, assegura uma integração subtil no terreno.

2.2.4. Ampliação e remodelação de um palacete na estrada do Arco do Cego,

n.º 54

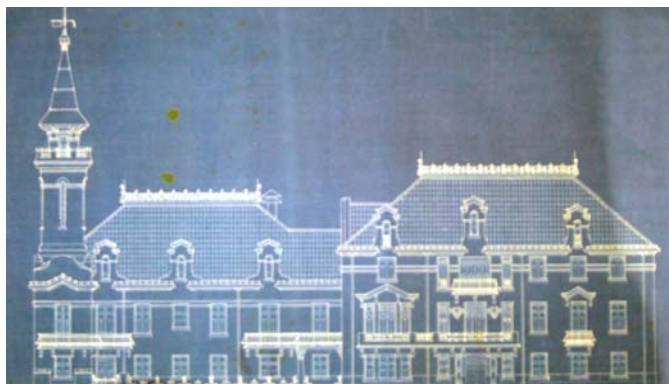


Figura 206 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Fachada principal (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído.

Localização/Morada: Lisboa, Estrada do Arco do Cego, N. 54.

Este projecto de ampliação e de remodelação de um palacete existente na Estrada do Arco do Cego foi efectuado por Álvaro Machado numa data desconhecida. O edifício a ampliar era constituído por três pisos: rés-do-chão, primeiro andar e sótão. A intervenção consistia na adição de mais um piso ao edifício existente e na construção de um novo corpo.



Figura 207 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Fachada posterior (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Técnica Construtiva: Pela análise dos desenhos pressupõe-se que a construção se baseava num sistema de paredes autoportantes. A estrutura do pavimento do rés-do-chão seria, provavelmente, um massame de pedra impermeabilizada. As lajes dos outros andares seriam estruturas de barrote de madeira. Pela consulta dos detalhes do projecto confirma-se que a estrutura da cobertura seria um sistema de asnas de madeira.

Materiais: A maior parte das cantarias seriam guarnições de janelas e portas, frisos, mísulas, colunas e revestimentos de socos e cunhais.

Pela análise dos detalhes do projecto, conclui-se que as caixilharias seriam carpintarias. No âmbito das serralharias, salientam-se as guardas das varandas e os gradeamentos do muro principal. A cobertura seria revestida a telha e o sistema de recolha das águas pluviais ficaria assegurado por uma caleira integrada na cornija.

Utilização: Apesar de não se conhecer o uso que teriam as novas divisões presume-se que o conjunto fosse manter a função habitacional.

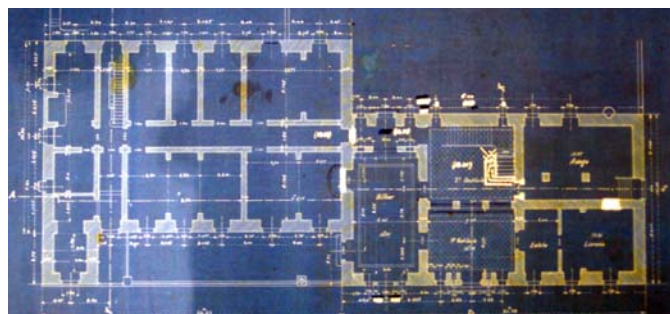


Figura 208 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Distribuição funcional: A ampliação iria consistir no acréscimo de um piso ao edifício existente e na adição de um corpo novo com mais três pisos, na empena poente. A nova configuração do rés-do-chão do edifício existente iria apresentar dois enormes vestíbulos, uma adega, uma saleta, uma livraria e uma sala de bilhar. A articulação funcional com a ala a construir iria fazer-se por um longo corredor que o novo corpo iria possuir. A referida galeria de distribuição conduziria aos diversos compartimentos que o novo flanco iria acolher. A reformulação dos espaços de distribuição que foi referida garantia uma maior fluidez de funcionamento ao novo conjunto. No entanto a autonomia funcional do existente e da ampliação continuava a ser possível porque cada ala dispunha dos seus átrios de entrada e das suas escadas independentes.

No âmbito dos restantes pisos, a inexistência de plantas impede o conhecimento da configuração, da distribuição e do uso dos respectivos espaços. No entanto se a lógica funcional do edifício existente tivesse sido transposta para a proposta de Álvaro Machado, os pisos superiores iriam corresponder às zonas mais privadas.

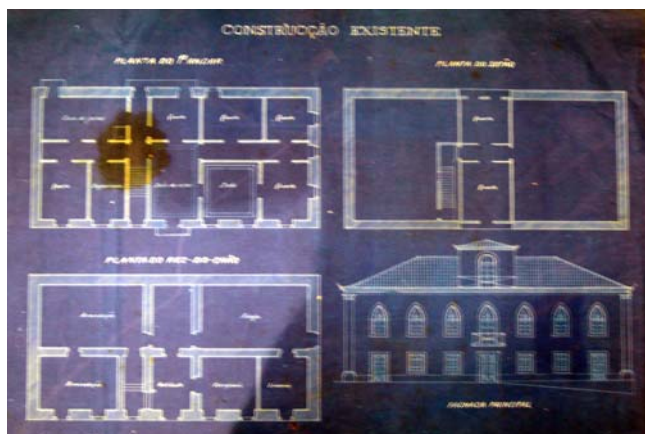


Figura 209 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Plantas e alçado principal da construção existente (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: A nova configuração formal resultava da anexação de um corpo à construção existente. Esse novo corpo tinha a particularidade de incorporar uma torre bastante alta. No âmbito da nova aparência, o referido elemento vertical equilibra a extensa horizontalidade que iria verificar-se se o mesmo não estivesse presente.

Com a análise da volumetria, não se verificam situações espaciais que se possam realçar no seio dos paralelepípedos contentores que configuram o conjunto.

Decoração: Na fachada principal concentram-se as janelas mais sumptuosas, as varandas mais ligeiras, as linhas de frontão em telha (que rematam as janelas e a cimalha) e as mansardas que animam as coberturas. Na fachada posterior e na lateral as janelas não têm ornamentos, as varandas são mais extensas e o ritmo dos vãos é monótono. Na nova composição, salienta-se ainda a alteração da configuração dos telhados, que apresentam maior inclinação e ornatos na cumeeira. No contexto geral da ornamentação, o maior desenvolvimento da fachada principal diverge um pouco da sobriedade das faces secundárias. Em qualquer dos casos, os elementos decorativos visíveis são maioritariamente pétreos e têm uma função essencialmente construtiva.



Figura 210 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Fachada lateral (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Estilo: Neste projecto o autor não seguiu o estilo da situação preexistente.

O estilo que o autor protagoniza neste projecto parece fazer referência aos Chalets de José Luiz Monteiro. Porém, a intervenção continua a reproduzir alguns dos princípios da cartilha pombalina, especialmente nas fachadas secundárias.

Em termos globais a atitude que o autor adopta, resulta num estilo híbrido que combina alguns fundamentos do pombalino com adereços de um métier eclético.

2.2.5. Túmulo – Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira

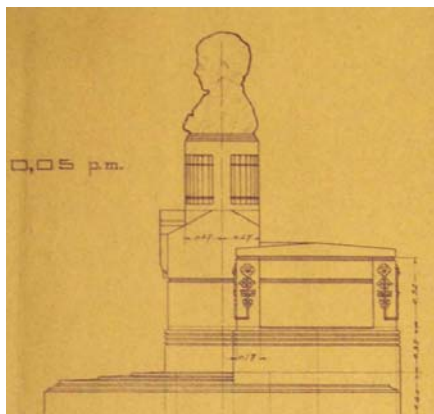


Figura 211 – Túmulo/Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Face lateral. Cópia em papel com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Imóvel/Projecto: Desconhecida/Desconhecida.

Localização/Morada: Lisboa, Cemitério do Alto de São João.

O projecto do Túmulo-Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, terá sido elaborado numa data que não se deve distanciar muito do ano da morte do homenageado (1922). O túmulo seria erigido no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa.

Técnica Construtiva/Materiais: Este túmulo era constituído por dois elementos que assentavam num embasamento: o depósito da urna e a peanha que sustinha o busto do louvado. Os três componentes que estabeleciam o conjunto (embasamento, depósito da urna e peanha) seriam todos em cantaria. Portanto, a essência construtiva desta composição baseava-se em aparelhos de pedra.

Utilização: Como já foi referido este Túmulo-Monumento destinava-se a receber os restos mortais do Dr. António Aurélio da Costa Ferreira. Por outro lado, também materializava o tributo que lhe decidiram prestar.

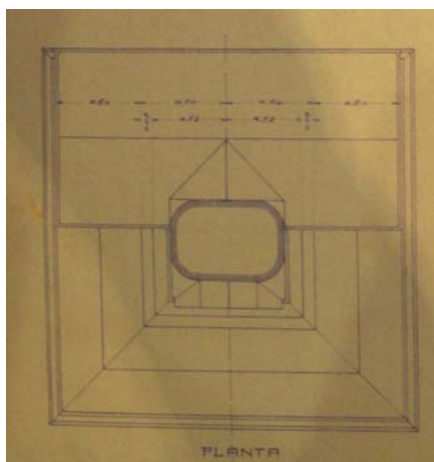


Figura 212 – Túmulo/Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Planta. Cópia em papel com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: Com a observação da planta do projecto verifica-se que a figura quadrada está presente em vários elementos do conjunto.

O embasamento, de planta quadrada, possui uma estereotomia simples que associa várias sequências de prismas de base quadrangular. Por sua vez, ao volume da base, adiciona-se um corpo vertical, também de base quadrangular, e que, para além de suportar o busto do celebrado, equilibra o conjunto marcado pela horizontalidade do volume da urna.



Figura 213 – Túmulo/Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Face principal. Cópia em papel com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Decoração: Os elementos decorativos que se observam neste conjunto, concentram-se na peanha e no depósito da urna.

Na peanha, além da placa identificativa, observa-se, no topo do volume, um elemento que combina um prisma quadrangular com um cilindro de um fuste.

Nos cunhais do depósito da urna salientam-se os motivos florais que estabelecem a ligação entre uma face e a outra.

No contexto geral da ornamentação é de realçar ainda a sucessão de frisos que contorna a zona inferior da peanha e do depósito da urna.

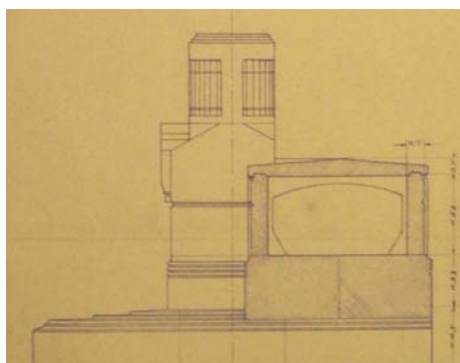


Figura 214 – Túmulo/Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Corte transversal. Cópia em papel com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Estilo: Trata-se de mais um exemplo onde o léxico eclético, utilizado nos ornatos, oculta a pureza da volumetria. Os elementos adicionados ao conjunto, de carácter meramente decorativo, impedem o conjunto de se impor pela sobriedade.

2.2.6. Jazigo da família do Sr. Dr. Filipe de Vilhena

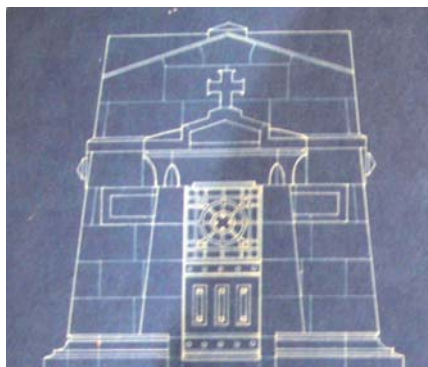


Figura 215 – Jazigo da família do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Face principal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m [MDCivil – IST]

Situação do Imóvel/Projecto: Desconhecida/Desconhecida.

Localização/Morada: Lisboa, Cemitério do Alto de São João.

Este projecto sem data foi o segundo que Álvaro Machado elaborou para o Sr. Dr. Filipe Vilhena. O primeiro, desenvolvido em 1907, tinha sido o projecto de ampliação da casa do referido cavalheiro. Este jazigo de família seria edificado no Cemitério do Alto de São João.

Técnica Construtiva/Materiais: A construção deste jazigo assentava em aparelhos de pedra. Os elementos pétreos desses aparelhos pertenciam às duas faces do jazigo (externa e interna). Os arcos quebrados que constituíam a estrutura geral reproduzem-se no exterior mas com uma configuração diferente. Pela observação dos desenhos do projecto presume-se que as cantarias também seriam utilizadas nos pavimentos interiores. O reboco iria cobrir a parte superior da abobada (a partir de meia altura da parede). No âmbito das serralharias salienta-se porta de entrada e a janela que enquadra o altar no interior do jazigo.



Figura 216 – Jazigo da família do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Corte. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m [MDCivil – IST]

Utilização/Distribuição funcional: Esta edificação iria receber os restos mortais do Sr. Filipe de Vilhena e da família. O acesso ao jazigo seria anunciado pelo portal que sobressai da volumetria principal e que enquadra a porta de entrada. O espaço interior era moldado por duas abóbadas de berço quebrado, de igual

comprimento, que se interceptavam em ângulo recto e construía uma planta quadrangular. Os topos do referido cruzamento correspondem a quatro zonas do interior: a entrada, o altar e os suportes das urnas. No final da abóbada principal existe um pequeno altar iluminado por uma pequena janela. Nos dois topos transversais encontravam-se os receptáculos das urnas.

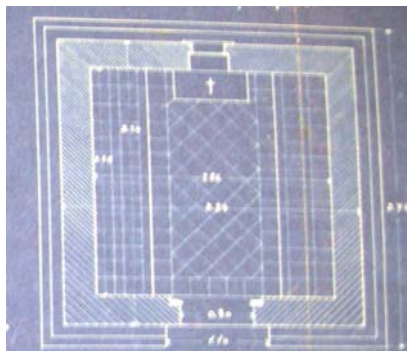


Figura 217 – Jazigo da família do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Planta. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m.
[MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: Da análise das características formais do jazigo depreende-se que o espaço interior advém do cruzamento das abóbadas. A planta que nasce da geometria referida serve de geratriz para massa externa. Do exterior, o objecto parece irromper do chão para reproduzir a importância do seu íntimo. No âmbito da volumetria exterior salienta-se ainda o afunilamento que projecta a forma.

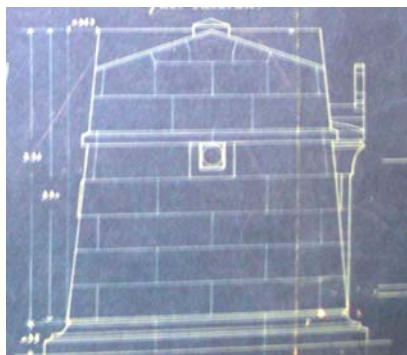


Figura 218 – Jazigo da família do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Face lateral. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m.
[MDCivil – IST]

Decoração: No interior, além da fresta de origem gótica, não existem mais elementos que se possam considerar decorativos. No exterior salientam-se os frisos que rematam a base e as empenas (a meia altura), o portal que enquadra a porta, a cruz que coroa o portal e as pontas de diamante que surgem nas faces laterais e no cimo da cobertura.

Estilo: Inspirado nas maciças construções românicas, o túmulo apresenta muito maior interesse no lançamento da sua volumetria geral do que na particularização dos seus componentes (que curiosamente são de origem gótica). De qualquer modo, a sobriedade dos interiores e das empenas exteriores não deixa que se perca a contenção que a volumetria geral assegura ao conjunto.

2.2.7. Vila Cândida



Figura 219 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Situação do Projecto: Não construído

Localização/Morada: Lisboa, Avenida General Roçadas.

A Vila Cândida foi encomendada em data inserta por Cândido da Cunha Sotto Maior. Tratava-se de uma vila operária, de baixo orçamento. O complexo projectado por Álvaro Machado seria para construir no Caminho de Baixo da Penha, em Lisboa. O bairro acabou por ser construído entre 1912 e 1915 na Avenida General Roçadas, mas não partiu de um projecto de Álvaro Machado.

Técnica Construtiva: Para a construção destas habitações seria adoptado um sistema de paredes-mestras. No rés-do-chão o pavimento seria, provavelmente, um massame de pedra impermeabilizada. Nas lajes dos pavimentos dos vários andares a estrutura seria, provavelmente, em barrotes de madeira. A estrutura da cobertura seria um sistema de asnas.

Materiais: Nestas construções, as cantarias restringiam-se aos elementos de reforço construtivo como: peitoris, travessas e soleiras.

No que se refere às serralharias exteriores, salienta-se os gradeamentos das varandas e os portões de acesso às caixas de escada. No âmbito das carpintarias exteriores, destacam-se as caixilharias das portas e das janelas. A cobertura seria revestida a telha. A recolha das águas pluviais seria assegurada por algerozes, integrados nas platibandas.

Utilização: O conjunto de três blocos que formava a Vila Cândida destinava-se ao uso habitacional. O edifício que rompia o bloco pentagonal e que se localizava junto da entrada seria um estabelecimento de ensino para os filhos dos moradores.

Distribuição funcional: O complexo que o autor projectou para a Vila Cândida era formado por três blocos habitacionais de dois pisos, por uma escola e por um depósito de água que também albergava a casa do guarda. O bloco habitacional de maior dimensão era uma sequência de quatro edifícios, com dezoito apartamentos por piso, que se agregavam numa disposição pentagonal. O referido conjunto formava uma praça no seu interior e abria-se para a zona da entrada da vila. A abertura que o conjunto disponibilizava estava reservada para o edifício da escola. Os dois blocos habitacionais de menor dimensão eram edifícios independentes, tinham dez apartamentos por piso e dispunham--se simetricamente no terreno. O espaço livre que ficava entre estes dois blocos era ocupado por uma escadaria de configuração simétrica que permitia o acesso à cota do terreno onde seria construído o bloco de maior dimensão.

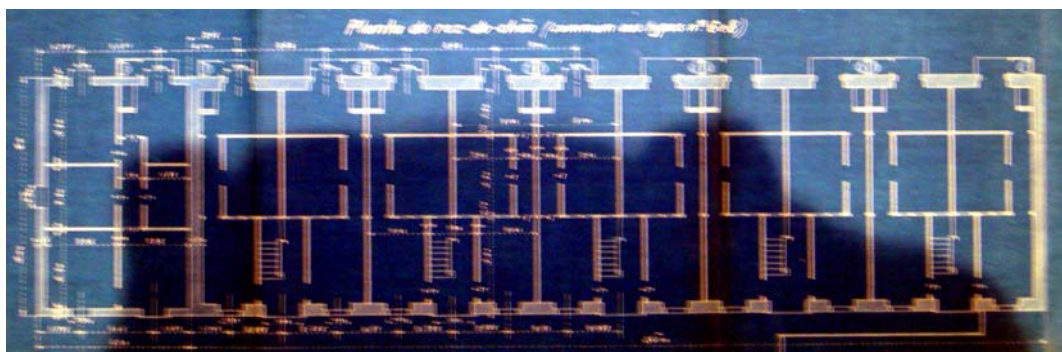


Figura 220 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão do bloco das tipologias menores. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

No contexto dos vários blocos de habitações podiam-se encontrar duas tipologias: a tipologia que albergava uma cozinha e três compartimentos dispunha de duas versões só existia no bloco de maior dimensão. A tipologia que albergava uma cozinha e dois compartimentos era exclusiva dos outros dois blocos habitacionais.

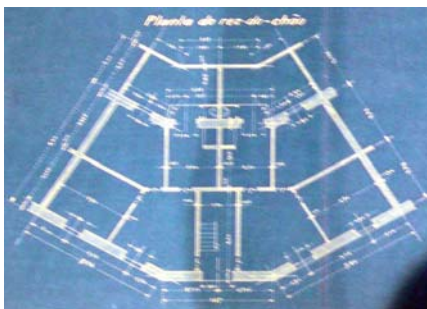


Figura 221 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão de uma das tipologias de canto do bloco pentagonal. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Forma/Conteúdo: A composição formal do conjunto assenta em volumetrias básicas que decorrem do racionalismo imposto pelas limitações orçamentais. No âmbito das características formais dos blocos desta Vila, verifica-se que a origem das mesmas advém do recurso a tipologias moduladas. De facto, a Vila Cândida, além do sentido social que apresentava anunciava um protofuncionalismo que a aproximava dos conceitos da modernidade.

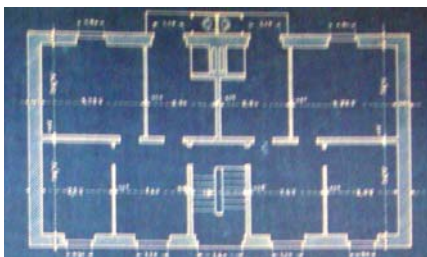


Figura 222 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão de uma das tipologias do bloco pentagonal. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Decoração: Tratando-se de uma vila operária, de baixo orçamento, os signos neo-românicos que o autor habitualmente utilizava foram reduzidos a meros sinais de ecletismo. Desses sinais destacam-se as linhas de frontão quebrado em prolongamento horizontal.



Figura 223 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Alçado de uma das tipologias de canto do bloco pentagonal. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

Estilo: O conjunto em análise encena um estilo que combina o despojamento da volumetria com a presença de alguns indícios da cartilha estilística da época. No âmbito da volumetria, o estilo preconizado utiliza as massas em estado puro para albergar os vários módulos habitacionais.



Figura 224 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Alçada principal da escola. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m.
[MDCivil – IST]

No contexto geral da atitude adoptada, salienta-se o pragmatismo que caracteriza o desenho dos elementos construtivos. Para concluir destaca-se ainda o soco em reboco que o autor utilizou para estabelecer a transição entre os edifícios e o terreno.



Figura 225 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Alçada de uma das tipologias do bloco pentagonal. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m.
[MDCivil – IST]

IV. SINTESE DA OBRA DE ÁLVARO MACHADO

1. O DESENVOLVIMENTO QUE ÁLVARO MACHADO CONFERIU À MATRIZ ROMÂNICA

Diante da conjuntura de persistências revivalistas que marcou a sua época, Álvaro Machado, na obrigatoriedade de fazer uma opção, terá escolhido o estilo que possuía maior consistência para adoptar como matriz e que poderia devolver, em simultâneo, o sentido a uma cultura arquitectónica, cheia de incertezas estilísticas (ver figura 226 e 227) e o orgulho a uma nação que se encontrava fragilizada com o triste desenrolar dos acontecimentos que marcaram a década de 90.



Figura 226 – Moradia da Viscondessa de Valmor, no gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa 1905-1906 – projecto da autoria do arquitecto Ventura Terra. [AFCML]



Figura 227 – Casa da Sr.ª D. Olympia de Macedo Branco, no gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905. Projecto da autoria do arquitecto Álvaro Machado. [AFCML]

Por outro lado, a colaboração que prestou no âmbito da revista *A Construcção Moderna*, que fazia a divulgação de inúmeros modelos neo-românicos de origem italiana (ver figuras 228, 229, 230 e 231) e, aquando da sua passagem pelo Ministério das Obras Públicas (1895-1917), o relacionamento directo que teve com técnicos e com exemplares do românico português (inclusive no restauro da Sé de Lisboa, a partir de 1911), terão igualmente influenciado a sua escolha.



Figura 228 - Capella da família Tonietti, no cemitério da ilha de Elba, Itália. Architecto, Adolpho Cappede.

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella da família Tonietti, no cemitério da ilha de Elba, Itália. Architecto, Adolpho Cappede. **A Construção Moderna e as Artes do Metal.** Lisboa: Mário Collares. N.º 341, Anno VI, (1905), p. 56.

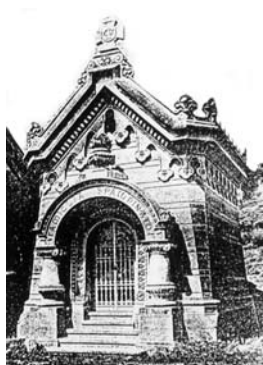


Figura 229 - Capella Funerária da família Spampinato, no cemitério de Catania, Itália. Architecto: Carlo Sada.

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella Funerária da família Spampinato, no cemitério de Catania, Itália. Architecto, Carlo Sada. **A Construção Moderna e as Artes do Metal.** Lisboa: Mário Collares. N.º 358, Anno XI, (1911), p. 175.



Figura 230 - Jazigo Vanoni, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto: Alfredo Menni.

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Jazigo Vanoni, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto: Alfredo Menni. **A Construção Moderna e as Artes do Metal.** Lisboa: Mário Collares. N.º 357, Anno XI, (1911), p. 167.



Figura 231 - Capella Funerária da família Verga, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto: Ernesto Pirovano.

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella Funerária da família Verga, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto, Ernesto Pirovano. **A Construção Moderna e as Artes do Metal.** Lisboa: Mário Collares. N.º 344, Anno XI, (1911), p. 63.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Na obra de Álvaro Machado, a utilização de referências românicas foi muito mais do que uma mera reinterpretação dos elementos formais do estilo original. O românico serviu de base para a maior parte dos seus projectos, independentemente das variações, mais profundas ou mais epidérmicas, que se observam nos mesmos. De facto, a generalidade da obra do autor, quando analisada, acaba por revelar, pela presença dos elementos que distinguem formalmente o estilo (como arco de volta perfeita assente em colunas embebidas, as janelas geminadas ou tripartidas, e a linha de frontão quebrada em prolongamento horizontal ou vertical), pela secura da volumetria, pelo pragmatismo construtivo, pela simplicidade geral e pela originalidade que demonstra, o mesmo motor de criação.



Figura 232 - Igreja de S. Salvador de Bravães, Ponte da Barca.
[DGEMN]



Figura 234 - Igreja de Nossa Senhora da Orada, Melgaço.
[DGEMN]



Figura 233 - Mosteiro de Travanca, Amarante.
[DGEMN]

1.1. A versão neo ou a «estilização românica modernizada»

Por volta de 1900, o neo-românico mais vulgar, e que proliferou nos alçados dos edifícios portugueses, surgiu, essencialmente, de uma «...estilização apoiada em dois ou três elementos formais constantes: o arco de volta inteira assente em colunas embebidas (Figura 237), as janelas geminadas ou tripartidas (Figura 236), a linha de frontão quebrada em prolongamento horizontal (Figura 235) – desenho assaz raro no estilo românico, mas que foi permanente na sua adaptação»¹³⁷.



Figura 237 - Arco de volta perfeita assente em colunas embebidas – Pormenor do Alçado do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13.



Figura 236 - Janelas tripartidas – Pormenor do Alçado do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13.



Figura 235 - Linha de frontão quebrada em prolongamento horizontal – Pormenor do Alçado principal do edifício do Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36.

Numa linha divergente da mera adaptação do Estilo às «necessidades actuais»¹³⁷, encontrava-se a reinterpretação elaborada por Álvaro Machado. A sua versão, para além reflectir o conhecimento particular que tinha do «...mais telúrico e (...) ancorado de todos os nossos grandes estilos arquitectónicos...»¹³⁸, exaltava alguns dos mais importantes fundamentos que a arquitectura românica portuguesa tutelou.

No que diz respeito à concepção, o neo-românico que Álvaro Machado preconizou estava mais empenhado na exploração dos valores estruturais do românico português do que na utilização de elementos formais do seu léxico base. Como resultado de tais preferências surgiu um estilo sóbrio, essencialista e que se

¹³⁷ Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.180.

¹³⁸ Cf. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Estilo Românico. In ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – **História de Arte em Portugal – O Românico**. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2001. p. 55.

materializava em volumetrias simples, rebocadas e com poucas aberturas. No entanto, a contenção que pautava as suas abordagens nunca punha em causa o rigor e a precisão técnica que fazia questão de imprimir nos seus projectos.

Essa preocupação que o autor tinha com a qualidade construtiva das suas propostas, e que corresponde a uma das mais importantes características da sua arquitectura, apoiava-se nas soluções simples e eficazes que estão patentes nos inúmeros pormenores construtivos que, em regra, acompanhavam a maior parte dos seus projectos.

Por outro lado, o neo-românico que Álvaro Machado desenvolveu era, à semelhança do românico português, dotado de uma enorme capacidade para se integrar, nos locais e nos terrenos em que se viria a implantar.

Na primeira incursão em que se atreveu, o Túmulo Valmor, ter-se-á baseado, efectivamente, em modelos que povoavam os cemitérios italianos e que conhecia por intermédio da colaboração que prestava na revista *A Construcção Moderna*. No entanto, as investidas que se sucederam a esse primeiro projecto demonstram que a maior simplicidade volumétrica e construtiva da arquitectura românica portuguesa, tiveram maior influência nesses projectos que as referências de origem Italiana, mais elaboradas e complexas.

Técnicas construtivas e materiais: A adaptação que Álvaro Machado fez das técnicas construtivas de origem românica revela-se pela utilização, quase sistemática, de densas estruturas de alvenaria resistente, semelhantes aos muros românicos, em detrimento das típicas abobadas nervuradas que descarregavam as suas cargas em arcadas e pilares (ou colunas).

Essas alvenarias, responsáveis pela caixa mural dos edifícios eram nos casos onde a matriz era mais evidente, reforçadas por pesados aparelhos de pedra na zona do embasamento. Esses robustos socos, cuja simplicidade lembra as empenas românicas, eram pontuados por janelas estreitas muito semelhantes às frestas das igrejas desse estilo. No âmbito dos muros que constituem as empenas destes edifícios, é de referir ainda a presença pontual de contrafortes nas zonas dos cunhais.

Para a concretização desse tipo de estruturas o autor utilizou pedra calcária, e excepcionalmente, tijolo, ou seja, materiais que faziam parte do cardápio construtivo da arquitectura românica portuguesa.

As estruturas dos pavimentos e das coberturas assentavam sobre a alvenaria resistente e eram, na maioria dos casos, em madeira.

As coberturas destes edifícios eram, tal como no românico, revestidas a telha.

Num contexto geral, a leitura pragmática que Álvaro Machado fez dos programas construtivos românicos, deu-lhe instrumentos para construir com a mesma originalidade, simplicidade e utilitarismo construtivo que demonstrava o estilo original.

No universo dos projectos em que foi adoptada esta matriz, não se identifica qualquer relação entre a escolha da mesma e o tipo de utilização que viria a ser dada ao edifício. Nesse contexto é de salientar ainda que a diversidade de tipologias onde a referida matriz foi aplicada diverge do emprego eminentemente religioso do românico original.

Forma e conteúdo: No contexto formal da maioria das composições que o autor elaborou em estilo neo-românico, os volumes puros que as configuram, para além de não se reproduzirem na afirmação dos espaços interiores, não possuem uma atribuição funcional exclusiva, ou seja, assiste-se a uma mistura de núcleos funcionais no interior dos vários volumes presentes. Essa incoerência que se observa poderá estar relacionada com o facto de a matriz geradora da forma não assegurar uma correspondência directa entre volumes e corpos funcionais. Para concluir poderá dizer-se ainda que a frágil relação que a forma e o conteúdo funcional estabelecem, não lhe permite alcançar a importância ideológica do funcionalismo. No entanto, estes exemplos neo-românicos, cujo principal interesse está no lançamento das suas volumetrias gerais, vêm a sua sobriedade penalizada com o excessivo tratamento decorativo das massas onde são inseridas as aberturas.

Decoração e estilo: No âmbito do léxico decorativo, a utilização de elementos do estilo original era corrompida, por vezes, pela existência de outros com desenho arte-nova. A presença dessa influência verifica-se nos motivos dos painéis de azulejo (ver figura 239) e no desenho dos elementos em ferro forjado que, normalmente, surgem nas guardas das varandas (ver figura 238) e nos gradeamentos dos muros exteriores.



Figura 238 - Guardas em ferro forjado, com desenho de referência arte-nova – Pormenor do Alçado do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13. Lisboa.



Figura 239 - Painel de azulejo existente na fachada do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13. Lisboa.

Porém, no contexto particular do vocabulário decorativo do neo-românico de Álvaro Machado é importante salientar ainda a utilização pontual de contrafortes e de linhas de frontão quebradas, em prolongamento horizontal e vertical, que animam as cimalkhas de alguns dos projectos que desenvolveu neste estilo.



Figura 241 - Pormenor das linhas de frontão quebradas, em prolongamento horizontal e vertical, na composição da cimalkha – Pormenor do alçado do edifício Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36. Lisboa.

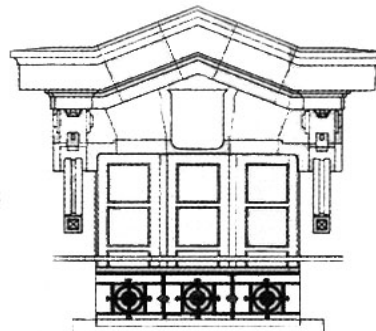


Figura 240 - Pormenor das linhas de frontão quebradas, em prolongamento horizontal, na composição das cantarias superiores das janelas – Palacete Alfredo May de Oliveira, Av. Duque de Loulé, n.º 47. Lisboa. [MDCivil – IST]

No âmbito da composição das fachadas observa-se uma hierarquia que irá privilegiar a ornamentação dos pisos superiores em detrimento do embasamento. Nessa matriz de concepção de fachadas salienta-se o modo como as frestas se concentram na zona inferior dos alçados, para depois aumentarem progressivamente de dimensão e importância à medida que o edifício se desenvolve em altura.

Em termos práticos, a referida ordem de composição correspondia a um tratamento decorativo quase nulo do piso do rés-do-chão (os vãos revelam o seu carácter funcional e o embasamento tem um carácter sólido e pesado) e a uma maior exuberância dos pisos superiores cujos vãos, de cariz neo-românico, eram de grandes dimensões e estavam enquadrados por arcos de volta perfeita assentes em colunas.

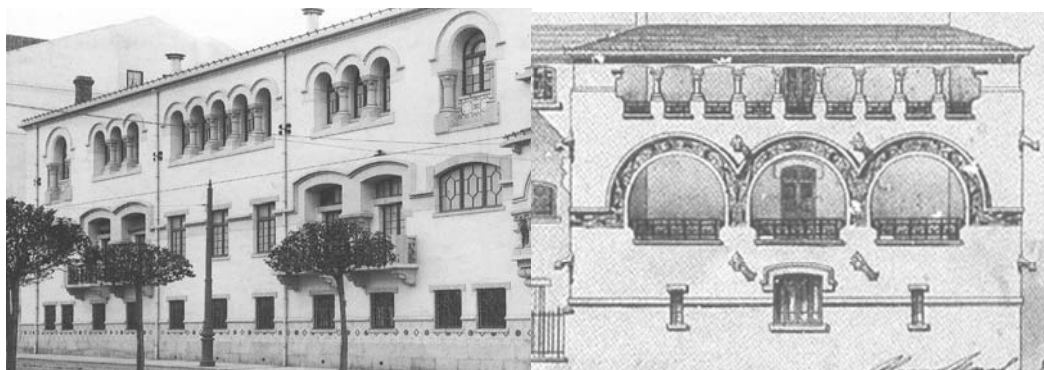
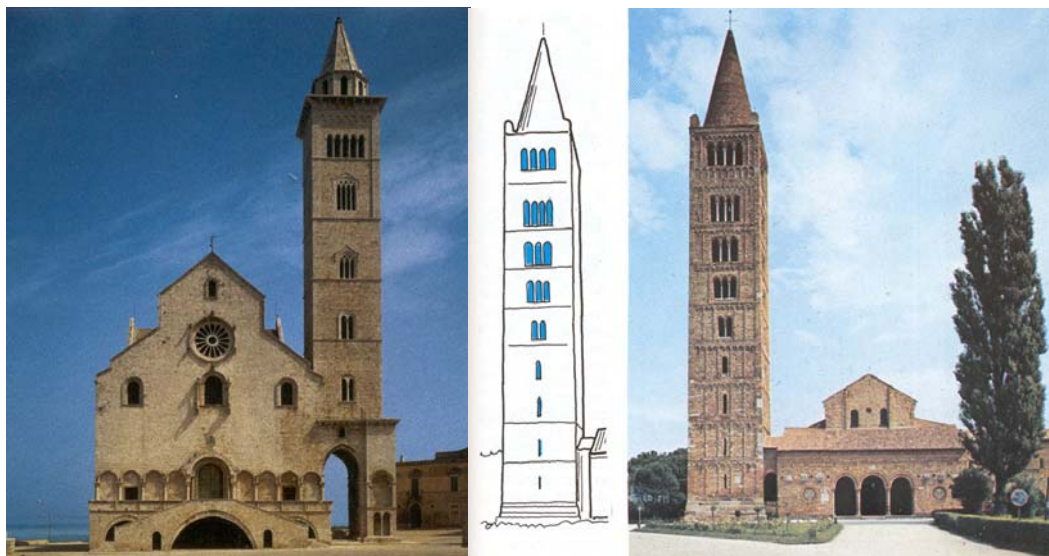


Figura 242 - Embasamento composto por uma sequência de vãos secundários – Pormenor do alçado do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13. Lisboa, 1904. [AFCML]

Figura 243 - Embasamento composto por dois vãos tipo fresta e uma janela – Casa de Saúde Portugal-Brasil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Fachada principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m. [MDCivil – IST]

A origem desta lógica compositiva poderá também estar relacionada com a hierarquia que estabelecia a distribuição funcional nos pisos destes edifícios mas também com a adesão, por parte do autor, ao tipo de organização de fachada que verifica nos campanários de algumas igrejas italianas de estilo românico (ver figura 244 e 245).



Particularidade da distribuição das janelas, que, numa série de planos, vão aumentando de dimensão e importância à medida que a torre se desenvolve em altura.

Figura 245

Fachada do campanário da Catedral de Trani. Itália.

Figura extraída de: MARRUCCHI, Giulia; BELCARI, Riccardo – O Românico na Itália Setentrional. In CAIAZZO, Cinzia, **A Grande História da Arte – Alta Idade Média e Românico**. 1.^a Edição. Lisboa: Mediasat Group, 2006. Volume 4. p.257.

Figura 244

Fachada do campanário da abadia de Pomposa. Itália.

Figura extraída de: CONTI, Flavio – **Como Reconhecer a Arte Românica**. trad. Adriano de Gusmão 1.^a Edição. Lisboa: Edições 70, 1978. p.27.

Contudo, a grande vantagem que esta concepção de fachada apresentava estava no modo como a mesma facilitava a integração do edifício ao terreno. De facto, a capacidade de integração que estas fachadas demonstravam estava relacionada com o modo progressivo como se estabelecia a transição entre o terreno e o edifício. Para garantir tal efeito, a zona de contacto entre o terreno e o objecto construído, era celebrada por embasamentos que apresentavam materiais pesados e robustos. À semelhança de outras lógicas que o autor preconizou, este mecanismo de integração poderá estar relacionado com as mesmas preocupações que a arquitectura românica portuguesa tinha com a correcta inserção no terreno em causa (ver figura 246 e 247).



Figura 246 - Igreja de S. Salvador de Anciães. [DGEMN]



Figura 247 - Igreja de Tabuaço. [DGEMN]

No entanto, a cambiante regional que patenteia a arquitectura românica portuguesa não é evidente na abordagem neo-românica de Álvaro Machado. A ausência de tal particularidade talvez esteja relacionada com o facto de a sua obra se concentrar no distrito de Lisboa.

No contexto geral da ornamentação destes edifícios o desenvolvimento decorativo das fachadas principais diverge quase sempre da sobriedade das faces posteriores. Os elementos decorativos que se observam no exterior são, na maioria dos casos, elementos estruturais em pedra como: colunas, arcos, travessas, ombreiras, peitoris, soleiras e mísulas.

No universo dos projectos que Álvaro Machado desenvolveu, o período onde se concentram a maioria de casos vinculados ao neo-românico¹³⁹, corresponde às duas primeiras décadas do século vinte. O referido período, para além ser a fase em que desenvolve os seus projectos, quase exclusivamente em estilo neo-

¹³⁹ **Lista de projectos e de obras de Álvaro Machado onde são mais evidentes as características do estilo neo-românico:**

- Jazigo dos Viscondes de Valmor (1900)
- Igreja da Imaculada Conceição (1904)
- Casa de Saúde Portugal-Brasil (1904)
- Colégio Anna Roussel (1904)
- Casa da Sr.^a D.^a Olympia de Macedo Branco (1905)
- Mausoléu do Architecto Domingos Parente da Silva (1905)
- Projecto para a parte baixa da muralha do Carmo (1906)
- Hotel de Saúde (1910)
- Vila Cândida (antes de 1912)
- Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes (1913)
- Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana (1916)
- Salão animatográfico (antes de 1915)
- Palacete Alfredo May de Oliveira (1919)

românico, é também o momento em que consegue ter o maior índice de concretização.

No contexto geral da obra deste autor, o desenvolvimento que deu ao estilo neo-românico patenteia-o, pelo pragmatismo construtivo das suas abordagens projectuais bastante simples que, decorativamente, mostram grande originalidade estilística e capacidade de adaptação aos contextos dos locais.

Os ensaios mais depurados, caracterizados por uma certa contenção decorativa e pela conjugação de blocos autónomos, resultam de uma postura ambígua que, por um lado, aproximam-no do funcionalismo e da técnica, mas por outro, continuam a vinculá-lo à tradição pela adopção da matriz românica.

1.2. As variantes da matriz

O modo extremamente coerente e rigoroso como Álvaro Machado adaptou a matriz românica, poderá ter sido responsável pela definição de uma metodologia que veio a servir de base projectual para algumas obras que viria a desenvolver.

No âmbito dessas produções, tanto se assiste a ensaios de volumetrias puras, de carácter pré-moderno, como a projectos de pitorescas moradias, que respondiam ao aceso debate da casa portuguesa. No entanto, a alternância de aparência que se verifica nunca corresponde a um desvínculo com a matriz tradicional que elegeu.

1.2.1. A variante pré-moderna ou «modernizante»

Numa época em que a conjuntura da cultura arquitectónica portuguesa era essencialmente eclética, é importante salientar que Álvaro Machado esteve, por diversas ocasiões, muito próximo do modernismo¹⁴⁰.

Essa aproximação à modernidade, também referenciada como «modernizante»¹⁴¹, encontra-se em obras que foram construídas no início da segunda década do século XX¹⁴², logo no início da carreira do autor. Curiosamente, os seus dois últimos projectos (figura 248 e 249), elaborados em 1935 e 1944, numa época em que a obras paradigmáticas do modernismo já tinham sido construídas, dispõem de uma aparência que se aproxima muito das propostas desenvolvidas pelos primeiros arquitectos modernistas portugueses.

¹⁴⁰ «Mas Machado (...) também se atreveu, logo em 1911, por caminhos dum modernismo que importa sublinhar, no contexto genérico duma arte presa a convenções de desenho de estrutura antiquizante».

Cf. FRANÇA, José-Augusto, Lisboa, 1900 – As «Avenidas Novas». In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.138.

¹⁴¹ Cf. FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.183.

¹⁴² Lista de projectos e de obras de Álvaro Machado onde são mais evidentes as características de um estilo pré-moderno:

- Moradia para o Dr. José Lacerda (1910);
- Bairro das Roseiras, do Dr. José Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril (1910);
- Projecto de Jazigo para a Família Mesnier Machado (1935);
- Projecto para uma catedral (1944).



Figura 248 – Jazigo da Família Mesnier Machado, a construir no cemitério do Lumiar, Lisboa, 1935 – Alçado – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,20x0,15m. [MDCivil – IST]

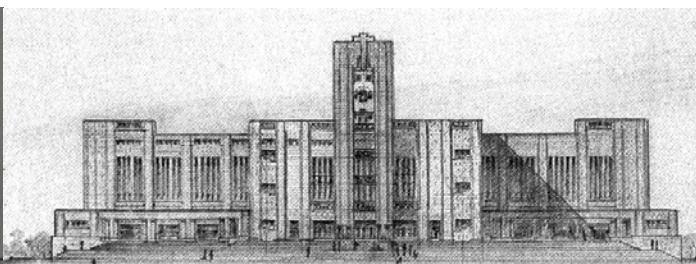


Figura 249 – Catedral, a construir em lugar desconhecido, 1944 – Alçado principal (projecto especulativo). Carvão sobre vegetal, com dimensões aproximadas de 0,20x0,05m. [MDCivil – IST]

As obras que correspondem à referida postura pré-moderna do autor distinguem-se pela simplicidade dos seus volumes (nos quais as funções são uniformizadas) e pelo carácter funcional das suas distribuições internas.

No quadro de incertezas estilísticas que define a época em causa poderá dizer-se que o protofuncionalismo que estes exemplos anunciavam, enquadra-se numa linha divergente do «...carácter epidérmico que caracterizou a primeira adesão à estética moderna que não atingiu o valor ideológico do funcionalismo»¹⁴³.

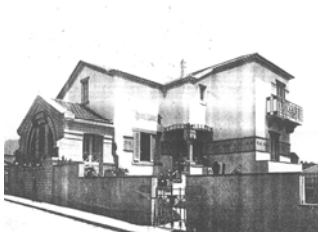


Figura 250 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Vista da fachada principal. Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa.** Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), Intecalar XI.



Figura 252 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas principais. Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa.** Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), Intecalar XIII.



Figura 251 – As casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas principais. Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa.** Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), Intecalar XIV.

¹⁴³ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa.** Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 509.

Porém, no conjunto formado por estas obras pré-modernas pode assinalar-se ainda o rasto do românico português uma vez que, enquanto estrutura organizadora, é dele que parte o sentido de massa, a propositada contenção de volumes, a relação entre os vãos e a preocupação com o enraizamento local do edifício.

No primeiro ensaio de simplificação em que se atreveu, a casa do Sr. Dr. José Lacerda, cruzou os conceitos vernaculares que os intervenientes no debate da casa portuguesa defendiam com a simplicidade formal da arquitectura românica portuguesa. Com a adopção deste tipo de princípios formais, baseados na lógica dos programas construtivos do românico, aproximava-se visivelmente dos «...traços característicos da nova arte»¹⁴⁴.

Técnicas construtivas e materiais: No âmbito construtivo destes edifícios, a adaptação das técnicas de origem românica revela-se pela utilização de estruturas de alvenaria resistente. No entanto, esses sistemas surgem simplificados e dotados de um maior pragmatismo construtivo. A referida coerência construtiva, constata-se pela utilização racional dos elementos de pedra ou de tijolo, visíveis apenas em pontos fracos da construção e, nas situações onde os materiais estão mais expostos às intempéries.



Figura 255

Figura 254

Figura 253

Pormenores dos vários elementos de reforço em pedra e em tijolo existentes na casa do Sr. Dr. José Lacerda.

Para o reforço dessas estruturas autoportantes o autor utilizou pedra e também tijolo, ou seja, materiais utilizados na arquitectura românica portuguesa. As referidas alvenarias serviam de suporte para as estruturas de madeira que conformavam os pavimentos e as coberturas.

¹⁴⁴ « (...) A arte moderna é lógica e simples (...)»

Cf. MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 22.

As coberturas destes edifícios eram, tal como no românico, revestidas a telha. No conjunto das obras em que foi adoptada esta postura modernizante só existem edifícios habitacionais.

Forma e conteúdo: No contexto formal destas composições, os volumes puros que as configuram também são utilizados para valorizar os espaços interiores, adequando-se às funções que lhes são atribuídas. Essa correspondência directa que se observa entre volumes e corpos funcionais distancia-se da incongruência funcional que se verifica em alguns dos seus projectos neo-românicos. No âmbito da funcionalidade salienta-se ainda o modo como o autor conseguiu restringir os programas funcionais a espaços essenciais e de fácil operacionalidade no interior dos vários volumes presentes. Para concluir poderá dizer-se que a relação celebrada entre a forma e o conteúdo funcional destas obras, está muito próxima da importância ideológica do funcionalismo.

Decoração e Estilo: No âmbito geral do léxico decorativo que foi utilizado nestas abordagens modernizantes, o desenvolvimento decorativo prima pela sobriedade e pelo equilíbrio ao longo das diferentes fachadas. Os poucos sinais de ecletismo que observam misturam-se com os elementos arte-nova protagonizados pelos painéis de azulejo.

Nestes exemplos de cariz pré-moderno, os elementos decorativos mais importantes acabam por ser os beirados e os painéis de azulejo. Esses últimos, através das cinturas que celebram, para além de rematarem a extremidade de alguns volumes, estabelecem uma certa continuidade entre os vãos.



Figura 256



Figura 257

Pormenores dos beirados e dos painéis de azulejo existentes nas casas do Sr. Álvaro Machado

No contexto da decoração das fachadas não se observa a hierarquia neo-românica que habitualmente privilegiava a ornamentação dos pisos superiores em detrimento do embasamento. No caso particular destes edifícios a hierarquização que o autor costumava estabelecer para a ornamentação dos vãos exteriores é substituída por um acabamento geral dos volumes. A simplificação decorativa que se verifica acaba por resultar na abolição dos robustos embasamentos de tipo neo-românico. No entanto, tal facto não impede que a transição entre o edifício e o terreno se celebre uma vez que a mesma se estabelece através do contacto directo entre as massas e o solo.

No universo dos vários projectos que o autor elaborou, o período onde se concentram os casos vinculados a esta postura modernizante corresponde ao início da segunda década do século XX. Curiosamente é uma fase em que desenvolve as suas propostas, quase exclusivamente, em estilo neo-românico.

Ainda que escassas, estas obras, de aparência simples e de grande coerência construtiva, patenteiam a identidade arquitectónica do autor.

No âmbito geral da obra de Álvaro Machado, o interesse que está subjacente a estas incursões protomodernas prende-se com o atrevimento que as mesmas representam na conjuntura geral de uma arquitectura portuguesa muito presa a metodologias de projecto de estrutura antiquada. Nesse contexto, estes exemplos denunciam uma personalidade inquieta, apta para a investigação e disposta a arriscar nos caminhos da experimentação modernista.

1.2.2. A variante casa portuguesa ou «estilo português tradicional»

Nas primeiras décadas do século XX, a interferência que o debate da casa portuguesa teve no seio da cultura arquitectónica da época também se repercutiu em algumas produções de Álvaro Machado.

Essa variante casa portuguesa, também apelidada de «estilo português tradicional»¹⁴⁵, começou a verificar-se com maior frequência nos estudos que foram elaborados a partir da terceira década do século XX¹⁴⁶. No entanto o primeiro projecto que Álvaro Machado viu publicado na revista *A Construcção Moderna*, em 1900 (ver figura 258), corresponde a uma proposta vinculada a este tipo de aparência.



Figura 258 - Perspectiva da fachada principal do projecto «Tipo de habitação moderna, construção isolada para parque ou jardim», 1900. Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – *Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. A Construcção Moderna. Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2.*

No contexto geral dessa variante tradicionalista, o autor deixou-se influenciar pelo decorativismo pitoresco de um suposto arquétipo e prescindiu da sua espontaneidade volumétrica, do seu habitual pragmatismo construtivo, e do seu léxico pessoal, mais abrangente, para se associar a um vocabulário provinciano, vinculado a detalhes de ornamentação e afastado dos pressupostos da modernidade.

¹⁴⁵ Cf. FERNANDES, José Manuel – Museu Rafael Bordalo Pinheiro. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.ª Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994, p. 244.

¹⁴⁶ Lista de projectos e de obras de Álvaro Machado onde são mais evidentes as características de um estilo tradicionalista:

- Tipo de habitação moderna, construção isolada para parque ou jardim (1900)
- Moradia no Campo Grande n.º 382 (1914)
- Casa da Caridade da Freguesia de Folques (1926)
- Pavilhão Toucador (1927)
- Pavilhão para o Depósito de Louças (1928)
- Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos
- Escola da Estrada da Cruz das Oliveiras

Por outro lado estes casos correspondem a uma resposta menos pessoal à questão da casa portuguesa uma vez que o autor, em ocasiões anteriores, já tinha encontrado soluções¹⁴⁷ de maior inovação e que respondiam, provavelmente, com maior autenticidade e modernidade à problemática.

As obras que correspondem à referida postura tradicionalista caracterizam-se pelas volumetrias de um ou dois volumes e pelo recurso a distribuições funcionais simples. De qualquer modo, não se poderá dizer que estes projectos se aproximam do protofuncionalismo anunciado pelas propostas modernizantes que o autor elaborou. No âmbito construtivo, estas propostas não se pautam pelo pragmatismo que se verifica noutras abordagens do autor. No entanto, os beirais, as sub-beiras, as cornijas e os restantes elementos adicionados¹⁴⁸ também garantem uma boa resposta construtiva. No contexto referido salienta-se ainda a utilização de zonas alpendradas (em substituição dos embasamentos neo-românicos) para reforçar a relação deste tipo de edifícios como os terrenos.



Figura 259 - A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Fachada principal. [MDCivil-IST]

Figura 260 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil-IST]

Figura 261 – Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

No quadro da busca ideológica que caracteriza a cultura arquitectónica portuguesa do início do século XX poderá dizer-se que estes exemplos se enquadram numa linha de cedência que se limita a aceitar tiques de um léxico ligado a um imaginário pitoresco e rural. No entanto, a primeira consequência da adesão a esse estilo de cariz tradicionalista, a casa do Sr. Artur de Santa Cruz Magalhães é ainda

¹⁴⁷ A casa do Dr. Lacerda, ou a Casa de Saúde Portugal-Brasil servem para ilustrar a referida resposta mais pessoal à questão da casa portuguesa.

¹⁴⁸ Dos restantes elementos adicionados destacam-se ainda os vários alpendres e os suportes para vasos de flores.

marcada pela influência da matriz românica uma vez que é dela que nascem as massas às quais se vão colar os diversos tiques pitorescos (ver figuras 262, 263 e 264).

Técnicas construtivas e materiais: No âmbito construtivo destes edifícios, a adaptação das técnicas de origem românica continua a revelar-se pela utilização de estruturas de alvenaria resistente. No entanto, essas paredes-mestras aparecem adornadas com elementos de cariz tradicionalista como beirais, sub-beiras e cornijas. Os referidos elementos, próprios da construção tradicional portuguesa, não são um exemplo de depuração mas protegem eficazmente a construção nas suas zonas mais frágeis e, nas situações onde é mais vulnerável às intempéries. Para a concretização desses elementos o autor utilizou pedra e telha de aba e canudo. As estruturas dos pavimentos e das coberturas assentavam sobre as referidas alvenarias e eram todas em madeira. As coberturas destes edifícios eram revestidas a telha. No conjunto das obras em que foi adoptada esta postura tradicional, constam edifícios com diferentes tipos de utilização.

Forma e conteúdo: A maioria das obras que se enquadram nesta estética, apresentam volumetrias monolíticas. Nos casos em que as volumetrias são mais complexas, os corpos secundários correspondem funções específicas, como caixas de escadas, ou a elementos particulares, como chaminés.

No âmbito da funcionalidade salienta-se ainda o modo como o autor conseguiu promover a operacionalidade no interior de edifícios de volumetria singular.

Decoração e estilo: Nestas abordagens de carácter tradicionalista a atenção que o autor costumava prestar à volumetria voltou-se para a articulação dos elementos que enquadram dos vãos exteriores. Nestes casos particulares, o autor fez acompanhar as aberturas, pela primeira vez, de elementos estritamente decorativos, sem qualquer função estrutural ou construtiva. Em termos práticos o utilitarismo dos elementos construtivos (como colunas e mísulas em pedra) é ultrapassado pela pitoresca presença de elementos decorativos como alpendres, beirais, sub-beiras, cornijas e suportes para vasos de flores.



Figura 264



Figura 263



Figura 262

Pormenores dos suportes para vasos de flores e dos beirados existentes no edifício do Museu Bordalo Pinheiro, Campo Grande, n.º 382. Lisboa.

No âmbito da decoração exterior realçam-se igualmente os painéis de azulejos, utilizados para preencher os nichos das fachadas e para rematar superiormente as empenas de alguns destes edifícios.



Figura 266 - Paineis de azulejo existente num nicho no edifício do Museu Bordalo Pinheiro, Campo Grande, n.º 382. Lisboa.

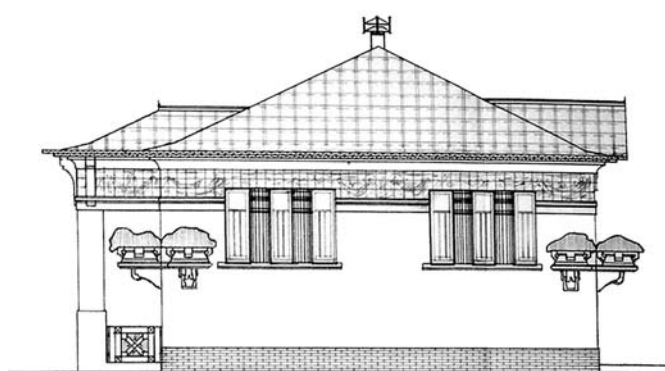


Figura 265 - Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada lateral – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. [MDCivil – IST]

No capítulo da ornamentação os painéis de azulejo e os apontamentos em ferro forjado que se observam em alguns elementos (como portões, guardas de varandas e de muros) espelham algumas influências da Arte Nova.



Figura 269

Figura 268

Figura 267

Pormenores de um painel de azulejo e do portão de entrada no edifício do Museu Bordalo Pinheiro, Campo Grande, n.º 382. Lisboa.

No contexto geral da ornamentação, a disposição equilibrada dos elementos decorativos acaba por se traduzir numa aparência sóbria.

O interesse que está subjacente a estas propostas prende-se com a subjugação do autor a um suposto arquétipo que a conjuntura arquitectónica da época indicava como base para a construção de uma arquitectura nova e intrinsecamente portuguesa.

Porém, estas investidas, vinculadas a um pretenso estilo português tradicional, também poderão fazer parte de um conjunto de ensaios, habituais num autor que estava sempre disposto a arriscar nos trilhos da experimentação.

2. O DESENVOLVIMENTO QUE ÁLVARO MACHADO CONFERIU AO ESTILO ECLÉCTICO

Numa época em que a conjuntura da cultura arquitectónica portuguesa era essencialmente eclética é compreensível, que Álvaro Machado, também tivesse sido levado pela corrente. No entanto, nunca é demais salientar a independência com que se manifestou relativamente às expressões pretensamente mais sumptuosas que os seus contemporâneos protagonizavam.

As propostas que correspondem à referida postura do autor caracterizam-se pelas suas fachadas expressivas e simétricas, compostas por formas clássicas, e pela utilização de tipologias com alguma precisão distributiva.

O estilo eclético que Álvaro Machado desenvolveu encontra-se em projectos que elaborou no início da carreira (ver figura 270 e 271) e em propostas que se enquadram na transição da terceira para a quarta década do século XX.

Figura 270 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Perspectiva – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m.
[MDCivil – IST]

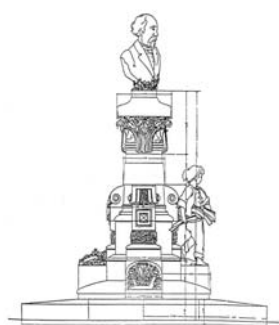


Figura 271 – Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 1904 – Alçado.

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 50.

A primeira obra do autor onde o mesmo demonstra a adopção do métier eclético caracteriza-se por funcionar como uma espécie de mostruário estilístico da época, ou seja, resulta da colagem de tiques académicos a uma estrutura de base (ver figura 271).



Figura 272 - Pavilhão português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]



Figura 273 - Pavilhões portugueses a construir no recinto da Exposição Colonial e Internacional em Paris, 1930 – Alçados principais – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. [MDCivil – IST]



Figura 274 - Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Alçado principal - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. [MDCivil – IST]

Técnicas construtivas e materiais: No âmbito construtivo destes edifícios, a adaptação das técnicas tradicionais revela-se pela utilização de estruturas de alvenaria resistente. Esses sistemas, seguidores dos parâmetros da arquitectura clássica, são utilizados para transmitir valores como: monumentalidade, austeridade e estatismo.

As referidas qualidades construtivas, ao serviço do estilo eclético, constata-se pela utilização de pesados elementos de pedra, visíveis na maior parte dos elementos da construção.

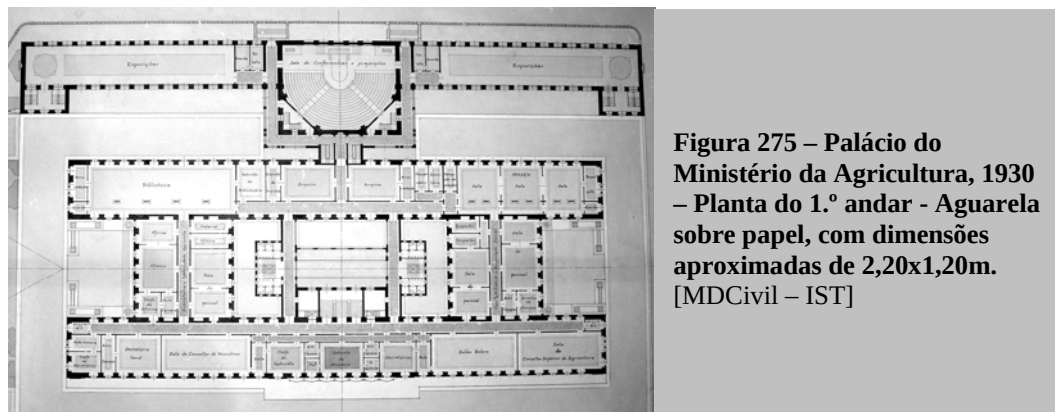
Nas propostas que o autor elaborou, as referidas estruturas autoportantes iriam servir de apoio para as estruturas dos pavimentos e das coberturas e seriam constituídas por elementos em madeira.

As coberturas que estes edifícios iriam dispor seriam revestidas a telha.

No conjunto das obras e dos projectos em que foi adoptada esta postura ecléctica existem propostas adaptadas aos mais variados edifícios e objectos¹⁴⁹.

Forma e conteúdo: No contexto formal, os volumes que são utilizados para as configurar estas composições, desempenham um papel importante na valorização dos espaços e advêm de uma correspondência com as funções que lhes são atribuídas. Esse carácter funcional que as mesmas revelam denuncia a apreensão das tipologias beauxartianas que foram difundidas durante a docência do mestre José Luis Monteiro na Academia Real de Belas-Artes de Lisboa.

De facto, o autor, no âmbito da funcionalidade de alguns destes exemplos (como é o caso do projecto que elaborou para o Palácio do Ministério da Agricultura) teve algum mérito pelo modo como sintetizou programas funcionais bastante complexos em estruturas de fácil operacionalidade.



¹⁴⁹ Lista de projectos e de obras de Álvaro Machado onde são mais evidentes as características de um estilo ecléctico:

- Monumento a Eduardo Coelho (1903)
- Casa e atelier de artista (1906), a construir em Algés
- Projecto para viaduto em Entrecampos (1906)
- Ampliação da casa do Sr. Dr. Filippe Vilhena (1907), na Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa
- Termas do Hospital das Caldas da Rainha (1928)
- Pavilhão para a Exposição Ibero-Americana de 1929 (1928)
- Pavilhões Portugueses da Exposição Colonial e Internacional (1930)
- Palácio do Ministério da Agricultura (1930)
- Entrada do Parque Eduardo VII (1932)
- Ampliação e remodelação de um palacete na estrada do Arco do Cego, N.º 54
- Túmulo – Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira
- Jazigo da família do Sr. Filipe de Vilhena

Decoração e estilo: No que diz respeito à ornamentação destas propostas beauxartianas, o desenvolvimento decorativo que se observa prima pela sobriedade e pelo equilíbrio ao longo das diferentes fachadas.

No contexto da decoração das fachadas poderá dizer-se que estes exemplos, integradores de elementos clássicos, góticos, e manuelinos se apropriaram de todo o património do passado, despojando-o do seu traço temporal e reduzindo-o à forma das ideias.

No âmbito geral dos projectos que Álvaro Machado concebeu neste espírito, as fachadas reúnem tantas expressões diferentes que as mesmas parecem surgir aleatoriamente.

No caso particular destes edifícios a estrutura hierarquizada que o autor costumava estabelecer para a composição das fachadas é substituída por uma ordenação sustentada em princípios de origem clássica.



Figura 276 - Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Pormenor do frontão da entrada principal – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m.
[MDCivil – IST]

Na sequência da referida estrutura compositiva são abolidos os pesados embasamentos de cariz neo-românico. No entanto, tal facto não impede que os socos destes edifícios estabeleçam uma boa transição entre a construção e o terreno.

No âmbito geral da concepção, estas propostas não poderão estar associadas um momento de reflexão por parte do autor mas à mais elementar aplicação da matriz beauxartiana que o mestre Monteiro lhe havia ministrado.

Numa época em as vertentes técnica e social da arquitectura eram exaltadas para iniciar o processo de autonomia da mesma em relação ao academismo beauxartiano poderá dizer-se que estes exemplos se enquadram numa linha de clara cedência que se limita a aceitar o léxico de uma tradição académica, relacionada com as cinco belas artes (desenho, pintura, escultura, arquitectura e

gravura), e que se baseava na imitação e na repetição em vez de avançar pelos caminhos da modernização, associada à investigação e à experimentação.



Figura 277 - Vista da fachada principal da Fachada da École des Beaux-arts de Paris.

Figura extraída de: D'ALFONSO, Ernesto – O Século XIX. In D'ALFONSO, Ernesto; SAMSA, Danilo – **Guia de História de Arquitectura – Estilos Arquitectónicos**. 1ª Edição, Lisboa: Editorial Presença, 2006. p. 208.

Porém, o ecletismo não deixa de traduzir «as incertezas estilísticas desta época de mutação e paradoxalmente a vontade de produzir um estilo novo»¹⁵⁰.

¹⁵⁰ Cf. TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. vol. III. p. 508

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra do arquitecto Álvaro Machado e o enquadramento da mesma na cultura arquitectónica portuguesa da época demonstram que o que mais o distingue dos seus contemporâneos é a sua independência. Essa independência está patente no modo como a sua obra participa no desejo de definir um novo rumo para a arquitectura portuguesa e também nos valores éticos que imprimiu quando partiu para a exploração dos conteúdos da linguagem arquitectónica.

Esses valores, reveladores de uma personalidade em busca permanente conferem ao autor uma modernidade crítica evidente e explicam porque escolheu o românico como matriz projectual. No entanto, o facto de Álvaro Machado ter adoptado essa matriz com um espírito crítico, não significa que a sua obra tenha deixado de reflectir o espírito da época a que pertenceu. Esse reflexo está patente na diversidade de estilos arquitectónicos que dominou e adoptou para a construção das várias propostas que produziu ao longo da sua carreira.

As diversas cambiantes que pontuam a obra do autor derivam da sua inevitável formação beauxartiana, da influência do aceso debate da casa portuguesa e do espírito positivo com que acolheu as inovações da sua época. A importância dessa abertura que demonstrou acabou por se repercutir e originou obras que revelam uma consciência pré-moderna. Porém, a vocação que Álvaro Machado demonstrou para a elaboração de ensaios modernizantes nunca foi plenamente assumida.

Na verdade, a altitude dúbia que o define como arquitecto resultou das dificuldades que a conjuntura nacionalista e que a formação ecléctica lhe criaram perante o desejo que tinha de imprimir um certo progresso na arquitectura portuguesa.

Para concluir resta salientar ainda que os *princípios técnicos e éticos* que Álvaro Machado aplicou à *sua maneira de fazer arquitectura* (e que facilmente se detectam no pragmatismo construtivo, no sentido de sobriedade, na contensão e no deliberado enraizamento local que se verifica nos seus projectos) conferem à sua obra qualidades arquitectónicas intemporais.

V. BIOGRAFIA PROFISSIONAL

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

NOTAS	PROJECTOS E OBRAS
1874. No dia 20 de Julho, nasce na Freguesia das Mercês, Lisboa	
1887. Inicia o curso no Instituto Indústrial e Comercial de Lisboa	
1889. Inicia o Curso Geral de Desenho na Academia de Belas Artes de Lisboa	
1893. Inicia o Curso na Academia de Belas Artes de Lisboa (especialidade de Arquitectura Civil)	
1895. Entra no quadro do MOP, como desenhador	
	1896. Projecto para Edifício Público 1896. Projecto para Teatro ou Ópera
1897. Termina o curso de arquitectura civil com distinção e recebe um prémio pecuniário	1897. Projecto para edifício de Câmara Municipal 1897. Estação terminus de caminhos-de-ferro
1897. Viagem de estudo a Paris, com o dinheiro do prémio escolar, onde permaneceu algum tempo	

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

1898. Prémio na Exposição do Grémio Artístico pelo seu projecto de 1898. Início do tirocínio no MOP, com a duração de 2 anos	
	1899. Galeria manuelina no Paço Episcopal em Coimbra
1900. Passa a arquitecto estagiário no MOP 1900. 1º lugar no concurso para a realização do Jazigo dos Viscondes de Valmor	1900. Tipo de habitação moderna, construção isolada para parque ou jardim 1900. Jazigo dos Viscondes de Valmor
1901. Em Março de 1901 é fundada a Sociedade Nacional de Belas Artes	1901. Casa de jantar, em nogueira, estylo Luiz XVI, execução do construtor civil, sr. Frederico Ribeiro. 1901. Casa para o Sr. General Oliveira Gomes.
	1902. Casa do Exmo. Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos, a construir em Benfica. 1902. Casa do Exmo. Sr. Manuel d'Almeida, a construir na Rua Borges Carneiro.
1904. Viagem a Madrid 1904. 1º lugar no concurso para a sede da Sociedade Nacional de Belas	1904. A igreja da Imaculada Conceição 1904. Casa de Saúde Portugal-Brasil, Lisboa 1904. Base para o monumento a Eduardo Coelho 1904. Colégio Anna Roussel

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

1905. Casa com Alice Ferreira Pinto Basto Mesnier de Ponsard filha do Eng.º Raul Mesnier de Ponsard	1905. Jazigo da família do Sr. Dr. Alfredo da Cunha, no Cemitério do Alto de S. João 1905. Casa da Sr.^a D.^a Olympia de Macedo Branco, no gaveto da Avenida Ressano Garcia com Rua Visconde de Valmor, Lisboa 1905. Mausoléu do Arquitecto Domingos Parente da Silva
1906. Álvaro Machado ganha o concurso para a construção do Edifício Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes	1906. Casa e atelier de artista, a construir em Algés 1906. Reconstrução da Igreja de Santo André em Mafra 1906. Projecto para viaduto em Entrecampos 1906. Projecto para a parte baixa da muralha do Carmo
1907. Morre o seu pai, o cenógrafo Eduardo José Machado (1855-1907)	1907. Projecto para anexo da propriedade do Sr. Dr. Filippe Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa 1907. Anteprojecto para ampliação da casa do Sr. Dr. Filippe Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa
1909. Passa a arquitecto de 3.^a Classe no MOP	1909. Projecto para Monumento Comemorativo da Guerra Peninsular (Concurso – 3.^a Menção Honrosa) 1909. Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

1910. É nomeado professor efectivo da 22ª Cadeira – Noções de Architectura e de Desenho no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa	1910. Moradia para o Dr. José Lacerda 1910. Pedestal para a estátua de Joaquim António Aguiar, Coimbra 1910. Bairro das Roseiras, do Dr. José Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril 1910. Hotel de Saúde 1910. Placa para o 1º aniversário da República Portuguesa
1911. Entre 10 de Novembro de 1910 a Fevereiro de 1911 esteve gravemente doente 1911. É convidado por Alfredo Bensaúde para integrar o quadro de professores do “Novo” Instituto Superior Técnico	
	1912. Projecto do Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Álvaro Machado colabora no projecto de Rosendo Carvalheira juntamente com Norte Júnior, António do Couto e Marques da Silva.
1913. Inauguração oficial da Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes em 15 de Maio	

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

1914. Representa oficialmente a Sociedade dos Architectos Portugueses no Congresso Internacional de Architectura em Madrid, juntamente com Adães Bermudes 1914. É eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa com o Pelouro da Architectura, Parques e Jardins	1914. Moradia no Campo Grande n.º 382
1916. Passa a chefiar a secção de obras na 2ª Direcção de Obras Públicas de Lisboa do MOP	1916. Pavilhão de isolamento do Sanatório de Sant'Ana
1917. Passa à situação de destacado no MOP	
	1919. Palacete Alfredo May de Oliveira 1919. Monumento aos Mortos da Grande Guerra, Lamego. Concurso promovido pela liga dos Combatentes da Grande Guerra – A. Marques da Silva foi o delegado do júri deste concurso cujo primeiro prémio foi atribuído à proposta de Álvaro Machado em colaboração com o escultor Júlio Vaz Júnior, sendo inaugurado a 5 de Setembro de 1932.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

1920. Convida o arquitecto Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) para seu assistente no IST	
	1922. Placa para a casa de Gago Coutinho
	1926. Casa da Caridade da Freguesia de Folques
	1927. Pavilhão Toucador
	1928. Pavilhão para o Depósito de Louças 1928. Termas do Hospital das Caldas da Rainha
	1929. Pavilhão Português da Exposição Ibero-Americana
	1930. Pavilhões Portugueses da Exposição Colonial e Internacional 1930. Palácio do Ministério da Agricultura
	1932. Projecto para a Entrada Monumental para o Parque Eduardo VII. 1932. Inauguração do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, a 5 de Setembro de 1932, em Lamego.
1935. Pede a aposentação antecipada do IST 1935. É-lhe concedida a aposentação	1935. Jazigo de Família Mesnier Machado
	1936. Pedestal para busto de Eduardo Coelho
1944. Morre em Lisboa no dia 28 de Julho	1944. O derradeiro projecto

VI. FONTES

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

1. FONTES PRIMÁRIAS:

1.1. ESPOLIO DO AUTOR – PROJECTOS

- 1.1.1. Edifício público – Exame de passagem do 3º Ano da Especialização em Arquitectura Civil na ARBAL (1896)
- 1.1.2. Teatro – Exame de passagem do 3º Ano da Especialização em Arquitectura Civil na ARBAL (1896)
- 1.1.3. Câmara Municipal – Exame de passagem do 4º Ano da Especialização em Arquitectura Civil na ARBAL (1897)
- 1.1.4. Estação terminus de caminhos-de-ferro – Projecto final de curso na ARBAL (1897)
- 1.1.5. Igreja de Santo André - MOP (sem data)
- 1.1.6. Igreja da Imaculada Conceição (1904)
- 1.1.7. Casa de Saúde Portugal-Brasil, Lisboa (1904)
- 1.1.8. Colégio Ana Roussel (1904)
- 1.1.9. Viaduto em Entrecampos (1906)
- 1.1.10. Projecto para a parte baixa da muralha do Carmo (1906)
- 1.1.11. Hotel de Saúde (1910)
- 1.1.12. Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes (1913)
- 1.1.13. Moradia no Campo Grande n.º 382 (1914)
- 1.1.14. Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana (1916)
- 1.1.15. Palacete Alfredo May de Oliveira (1919)
- 1.1.16. Casa da Caridade da Freguesia de Folques (1926)
- 1.1.17. Pavilhão Toucador (1927)
- 1.1.18. Pavilhão para o Depósito de Louças (1928)
- 1.1.19. Termas do Hospital das Caldas da Rainha (1928)
- 1.1.20. Pavilhão para a Exposição Ibero-Americana de 1929 (1928)
- 1.1.21. Pavilhões Portugueses da Exposição Colonial e Internacional (1930)
- 1.1.22. Palácio do Ministério da Agricultura (1930)
- 1.1.23. Entrada do Parque Eduardo VII (1932)
- 1.1.24. Jazigo de Família Mesnier Machado (1935)
- 1.1.25. A catedral (1944)
- 1.1.26. Salão Animatographico (sem data)
- 1.1.27. Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos (sem data)
- 1.1.28. Escola da Estrada da Cruz das Oliveiras (sem data)
- 1.1.29. Ampliação e remodelação de um palacete na estrada do Arco do Cego, N.º 54 (sem data)
- 1.1.30. Túmulo – Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira (sem data)
- 1.1.31. Jazigo da família do Sr. Filipe de Vilhena (sem data)
- 1.1.32. Vila Cândida (sem data)

1.2. OBRAS CONSTRUÍDAS

- 1.2.1. Jazigo dos Viscondes de Valmor
- 1.2.2. Monumento a Eduardo Coelho
- 1.2.3. Colégio Ana Roussel
- 1.2.4. Mausoléu do Arquitecto Domingos Parente da Silva
- 1.2.5. A casa do Sr. Dr. José Lacerda
- 1.2.6. Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José Lacerda, no Alto do Estoril
- 1.2.7. As casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril
- 1.2.8. Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes
- 1.2.9. Moradia no Campo Grande n.º 382

2. FONTES SECUNDÁRIAS:

2.1. MONOGRAFIAS

ANACLETO, Regina – Neoclassicismo e romantismo. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. Depósito Legal: B. 10.516-1986. vol. 10. p. 92-131.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Estilo Românico. In ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – **História de Arte em Portugal – O Românico**. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2001. ISBN 972-23-2827-1. p. 55-182.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. Depósito Legal: B. 10.516-1986. vol. 14. p. 9-23.

ALMEIDA, Rogério Vieira de; MILHEIRO, Ana Vaz; ROSENDO, Catarina – Biografias. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried – **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p. 332-347.

CALDAS, João Vieira – Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p. 23-31.

CALDAS, João Vieira – O arquitecto do neo-românico. In RESSANO GARCIA LAMAS, António, coord. – **Álvaro Machado - Primeiro professor de arquitectura do IST – Exposição do espólio doado**, 1ª Edição. Lisboa: Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, Instituto Superior Técnico, 2002. ISBN 972-23-2827-1. p. 19-24.

CALDAS, João Vieira – **Porfírio Pardal Monteiro – Arquitecto**. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses – Secção Regional do Sul, 1997. 125 p. ISBN 972-95943-6-8.

CIDADE, Hernâni – Acalmia política. In SARAIVA, José Hermano, coord. – **História de Portugal – Implantação do Regime Liberal – da revolução de 1820 à queda da monarquia**, 1ª Edição. Matosinhos: QuidNovi, 2004. ISBN 989-554-112-0. Volume VII. p. 59-111.

CONTI, Flávio – **Como Reconhecer a Arte Românica**. trad. Adriano de Gusmão 1.ª Edição. Lisboa: Edições 70, 1978. 68 p. (Como Reconhecer a Arte). ISBN 972-44-0130-8.

D'ALFONSO, Ernesto – O Século XIX. In D'ALFONSO, Ernesto; SAMSA, Danilo – **Guia de História de Arquitectura – Estilos Arquitectónicos**. 1ª Edição, Lisboa: Editorial Presença, 2006. ISBN 972-23-3584-7. p. 203-222.

DIAS, Francisco Silva; CARVALHO, José; FERREIRA, Fátima; PEREIRA, Nuno Teotónio; PONTE, Teresa da – **Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa**, 1ª Ed. Lisboa: Edição da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1987. 311 p.

FERNANDES, José Manuel – 1900/1914 – O início do Século e o desejo de inovação arquitectónica: os “Autores”, a “Arte Nova”, as “Vilas”. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.ª Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994. p. 177-179.

FERNANDES, José Manuel – Museu Rafael Bordalo Pinheiro. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.ª Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994. p. 244.

FERNANDES, José Manuel – Sociedade Nacional de Belas Artes. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.ª Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994. p. 236-237.

FRANÇA, José-Augusto, Lisboa, 1900 – As «Avenidas Novas». In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.123-143.

FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. ISBN 972-25-0060-0. Volume II. p. 174-183.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

FRANÇA, José-Augusto, Os arquitectos. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p. 333-344.

FRANÇA, José-Augusto, Os monumentos de Lisboa e do Porto. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p. 205-214.

FRANÇA, José-Augusto, Raul Lino e a «Casa Portuguesa». In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. Volume II. p.153-160.

FRANÇA, José-Augusto - **A Arte em Portugal no séc. XX**. 3.^a Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1991. 660 p. ISBN 972-25-0045-7.

FRANÇA, José-Augusto – **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura**. 4.^a Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. 119 p. ISBN 972-24-0998-0.

MARRUCCHI, Giulia; BELCARI, Riccardo – O Românico na Itália Setentrional. In CAIAZZO, Cinzia, **A Grande História da Arte – Alta Idade Média e Românico**. 1.^a Edição. Lisboa: Mediasat Group, 2006. ISBN 84-9819-465-2. Volume 4. p. 249-303.

PAIS DA SILVA, Jorge Henrique; CALADO, Margarida – **Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura**. 1.^a Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2005. 395 p. ISBN 972-23-3336-4.

PEDREIRINHO, José Manuel – **Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à actualidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1994. 293 p. ISBN 972-36-0348-9.

PEDREIRINHO, José Manuel – **História do Prémio Valmor**. 1.^a Edição, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1988. 237 p.

PEREIRA DA SILVA, António; TORRES, Carlos Pietra; BARROS, Mafalda Magalhães; ARRIAGA, Teresa; REIS, Teresa Costa – **Lisboa – Prémio Valmor**. 1.^a Edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro de Licenciamento Urbanístico e Reabilitação Urbana, 2004. ISBN 972-98786-7-6.

RIBEIRO, Ana Isabel de Melo – **Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953**. Porto : Faculdade de Arquitectura do Porto, 2000. 493 p. ISBN 972-9483-485.

SILVA, Raquel Henriques da – “A Casa Portuguesa” e os novos programas. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p. 15-21.

SILVA, Raquel Henriques da – Sociedade Nacional de Belas-Artes – Álvaro Machado. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p. 150.

SOUTO, Maria Helena; MARTINS, João Paulo – Pavilhões Portugueses nas Exposições Universais do Sec. XIX. In PEREIRA, João Castelo-Branco – **Arquitectura Efémera em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. ISBN 972-8128-65-7. p. 352-379.

TOUSSAINT, Michel – Os concursos de arquitectura como debate disciplinar (Os três primeiros quartos do século XX). In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p.129-137.

TOSTÕES, Ana – Arquitectura portuguesa do século XX – Ecletismo, Revivalismo e a Casa Portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir. – **História da Arte Portuguesa**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. ISBN 972-759-010-1. vol. III. p. 507-517.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

2.2. PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes

CAMPOS, Alfredo da Costa – Transladação dos restos mortaes do architecto – Domingos Parente da Silva. **Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX.** Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1906). p. 13-16.

CARVALHEIRA, Rosendo – Biografia – Domingos Parente da Silva. **Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX.** Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1905). p. 31-34.

GARCIA, Penha – Sociedade Nacional de Bellas Artes– Sede social – Salão de exposições. **Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX.** Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1906). p. 24-27.

MONTEIRO, José Luís [et.al.]– Egreja-Monumento à Immaculada Conceição – Concurso Nacional. **Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX.** Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1904). p. 51-57.

A Architectura Portugueza

CARVALHEIRA, Rosendo – Túmulo monumental do Visconde de Valmor (No Cemitério do Alto de São João) – Projecto do architecto Álvaro Machado. **A Architectura Portugueza.** Lisboa. N.º 5, Anno I, (1908), p. 17-22.

D'ALMEIDA, Ribeiro – Casa do collégio da Exma. Sr.^a D. Anna Roussel – Na Avenida Ressano Garcia, tornejando para a Avenida Duque de Ávila – Architecto, Álvaro Machado. **A Architectura Portugueza.** Lisboa. N.º 3, Anno II, (1909), p. 9-14.

LACERDA, E. Correia de – Pavilhão de Enfermaria, para doenças contagiosas no Sanatório de Sant'Ana, em Parede – Anteprojecto e Projecto Definitivo do Architecto-professor, Sr. Álvaro Machado. **A Architectura Portugueza.** Lisboa. N.º 3, Anno IX, (1916), p. 8-12.

MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Architecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portugueza.** Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 21-25.

MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Architecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portugueza.** Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), p. 25-30.

NINGUÉM, João – Concurso para Monumento Commemorativo da Guerra Peninsular – Exposição de «maquettes» na sede da Sociedade de Geographia. **A Architectura Portugueza.** Lisboa. N.º 4, Anno II, (1909), p. 12-18.

A Construcção Moderna

CARVALHEIRA, Rosendo – Casa de jantar, em nogueira, estylo Luiz XVI, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado, execução do construtor civil, sr. Frederico Ribeiro. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 36, Anno II, (1901), p. 2-3.

CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 81, Anno III, (1902), p. 170-171.

CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d'Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 77, Anno III, (1902), p. 2-3.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 30, Anno II, (1901), p. 2-3.

CARVALHEIRA, Rosendo – Igreja-monumento à Immaculada Conceição, perspectivas e alçado dos três projectos premiados. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 151, Anno V, (1904), p. 242-244.

CARVALHEIRA, Rosendo – Igreja-monumento à Immaculada Conceição, fachadas laterais e plantas dos três projectos premiados. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 155, Anno V, (1905), p. 274-275.

CARVALHEIRA, Rosendo – Igreja-monumento à Immaculada Conceição, fachadas laterais e plantas dos três projectos premiados. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 156, Anno V, (1905), p. 282-283.

CARVALHEIRA, Rosendo – Estação terminus de caminho de ferro, pelo architecto sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 46, Anno II, (1901), p. 2-3.

COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 91, Anno IV, (1903), p. 50-51.

COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 143, Anno V, (1904), p. 178-180.

COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 144, Anno V, (1904), p. 186-188.

COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d'Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 295, Anno IX, (1909), p. 241-242.

COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. José Lacerda, no alto do Estoril. Architecto, Sr. Álvaro A. Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 242, Anno VIII, (1907), p. 105-106.

COLLARES, E. Nunes – Casa para collégio, da Exma. Sr.^a D. Anna Roussel – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 131, Anno V, (1904), p. 82-83.

COLLARES, E. Nunes – Casa para collégio, da Exma. Sr.^a D. Anna Roussel – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 132, Anno V, (1904), p. 90-91.

COLLARES, E. Nunes – Grupo de casas, typo 2, que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 270, Anno IX, (1908), p. 41-42.

COLLARES, E. Nunes – Grupo de casas, typo 3, que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 271, Anno IX, (1908), p. 49-50.

COLLARES, E. Nunes – Projecto de grupos de casas que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 269, Anno IX, (1908), p. 33-34.

COLLARES, E. Nunes – Projecto para o Túmulo do Architecto Domingos Parente da Silva – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 170, Anno VI, (1905), p. 105-106.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

COLLARES, E. Nunes – Projecto para a casa da Exm.^a Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no ângulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde de Valmor – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 171, Anno VI, (1905), p. 113-114.

COLLARES, E. Nunes – Jazigo da Família do Sr. Dr. Alfredo da Cunha, no Cemitério do Alto de S. João – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 176, Anno VI, (1905), p. 153-154.

COLLARES, E. Nunes – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia para Passagem dos Comboios da Linha de Sintra – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 195, Anno VII, (1906), p. 19-20.

COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24-25.

COLLARES, E. Nunes – Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906), p. 49-50.

COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 201, Anno VII, (1906), p. 65-66.

COLLARES, E. Nunes – Anexo da propriedade do Sr. Dr. Filippe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 216, Anno VII, (1907), p. 185-186.

COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filippe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 222, Anno VII, (1907), p. 233-237.

MACHADO, Álvaro – Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2-3.

MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 1-3.

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 430, Anno XIV, (1914), p. 169-170.

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Architecto-Professor, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 467 (1916), p. 81-82.

A Construção Moderna e as Artes do Metal

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – A casa do sr. dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril. Architecto: Álvaro Machado. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 347, Anno XI, (1911), p. 81-82.

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Bairro das Rozeiras, do fallecido dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 351, Anno XI, (1911), p. 113-114.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella da família Tonietti, no cemitério da ilha de Elba, Itália. Architecto, Adolpho Cappede. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 341, Anno VI, (1905), p. 56.

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella Funerária da família Spampinato, no cemitério de Catania, Itália. Architecto, Carlo Sada. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 358, Anno XI, (1911), p. 175.

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella Funerária da família Verga, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto, Ernesto Pirovano. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 344, Anno XI, (1911), p. 63.

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella sepulchral da família Castellano, no cemitério monumental de Palermo, Itália. Architecto, Giacomo Misuraca. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 341, Anno XI, (1911), p. 39.

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Jazigo Vanoni, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto: Alfredo Menni. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 357, Anno XI, (1911), p. 167.

MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Um grupo de casas de aluguer, no Alto do Estoril. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 350, Anno XI, (1911), p. 99-100.

Ilustração Portuguesa

CHAVES, José Joubert, ed. Lit. – 10.^a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes – Inauguração do palácio de exposições. **Ilustração Portuguesa**. Lisboa. N.º 379 (1913), p. 658-667.

Jornal dos Arquitectos

PEDREIRINHO, José Manuel – Possidónio da Silva, arquitecto 1806-1896. **Arquitectos**. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. N.º 166/167, Dezembro/Janeiro (1997), p. 18-23.

RIBEIRO, Ana Isabel - Possidónio da Silva - Fundador da primeira associação dos arquitectos portugueses. **Arquitectos**. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. N.º 166/167, Dezembro/Janeiro (1997), p. 24-29.

SANTANA, Francisco – Joaquim Possidónio Narciso da Silva, o Homem e a Obra. **Arquitectos**. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. N.º 166/167, Dezembro/Janeiro (1997), p. 15-17.

L'architecture d'aujourd'hui

SILVA, Gomes da – Cassiano Branco (1898/1970), L'exception et la règle. **L'architecture d'aujourd'hui**. Paris: Jean Michel Place. N.º 185, Mai/Juin (1976), p. 8-14.

Pontos nos ii

PINHEIRO, Raphael Bordallo, ed. Lit. **Pontos nos ii – Semanário humorístico de Raphael Bordallo Pinheiro**. Lisboa: Lithographia da Companhia Nacional Editora. N.º 238, Anno VI, (16 de Janeiro 1890).

VII. ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Sidónio Pais. (Pag.26)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 2 – Ilustração de Raphael Bordallo Pinheiro a propósito do Ultimatum Inglês. (Pag.28)

Figura extraída de: **Pontos nos ii – Semanário humorístico de Raphael Bordallo Pinheiro.** Lisboa: Lithographia da Companhia Nacional Editora. N.º 238, Anno VI, (16 de Janeiro 1890), pag. 23.

Figura 3 – Gravura que ilustra a manifestação do partido republicano português em 14 de Janeiro de 1890, no dia em que António Serpa Pimentel é nomeado para presidir ao governo, após o ultimatum britânico de 11 de Janeiro. (Pag.30)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 4 – Exemplos de casas portuguesas referidos por Henrique das Neves como material-base para a estruturação hipotética de uma arquitectura de carácter nacional. (Pag.31)

Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal.** Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 35.

Figura 5 – Casa no Porto (1905) – Ricardo Severo. (Pag.32)

Figura extraída de: FRANÇA, José-Augusto, Do neo-manuelino ao neo-românico. In FRANÇA, José-Augusto, - **A Arte em Portugal no séc. XIX.** 3.ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1990. ISBN 972-25-0060-0. Volume II. p.158.

Figura 6 – Estação de Caminho de Ferro do Rossio, Lisboa – 1890, projecto da autoria do arquitecto José Luís Monteiro. (Pag.35)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 7 – Edifício na Avenida da Liberdade - 1915, projecto de Norte Júnior. (Pag.37)

Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal.** Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 34.

Figura 8 – Edifício José Maria Marques – 1914, projecto de Norte Júnior. (Pag.38)

Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal.** Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 55.

Figura 9 – Edifício dos Paços do Concelho de Sintra, Adães Bermudes. (Pag.38)

Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal.** Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 52.

Figura 10 – Edifício do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, Adães Bermudes. (Pag.38)

Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal.** Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 51.

Figura 11 – Vista do Pavilhão de Portugal para a Exposição Internacional de Paris de 1900, projecto executado por Raul Lino. (Pag.39)

Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal.** Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 22.

Figura 12 – Alçado do Pavilhão de Portugal para a Exposição Internacional de Paris de 1900, projecto executado por Ventura Terra. (Pag.40)

Figura extraída de: SOUTO, Maria Helena; MARTINS, João Paulo – Pavilhões Portugueses nas Exposições Universais do Sec. XIX. In PEREIRA, João Castelo-Branco – **Arquitectura Efêmera em Portugal.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 366.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Figura 13 – Perspectiva do Jazigo dos Viscondes de Valmor. (Pag.41)

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 1.

Figura 14 – Relação entre projectos realizados e projectos construídos, em cada período de 10 anos da carreira do architecto Álvaro Machado (1900-1944). (Pag.45)

Gráfico executado pelo autor da dissertação.

Figura 15 – Taxa de concretização dos projectos que foram elaborados ao longo da carreira do architecto Álvaro Machado (1900-1944). (Pag.45)

Gráfico executado pelo autor da dissertação.

Figura 16 – Alçado principal do projecto para uma catedral, a construir em lugar desconhecido, 1944. (Pag.46)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 17 – Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Maquete. (Pag.47)

Figura extraída de: CALDAS, João Vieira – **Porfírio Pardal Monteiro – Architecto**. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses – Secção Regional do Sul, 1997. p. 58.

Figura 18 – Fachada principal do projecto inicial para o Cinema Éden, projecto executado por Cassiano Branco em 1931. (Pag.47)

Figura extraída de: **L’architecture d’aujourd’hui**. Paris: Jean Michel Place. N.º 185, Mai/Juin (1976), p. 5.

Figura 19– Architecto José Luís Monteiro. (Pag.51)

Figura extraída de: ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura Moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14. p. 26.

Figura 20 – Edifício público – Exame de passagem do 3º Ano da Especialização em Arquitectura Civil na ARBAL, 1896 – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. (Pag.52)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 21 – Teatro – Exame de passagem do 3º Ano da Especialização em Arquitectura Civil na ARBAL, 1896 – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. (Pag.52)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 22 – Câmara Municipal – Fachada – Exame de passagem do 4º Ano da Especialização em Arquitectura Civil na ARBAL, 1897 – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. (Pag.52)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 23 – Estação terminus de caminhos-de-ferro – Projecto final de curso na ARBAL, 1897 – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,60m. (Pag.52)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Figura 24 – Vista do portal de entrada da Igreja de Santo André, Mafra. (Pag.54)

Figura extraída do site da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – www.monumentos.pt.

Figura 25 – Excerto do projecto de Álvaro Machado para a Igreja de Santo André enquanto arquitecto ao serviço do MOP – Cópia “Marion”, com dimensões aproximadas de 2,10x0,30m. (Pag.54)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 26 - Engenheiro Augusto Fuschini. (Pag.55)

Figura extraída do site da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – www.monumentos.pt.

Figura 27 – «Tipo de habitação moderna» - Perspectiva do projecto. (Pag.57)

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2.

Figura 28 – «Tipo de habitação moderna» – Cortes transversal e longitudinal do projecto. (Pag.58)

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2.

Figura 29 – «Tipo de habitação moderna» – Plantas do rés-do-chão, 1.º andar, sótão e cobertura do projecto. (Pag.59)

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Typo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2.

Figura 30 - Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa. (Pag.61)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 31 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa - Cortes transversal e longitudinal do projecto. (Pag.62)

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 2.

Figura 32 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Planta do projecto. (Pag.63)

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 2.

Figura 33 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Planta da cobertura do projecto. (Pag.63)

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 2.

Figura 34 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alçado Principal do projecto. (Pag.64)

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Túmulo do Visconde de Valmor – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 9, Anno I, (1900), p. 2.

Figura 35 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Pormenor da decoração interior. (Pag.64)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Túmulo monumental do Visconde de Valmor (No Cemitério do Alto de São João) – Projecto do architecto Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N. ° 5, Anno I, (1908) – Intercalar X.

Figura 36 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alegoria à pintura. (Pag.65)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 37 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alegoria à arquitectura. (Pag.65)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 38 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alegoria à gravura. (Pag.65)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 39 – Jazigo dos Viscondes de Valmor, no cemitério do Alto de São João, Lisboa – Alegoria à escultura. (Pag.65)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 40 – Casa para o Sr. General Oliveira Gomes – Fachada Principal e Lateral. (Pag.67)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 30, Anno II, (1901), p. 2.

Figura 41 – Casa para o Sr. General Oliveira Gomes – Corte em AB (Pag.68)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 30, Anno II, (1901), p. 2.

Figura 42 – Casa para o Sr. General Oliveira Gomes – Plantas do rés-do-chão e do primeiro andar. (Pag.69)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 30, Anno II, (1901), p. 2-3.

Figura 43 – Casa para o Sr. General Oliveira Gomes – Fachada lateral e posterior. (Pag.70)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa para o sr. general Oliveira Gomes, projecto do architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. ° 30, Anno II, (1901), p. 2.

Figura 44 – Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos – Fachada principal e lateral. (Pag.71)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. °81, Anno III, (1902), p. 170.

Figura 45 – Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos – Cortes em AB e em CD. (Pag.71)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. °81, Anno III, (1902), p. 170.

Figura 46 – Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos – Plantas do rés-do-chão e do 1.º andar. (Pag.72)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. º81, Anno III, (1902), p. 170.

Figura 47 – Casa do Sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos – Fachada lateral e posterior. (Pag.73)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Júlio César de Moura e Vasconcellos. A construir em Bemfica. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. º81, Anno III, (1902), p. 170.

Figura 48 – Casa do Sr. Manuel d'Almeida – Fachada principal e lateral. (Pag.75)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d'Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. º77, Anno III, (1902), p. 3.

Figura 49 – Casa do Sr. Manuel d'Almeida – Corte transversal e longitudinal. (Pag.75)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d'Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. º77, Anno III, (1902), p. 3.

Figura 50 – Casa do Sr. Manuel d'Almeida – Plantas do rés-do-chão e do 1.º andar. (Pag.77)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d'Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. º77, Anno III, (1902), p. 2.

Figura 51 – Casa do Sr. Manuel d'Almeida – Fachada posterior e lateral Sul. (Pag.78)

Figura extraída de: CARVALHEIRA, Rosendo – Casa do exmo. sr. Manuel d'Almeida, a construir na rua Borges Carneiro. Architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N. º77, Anno III, (1902), p. 3.

Figura 52 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Perspectiva do Conjunto – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. (Pag.81)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 53 – Cerimónia do lançamento e da bênção da 1ª pedra para a construção da Igreja-Monumento à Imaculada Conceição. (Pag.82)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 54 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Corte longitudinal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. (Pag.83)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 55 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Excerto da fachada principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,60x0,60m. (Pag.83)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 56 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Planta. (Pag.84)

Figura extraída de: MONTEIRO, José Luís [et.al.] – Igreja-Monumento à Immaculada Conceição-Concurso Nacional. **Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX**. Lisboa : Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1904).p.54.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Figura 57 – Igreja-Monumento à Imaculada Conceição, Picoas, Lisboa, 1904 – Fachada lateral e planta do coro alto – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. (Pag.86)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 58 – Casa de Saúde Portugal-Brasil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Fachada principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m. (Pag.89)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 59 – Casa de Saúde Portugal-Brasil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Planta do 1º Andar. (Pag.91)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 143, Anno V, (1904), p. 178.

Figura 60 – Casa de Saúde Portugal-Brasil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Planta do 2º Andar. (Pag.93)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 143, Anno V, (1904), p. 179.

Figura 61 – Casa de Saúde Portugal-Brasil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Alçado tardoz. (Pag.94)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa de Saúde Portugal-Brazil, em Santo António da Convalescença – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 144, Anno V, (1904), p. 186.

Figura 62 – Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 1904 – Perspectiva. (Pag.95)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 50.

Figura 63 – Cerimónia de inauguração do Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 29 de Dezembro de 1904. (Pag.96)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 64 – Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 1904 – Planta. (Pag.96)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 50.

Figura 65 – Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 1904 – Alçado. (Pag.97)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 50.

Figura 66 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904. (Pag.99)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 67 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904 – Planta do 1º andar. (Pag.101)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa para colégio, da Exma. Sr.^a D. Anna Roussel – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 131, Anno V, (1904), p. 82.

Figura 68 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904 – Corte Transversal. (Pag.101)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa para colégio, da Exma. Sr.^a D. Anna Roussel – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 131, Anno V, (1904), p. 82.

Figura 69 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904 – Planta do 2º Andar. (Pag.102)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa para colégio, da Exma. Sr.^a D. Anna Roussel – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 131, Anno V, (1904), p. 82.

Figura 70 – Colégio Anna Roussel, Avenida da República n.º 13 e Avenida Duque de Ávila, Lisboa, 1904 – Pormenor dos vãos superiores. (Pag.103)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 71 – Casa da Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no Gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905. (Pag.105)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 72 – Casa da Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no Gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905 – Plantas: da cave, do rés-do-chão e do 1.º andar. (Pag.106)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para a casa da Exm.^a Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no ângulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde de Valmor – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 171, Anno VI, (1905), p. 113.

Figura 73 – Casa da Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no Gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905 – Fachadas. (Pag.107)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para a casa da Exm.^a Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no ângulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde de Valmor – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 171, Anno VI, (1905), p. 113.

Figura 74 – Moradia da Viscondessa de Valmor, no Gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa – projecto da autoria do architecto Ventura Terra. (Pag.107)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 75 – Casa da Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no Gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905. (Pag.109)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 76 – Mausoléu do Architecto Domingos Parente da Silva, no Cemitério da Ajuda, Lisboa, 1905. (Pag.111)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 77 – Mausoléu do Architecto Domingos Parente da Silva, no Cemitério da Ajuda, Lisboa, 1905 – Planta. (Pag.113)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para o Túmulo do Architecto Domingos Parente da Silva – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 170, Anno VI, (1905), p. 105.

Figura 78 – Mausoléu do Architecto Domingos Parente da Silva, no Cemitério da Ajuda, Lisboa, 1905 – Face principal. (Pag.113)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para o Túmulo do Architecto Domingos Parente da Silva – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 170, Anno VI, (1905), p. 105.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Figura 79 – Mausoléu do Arquitecto Domingos Parente da Silva, no Cemitério da Ajuda, Lisboa, 1905 – Face lateral. (Pag.114)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto para o Túmulo do Architecto Domingos Parente da Silva – Auctor, o architecto Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. ° 170, Anno VI, (1905), p. 105.

Figura 80 – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés, 1906 – Alçado Principal (Pag.115)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. ° 201, Anno VII, (1906), p. 65.

Figura 81 - Casa e Atelier de artista, a construir em Algés, 1906 – Planta do atelier, do piso nobre e do 1º Andar (Pag.117)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. ° 201, Anno VII, (1906), p. 65.

Figura 82 – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés, 1906 – Corte transversal e longitudinal. (Pag.118)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. ° 201, Anno VII, (1906), p. 65.

Figura 83 – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés, 1906 – Alçados laterais e tardor. (Pag.119)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa e Atelier de artista, a construir em Algés – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. ° 201, Anno VII, (1906), p. 65.

Figura 84 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Perspectiva – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m. (Pag.121)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Architectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 85 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Detalhe do Pilão. (Pag.121)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia para Passagem dos Comboios da Linha de Sintra – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. ° 195, Anno VII, (1906), p. 20.

Figura 86 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Alçado e Planta – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,60m. (Pag.122)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Architectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 87 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Perspectiva – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m. (Pag.123)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Architectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 88 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Interior do Pilão e Pilão lateral. (Pag.123)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia para Passagem dos Comboios da Linha de Sintra – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N. ° 195, Anno VII, (1906), p. 20.

Figura 89 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Aspecto geral da fachada. (Pag.125)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

Figura 90 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Alçado das lojas. (Pag.126)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

Figura 91 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Planta. (Pag.127)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

Figura 92 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Corte longitudinal. (Pag.127)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

Figura 93 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Corte transversal (Pag.128)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

Figura 94 – A Muralha do Carmo, novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento, Rua do Carmo, Lisboa, 1906 – Detalhe da Planta. (Pag.129)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – A muralha do Carmo. Novas instalações para o seu aproveitamento útil e embelezamento – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 196, Anno VII, (1906), p. 24.

Figura 95 – Anteprojecto para a ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa, 1907 – Fachada principal (Pag.131)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 222, Anno VII, (1907), p. 233.

Figura 96 – Anteprojecto para a ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa, 1907 – Planta da cave, do rés-do-chão, do 1.º andar e do sótão. (Pag.133)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 222, Anno VII, (1907), p. 234.

Figura 97 – Anteprojecto para a ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa, 1907 – Fachada posterior e lateral. (Pag.134)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 222, Anno VII, (1907), p. 233.

Figura 98 – Anteprojecto para a ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Rua de S. João dos Bemcasados, Lisboa, 1907 – Corte (Pag.135)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Ampliação da casa do Sr. Dr. Filipe de Vilhena, na Rua de S. João dos Bemcasados – Anteprojecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna.** Lisboa. N.º 222, Anno VII, (1907), p. 233.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Figura 99 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso – Fachada principal e posterior. (Pag.137)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 295, Anno IX, (1909), p. 241.

Figura 100 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso – Fachada lateral. (Pag.137)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 295, Anno IX, (1909), p. 241.

Figura 101 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso – Corte CD. (Pag.138)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 295, Anno IX, (1909), p. 241.

Figura 102 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso – Planta do rés-do-chão e do 1.º andar. (Pag.139)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 295, Anno IX, (1909), p. 241.

Figura 103 – Casa do Sr. Dr. Avelino Lopes Cardoso – Fachada lateral. (Pag.140)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Casa do sr. dr. Avelino Lopes Cardoso, na Avenida António Maria d’Avellar. Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 295, Anno IX, (1909), p. 241.

Figura 104 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Vista da fachada principal. (Pag.141)

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910) – Intercalar XI.

Figura 105 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta da cave, do sótão e do rés-do-chão. (Pag.142)

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 22.

Figura 106 - A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Corte Longitudinal. (Pag.143)

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 23.

Figura 107- A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas norte e poente. (Pag.143)

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 22.

Figura 108 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas sul e nascente. (Pag.144)

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910) - Intercalar XII.

Figura 109 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Trecho da sala de jantar e da escada (Pag.145)

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910), p. 23.

Figura 110 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas principais. (Pag.147)

Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910) – Intercalar XIII.

Figura 111 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta Geral do terreno. (Pag.147)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto de grupos de casas que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 269, Anno IX, (1908), p. 34.

Figura 112 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do rés-do-chão do Grupo de casas tipo 3. (Pag.148)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Grupo de casas, tipo 3, que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 271, Anno IX, (1908), p. 49.

Figura 113 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do rés-do-chão do Grupo de casas tipo 2 (Pag.150)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Grupo de casas, tipo 2, que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 270, Anno IX, (1908), p. 42.

Figura 114 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do rés-do-chão do Grupo de casas tipo 1. (Pag.150)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Projecto de grupos de casas que o sr. dr. José Lacerda vae construir no Alto do Estoril, architecto, sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 269, Anno IX, (1908), p. 33.

Figura 115 – As casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas principais. (Pag.153)

Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910) – Intercalar XIV.

Figura 116 – As casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas posteriores. (Pag.154)

Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), p. 27.

Figura 117 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x0,60m. (Pag.156)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Architectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 118 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do rés-do-chão – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x1,80m. (Pag.159)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Architectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Figura 119 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do 1.º Andar – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x1,80m. (Pag.160)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 120 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Planta do 2.º Andar – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x1,80m. (Pag.161)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 121 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Corte/Alçado transversal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x0,60m. (Pag.161)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 122 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Fachada Lateral – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x0,60m. (Pag.162)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 123 – Hotel de Saúde (Alto Estoril Sanitarium), Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Alçado Posterior – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,50x0,60m. (Pag.163)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 124 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Excerto da fachada principal. (Pag.165)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 125 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Alçado Principal do Projecto de Licenciamento Municipal. (Pag.166)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906), p. 49.

Figura 126 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Alçado Principal – versão construída. (Pag.166)

Desenho executado pelo autor da dissertação.

Figura 127 – Inauguração da S.N.B.A. a 15 de Maio de 1913 – 10.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes. Inauguração do palácio de exposições. (Pag.167)

Figura extraída de: **Ilustração Portuguesa**. Lisboa. N.º 379 (1913), p.667.

Figura 128 – Direcção da S.N.B.A. que em 1913 presidiu à inauguração do Novo edifício. (Pag.167)

Era constituída por: Veloso Salgado, Ressano Garcia, Alves Cardoso, Álvaro Machado, Benvindo Ceia, Costa Mota e Rosendo Carvalheira (conforme ordem da fotografia) – 10.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes – Inauguração do palácio de exposições. Figura extraída de: **Ilustração Portuguesa**. Lisboa. N.º 379 (1913), p. 658.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Figura 129 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Corte transversal do Projecto de Licenciamento Municipal. (Pag.168)

Desenho executado pelo autor da dissertação.

Figura 130 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Detalhe da estereotomia do pavimento do átrio de entrada pela Rua Barata Salgueiro. (Pag.169)

Desenho executado pelo autor da dissertação.

Figura 131 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta do rés-do-chão do Projecto de Licenciamento Municipal. (Pag.170)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906), p. 49.

Figura 132 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta do 1.º Andar do Projecto de Licenciamento Municipal. (Pag.171)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906), p. 49.

Figura 133 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta do rés-do-chão da versão construída. (Pag.172)

Desenho executado pelo autor da dissertação.

Figura 134 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta do 1.º Andar da versão construída. (Pag.172)

Desenho executado pelo autor da dissertação.

Figura 135 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Planta da cave da versão construída. (Pag.173)

Desenho executado pelo autor da dissertação.

Figura 136 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Detalhe dos vãos da fachada principal. (Pag.174)

Desenho executado pelo autor da dissertação.

Figura 137 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Detalhe do tecto do Salão Nobre. (Pag.175)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 138 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Detalhe dos vitrais da escadaria para o 1. Andar. (Pag.175)

Desenho executado pelo autor da dissertação.

Figura 139 – Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36, Lisboa, 1913 – Alçado lateral direito do Projecto de Licenciamento Municipal. (Pag.176)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906), p. 49.

Figura 140 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Fachada principal. (Pag.177)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 141 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Corte longitudinal. (Pag.179)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 430, Anno XIV, (1914), p. 169.

Figura 142 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Detalhe do beiral. (Pag.179)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 143 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Planta do rés-do-chão e do primeiro andar. (Pag.180)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 430, Anno XIV, (1914), p. 170.

Figura 144 – A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Fachada posterior. (Pag.182)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 145 – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede, 1916 – Fachada principal. (Pag.183)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Architecto-Professor, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 467 (1916), p. 81.

Figura 146 – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede, 1916 – Fachada posterior. (Pag.184)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Architecto-Professor, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 467 (1916), p. 81.

Figura 147 – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede, 1916 – Planta do 1.º andar. (Pag.185)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Architecto-Professor, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 467 (1916), p. 82.

Figura 148 – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede, 1916 – Planta do rés-do-chão. (Pag.186)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Pavilhão de enfermaria para doenças contagiosas, no Sanatório de Sant'Ana, na Parede – Architecto-Professor, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa: Mário Collares. N.º 467 (1916), p. 82.

Figura 149 – Palacete do Sr. Dr. Alfredo May de Oliveira, no Gaveto da Avenida Duque de Loulé, nº 47, com a Rua Bernardo Lima, Lisboa, 1919. (Pag.189)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 150 – Palacete do Sr. Dr. Alfredo May de Oliveira, no Gaveto da Avenida Duque de Loulé, nº 47, com a Rua Bernardo Lima, Lisboa, 1919 – Planta das caves, do rés-do-chão e do sótão – Cópia do projecto com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.190)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 151 – Palacete do Sr. Dr. Alfredo May de Oliveira, no Gaveto da Avenida Duque de Loulé, nº 47, com a Rua Bernardo Lima, Lisboa, 1919 – Fachadas sobre: a Avenida Duque de Loulé, o gaveto e a Rua Bernardo Lima – Cópia do projecto com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.192)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 152 – Palacete do Sr. Dr. Alfredo May de Oliveira, no Gaveto da Avenida Duque de Loulé, nº 47, com a Rua Bernardo Lima, Lisboa, 1919 – Detalhe de um vão de janela – Cópia do projecto com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.193)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 153 – Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.195)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 154 – Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Corte transversal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.195)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 155 – Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Planta – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.196)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 156 – Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Fachada lateral – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.197)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 157 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.199)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 158 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Corte transversal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.199)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 159 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Planta – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.200)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 160 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada lateral – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.200)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 161 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada posterior – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.201)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 162 – Pavilhão para o Depósito de Louças, Caldas da Rainha, 1928 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.203)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 163 – Pavilhão para o Depósito de Louças, Caldas da Rainha, 1928 – Corte transversal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.203)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 164 – Pavilhão para o Depósito de Louças, Caldas da Rainha, 1928 – Plantas do interior (cota inferior e superior) – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.204)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 165 – Pavilhão para o Depósito de Louças, Caldas da Rainha, 1928 – Fachada lateral – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.204)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 166 - Hospital Termal das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, 1928 – Alçados principais das duas versões do projecto de remodelação – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.207)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 167 - Aspecto da frontaria do edifício principal do complexo do Hospital Termal, no século XIX, tal como ficou após a intervenção mecénática do Rei D. João V. (Pag.207)

Figura extraída do site da Câmara Municipal das Caldas da Rainha – www.cm-caldas-rainha.pt

Figura 168 - Aspecto actual das fachadas principais dos edifícios do complexo do Hospital Termal. (Pag.208)

Figura extraída do site da Câmara Municipal das Caldas da Rainha – www.cm-caldas-rainha.pt

Figura 169 - Hospital Termal das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, 1928 – Planta do rés-do-chão e do 1.º andar de uma das versões do projecto de remodelação – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.209)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 170 - Hospital Termal das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha, 1928 – Alçados posteriores das duas versões do projecto de remodelação – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.210)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 171 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.211)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 172 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Corte – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.211)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 173 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Planta de cobertura – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.212)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 174 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Planta – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.212)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 175 – Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Alçado lateral – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.214)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 176 – Pavilhões Portugueses a construir no recinto da Exposição Internacional e Colonial em Paris, 1930 – Alçados principais – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. (Pag.215)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 177 – Pavilhões Portugueses a construir no recinto da Exposição Colonial e Internacional em Paris, 1930 – Plantas do rés-do-chão – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. (Pag.216)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 178 – Pavilhões Portugueses a construir no recinto da Exposição Colonial e Internacional em Paris, 1930 – Plantas do 1.º andar – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. (Pag.216)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 179 – Pavilhões Portugueses a construir no recinto da Exposição Colonial e Internacional em Paris, 1930 – Planta do 2.º andar (Secção Histórica), da galeria do 2.º andar (Secção Etnográfica e Secção Metropolitana e Comercial), e do 3.º andar (Secção Histórica) – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. (Pag.217)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 180 – Pavilhões Portugueses a construir no recinto da Exposição Colonial e Internacional em Paris, 1930 – Alçados laterais (Secção Etnográfica e Secção Metropolitana e Comercial) e posterior (Secção Histórica) – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. (Pag.218)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 181 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Alçado principal - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.219)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 182 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Corte transversal - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.219)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 183 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Planta do rés-do-chão - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x1,20m. (Pag.220)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 184 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Planta do 1.º andar - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x1,20m. (Pag.221)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 185 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Planta do 2.º andar - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x1,20m. (Pag.222)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 186 - Entrada Monumental do Parque Eduardo VII, Lisboa, 1932 – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.223)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 187 - Entrada Monumental do Parque Eduardo VII, Lisboa, 1932 – Planta e alçado – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x1,00m. (Pag.224)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 188 – Jazigo da Família Mesnier Machado, a construir no cemitério do Lumiar, Lisboa, 1935 – Alçado – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,20x0,15m. (Pag.227)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 189 – Jazigo da Família Mesnier Machado, a construir no cemitério do Lumiar, Lisboa, 1935 – Corte – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,20x0,15m. (Pag.227)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 190 – Jazigo da Família Mesnier Machado, a construir no cemitério do Lumiar, Lisboa, 1935 – Planta – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,20x0,15m. (Pag.228)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 191 – Catedral, a construir em lugar desconhecido, 1944 – Alçado principal (projecto especulativo). Carvão sobre vegetal, com dimensões aproximadas de 0,20x0,05m. (Pag.229)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 192 – Catedral, a construir em lugar desconhecido, 1944 – Corte longitudinal (projecto especulativo). Carvão sobre vegetal, com dimensões aproximadas de 0,20x0,05m. (Pag.230)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 193 – Salão animatográfico, Rua Eugénio dos Santos (actual Rua das Portas de Santo Antão), Lisboa, Sem data – Fachada principal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.231)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 194 – Salão animatográfico, Rua Eugénio dos Santos (actual Rua das Portas de Santo Antão), Lisboa, Sem data – Corte longitudinal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.231)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 195 – Salão animatográfico, Rua Eugénio dos Santos (actual Rua das Portas de Santo Antão), Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.232)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 196 – Salão animatográfico, Rua Eugénio dos Santos (actual Rua das Portas de Santo Antão), Lisboa, Sem data – Planta do 1.º andar. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.233)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 197 - Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos, Rua do Arco do Chafariz das Terras, Lisboa, Sem data – Alçado principal e posterior. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.235)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 198 - Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos, Rua do Arco do Chafariz das Terras, Lisboa, Sem data – Alçado lateral e corte transversal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.235)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 199 – Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos, Rua do Arco do Chafariz das Terras, Lisboa, Sem data – Planta da garagem. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.236)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 200 – Edifício para desenvolvimento de actividades relacionadas com a criação de cavalos, Rua do Arco do Chafariz das Terras, Lisboa, Sem data – Planta da cavalaria. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.236)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 201 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Fachada principal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.239)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 202 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Fachada posterior. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.239)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 203 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.240)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 204 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Planta do primeiro andar. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.241)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 205 – Escola, Estrada da Cruz das Oliveiras, Monsanto, Lisboa, Sem data – Detalhe da cornija e aljers. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.241)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 206 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Fachada principal (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.243)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 207 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Fachada posterior (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.243)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 208 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.244)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 209 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Plantas e alçado principal da construção existente (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.245)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 210 – Palacete, Estrada do Arco do Cego, N.º 54, Lisboa, Sem data – Fachada lateral (projecto de ampliação e de remodelação). Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.245)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 211 - Túmulo/Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Face lateral. Cópia em papel com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.247)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 212 – Túmulo/Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Planta. Cópia em papel com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.247)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 213 – Túmulo/Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Face principal. Cópia em papel com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.248)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 214 – Túmulo/Monumento ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Corte transversal. Cópia em papel com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.248)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 215 – Jazigo da família do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Face principal. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.249)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 216 – Jazigo da família do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Corte. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.249)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 217 – Jazigo da família do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Planta. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.250)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 218 – Jazigo da família do Sr. Dr. Filipe Vilhena, Cemitério do Alto de São João, Lisboa, Sem data – Face lateral. Cópia Marion, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.250)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 219 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.251)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 220 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão do bloco das tipologias menores. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.252)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 221 - «Vila Cândida», Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão de uma das tipologias de canto do bloco pentagonal. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.253)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 222 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Planta do rés-do-chão de uma das tipologias do bloco pentagonal. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.253)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 223- Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Alçado de uma das tipologias de canto do bloco pentagonal. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.253)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 224 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Alçado principal da escola. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.254)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 225 - Vila Cândida, Caminho de Baixo da Penha, Lisboa, Sem data – Alçado de uma das tipologias do bloco pentagonal. Cópia em papel, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.254)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 226 – Casa da Sr.^a D. Olympia de Macedo Branco, no gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa, 1905. Projecto da autoria do arquitecto Álvaro Machado. (Pag.257)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 227 – Moradia da Viscondessa de Valmor, no gaveto da Avenida Ressano Garcia com a Visconde de Valmor, Lisboa 1905-1906 – projecto da autoria do arquitecto Ventura Terra. (Pag.257)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 228 - Capella da família Tonietti, no cemitério da ilha de Elba, Itália. Architecto, Adolpho Cappede. (Pag.258)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella da família Tonietti, no cemitério da ilha de Elba, Itália. Architecto, Adolpho Cappede. *A Construção Moderna e as Artes do Metal*. Lisboa: Mário Collares. N.º 341, Anno VI, (1905), p. 56.

Figura 229 - Capella Funerária da família Spampinato, no cemitério de Catania, Itália. Architecto, Carlo Sada. (Pag.258)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella Funerária da família Spampinato, no cemitério de Catania, Itália. Architecto, Carlo Sada. *A Construção Moderna e as Artes do Metal*. Lisboa: Mário Collares. N.º 358, Anno XI, (1911), p. 175.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Figura 230 - Capella Funerária da família Verga, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto, Ernesto Pirovano. (Pag.258)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Capella Funerária da família Verga, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto, Ernesto Pirovano. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 344, Anno XI, (1911), p. 63.

Figura 231 - Jazigo Vanoni, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto: Alfredo Menni. (Pag.258)

Figura extraída de: MATTOS, J. M. Mello de; CARVALHEIRA, Rosendo; COLLARES, E. Nunes – Jazigo Vanoni, no cemitério monumental de Milão, Itália. Architecto: Alfredo Menni. **A Construção Moderna e as Artes do Metal**. Lisboa: Mário Collares. N.º 357, Anno XI, (1911), p. 167.

Figura 232 - Igreja de S. Salvador de Bravães, Ponte da Barca. (Pag.259)

Figura extraída do site da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – www.monumentos.pt.

Figura 233 - Mosteiro de Travanca, Amarante. (Pag.259)

Figura extraída do site da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – www.monumentos.pt.

Figura 234 - Igreja de Nossa Senhora da Orada, Melgaço. (Pag.259)

Figura extraída do site da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – www.monumentos.pt.

Figura 235 - Linha de frontão quebrada em prolongamento horizontal – Pormenor do Alçado principal do edifício do Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36. (Pag.260)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 236 - Janelas tripartidas – Pormenor do Alçado do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13. (Pag.260)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 237 - Arco de volta perfeita assente em colunas embebidas – Pormenor do Alçado do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13. (Pag.260)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 238 - Guardas em ferro forjado, com desenho de referência “arte-nova” – Pormenor do Alçado do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13. Lisboa. (Pag.263)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 239 -Painel de azulejo existente na fachada do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13. Lisboa. (Pag.263)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 240 - Pormenor das linhas de frontão quebradas, em prolongamento horizontal e vertical, na composição da cimalha – Pormenor do alçado do edifício Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, n.º 36. Lisboa. (Pag.263)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 241 - Pormenor das linhas de frontão quebradas, em prolongamento horizontal, na composição das cantarias superiores das janelas – Palacete Alfredo May de Oliveira, Av. Duque de Loulé, n.º 47. Lisboa. (Pag.263)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 242 - Embasamento composto por dois vãos tipo fresta e uma janela – Casa de Saúde Portugal-Brasil, Estrada de Benfica, Lisboa, 1904 – Fachada principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m. (Pag.264)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 243 - Embasamento composto por uma sequência de vãos secundários – Pormenor do alçado do edifício do Colégio Académico, Avenida da Republica, n.º 13. Lisboa, 1904. (Pag.264)

Figura extraída do site do Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa – www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

Figura 244 - Fachada do campanário da abadia de Pomposa. Itália. (Pag.265)

Figura extraída de: CONTI, Flavio – **Como Reconhecer a Arte Românica**. trad. Adriano de Gusmão 1.ª Edição. Lisboa: Edições 70, 1978. p.27.

Figura 245 - Fachada do campanário da Catedral de Trani. Itália. (Pag.265)

Figura extraída de: MARRUCCHI, Giulia; BELCARI, Riccardo – O Românico na Itália Setentrional. In CAIAZZO, Cinzia, **A Grande História da Arte – Alta Idade Média e Românico**. 1.ª Edição. Lisboa: Mediasat Group, 2006. Volume 4. p.257.

Figura 246 - Igreja de S. Salvador de Ancião. (Pag.266)

Figura extraída do site da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – www.monumentos.pt.

Figura 247 - Igreja de Tabuaço. (Pag.266)

Figura extraída do site da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – www.monumentos.pt.

Figura 248 – Jazigo da Família Mesnier Machado, a construir no cemitério do Lumiar, Lisboa, 1935 – Alçado – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 0,20x0,15m. (Pag.269)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 249 – Catedral, a construir em lugar desconhecido, 1944 – Alçado principal (projecto especulativo). Carvão sobre vegetal, com dimensões aproximadas de 0,20x0,05m. (Pag.269)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 250 – As casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas principais. (Pag.269)

Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910), – Intercalar XIV.

Figura 251 – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Perspectiva das fachadas principais. (Pag.269)

Figura extraída de: MORAES, Alberto de – Bairro das Roseiras, do Sr. Dr. José de Lacerda e as casas do Sr. Álvaro Machado, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa. N.º 7, Anno III, (1910) – Intercalar XIII.

Figura 252 – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril, Cascais, 1910 – Vista da fachada principal. (Pag.269)

Figura extraída de: MESQUITA, Ayres de – A casa do Sr. Dr. José de Lacerda, no Alto do Estoril – Arquitecto – Álvaro Machado. **A Architectura Portuguesa**. Lisboa: Mário Collares. N.º 6, Anno III, (1910) – Intercalar XI.

A OBRA DO ARQUITECTO ÁLVARO MACHADO

Figura 253 -Pormenor dos vários elementos de reforço em pedra e em tijolo existentes na casa do Sr. Dr. José Lacerda. (Pag.270)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 254 -Pormenor dos vários elementos de reforço em pedra e em tijolo existentes na casa do Sr. Dr. José Lacerda. (Pag.270)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 255 -Pormenor dos vários elementos de reforço em pedra e em tijolo existentes na casa do Sr. Dr. José Lacerda. (Pag.270)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 256 -Pormenor dos beirados e dos painéis de azulejo existentes nas casas do Sr. Álvaro Machado. (Pag.271)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 257 -Pormenor dos beirados e dos painéis de azulejo existentes nas casas do Sr. Álvaro Machado. (Pag.271)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 258 - Perspectiva da fachada principal do projecto «Tipo de habitação moderna, construção isolada para parque ou jardim», 1900. (Pag.273)

Figura extraída de: MACHADO, Álvaro – Tipo de Habitação Moderna, construção isolada para parque ou jardim – composição livre – Projecto do Architecto, Exmo. Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna**. Lisboa. N.º 7, Anno I, (1900), p. 2.

Figura 259 - A casa do Exmo. Sr. Artur Santa Cruz Magalhães, na Rua Oriental do Campo Grande, N.º 382, Lisboa, 1914 – Fachada principal. (Pag.274)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 260 – Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.274)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 261 – Casa de Caridade da Freguesia de Folques, Concelho de Arganil, Distrito de Coimbra, 1926 – Fachada principal – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.274)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figuras 262, 263 e 264 – Pormenor dos suportes para vasos de flores e dos beirados existentes no edifício do Museu Bordalo Pinheiro, Campo Grande, n.º 382. Lisboa. (Pag.276)

Fotografias executadas pelo autor da dissertação.

Figura 265 - Pavilhão-toucador, Parque do Hospital D. Leonor, Caldas da Rainha, 1927 – Fachada lateral – Excerto de desenho a tinta-da-china e lápis sobre papel vegetal, com dimensões aproximadas de 1,60x0,30m. (Pag.276)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 266- Paineis de azulejo existentes num nicho no edifício do Museu Bordalo Pinheiro, Campo Grande, n.º 382. Lisboa. (Pag.276)

Fotografia executada pelo autor da dissertação.

Figura 267, 268 e 269 -Pormenor de um painel de azulejo e do portão de entrada no edifício do Museu Bordalo Pinheiro, Campo Grande, n.º 382. Lisboa. (Pag.277)

Fotografias executadas pelo autor da dissertação.

Figura 270 – Viaduto sobre a Avenida Ressano Garcia, Lisboa, 1906 – Perspectiva – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 1,20x0,40m. (Pag.278)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 271 – Monumento a Eduardo Coelho, Jardim António Nobre – Alameda de São Pedro de Alcântara, Lisboa, 1904 – Alçado. (Pag.278)

Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes – Monumento a Eduardo Coelho – Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construcção Moderna**. Lisboa. N.º 91, Anno IV, (1903), p. 50.

Figura 272 - Pavilhão Português para a Exposição Ibero-Americana em Sevilha, 1928 – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.279)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 273 - Pavilhões Portugueses a construir no recinto da Exposição Colonial e Internacional em Paris, 1930 – Alçados principais – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,50m. (Pag.279)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 274 - Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Alçado principal - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.279)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 275 – Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Planta do 1.º andar - Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x1,20m. (Pag.280)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 276 - Palácio do Ministério da Agricultura, 1930 – Pormenor do frontão da entrada principal – Alçado principal – Aguarela sobre papel, com dimensões aproximadas de 2,20x0,30m. (Pag.281)

Desenhos pertencentes ao espólio de Álvaro Machado depositado no Museu do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura do Instituto Superior Técnico e fotografados pelo autor da dissertação.

Figura 277 - Vista da fachada principal da Fachada da École des Beaux-arts de Paris. (Pag.282)

Figura extraída de: D'ALFONSO, Ernesto – O Século XIX. In D'ALFONSO, Ernesto; SAMSA, Danilo – **Guia de História de Arquitectura – Estilos Arquitectónicos**. 1ª Edição, Lisboa: Editorial Presença, 2006. ISBN 972-23-3584-7. p. 208.